

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
Câmpus de Araraquara  
Faculdade de Ciências e Letras  
Programa de Pós-graduação em Estudos Literários

Fernanda Elias Zucarelli



Araraquara – SP

2014

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
Câmpus de Araraquara  
Faculdade de Ciências e Letras  
Programa de Pós-graduação em Estudos Literários

Fernanda Elias Zucarelli



Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara como requisito para obtenção do título de doutor.

Linha de pesquisa: História literária e Crítica

Orientador: Prof. Dr. João Batista Toledo Prado

março 2014

Fernanda Elias Zucarelli

**Cícero em cena:  
um estudo retórico-semiótico de *As Catilinárias*.**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara como requisito para obtenção do título de doutor.

Linha de pesquisa: História literária e Crítica

Orientador: Prof. Dr. João Batista Toledo Prado

Data da defesa:

**Membros componentes da banca examinadora:**

---

**Orientador:**

Prof. Dr. João Batista Toledo Prado  
UNESP/Araraquara - SP

---

**Membro Titular:**

Profa. Dra. Neiva Ferreira Pinto  
UFJF/ Juiz de Fora - MG

---

**Membro Titular:**

Prof. Dr. Adriano Scatolin  
USP/São Paulo - SP

---

**Membro Titular:**

Profa. Dra. Maria de Lourdes Ortiz Gandini Baldan  
UNESP/Araraquara - SP

---

**Membro Titular:**

Prof. Dr. Márcio Thamos  
UNESP/Araraquara - SP

**Local:**

Universidade Estadual Paulista  
Faculdade de Ciências e Letras  
UNESP – Câmpus de Araraquara

*Ao Maurício, companheiro de vida e de reflexões;  
aos meus amigos  
e aos meus pais e irmãos.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço carinhosamente

ao Prof. Dr. José Dejalma, que permitiu o uso de sua tradução para o desenvolvimento deste trabalho;

à Marisa Gianecchini, que compartilhou comigo sua preciosidade tanto pelas reflexões quanto pelos abraços aconchegantes;

ao Prof. Dr. João Batista Toledo Prado, por ter me aceitado como orientanda;

aos meus amigos Reginaldo, Marcelo, Vanessa, Giovanna, Márcio, Patrícia e Márcia, pela presença (e ausência) sempre que possível e por vocês me permitirem ser o que sou;

ao Márcio Gimenez, pelo companheirismo e pela gentileza de ter feito a revisão do trabalho (suas contribuições sempre são valiosas);

aos meus pais, Anísio e Maria Zilda, que me estimularam a sonhar;

aos meus irmãos, Maurício e Maristela, que sonharam comigo;

aos docentes do Colégio FAAP – Ribeirão Preto, que, por compartilharmos sonhos, inspiram-me a cada dia;

aos docentes e aos funcionários da FCL (Unesp/Araraquara), que, de alguma maneira, participaram desta história.

*Edidi, quae potui, non ut volui, sed ut me temporis angustiae coegerunt; scitum est enim causam conferre in tempus, cum adferre plura, si cupias, non queas.*

*Apresentei o que pude, não de acordo com minha vontade, mas conforme me obrigaram as limitações do tempo. É elegante atribuir a causa ao tempo quando não se é capaz de acrescentar mais nada, ainda que se queira.*  
*Cícero (Do Orador, III, §228)*

## RESUMO

Dedicada às duas primeiras *Catilinárias* de Cícero, esta tese apresenta análises produzidas com a intenção de investigar como a mobilização das paixões, enquanto recursos argumentativos, colaboraram para a construção das *verdades* produzidas nesses discursos do célebre orador latino. Como *As Catilinárias* foram pronunciadas em 63 a.C. pelo então cônsul, produziram-se notas para uma tradução, preparada e gentilmente cedida pelo Prof. Dr. José Dejalma Dezotti, com o intuito de esclarecer particularidades culturais, sociais, políticas e geográficas presentes nos discursos sob análise. Para tanto, organizou-se um breve histórico da retórica, que culminou no estudo de *Do Orador* (tradução do Prof. Dr. Adriano Scatolin), texto retórico elaborado pelo próprio Cícero, e que foi utilizado para a elaboração da primeira análise. Em seguida, apresentou-se um conciso histórico da semiótica, para mostrar que novas teorias, de alguma maneira, dialogam com a retórica e que, para algumas empreitadas, alimentam-se dela. Optou-se pela semiótica tensiva para a organização da segunda análise proposta por este trabalho, visto que essa teoria dispõe de recursos que permitem investigar os meandros das paixões em um discurso. Com essas análises, pôde-se confirmar que Cícero, dentre as estratégias argumentativas que utilizava na construção de seus discursos, recorria às paixões para provocar os ânimos de seus interlocutores.

Palavras-chave: Catilinárias; Cícero; Retórica; Paixões; Semiótica; Semiótica Tensiva.

## **ABSTRACT**

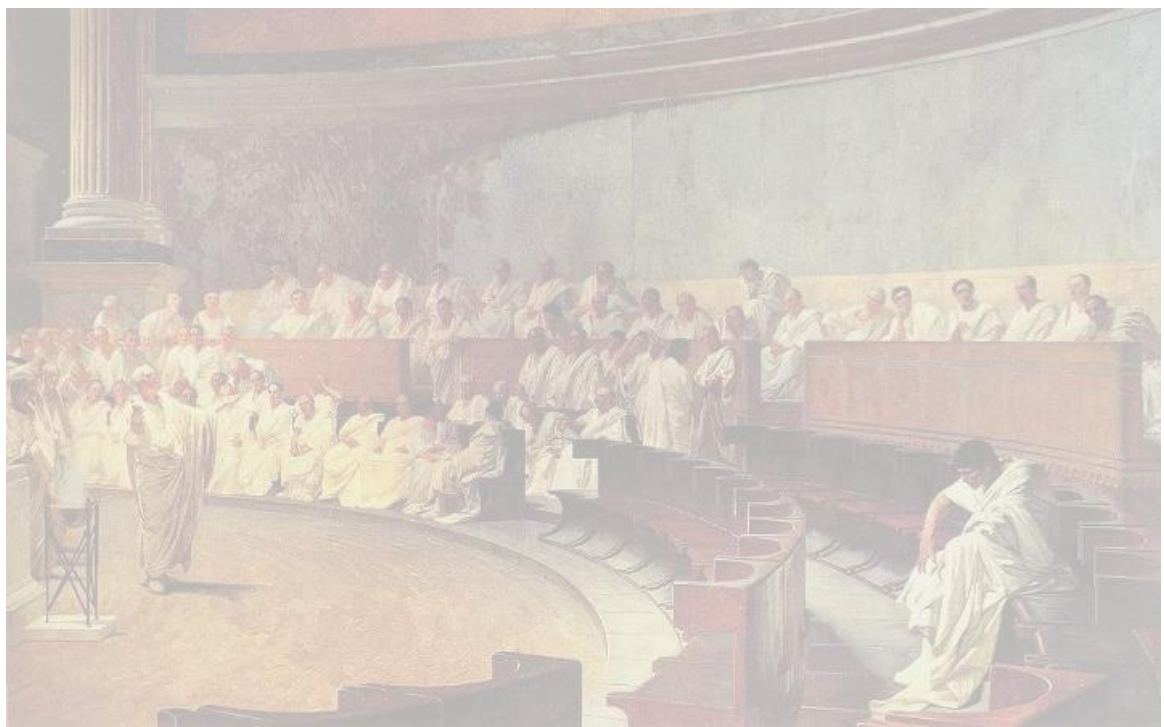
This thesis presents an analysis of the two first Catilinarias, whose production aimed at investigating how passions, as argumentative resources, collaborated to the construction of the truths produced in these speeches, made by Cicero. The Catilinarias was produced in 63 B. C., while he was a consul. For the thesis, we used a translation which was generously provided by Prof. Dr. José Dejalma Dezotti. So, some notes were produced, concerning to translation, in order to shed light on cultural, social, political and geographic particularities of it. For the analyses, a brief historical summary on rhetoric was organized, and it led to the study, from the translation by Prof. Dr. Adriano Scatolin, of Cicero's *De Oratore*, a rhetoric theory produced by Cicero himself, which was used for the elaboration of the first analysis. After that, a concise historical summary of French semiotics is presented, to show that new theories, somehow, relate with rhetoric, and, in some cases, they are fed by it. This thesis then took tensive semiotics for the second analysis proposed, once this theory is provided with resources that allow the investigation of passion's features in discourses. With these analyses, it is intended to suggest that Cicero, among the argumentative strategies used in the construction of his discourses, resorted to passions to provoke certain feelings in his interlocutors.

Key-words: Catiline Orations, Cicero, Rhetoric, Passions, Semiotics, Tensive Semiotics.

## SUMÁRIO

Introdução .....	12
<b>Capítulo 1</b>	
1 Rememorando: a retórica e a busca da verdade .....	16
1.1 Platão <i>versus</i> sofistas: a verdade absoluta e a minha verdade .....	16
1.2 Aristóteles: olhares teóricos verdadeiros .....	20
1.2.1 Breve levantamento das paixões aristotélicas .....	26
1.3 Cícero: a eloquência em foco .....	31
<b>Capítulo 2</b>	
2 Cícero em cena.....	47
2.1 <i>As Catilinárias</i> : contexto .....	49
2.1.1 Sobre a sociedade romana e a forma de governar.....	49
2.1.2 Um recorte do cenário histórico.....	50
2.2 <i>As Catilinárias</i> .....	54
2.2.1 Primeira <i>Catilinária</i> .....	54
2.2.2 Segunda <i>Catilinária</i> .....	76
2.2.3 Terceira <i>Catilinária</i> .....	95
2.2.4 Quarta <i>Catilinária</i> .....	116
<b>Capítulo 3</b>	
3 Cícero: teoria prática ou prática teórica.....	135
3.1 Teoria prática ou prática teórica: meios de persuasão e eloquência.....	136
3.1.1 Primeira <i>Catilinária</i> : medo, ódio e Catilina.....	136
3.1.2 Segunda <i>Catilinária</i> : conflito anunciado no enunciado.....	144
3.2 Breves considerações sobre as análises.....	150
<b>Capítulo 4</b>	
4 Uma leitura semiótica com inspirações retóricas.....	152
4.1 Sobre semiótica: breve percurso histórico.....	153

4.2 Sob a semiótica: possíveis leituras de <i>As Catilinárias</i> .....	159
4.2.1 Primeira Catilinária: jogo de lógicas.....	159
4.2.2 Segunda Catilinária: jogo de ascendência e descendência.....	161
4.3 Breves considerações sobre as análises.....	165
<b>Considerações Finais</b> .....	<b>167</b>
<b>Referências Bibliográficas</b> .....	<b>171</b>
<b>Anexos</b> .....	<b>175</b>



(Mural de Cesare Maccari, representando o primeiro discurso de Cícero contra Catilina)

## Introdução

Este trabalho propõe fazer uma análise de *As Catilinárias* com o intuito de compreender como as paixões, como recursos argumentativos, colaboram para a construção das *verdades* produzidas por Cícero.

Para empreendê-las, foram escolhidas duas teorias: a registrada pelo próprio Cícero, em *Do Orador*<sup>1</sup>, e a Semiótica Tensiva<sup>2</sup>. A primeira justifica-se pela possibilidade de verificar na prática o que o próprio orador indica teoricamente como adequado para a articulação argumentativa; a segunda, por oferecer recursos que permitem analisar a presença e emprego das paixões e como elas atuam no fazer discursivo do arpinate. Mesmo sendo teorias tão distintas e desenvolvidas em condições e quadros referenciais totalmente diversos, o que se almejou, com essas escolhas, foi a mobilização de meios que permitissem mostrar que novas teorias, de alguma maneira, dialogam com a retórica e, por fim, proporcionassem a desejada aproximação do discurso de Cícero

Uma segunda escolha diz respeito a quais das quatro *Catilinárias* analisar, tendo em vista que não seria possível, no prazo estabelecido para o Doutorado, organizar um estudo sobre todas. O critério adotado foi a temática, o que permitiu observar como uma mesma informação<sup>3</sup> ganhou formatos diferentes devido à alteração do interlocutor (a primeira e a quarta *Catilinárias* são dirigidas ao Senado, e a segunda e a terceira, ao povo); com isso, foram selecionadas a primeira e a segunda *Catilinária*.

O Capítulo 1 dedica-se à Retórica e busca, em suas origens, com o resgate de Platão e Aristóteles, uma melhor compreensão de Cícero e dos recursos por ele eleitos para a organização de discursos que se propõem a convencer. É importante destacar que Cícero, homem público de Roma, além de apresentar suas habilidades argumentativas como orador no Senado romano, também registrou, em manuais, seus “conselhos” sobre a organização discursiva, como se verificará no referido capítulo.

Platão foi revisto a partir de dois de seus diálogos: *Ménon* e *Górgias*. Já Aristóteles, a partir de *Retórica*<sup>4</sup>. Nota-se que, mesmo havendo preocupação em resgatar as principais ideias

---

<sup>1</sup> Como se verá no Capítulo 1, segundo Rezende (2010, p. 61), as ideias teóricas fundamentais desenvolvidas por Cícero estão em “*Orador, De Oratore e Brutus*”. Dentre elas, a opção por *Do Orador* justifica-se por essa ser uma obra que, segundo Meyer (1999, p. 66) e Guiraud (1970, p. 19), apresenta-se como uma síntese das outras.

<sup>2</sup> Como se verá no Capítulo 4, a Semiótica Tensiva propõe analisar a actualização e a tensividade presentes no discurso, em outras palavras, essa teoria fornece instrumentos que permitem identificar o regime de manipulação do sensível para o processo persuasivo.

<sup>3</sup> A primeira e a segunda alertam sobre o perigo iminente de um ataque à República e aos seus cidadãos e destacam a necessidade de Catilina, o qual seria o articulador da conjuração, sair de Roma; a terceira apresenta as provas da conjuração e a quarta trata do julgamento propriamente dito.

<sup>4</sup> Devido à quantidade de trabalhos deixados pelos filósofos gregos bem como a sua amplitude, houve

que poderiam ter servido de “inspiração” para Cícero, não houve, em momento algum, o intuito de apresentar uma análise exaustiva dos filósofos gregos. Quanto a Cícero, tendo escolhido para o estudo teórico *Do Orador*, buscou-se organizar uma investigação, para de evidenciar as principais características registradas teoricamente pelo orador.

O Capítulo 2 apresenta informações selecionadas sobre *As Catilinárias* quanto à organização textual e também quanto ao contexto em que foram produzidas. Em seguida, é apresentado o texto latino em tradução bilíngue latino-portuguesa, gentilmente cedida pelo Prof. Dr. José Dejalma Dezotti para integrar este trabalho, acrescida de notas referentes à cultura, à organização social e política, as quais foram organizadas com o intuito de contextualizá-la, tendo em vista que foram pronunciadas em 63 a.C., para, assim, permitir uma aproximação mais tranquila tanto para o desenvolvimento deste estudo quanto para a apreciação de um leitor não especializado.

Nos Capítulos 3 e 4, há a análise da primeira e da segunda *Catilinárias*. No Capítulo 3, é apresentado o estudo dos elementos teóricos presentes em *Do Orador*, ou seja, tomam-se elementos da teoria ciceroniana de produção de discursos oratórios – i.e., elementos retóricos – a fim de cotejá-los com a prática também ciceroniana da elaboração de tais discursos. A intenção é justamente observar se os recursos eleitos como dignos de valor na teoria (que se apresenta como um manual para auxiliar aqueles que almejam aprimorar a capacidade de convencer) são acionados na prática e se outros recursos se destacam na prática, mesmo sem serem citados na teoria. Por fim, no Capítulo 4, com a intenção de estruturar uma análise de como as paixões foram mobilizadas pelo enunciador do discurso, utilizam-se elementos de Semiótica Tensiva.

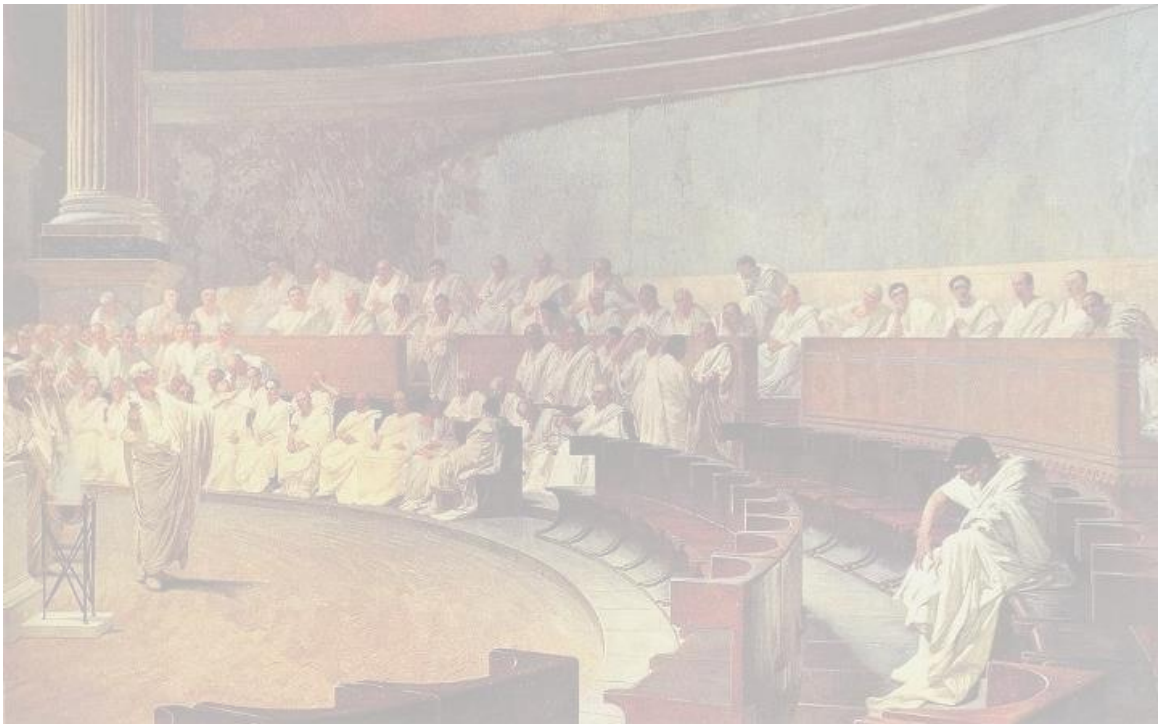
As considerações finais referem-se primeiramente à pertinência do estudo teórico apresentado sobre as origens da retórica e às notas organizadas para a tradução utilizada no desenvolvimento deste trabalho. Em seguida, a partir das análises empreendidas a partir dos elementos colhidos em *Do Orador*, faz-se uma comparação entre os recursos teóricos eleitos pelo orador e os recursos praticados por ele, nas duas *Catilinárias* selecionadas para estudo. Por fim, destaca-se de que forma instrumentos da Semiótica tensiva permitiram compreender um pouco mais a articulação das paixões nos programas discursivos sob análise.

Em anexo, apresenta-se o levantamento quantitativo da primeira *Catilinária*, como exemplo do tipo de levantamento que orientou o trabalho com os textos do corpus para que,

---

necessidade de selecionar e delimitar as obras que seriam analisadas para o desenvolvimento desta pesquisa. No Capítulo 1, dedicado ao embasamento teórico, apresentam-se justificativas para a escolha dessas obras.

em seguida, pudessem ser desenvolvidas as análises a partir da teoria de *Do Orador* e da Semiótica Tensiva.



(Mural de Cesare Maccari, representando o primeiro discurso de Cícero contra Catilina)

## **Capítulo 1**

### Rememorando: a retórica e a busca da verdade

## 1 Rememorando: a retórica e a busca da verdade

### 1.1 Platão *versus* sofistas: a verdade absoluta e a minha verdade

“[...] Platon considérait [...] que la rhétorique conduisait à un égoïsme dangereux pour la communauté” (STROH, 2010, p. 140)

Em 467 a.C., na região de Siracusa, um ditador, Hierão I, expropriou terras<sup>1</sup>. Após ser retirado do poder, na ausência de quaisquer documentos eficientes para a identificação dos reais proprietários, tomou-se o discurso como recurso para devolver as terras aos seus devidos donos. Cada indivíduo, possível detentor da propriedade, teria opção de, em praça pública (em uma espécie de assembleia popular), defender seu quinhão e, se eficiente, voltar a usufruir dele<sup>2</sup>.

Com isso, homens como Empédocles, Córax, Tísias, Protágoras e Górgias ganharam respeito e dinheiro, pois tinham habilidade para defender essas causas. Além disso, atuavam como professores de retórica e de filosofia; na verdade, ensinavam a falar “bem” e não tinham grandes compromissos com debates filosóficos.

Diálogos<sup>3</sup> construídos por Platão (427 a.C. - 347 a.C.) permitem deduzir que os sofistas acreditavam-se capazes de defender verdades acerca de qualquer assunto, como se vê em um trecho de Mênon<sup>4</sup>:

O responsável por isso entre vós é Górgias. (...) E, em especial, infundiu-vos esse costume de, se alguém fizer uma pergunta, responder sem temor e de maneira magnificamente altiva, como é natural <responderem> aqueles que sabem, visto que afinal ele próprio se oferecia para ser interrogado, entre os gregos, por quem quisesse, sobre o que quisesse, não havendo ninguém a quem não respondesse. (PLATÃO, 70 c, 2001, p. 19)

---

<sup>1</sup>Vide Stroh (2010, p. 39), Reboul (1998, p. 2), Chiron (2007, p. 17).

<sup>2</sup>Reboul (1998, p. 2) diz que “Como não existiam advogados, os litigantes recorriam a logógrafos, espécie de escrivães públicos, que redigiam as queixas que eles só tinham de ler diante do tribunal. Os retores, com senso agudo de publicidade, ofereceram aos litigantes e aos logógrafos um instrumento de persuasão que afirmavam ser invencível, capaz de convencer qualquer pessoa de qualquer coisa. Sua retórica não argumenta a partir do verdadeiro, mas a partir do verossímil (*eikos*).”

<sup>3</sup>A retórica de Platão é apresentada neste trabalho por meio de dois de seus diálogos: Mênon e Górgias, pois ambos apresentam discussões significativas para o desenvolvimento de uma reflexão sobre a postura de Platão em relação à Retórica. Essas escolhas baseiam-se em Stroh (2010, p. 127) e Fiorin (2007, p.12).

<sup>4</sup> Foi utilizada, para este trabalho, a tradução de Maura Iglésias (PLATÃO, 2011).

Essa versatilidade do discurso sofista e o poder gerado por ela, associados ao não comprometimento filosófico, eram ofensivos a Platão. O filósofo defendia a necessidade de eleger o verdadeiro e o falso, o ser e o parecer, sendo somente a verdade justa e aceitável. Em outras palavras, repugnava a Platão, por ser filósofo, a possibilidade de lidar com diferentes verdades, que parecia ser a principal habilidade dos sofistas. A repulsa a esse comportamento fica explícita na resposta apresentada por Sócrates a Górgias após questionar a eficiência de um médico (possuidor do conhecimento específico) e de um orador (não possuidor do conhecimento específico)<sup>5</sup>. A conclusão a que nos leva Platão (2007, 459 c, p. 60), em Górgias<sup>6</sup>, é que, para um sofista,

Não há necessidade de ter conhecimento das matérias em si, bastando a descoberta de algum mecanismo de persuasão que faça com que alguém pareça (perante os ignorantes) conhecer melhor do que os que conhecem.

Assim, Platão sugere que um sofista se satisfaz com o parecer enquanto, a ele, interessam somente o verdadeiro e os meios que permitam conhecê-lo. O filósofo encontra na dialética, técnica de investigação que exige perguntar, responder, refutar, ou seja, dialogar, o único caminho para alcançar o que deseja. Brisson (2012, p. 38) diz que a dialética descreve as relações que as Formas<sup>7</sup> mantêm entre si; “ela permite de alguma maneira traçar a cartografia do domínio do inteligível”.

Tendo como referência a maiêutica socrática (baseada em perguntas), a dialética permite que o filósofo estabeleça relações de consequência lógica entre duas proposições, técnica com o que o pensamento de Platão será arquitetado como se fosse um jogo de hipóteses interligadas.

Para o filósofo, a opinião correta resultava de uma trabalhosa investigação elaborada por questionamentos que levavam à aporia<sup>8</sup>; tais dúvidas racionais é que revelavam as relações, os encadeamentos validadores da opinião. Como é possível verificar no trecho de Mênon a seguir:

---

<sup>5</sup> Platão (2007, p. 59).

<sup>6</sup> Foi utilizada, para este trabalho, a tradução de Edson Bini (PLATÃO, 2007).

<sup>7</sup> Segundo Brisson (2012, p. 38), “as Formas são objetos da dialética que, a partir de processos de reunião”, associação, permitem chegar a definições no domínio do inteligível.

<sup>8</sup> Chauí (2002, p. 495) esclarece que aporia é “a incapacidade de encontrar caminho ou trajeto; falta de uma via ou meio de passagem; impossibilidade de chegar a um lugar; por extensão: impossibilidade de deduzir, concluir, inferir. A *aporia* é uma dificuldade insolúvel.”

Pois também as opiniões que são verdadeiras, por tanto tempo quanto permaneçam, são uma bela coisa e produzem todos os bens. Só que não se dispõem a ficar muito tempo, mas fogem da alma do homem, de modo que não são de muito valor, até que alguém as encadeie por um cálculo de causa. (...) E quando são encadeadas, em primeiro lugar, tornam-se ciências, em segundo lugar, estáveis. (PLATÃO, 2001, 98 a, pp. 101 e 103)

Sobre aporia, é relevante destacar que havia uma diferença entre o que pensava Platão e o que praticavam os sofistas. Para o filósofo, a aporia não podia ser um instrumento de manipulação, de orientação do raciocínio para o que se desejava, mas uma experiência vivenciada também por ele em busca da verdade. Quando Mênon diz-se entorpecido pelas palavras de Sócrates e compara-o a uma raia elétrica, Sócrates responde pontualmente

Quanto a mim, se a raia elétrica, ficando ela mesma entorpecida, é assim que faz também os outros entorpecer-se, eu me assemelho a ela; se não, não. Pois não é sem cair em aporia eu próprio que faço cair em aporia os outros. Mas, caindo em aporia eu próprio mais que todos, é assim que faço também cair em aporia os outros. (PLATÃO, 2001, 80 d, p. 49)

Santos mostra que Platão problematiza a rivalidade entre verdade e infalibilidade e, com isso, busca compreender a opinião verdadeira. Para o estudioso, apesar de ser uma questão delicada, “a conclusão do diálogo com o o escravo [Mênon 97b-98c] não pode ser mais taxativa: o que foi recordado são *opiniões verdadeiras*, potencialmente conducentes ao saber” (SANTOS, 2012, p. 115). No entanto, Santos (2012, p. 115) destaca que

Platão dá indícios de que o campo está armadilhado: dessa compreensão constitui prova o “paradoxo de Mênon”, visto como objeção quer à metodologia socrática, quer à possibilidade de aprendizagem. O paradoxo é a primeira manifestação do conflito da opinião verdadeira como processo, com o saber, como estado.

Além disso, é interessante observar também que, diferentemente dos sofistas, Sócrates, recriado pelo discurso de Platão, não se sentia capaz de ensinar nada, porque defendia que nada sabia. Pela boca de Sócrates, em Mênon, Platão (2001, 98 b, p. 103) anuncia “eu falo como quem não sabe, e sim como quem conjectura”. Para o filósofo (2001, 81d, p. 53), “o procurar e o aprender são uma rememoração” de verdades internas que buscam a luz por meio da maiêutica<sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup> Segundo Chauí (2002, p. 505), “Platão criou a palavra *maieutikós* para referir-se ao ‘parto das ideias’ ou ‘parto das almas’ realizado pelo método socrático”.

Portanto, ao relativismo e ao descompromisso dos sofistas, Platão opõe a verdade absoluta, que se distingue tanto do erro quanto da fantasia, porque resulta de uma investigação, como se vê em uma fala de Sócrates dirigida a Górgias:

Assim, a retórica, pelo que parece, é uma produtora de persuasão para a crença, e não para a instrução no que diz respeito ao justo e ao injusto. (PLATÃO, 2007, 455 a, p. 54)

Com isso, Platão sugere que a retórica faz-criar, tratando-a, portanto, como instrumento capaz de articular, com convicção, opiniões, não como um meio de atingir a verdade. Stroh (2010, p. 135) mostra que, para Platão,

La rhétorique devient ainsi l'instrument d'une morale des seigneurs, d'une morale du plus fort qui cherche son bonheur dans la satisfaction de ses pulsions. C'est là (c'est au moins ce que Platon laisse entendre) l'attitude la plus absolument condamnable qu'on trouve derrière le succès de la rhétorique.

E Chauí (2002, p. 234) o confirma, quando mostra que, para Platão, “de verossimilhança em verossimilhança, de aparência em aparência, de opinião em opinião a retórica não faz outra coisa senão seduzir e nos afastar da verdade, do bem, do belo e do justo. A retórica é a arte do logro e do engano”.

Como o objetivo deste trabalho é estudar as paixões nas construções discursivas, faz-se necessário destacar que todo o cuidado de Platão para diferenciá-lo dos sofistas, para distanciar a verdade do verossímil, não foi suficiente para isentá-lo das relações emocionais oriundas dos diálogos estabelecidos, por exemplo, quando Mênon reage a Sócrates e afirma

Sócrates, mesmo antes de estabelecer relações contigo, já ouvia <dizer> que nada fazes senão caíres tu mesmo em aporia, e levars também outros a cair em aporia. E agora, está-me parecendo, me enfeitiças e drogas, e me tens simplesmente sob completo encanto, de tal modo que me encontro repleto de aporia. (PLATÃO, 2001, 80 a, p. 47)

Nem os sofistas, nem Platão fazem qualquer referência direta às paixões envolvidas nas construções argumentativas; mas, como se pode observar, até o filósofo mais rigoroso na busca da verdade deixa escapar o quão sedutor pode ser um discurso. Quando Mênon se declara encantado, enfeitiçado, drogado diante do discurso de Sócrates, ele traz à tona aspectos emocionais provocados pelo discurso. A fala de Mênon sugere, portanto, que os recursos dialéticos usados por Platão fazem aflorar efeitos de sentido da ordem do sensível.

## 1.2 Aristóteles: olhares teóricos verdadeiros

*Esse puxar e empuxar de coisas opostas desequilibrava-me; tinha vontade de embrulhar o Quincas Borba, o Lobo Neves e o bilhete de Virgília na mesma filosofia, e mandá-los de presente a Aristóteles. Contudo, era instrutiva a narração do nosso filósofo; admirava-lhe sobretudo o talento de observação com que descrevia [...]”(ASSIS, 2011, p. 200)*

Aristóteles (384 a.C. – 322 a.C.) fez um detalhado trabalho sobre lógica, organizou e sistematizou muito do que foi pensado e produzido antes dele. Berti (2012, p. 46) confirma que Aristóteles deve ser considerado como “o inventor da lógica, compreendida como ciência que estuda as leis do pensamento”. Além disso, foi inovador, ousado, por isso inspira, até hoje, estudos em diversas áreas do conhecimento, como, por exemplo, a Semiótica. Chauí (2002, p. 343) mostra que a permanência de Aristóteles se deve a mais de um motivo, sendo ele, inclusive, quem “diferenciou teoria e prática”.

Quanto à retórica, objeto de estudo deste trabalho, o filósofo criticou seus predecessores, ora por terem-na identificado como a própria atividade persuasiva, ora por terem reduzido os procedimentos retóricos aos litígios judiciais (CHAUI, 2002, p. 480). A retórica aristotélica, segundo Berti (2012, p. 56), ensina a buscar instrumentos para o convencimento (as argumentações), por isso ela é “simétrica à dialética”. Tanto dialética quanto retórica tem “em comum argumentar sobre tudo, partindo de pontos de vista opostos”.

Mesmo tendo sofrido influências de Platão, o estagirita questiona a ideia de verdade universal e a intenção de buscar a essência das coisas, defendendo que

a retórica se compõe, por um lado, da ciência analítica e, por outro, do saber político relativo aos caracteres; além disso, ela é semelhante, por um lado, à dialética, e por outro aos discursos sofísticos. (ARISTÓTELES, 2006<sup>10</sup>, 1359 b, p. 107)

E reconhece que

Das provas de persuasão, umas são próprias da arte retórica e outras não. Chamo provas inartísticas a todas as que não são produzidas por nós, antes já existem: provas como testemunhos, confissões sob tortura, documentos escritos e outras semelhantes; e as provas artísticas, todas as que se podem preparar pelo método e por nós próprios. De sorte que é necessário utilizar as primeiras, mas inventar as segundas. (ARISTÓTELES, 2006, 1355 b, p. 96)

---

<sup>10</sup> Foi utilizada, para este trabalho, a tradução coordenada por António Pedro Mesquita (Aristóteles, 2006).

Sobre isso, Fiorin (2007, p. 10) esclarece que

Aristóteles, seguindo uma longa tradição, divide os raciocínios em necessários e preferíveis. O primeiro é aquele cuja conclusão decorre necessariamente das premissas colocadas, ou seja, sendo verdadeiras as premissas, a conclusão não pode não ser válida. [...] Os raciocínios preferíveis são aqueles cuja conclusão é possível, provável, plausível, mas não necessariamente verdadeira porque as premissas sobre as quais ela se assenta não são logicamente verdadeiras [...] Os raciocínios necessários pertencem ao domínio da lógica e servem para demonstrar determinadas verdades. Os preferíveis são estudados pela retórica e destinam-se a persuadir alguém de que uma determinada tese deve ser aceita, porque ela é mais justa, mais adequada, mais benéfica, mais conveniente e assim por diante.

Aristóteles não reproduz a perspectiva de Platão, que indiciava os sofistas (por não serem comprometidos com a verdade universal) como enganadores e oportunistas; ele a renova<sup>11</sup>, defendendo que a persuasão ocorre pelo próprio discurso quando é demonstrada a verdade ou o que parece ser a verdade. Isso mostra que o estagirita reconhece o valor da verossimilhança, a qual, para ele, deveria ser depreendida pela mesma faculdade com que se depreende o verdadeiro, o que se nota quando ele afirma que

É indiferente que se trate dos Lacedemónios ou dos Atenienses, de um homem ou de um deus: o processo é o mesmo. Com efeito, aquele que aconselha Aquiles, aquele que elogia a censura, aquele que acusa ou defende, tem de argumentar sempre com **factos pertinentes – ou que parecem ser** –, a fim de exprimir, nessa base, o elogio ou a censura, o que nele há de belo ou de vergonhoso, acusando-o ou defendendo-o [...]. (ARISTÓTELES, 2006, 1396 a, p. 214 – grifo nosso)

Assim, pode-se estabelecer uma primeira diferença entre Aristóteles e Platão: enquanto este confia em procedimentos que remetem ao silogismo lógico, ambicionando levar à verdade (verdade absoluta e belo absoluto, pertencentes ao mundo inteligível), aquele almeja o verossímil, pois reconhece a potencialidade das coisas (o vir-a-ser, que, como mostra a passagem anteriormente citada, pode satisfazer intenções atenienses ou lacedemônicas), e sua argumentação procede por entimemas.

---

<sup>11</sup> Reboul (1998, p. 23), ao discutir acerca da possível influência de Górgias sobre o ponto de vista aristotélico, traz à tona as diferenças quando afirma que “[...] se é que Górgias e Aristóteles estão falando da mesma coisa, não falam da mesma maneira. O discurso do sofista é digno quando muito de uma praça pública; sua argumentação pelo exemplo dá guinadas. O de Aristóteles, ao contrário, é muito coeso; procede por silogismos implícitos, ou entimemas”.

O entimema é um tipo de silogismo que deve ser constituído aparentemente por poucas proposições (menos do que as que constituem um silogismo completo). A intenção é lidar com proposições conhecidas, de tal maneira que não há necessidade de enunciá-las - elas ficam implícitas e são recuperadas por catálise, ou seja, o ouvinte recupera-as por associação entre termos e ideias, valendo-se de sua experiência e de seus conhecimentos prévios; assim, o ouvinte deve acrescentá-las para que consiga compreender o discurso. Kraus (2012, pp. 20 – 21) mostra que

La forza conclusiva del *sylogismós* (da tradurre come “deduzione” o “argomento deduttivo”) consisterebbe esclusivamente in un rapporto topico. Perciò, l’entimema retorico appare come una specie del *sylogismós* dialettico, differenziato da quello della dialettica stessa per il suo oggetto (cose che possono comportarsi in un modo o nell’altro e circa le quali a giusto titolo si può consultarsi), e per i suoi destinatari (un pubblico poco colto e di intelligenza limitata). È dunque “un *sylogismós* dialettico nell’uso retorico”. Il numero delle premesse non essendo determinato, nessuna deficienza formale (la mancanza di una delle premesse) può essere decisiva.

Aristóteles (2006, 1395 b, p. 213) ensina que não se deve recuar o raciocínio demasiadamente, ou seja, não se devem omitir muitos fatos, pois o raciocínio ficaria obscuro; por outro lado, não se deve também fazer com que haja somente obviedades; em outros termos, explicar demais seria um desperdício de palavras no que é evidente. É exatamente esse equilíbrio que, para o filósofo, torna o entimema eficaz.

Um exemplo muito usado para silogismo é “Todos os homens são mortais. Sócrates é homem. Portanto, Sócrates é mortal” (MEYER, 2007, p. 73). O entimema resultaria da supressão de uma premissa, assim, o raciocínio seria: Todos os homens são mortais; portanto, Sócrates é mortal. Caberia, ao leitor, uma participação efetiva para a organização do raciocínio, deduzindo a premissa de que “Sócrates é homem”. Outro exemplo, citado por Aristóteles (2006, 1399 a, p. 224), refere-se a Ifícrates, que, quando quiseram obrigar seu filho, que era muito jovem mas de grande estatura, a desempenhar um cargo público, retrucou que, se consideravam homens as crianças altas, então, deveriam considerar que os homens de pequena estatura eram crianças. Nota-se que está implícita a premissa de que o tamanho físico determina a idade.

Há dois tipos de entimemas: o demonstrativo e o refutativo. Este “conduz a conclusões que o adversário não aceita” e aquele obtém a conclusão “a partir das premissas com as quais se está de acordo” (ARISTÓTELES, 2006, 1396 b, p. 216). Dentre os quais, esclarece o filósofo (2006, 1400 b, pp. 228 - 229),

os refutativos gozam de mais reputação que os demonstrativos, porque o entimema refutativo consegue a junção de contrários em curso espaço e porque as coisas aparecem mais claras ao ouvinte quando se apresentam em paralelo. (2006, 1400 b, pp. 228 e 229)

A utilização de implícitos leva à efetiva participação do enunciatário, o que permite entender que, para Aristóteles, estabelecer relações lógicas não é o bastante, pois há outros elementos que interferem na transmissão da verdade, construída pelo discurso.

Essa capacidade de não se ater a modelos ou padrões rígidos reflete-se no fazer argumentativo, que se diversifica, admitindo outras possibilidades; com isso, “ces moyens [de persuasion] se répartissent en deux groupes complémentaires. L’enthymème [...] et l’exemple” (STROH, 2010, p. 152). O próprio Aristóteles (2006, 1393 b, p 208) diz que é preciso conhecer os fatos para que seja possível chegar a conclusões e, assim, produzir os desejados entimemas; no entanto, reconhece a eficiência dos exemplos caso seja necessária maior elucidação. Ademais, no início do Livro II de sua *Retórica*, o estagirita (2006, 1377 b, p. 159) afirma que

[...] é necessário não só procurar que o discurso seja demonstrativo e digno de crédito, mas também que o orador mostre possuir certas disposições [...] Muito conta para a persuasão a forma como o orador se apresenta e como dá a entender as suas disposições aos ouvintes, de modo a fazer que, da parte destes, também haja um determinado estado de espírito em relação ao orador.

Para Aristóteles, uma “adequada disposição de espírito” do orador pode suscitar um maior envolvimento do enunciatário (confiança)<sup>12</sup> e, assim, predispor a adesão do ouvinte independentemente de qualquer demonstração. Essa confiança, capaz de influenciar os ânimos, decorre, segundo o filósofo, da prudência, da virtude e da benevolência do orador (ARISTÓTELES, 2006, 1378 a, p. 160). Em outras palavras, um orador que apresenta opiniões carentes de veracidade (falta de prudência), que não defende o que realmente pensa (falta de virtude) ou que não se preocupa - de alguma maneira - com os ouvintes (falta de benevolência) terá mais dificuldades para construir um discurso eficiente (convicente). Isso porque, quando o interlocutor apresenta-se mais favorável, torna-se capaz de aceitar ideias e posturas sugeridas pelo emissor; ao passo que, quando o interlocutor se sente coagido, hostilizado ou irritado, tende a pensar algo totalmente distinto do que o orador pretendia com

---

<sup>12</sup>Vide Stroh (2010, p. 159).

o discurso ou simplesmente não muda o pensamento que já sustentava antes, apenas o intensifica.

Esse olhar só pôde ser desenvolvido porque, a partir de reflexões sobre o fazer discursivo, Aristóteles (2006, 1356 a, p. 96) propõe que o discurso é composto por três elementos: o orador, o assunto e a pessoa a quem se dirige o discurso, e que, como consequência,

As provas de persuasão fornecidas pelo discurso são de três espécies: umas residem no caráter moral do orador [*ethos*]; outras, no modo como se dispõe o ouvinte [*pathos*]; e outras, no próprio discurso, pelo que este demonstra ou parece demonstrar [*logos*]. (ARISTÓTELES, 2006, 1356 a, p. 96)

Como se vê, Aristóteles não só lida com o *logos*, mas também contempla o papel persuasivo do *ethos* e do *pathos*<sup>13</sup>. Sobre estes, Eggs (2005, p. 31) esclarece que, para o filósofo, “não são *entechniques*, isto é, não pertencem à arte retórica – a não ser que sejam produzidas no e pelo discurso”. Talvez seja por isso que o estagirita (2006, 1356 a, p. 97) esmiúce com tanto cuidado, por exemplo, como lidar com diferentes caracteres ou como incitar ou atenuar as paixões, visto que, para que elas possam participar efetivamente do processo do convencimento, é preciso construí-las discursivamente.

Essa preocupação do filósofo não só com o inteligível, mas também com o sensível (meios para envolver o interlocutor) evoca, para a construção discursiva, o entimema (a construção lógica de argumentos a partir de fatos) e tanto a lexicalização das paixões quanto o cuidado com o ritmo.

Aristóteles admite a importância de conhecer e reconhecer as paixões (que, para ele, são as causas das mudanças nos nossos julgamentos) e de interagir com elas, visto que “refletem, no fundo, as representações que fazemos dos outros, considerando-se o que eles são para nós, realmente ou no domínio de nossa imaginação” (MEYER, 2003, p. XLI). Em outras palavras, para o estagirita, as paixões suscitadas pelo orador são respostas da audiência às representações concebidas a partir de dada construção discursiva. Para que haja eficiência nesse procedimento, ele ensina que só será capaz de suscitar uma emoção no auditório aquele que observar três elementos; para dizer quais são esses elementos, utiliza o exemplo da ira, como se vê a seguir:

---

<sup>13</sup>Meyer (2007, pp. 22-3) assevera que, para Aristóteles, o “*logos* subordina a suas regras próprias o orador e o auditório: ele persuade um auditório pela força de seus argumentos, ou agrada a esse mesmo auditório pela beleza do estilo, que comove aqueles a quem se dirige [...] As três dimensões estão bem presentes, mas integradas à força do verbo.”

[...] convém distinguir em que estado de espírito se acham os irascíveis, contra quem costumam irritar-se e em que circunstâncias; é que, se não se possui mais do que um ou dois destes aspectos, e não a sua totalidade, é impossível que haja alguém que inspire a ira. E o mesmo acontece com as outras emoções. (ARISTÓTELES, 2006, 1378 a, p. 161)

Para instrumentalizar seu leitor, o filósofo define e detalha treze paixões; são elas: cólera, tranquilidade, amor, ódio, medo, confiança, pudor, despudor, benevolência (e ausência dela), compaixão, indignação, inveja, emulação<sup>14</sup>.

Em se tratando do ritmo, Aristóteles (2006, 1408 b, p. 259) diz que

A forma da expressão não deve ser nem métrica nem desprovida de ritmo. De facto, a primeira não é persuasiva, pois parece artificial, e, ao mesmo tempo, desvia a atenção do ouvinte, pois fá-lo prestar atenção a elemento idêntico, quando a este regressar. [...] Por outro lado, a forma de expressão desprovida de ritmo é ilimitada. É, porém, necessário que seja limitada (pois o ilimitado é desagradável e ininteligível), mas não pelo metro.

Stroh (2010, p. 159) retoma e resume a postura do filósofo nessa passagem, afirmando que “la prose doit être rythmique, et non métrique” e que “la règle cardinale est d’éviter tout ce qui sonne comme la poésie”.

Aristóteles (2006, 1404 a, p. 242) ainda comenta que, a despeito de serem vistos como algo fútil, o que faz que nenhuma arte se preocupe com esses recursos rítmicos, eles, entretanto, podem auxiliar o orador, que deveria, de alguma maneira, cuidar do timbre da voz, da modulação e da cadência.

Para resumir parcialmente, os pontos mais importantes da retórica aristotélica são: distinção entre os meios de persuasão; definição e distinção dos meios retóricos e definição e descrição dos gêneros de discurso. Os dois primeiros já passaram por alguma apreciação; resta, agora, tratar dos gêneros da retórica.

Para isso, Aristóteles (2006, 1358 b, p. 104), resgatando os elementos que compõem o discurso (o orador, o assunto de que fala e o ouvinte), afirma que o ouvinte é a finalidade discursiva; portanto, é preciso saber se ele é um juiz ou um espectador; caso seja juiz, se se pronunciará sobre o passado ou sobre o futuro. Aquele a quem o orador deve dirigir-se falando de fatos futuros é membro de uma assembléia que decidirá sobre uma medida a ser tomada ou não; o que se pronuncia sobre o passado é o juiz de um caso a ser julgado; já o espectador pronuncia-se sobre o talento do orador. A partir dessa observação, delimitam-se

---

<sup>14</sup>As paixões serão apresentadas e discutidas com mais vagar na sequência.

os três gêneros retóricos para o estagirita: deliberativo (ou político), judicial (ou forense) e o epidítico (ou demonstrativo).

O gênero deliberativo (ou político) se caracteriza por relacionar-se com eventos futuros (o que pode vir a acontecer ou não) e por atuar preventivamente, já que apresenta um conselho ou uma dissuasão. Aconselha-se o melhor, o justo, o belo, e dissuade-se do pior, do injusto, do feio (ARISTÓTELES, 2006, 1358 b, p. 106).

O gênero judicial (ou forense) relaciona-se com o passado. Em outras palavras, julga o que houve enquanto um acusa e outro defende. A finalidade é o justo e o injusto, salientando que “cometer injustiça é causar dano voluntariamente em violação da lei”, a qual pode ser particular ou comum. A primeira diz respeito ao que está escrito e rege a cidade, a convivência social; a segunda não se encontra escrita, mas “parece haver um acordo unânime entre todos” (ARISTÓTELES, 2006, 1373 b, p. 144). Segundo o filósofo (2006, 1368 b, p. 130), é importante considerar também “a natureza e o número das razões pelas quais se comete injustiça, a disposição dos que a cometem” e, por fim, “o caráter e a disposição dos que a sofrem”.

Por fim, o gênero epidítico (ou demonstrativo) deve abordar a virtude/vício, o belo/vergonhoso, apresentando elogio/censura. Lida, portanto, com o presente, com fatos atuais. Aristóteles (2006, 1365 b, p. 124) afirma que esse gênero deve também “mostrar os meios pelos quais deveremos ser considerados como pessoas de um certo carácter”, ou seja, faz-se o elogio ou a censura e apresentam-se meios para lidar com o que se elogiou ou censurou.

Os escritos aristotélicos poderiam ser aqui mais explorados em extensão; no entanto, há necessidade de se estabelecerem recortes em proveito de uma maior coerência metodológica. Assim, como o intuito do trabalho é o estudo das paixões e de como elas participam da construção da verdade em *As Catilinárias*, de Cícero, torna-se importante saber quais paixões foram catalogadas e estudadas pelo estagirita.

### 1.2.1 Breve levantamento das paixões aristotélicas

A **cólera** deve ser entendida como o desejo, acompanhado de tristeza, de um sentimento de vingança por um ato de desprezo (ARISTÓTELES, 2006, 1378 a, p. 161). Surge com uma diferença “injusta” ou sentida assim, com uma relação de superioridade ou com a reação daquele que nada teme; logo, pode ser entendida como sentimento de oposição contra algo que revolta, prejudica. Essa paixão reflete a contrariedade, pois, de maneira geral,

é um sinal de distanciamento, um aumento da diferença. Para Aristóteles (2006, 1379 b, p. 166),

é evidente que o orador deve dispor, por meio de seu discurso, os seus ouvintes de maneira que se sintam na disposição de se converterem à ira, representando os seus adversários culpados daquilo que a provoca e como sujeitos dotados de um carácter capaz de a excitar.

O filósofo (2006, 1379 a, p. 164) também destaca que a cólera é resultante de uma tristeza, a qual normalmente decorre de um querer frustrado (“sente amargura quem quer algo”). Essas pessoas são facilmente irritáveis e direcionam sua ira ao obstáculo que se opõe ao que desejam ou aos que menosprezam sua situação, em outras palavras, “o doente encoleriza-se contra os que [desprezam] a sua doença, o pobre contra os que [são indiferentes] à sua pobreza, o soldado contra os que [subestimam] a sua guerra, o apaixonado contra os que [desdenham] do seu amor, e assim por diante [...]”.

Além disso, toda “ira é acompanhada de certo prazer” que, segundo o filósofo, decorre da esperança que se tem de uma futura vingança (ARISTÓTELES, 2006, 1378 a, p. 161).

Segundo Aristóteles (2006, 1380 a, p. 166), o orador, por meio do discurso, pode dispor seus ouvintes à cólera ao representar os adversários (contrários às expectativas) como sendo os culpados daquilo que provoca tal paixão.

Como antídoto da cólera, há a **calma**, a tranquilidade. Manifesta-se como uma espécie de apaziguamento, de pacificação capaz de refazer a simetria perturbada pela cólera. Pode ser entendida como a ausência da paixão, por constituir a expressão da indiferença, porque suscita aceitar uma relação. Aristóteles (2006, 1380 b, p. 168) esclarece que a calma pode ocorrer com o tempo, que extingue a cólera, ou com a vingança, pois “também ficamos calmos se fazemos condenar o ofensor”, e mostra que os oradores que desejam tornar calmo seu auditório devem organizar os argumentos apresentando-lhe aqueles contra os quais se encoleriza como pessoas temíveis, ou dignas de respeito, ou benfeitoras, ou como quem agiu contra sua vontade, ou muito arrependidas de suas ações (ARISTÓTELES, 2006, 1380 b, p. 169).

O **amor** ou a amizade devem ser entendidos como vínculo de identidade mais ou menos parcial, pois, ao contrário do **ódio** (dissociador), buscam conjunção, associação. O amor ou a amizade podem ocorrer por diversos motivos, por exemplo, amamos os que nos fizeram bem, os sensatos (por não serem injustos), os que louvam as qualidades que

possuímos, os que não se opõem e os que nos assemelham, dentre outros (ARISTÓTELES, 2006, 1381 a, p. 170).

Essa aproximação, destaca o filósofo, ocorre com aqueles que não são fingidos, ou seja, são capazes de falar de suas próprias fraquezas, pois não há qualquer ressentimento ou vergonha ao expor-se, mas sim confiança e acolhimento desprezioso na amizade, por isso

A camaradagem, a familiaridade, o parentesco e outras relações semelhantes são espécies de amizade. [Assim como] um favor produz uma amizade, tal como fazê-lo sem solicitação e sem ostentar que se fez, pois assim parece que se fez só por causa do favorecido e não por outro motivo qualquer. (ARISTÓTELES, 2006, 1381 b, p. 173)

Aristóteles (2006, 1382 a, p. 173) compara o ódio à cólera e conclui que “o ódio é incurável”, pois esta faz emergir no outro o sentimento de dó, enquanto aquele relaciona-se ao fazer (arquitetar) algum mal.

Resulta que o orador, discursivamente, pode demonstrar que tais pessoas são inimigas ou amigas e, se não são, apresentá-las como tais; se afirmam que são, refutá-las; e, se estão em desacordo por cólera ou por ódio, é possível dirigi-las para uma das duas soluções que se preferir” (ARISTÓTELES, 2006, 1382 a, p. 173).

Sobre o **temor** e a **confiança**, deve-se, primeiro, perceber que pressupõem uma acentuada assimetria na relação; por exemplo, temem-se os fortes. Aristóteles (2006, 1382 a, p. 174) esclarece que

as coisas temíveis são as que parecem ter um enorme poder de destruir ou de provocar danos que levem a grandes tristezas. É por isso que os sinais dessas eventualidades inspiram medo, pois mostram que o que tememos está próximo. O perigo consiste nisso mesmo: na proximidade do que é temível.

Teme-se, segundo o filósofo (2006, 1382 b, p. 175), principalmente as injustiças, ou seja, “todas as coisas que inspiram compaixão, quando acontecem ou estão para acontecer aos outros”. Esse medo manifesta-se acompanhado de um pressentimento de que haverá sofrimento; resulta, portanto, de uma antecipação do que se poderá vivenciar: uma dor. Decorre disso que não sentem medo aqueles que nunca sofreram (sentiram) nenhum mal ou pensam já terem sofrido todo e qualquer tipo de desgraça, visto que ou são incapazes de projetar a possibilidade de que ocorra dor, ou sentem-se preparados para superá-la.

Por outro lado, a segurança e a confiança provêm de certa superioridade tanto sobre as coisas quanto sobre as pessoas. Para Aristóteles (2006, 1383 a, p. 176), o que inspira

confiança é o distanciamento do temível e a proximidade dos meios de salvação; ainda: sentimos confiança quando não têm temor nossos semelhantes, nem nossos inferiores, nem aqueles que cremos serem superiores (2006, 1383 a, p. 176).

É relevante destacar também que, para o filósofo, a possibilidade e a disponibilidade de socorro traz confiança; assim como estar em considerável vantagem, por exemplo, se houver riqueza, força física, amigos, terras, equipamentos bélicos, haverá distanciamento do temor.

Sobre **vergonha** e **imprudência**, devem-se entender essas paixões como reações à imagem que o outro faz de nós, salientando-se que esta relaciona-se à superioridade (pois assimila a imagem que o outro faz como nula, indiferente) e aquela, à inferioridade (porque reforça a importância do olhar do outro, consagra e valoriza seu julgamento).

A vergonha, segundo Aristóteles (2006, 1384 a, p. 179), é uma “representação imaginária que afecta a perda de reputação, pela perda de si mesma, não por causa das consequências”. Esse pesar do espírito normalmente está ligado a vícios desonrosos e manifesta-se perante pessoas, cujas opiniões interessam, que têm reputação.

O filósofo (2006, 1385 a, 182) indica que a compreensão da imprudência decorre dos argumentos contrários aos apresentados para a vergonha.

O **favor** é prestar serviço, sem interesse, ao descobrir a necessidade alheia e é a expressão de uma relação assimétrica (há o desejo de suprir) (MEYER, 2003, p XLV). Aristóteles (2006, 1385 a, p. 183) diz que o argumento deve ser construído “mostrando que algumas pessoas estão ou estiveram em tal pena ou necessidade, e que outras prestaram ou prestam um serviço, respondendo a esta ou àquela necessidade”.

O filósofo (2006, 1385 b, p. 184) também destaca que a recusa de um favor evidencia um mal-agradecido e que o favor existe “ou porque é o que é, ou pela quantidade, qualidade, tempo e lugar”.

Uma reação possível a situações indesejadas é “isso não deveria ter acontecido”; segundo Meyer, essa reação pode gerar **compaixão** ou **indignação** (MEYER, 2003, p. XLVI). Sente-se compaixão em relação a pessoas honestas, quando há coisas penosas e dolorosas provocando sofrimento (ARISTÓTELES, 2006, 1386 a, p. 185). Em geral, são as coisas indesejáveis que incitam o sentimento de piedade quando ocorrem aos outros, em outras palavras, são as desgraças que, de alguma maneira, estão próximas que comovem mais. Esse sofrimento imerecido normalmente mobiliza a compaixão nas pessoas; o filósofo grego (2006, 1385 b, p. 184) destaca que somente os completamente perdidos (pensam que já

sofreram mais que qualquer outro) e os superfelizes (propensos à soberba) não são afetados por essa paixão.

Já indignação é também um pesar, mas pela felicidade não merecida, razão pela qual se opõe à compaixão. A indignação se manifesta quando, por exemplo, pessoas que não são semelhantes (em riqueza, em beleza, em virtude) são julgadas merecedoras de igual tratamento; o injusto, portanto, manifesta-se quando algo acontece contrariamente ao mérito.

A **inveja** é a paixão do semelhante. Aristóteles (2006, 1387 b, p. 190) esclarece que iguais (pares) são os semelhantes em nascimento, parentesco, idade, hábitos, reputação e bens, e a inveja é querer tirar do outro o que ele tem. Para o filósofo (2006, 1388 a, p. 190), os “actos e os bens que reflectem o desejo profundo de glória e a ambição de honrarias e aqueles que excitam a fama, e os que são dons da fortuna, quase tudo isso dá origem à inveja”.

Além disso, acrescenta que aquilo que traz à tona o sentimento de pena é também o que faz sentir prazer em situações contrárias; por isso,

os oradores são capazes de provocar tal disposição [inveja] nos ouvintes, e se os que pretendem ser dignos de suscitar piedade ou de obter algum bem são representados como os invejosos [...] é óbvio que não obterão compaixão dos que têm autoridade. (2006, 1388 a, p. 191)

Por outro lado, a **emulação** ocorre como pesar pela presença manifesta de bens que pertencem ao outro; portanto, são inclinados à emulação os que se julgam dignos de bens que não possuem (sendo-lhes possível adquiri-los) (ARISTÓTELES, 2006, 1388 b, p. 192). Em outras palavras, é uma imitação do outro. A emulação é considerada, pelo filósofo, algo bom, próprio de pessoas de bem, diferentemente da inveja que é desprezível e própria de gente vil, pois “enquanto uns, através da emulação, se preparam para conseguir esses bens [bens que desejam], outros, pelo contrário, através da inveja, impedem que o vizinho os consiga” (ARISTÓTELES, 2006, 1388 b, p. 192).

Por fim, o **desprezo** é o oposto de emulação. O desprezo manifesta-se como rejeição do outro, do oposto. Essa paixão manifesta-se em relação “àqueles que possuem defeitos contrários às coisas que concitam a emulação” (ARISTÓTELES, 2006, 1388 b, p. 193).

Após a apresentação de como as paixões foram compreendidas por Aristóteles, é relevante destacar, mais uma vez, que, para o estagirita (2006, 1378 a, p. 160), “os fatos não se apresentam sob o mesmo prisma a quem ama e a quem odeia”, em outras palavras, as paixões são capazes de interferir nos juízos das pessoas e atuar na formação de suas opiniões.

O filósofo descreve, além do que caracterizaria cada paixão, os perfis das pessoas e das situações em que cada uma dessas emoções poderiam aflorar. Para este trabalho, que intenta observar como Cícero articula discursivamente as paixões no fazer persuasivo em duas *Catilinárias*, não houve preocupação em elencar tais perfis; apresentou-se somente a definição e as principais características de cada paixão.

### 1.3 Cícero: a eloquência em foco

*A atuação, u p a a p a o, m o a t o o, p o o  
ânimos de todos s o n c t a o p a m m a p a ,  
c o n c n o - a p a m m a m a c a t a m é m n o o u t o  
indicando-as em si mesmos. (Do Orador<sup>15</sup>, III, §223)*

Cícero viveu de 106 a.C. a 43 a.C. e, até hoje, é reconhecido por sua habilidade como orador. Meyer (1999, p. 63) assevera que, graças ao arpinate, “la rhétorique ne représente pas le primat de la forme, mais l'équilibre entre la forme (*verba*) e le contenu (*res*), équilibre qui fonde précisément ses prétentions à être un art”. Em outras palavras, ele não só produziu discursos utilizando recursos retóricos, mas também pensou tanto sobre os recursos quanto sobre o fazer discursivo, inovando-os.

Cícero, cerca de 250 anos após Aristóteles, usou a retórica como instrumento de trabalho, para desempenhar suas funções políticas<sup>16</sup>. Produzia, portanto, discursos para defender ou acusar, como *As Catilinárias*, objeto de estudo deste trabalho, que foram produzidas na época em que ele fora eleito cônsul.

O arpinate, mesmo não sendo um homem nobre ou patricio<sup>17</sup>, conquistou cargos políticos e, em um curto espaço de tempo, tornou-se cônsul. Segundo Grimal (2002) e Conte (2011), contata-se que, em 81 a.C., Cícero já atua em Roma; então, de 79 a 77 a.C., viajou para Grécia e Ásia, estudou filosofia e retórica. Em 75 a.C., iniciou efetivamente sua carreira

---

<sup>15</sup> Será usada, como referência para o desenvolvimento desta pesquisa, a primeira tradução para o português (na íntegra) dessa obra, apresentada pelo Prof. Dr. Adriano Scatolin (USP), em 2010, em seu trabalho de Doutorado.

<sup>16</sup> Na magistratura romana, os cônsules eram os mais poderosos, contando com o auxílio de *questores* (tesoureiros), *edils* (encarregados de cuidar dos edifícios, esgotos, ruas, tráfego e abastecimento), os *pretors* (encarregados da justiça), os *censores* (revisores da lista de senadores e controladores de contratos) e o pontífice máximo (que era o chefe dos sacerdotes) (FUNARI, 2011, pp. 85 - 86).

<sup>17</sup> Cícero foi um homem novo, ou seja, o primeiro da sua linhagem familiar a servir o Senado romano (GRIMAL, 2002, pp. 28 - 29).

política, sendo designado questor na Sicília Ocidental; nesse trabalho, uma espécie de treino, demonstrou honestidade e integridade, o que possivelmente alavancou sua carreira. Em 69 a.C., assumiu o cargo de edil; em 66 a.C., já era pretor. Enfim, aos 43 anos, em 63 a.C., foi eleito cônsul.

Ao exercer essas funções, Cícero praticou efetivamente retórica, ou seja, produziu discursos oratórios, por isso pode-se entender que os tratados teóricos são uma espécie de consequência do fazer de alguém que não se satisfaz em reproduzir mecanicamente estruturas preestabelecidas, mas busca experimentar na prática suas reflexões e opiniões acerca delas.

Como este trabalho propõe uma aproximação entre a teoria e a prática produzidas pelo orador, foi preciso delimitar qual seria e como seria feita a abordagem teórica. Sabendo-se que “as ideias fundamentais de Cícero estão disseminadas principalmente pelos tratados: *Orador, De Oratore e Brutus*” (REZENDE, 2010, p. 61), optou-se por *Do Orador*, de 55 a.C.. A razão pela escolha se deveu ao fato de essa obra ser considerada, por muitos estudiosos, como a obra da maturidade do cônsul romano e, por isso, a que merece maior destaque<sup>18</sup>. Além disso, há indicações de que ela sintetiza o que foi abordado em outras obras teóricas<sup>19</sup>.

Em *Do Orador*, Cícero lança mão de diferentes interlocutores, em forma de diálogo (nos moldes dos *Diálogos*, de Aristóteles), para discutir assuntos retóricos, que orientam a técnica de composição oratória. Pelos embates travados principalmente entre as personagens<sup>20</sup> Crasso e Antônio, reflete-se sobre o papel do orador, a construção da verdade e a importância das paixões para o convencimento.

Esse texto pode ser considerado um exemplo de dialogismo encenado. O senso comum talvez entendesse *dialogismo* exclusivamente como a estruturação do texto em diálogos; no entanto, o termo adotado por Bakhtin significa mais. Refere-se à relação existente entre discursos, a qual pode, sim, materializar-se na fala do interlocutor (como faz Cícero) ou ocorrer diluída nas configurações discursivas. Sobre dialogismo, Fiorin (2008, p. 33) explica que:

Há duas maneiras de inserir o discurso do outro no enunciado:

- a) uma, em que o discurso alheio é abertamente citado e nitidamente separado do discurso citante, é o que Bakhtin chama discurso objetivado;
- b) outra, em que o discurso é bivocal, internamente dialogizado, em que não há separação muito nítida do enunciado citante e do citado.

---

<sup>18</sup> Vide MEYER (1999, p. 66).

<sup>19</sup> *Retórica a Herênio e Da Invenção*. Vide Scatolim (2010, p.7).

<sup>20</sup> Há outros interlocutores, como Cota, Sulpício, Múcio, entre outros, que participam de maneira mais tímida da conversa.

*Do Orador* pode ser considerado um discurso internamente dialogizado e encenado, porque materializa, na forma de diálogo entre personagens, a relação e o embate entre discursos de Platão, Aristóteles e Cármadas. Para exemplificar, Scatolin (2010, p. 26) aproxima as falas de Crasso às de Aristóteles e as de Antônio às de Cármadas, ao dizer:

Tornando à fala de Antônio, então, e a nosso principal interesse nela, a crítica aos retores e aos manuais de retórica, a passagem faz referência à posição de Cármadas, filósofo acadêmico, que parece particularmente próxima da adotada por Cícero [...].

Além dessa característica, é importante observar que o arpinate intenta ir além de apontamentos técnicos, como se vê em:

Ao examinar a razão disso [até mesmo grande oradores mostrarem-se agitados no exórdio de seus discursos], qual a razão de, quanto maior a habilidade de um orador, maior ser o seu medo, encontrava estas duas causas: a primeira é que aqueles que aprenderam com a prática e a natureza percebem que, por vezes, mesmo no caso dos maiores oradores, o resultado do discurso pode não sair de acordo com o previsto; desse modo, não sem motivo, temiam, sempre que discursavam, que acontecesse naquela exata ocasião o que a qualquer momento podia acontecer; a outra, de que costume me queixar com frequência, é que, nas demais artes, os homens que já foram vistos e aprovados, se alguma vez não fizeram alguma coisa tão bem quanto de costume, considera-se que não o queriam ou, impedidos por problemas de saúde, não conseguiram [...]; o erro do orador, se algum é notado, é visto como um erro causado pela estupidez; e a estupidez não tem desculpa [...] (*Do Orador*, I, § 123)

Tamanha exigência requer preparo, e Cícero, na voz de Crasso, admite a importância dos manuais (somente) para os aprendizes, para os jovens. Trata-se, para ele, de uma espécie de lembrete, a fim de evitar desvios da meta desejada. Dentre os recursos tradicionalmente listados nos manuais destaca-se, quanto ao gênero<sup>21</sup>, que as causas

em parte dizem respeito aos julgamentos, em parte às deliberações; há ainda um terceiro gênero, que se coloca nos louvores ou nos vitupérios dos homens; há certos lugares-comuns de que fazemos uso nos julgamentos, em que se busca a equidade; outros, nas deliberações, que se dirigem, todos, ao proveito daqueles a quem aconselhamos; outros, ainda, nos louvores, em que tudo diz respeito à dignidade das pessoas. (*Do Orador*, I, § 141)

---

<sup>21</sup>Em *Do Orador*, II, §113, diz-se que “três são, de maneira geral, os gêneros que podem ser aplicados a um debate ou controvérsia: o que acontece, o que aconteceu ou acontecerá”, que seriam equivalentes, como se viu em Aristóteles, a epidítico, judicial e deliberativo, respectivamente.

Quanto ao trabalho do orador, afirma-se que ele deve organizar-se em cinco etapas:

deve, em primeiro lugar, encontrar o que dizer; em seguida, arranjar e dispor o que se encontrou não apenas segundo uma ordem, mas também segundo sua importância, com discernimento; então, enfim, vesti-lo e orná-lo com o discurso; depois, guardá-lo na memória; por último, atuar com dignidade e graça. (*Do Orador*, I, § 142)

Também se diz, quanto à estrutura do discurso, que

antes de entrarmos no assunto propriamente dito, deve-se, inicialmente, cativar os ânimos dos ouvintes; em seguida, deve-se descrever o caso, depois, estabelecer a controvérsia, então provar aquilo que pretendemos, em seguida, refutar o que se disse contra e, no fim do discurso, amplificar e aumentar os elementos a nosso favor e debilitar e enfraquecer os favoráveis ao adversário. (*Do Orador*, I, §143)

Como se vê, Cícero, usando perífrases<sup>22</sup>, resume orientações<sup>23</sup> que, como ele mesmo admite, podem ajudar um orador sem experiência. No entanto, enfatiza que não há qualquer garantia de que seguir esses preceitos assegurará sucesso ao discurso produzido, pois, para ele, o bom desempenho depende também de outros conhecimentos, de outras técnicas.

No que diz respeito à tradição, logo no início de *Do Orador*, há uma referência a Platão, cuidadosamente posta por Cícero, e que exige reflexões acerca da diferença existente entre o filósofo e o orador. Ao citar *Górgias*, de Platão, o orador romano afirma que “nesse livro, admirava Platão sobretudo pelo fato de, ao zombar dos oradores, parecer ele próprio um excelente orador” (I, § 47). Como já foi apresentado neste trabalho<sup>24</sup>, Platão desvalorizava o fazer do orador, porque o julgava um manipulador; aqui, Cícero, na voz de Crasso, defende o orador, alegando que Platão, com suas aporias, fazia igualmente o que criticava: usava uma estratégia para, mesmo que fosse pela dúvida, convencer o interlocutor. Na voz de Antônio, Cícero faz uma crítica pontual à eficiência da dialética:

os dialéticos encarregam-se de julgar, no caso de uma proposição simples, se ela é verdadeira ou falsa, e, no caso de enunciados conjuntos e acrescidos de

---

<sup>22</sup> Sobre a não utilização da nomenclatura *ethos*, *logos* e *pathos* adotada por Aristóteles e não utilizada por Cícero, Scatolin (2010, p. 111) destaca, citando Quintiliano, ser possivelmente um cuidado do orador, que prefere “o sentido e o teor gerais do conceito a buscar uma versão literal para o termo”, já que não havia palavra em latim para traduzir, com exatidão, o vocábulo grego.

<sup>23</sup> Em *Do Orador*, I, §144 e §145, há mais referências a ornamentos para o discurso, por exemplo, o falar de maneira “pura e correta”.

<sup>24</sup> Como se viu na p. 18, neste Capítulo.

outras proposições, julgam se os acréscimos são corretos e se é verdadeira a conclusão de cada um dos raciocínios; e, por fim, eles mesmos se ferem com seus agulhões e, de tanto procurar, encontram não apenas aquilo que eles próprios não são capazes de desenredar, mas também o que os faz desfazer os raciocínios que começaram a urdir, ou melhor, que já teceram. (*Do Orador*, II, §158)

Em relação a Aristóteles, a situação não é muito diferente. Na voz de Cátulo, Cícero parece fazer um elogio a Aristóteles em:

“Mas Aristóteles --- esse a quem particularmente admiro --- estabeleceu determinados tópicos em que se pode encontrar toda a argumentação não só para as discussões dos filósofos, mas também para este tipo de discurso que empregamos nas causas. [...]” (*Do Orador*, II, § 152)

No entanto, na sequência, a resposta construída por Antônio traz à tona uma crítica severa às promessas gregas e aos seus manuais, que oferecem métodos aos homens “para que percebam questões extremamente obscuras, para que vivam bem e para que discurssem com copiosidade” (*Do Orador*, II, §153). Diante das sistematizações e das divisões apresentadas pelos manuais de retórica gregos, Cícero também questiona a validade dessas estratégias, alegando que tamanha especificidade leva à ineficiência<sup>25</sup> e que tais especificidades são geradas a partir de temas e pensamentos mais abrangentes, universais. O que o orador pretende mostrar, na voz de Antônio, é que cabe ao bom orador estudar fontes e tópicos universais, “de onde se tira tudo o que se descobre para qualquer discurso” (*Do Orador*, II, §146). Para isso, diz,

E é totalmente pertinente a esta arte, observação ou prática conhecer as regiões dentro das quais se possa caçar e rastrear o que se procura. Tão logo cerquemos todo esse lugar pela reflexão (contanto que nos familiarizemos com ele pela prática), nada vai nos escapar, e tudo o que se encontra no tema nos ocorrerá e surgirá. (*Do Orador*, II, §147)

Como se vê, Cícero possui uma visão operacional, certamente porque, à custa de suas funções políticas, ele teoriza o que pratica ou pratica o que teoriza. É a teatralização em cena, enquanto Aristóteles restringe-se à teoria.

A principal diferença entre Cícero e a maioria dos teóricos que se dedicaram à retórica (seja para criticá-la, seja para elogiá-la) reside no fato de que aquele dedicava suas reflexões

---

<sup>25</sup>Como crítica à especificidade presente nos manuais, Antônio afirma que “[...] da maneira como se encontram os manuais desses mestres, é extremamente temível o grande número de causas, pois é infinito se colocado nas pessoas; quantos são os homens, tantas, as causas” (*Do Orador*, II, §140).

aos fins práticos da linguagem e, possivelmente, usava e ajustava tais recursos conforme as exigências das situações, por isso, pode-se considerá-lo um inovador, o que se confirma na observação de Rezende (2010, p. 61):

Cícero dedicou muito de seu talento à reflexão sobre fins práticos da linguagem, o que se pode notar sobretudo através de sua proposta para uma nova concepção de oratória. Essa proposta de oratória é também uma contundente reação contra as escolas de retores [...] em seus tratados, não faz um elenco explícito de regras de oratória, nem se propõe a dissertar exclusivamente sobre técnicas dessa arte [...].

Finalizando, Scatolin (2010, p. 60) afirma que “fica implícita a ideia de que o que vemos aqui apresentado está, por assim dizer, um degrau acima dos manuais de retórica”, o que se alcançaria somente com a experiência, como afirma Cícero, na voz de Antônio:

se me trouxerem um homem, por mais erudito, por mais penetrante e agudo em suas reflexões, por mais hábil que seja para discursar, se não estiver a par da tradição de seu estado, dos exemplos, instituições, costumes e aspirações de seus concidadãos, não lhe serão de grande serventia os tópicos de onde se tomam os argumentos. Para mim, há necessidade de um engenho lavrado, como um campo que se ara não uma, mas renovadas e repetidas vezes, para que possa produzir melhores e maiores frutos. O lavar é a prática, a observação, a leitura, a escrita. (*Do Orador*, II, § 131).

Tendo como referência a prática de elaboração de discursos, Cícero propõe, na voz de Antônio, que cabe ao orador tomar primeiramente conhecimento do gênero da causa sobre a qual se pretende discursar e, de início, estabelecer o ponto sobre o qual todo o discurso versará, com o intuito de assegurar-lhe adequação tanto à questão tratada quanto ao julgamento. Em seguida, destaca que é preciso descobrir se o discurso dará vazão ao que pensa o próprio orador ou aquele a quem ele defende e como seria apropriado influenciar os ânimos dos que o ouvirão.

Com isso, o arpinate conclui que “todo o método do discurso está ligado a três elementos para que se atinja a persuasão: provar ser verdadeiro o que defendemos, cativar os ouvintes, provocar em seus ânimos qualquer emoção que a causa exigir” (*Do Orador*, II, § 115). Na verdade, o que se vê é uma referência, por meio de perífrase, aos “meios de persuasão”, *ethos*, *logos* e *pathos*, assim nomeados por Aristóteles. De alguma maneira, o que se tem são os meios de persuasão aristotélicos sem os respectivos nomes, sendo o *logos* um equivalente do “provar ser verdadeiro o que defendemos”, o *ethos* um correlato do “cativar os ouvintes”, e o *pathos* coincidente com “provocar em seus ânimos alguma emoção”.

Sobre o “verdadeiro” e como ele é construído (*logos*), o orador romano diferencia-se tanto de Platão quanto de Aristóteles, quando defende, por exemplo, que, mesmo perante as leis, “não é difícil, para o orador, encontrar alguma autoridade para a parte que defender, **qualquer que seja ela**” (*Do Orador*, I, § 242 – grifo nosso).

Pode-se observar que Cícero não fala em uma verdade absoluta, única, nem, no decorrer de *Do Orador*, refere-se diretamente à utilização de silogismos, entimemas ou quaisquer recursos exclusivamente lógicos; pelo contrário, afirma que “a arte<sup>26</sup> diz respeito ao que é passível de conhecimento exato; ora, toda a atividade do orador limita-se a opiniões, não a um conhecimento exato” (*Do Orador*, II, §30). Com isso, além de se apresentar avesso às teorizações lógicas, exatas, Cícero, na voz de Antônio, mostra-se mais uma vez como um orador em cena, que lida com situações adversas e busca, em suas causas, meios para persuadir que nem sempre podem ser teorizados.

Para Cícero, uma decorrência natural desse posicionamento de diferentes opiniões é, em alguns momentos, ter de lidar com a mentira:

nós muitas vezes defendemos causas contrárias, fazendo que não apenas Crasso, em alguma ocasião, discursasse contra mim ou eu contra ele, sendo que é forçoso que um dos dois esteja mentindo, mas até mesmo que nós dois façamos, sobre a mesma questão, distintas defesas em distintas ocasiões, enquanto a verdade não pode ser mais de uma. (*Do Orador*, II, §30)

Dessa necessidade, vem à tona a principal característica de um orador para Cícero: a eloquência. O cônsul romano defende que a escassez de bons oradores decorre exatamente do saber (ou não) lidar com a eloquência, que não se aprende pela arte, como já se viu neste Capítulo, pois engloba vários elementos, os quais, para Cícero, “dependem das realizações dos homens mais instruídos” (*Do Orador*, I, §5), ou seja, das, experiências práticas que instrumentalizam o orador de tal maneira que, se dependesse somente da teoria, jamais conseguiria a mesma eficiência, a mesma eloquência. Para ele, é a eloquência o que diferencia

---

<sup>26</sup>Scatolin (2010, p. 34), após cuidadosa discussão sobre considerar ou não a prática da retórica como “arte”, ou seja, resultado da teoria ensinada nos manuais, anuncia que, “para Cícero, porém, a questão de a retórica ser ou não uma arte parece ter pouca importância e resumir-se a uma mera controvérsia acerca de palavras”. Ainda destaca que Cícero, na voz de Crasso, diz que, “em primeiro lugar, a natureza e o engenho conferem o maior poder à oratória e que, na verdade, não faltou, a esses escritores de manuais [...] doutrina ou método oratórios, mas talento” (*Do Orador*, I, §113), ou seja, que os manuais não são capazes de ensinar o mais importante, a eloquência, como é apresentado na sequência do texto do arpinate.

um estudioso da arte e uma pessoa expressiva de um orador, como se vê no trecho em que Antônio lamentava:

[...]ter conhecido algumas pessoas articuladas, mas ainda nenhuma eloquente, pois estabelecia que articulado é aquele que é capaz de discursar com argúcia e clareza diante de um público mediano, em conformidade com a opinião comum das pessoas, ao passo que eloquente é aquele capaz de ampliar e ornar de modo absolutamente admirável e grandioso o que deseja [...]. (*Do Orador*, I, §94)

Mesmo quando fala de como o discurso deve ser moldado por um orador, Cícero destaca o quão difícil e desafiador é ser eloquente:

deve-se adquirir o conhecimento de inúmeros assuntos, sem o qual o fluxo de palavras é vazio e risível, e também o próprio discurso deve ser moldado não apenas pela escolha, como também pelo arranjo das palavras, e todas as paixões que a natureza atribuiu ao gênero humano [...] porque todo o poder e toda a teoria oratória devem ser expressos acalmando-se ou incitando-se o pensamento dos ouvintes. É necessário que se somem a isso alguma graça, chistes e uma cultura digna [...]. (*Do Orador*, I, §17)

Segundo o apinarte, são muitas as exigências, que nem sempre são passíveis de serem teorizadas, ensinadas, aprendidas, tanto que Cícero, mais de uma vez, defende que “não foi a eloquência que nasceu da arte, mas a arte, da eloquência” (*Do Orador*, I, §146). Em outras palavras, mesmo que se tente teorizar preceitos para que, seguindo-os, oradores alcancem a eloquência, jamais será possível conquistar, por meio de estudos teóricos, a espontaneidade de quem realmente é eloquente.

A insistência nessa diferença também se manifesta na fala de Crasso e Antônio, encenadas por Cícero. Crasso, por exemplo, defende o conhecimento exaustivo de alguns temas, enquanto Antônio critica essa postura e destaca que é relevante ao orador “empregar palavras agradáveis de se ouvir e ideias adequadas a uma demonstração nas causas forenses e públicas” e ser “dotado de voz, atuação e algum encanto” (*Do Orador*, I, §213). É como se, no diálogo estruturado por Cícero, Crasso e Antônio revisitassem e criticassem a doutrina escolar dos manuais, sendo que este é mais sensato e aquele mais idealista na abordagem.

Essa dualidade persistente na teoria de Cícero, se observada pontualmente, pode soar paradoxal; no entanto, um exame mais abrangente de *Do Orador* faz crer que, na verdade, o que intenta o orador é mostrá-las como complementares. As críticas severas aos manuais e ao que eles ambicionam (ensinar retórica) podem ser entendidas como uma precaução, tendo em vista que o arpinate propõe diferentes estratégias para o fazer retórico. Em outras palavras, o

*logos* depende, de alguma maneira, de estruturas (entimemas, recursos estilísticos, entre outras), sobre as quais se desenvolveram técnicas que podem ser aprendidas; no entanto, elas não seriam, aos olhos do orador, suficientes.

Serve como exemplo o trecho em que são tratadas as partes da retórica (tradicionalmente divulgadas nos manuais como *inventio*, *dispositio*, *elocutio*, *memoria*, *pronuntiatio* ou *actio*), no qual, após a indicação do que fazer, apresenta-se um comentário apontando a obviedade disso, como se vê em:

Em seguida, estabelecem cinco membros, por assim dizer, da eloquência: descobrir o que dizer, dispor o que se descobriu, em seguida orná-lo com palavras, depois confiá-lo à memória, então, por fim, atuar e enunciá-lo, algo nada abstruso. De fato, quem não seria capaz de perceber por si mesmo que ninguém pode discursar se não dominar o que falará, com que palavras e em que ordem, guardando-o na memória? Porém, não critico tal divisão, mas afirmo que ela é evidente [...]. (*Do Orador*, II, §79)

Como já foi visto neste trabalho, Aristóteles demonstra, em sua obra *Retórica* (um manual de como construir argumentos convincentes), alguma preocupação com os elementos que interferem na transmissão da mensagem (inclusive com as emoções – *pathos* – do interlocutor), por outro lado, insiste em que a persuasão só pode ser alcançada a partir da combinação da razão e da emoção, e que ambas são construídas discursivamente (provas ou argumentos). Em outras palavras, ele elege o *logos* como o meio de persuasão mais importante<sup>27</sup>, por isso, se sente capacitado a anunciar **o que** um bom orador deve fazer discursivamente.

Para Cícero, parece não ser assim. Percebe-se a diferença ao observar que o orador nomeia as partes da retórica de “membros da eloquência”, conferindo, ao que antes era um fim em si mesmo, uma função dentro de um conjunto que, se bem articulado, atingirá a eficiência persuasiva. A boa articulação, ou seja, o **como** fazer (entendido como capacidade de identificar, selecionar e combinar os elementos disponíveis para estruturar o discurso) seria o fazer persuasivo propriamente dito. Por isso, dependeria da eloquência, sem a qual, para o orador romano, de nada valeria dominar teoricamente as partes.

Além disso, o orador romano indica que são “três os elementos para a invenção oratória: precisão, em seguida método – que podemos, se assim quisermos, chamar de arte –, em terceiro lugar diligência” (*Do Orador*, II, §147); considerando que a diligência instiga o

---

<sup>27</sup> Considerando a quantidade de recursos dedicados ao *logos* em relação às apresentadas ao *ethos* e *pathos*, em *Retórica*.

engenho (precisão), o orador dá a ela enorme importância, alegando que é à custa desse cuidado que ocorre tudo o mais: do conhecimento da causa à adequação da escolha das palavras.

Essa diligência daria ao orador condições para lidar com os elementos que, necessários a ele, como defende Cícero, na voz de Antônio, são “muitos, grandes e difíceis” (*Do Orador*, II, § 250) e isso é assim porque

[...] a faculdade do discurso não deve ser árida e desadornada, mas distinta e temperada com uma agradável variedade de elementos, seja próprio do bom orador ter ouvido muito, ter visto muito, ter percorrido muito em sua mente e em seu pensamento, muito também em leituras, sem se apoderar de tais elementos como seus, mas provando-os como alheios. (*Do Orador*, I, § 218)

Em meio a tantos elementos listados como importantes, Cícero admite que seria difícil dominá-los todos, por isso, destaca alguns. Por exemplo, sobre a necessidade de o orador estudar as leis para organizar os argumentos e a de cuidar da gesticulação, da postura, da voz, o orador romano diz, na voz de Antônio, que

a voz e o gesto não podem ser obtidos de repente e tomados a qualquer parte; o que há de juridicamente importante em cada causa pode ser tirado mesmo na hora dos peritos ou dos livros. [...] (*Do Orador*, I, § 252)

Como se pode notar, o senador romano preocupa-se com outros componentes persuasivos, alguns deles, como na referência acima, pouco explorados na retórica aristotélica.

Há também algo relevante para se observar quanto ao *ethos* (“cativar os ouvintes”). Como já se viu, para Aristóteles, ele deve ser fruto exclusivamente do discurso. Cícero, na voz de Antônio, faz referência direta ao uso, por parte do orador, de sua reputação prévia, alegando ser mais fácil trabalhar elementos que já existem do que inventar inexistentes, como se vê em:

Porém, como estamos investigando o orador em si, devemos imaginar, em nosso discurso, um orador isento de qualquer vício e pleno de todo mérito. [...] De fato, o orador deve cuidar ao máximo, não apenas para que satisfaça àqueles a quem é preciso satisfazer, mas para que pareça admirável àqueles a quem é permitido julgar livremente [...] (*Do Orador*, I, §118 e §119)

Cruz (2009, p. 53) afirma que, para Cícero, o *ethos* “tem as mesmas características e funções que lhe conferia Aristóteles”; no entanto, Scatolin (2010, p. 122) opina que, “embora a organização das três provas artísticas seja, em termos gerais, a mesma de Aristóteles, o tratamento conferido ao *ethos* por Cícero é substancialmente diverso daquele do Estagirita”. A posição de Scatolin é estribada em Aristóteles (2006, 1356 a, p. 96), que anuncia que

A persuasão é obtida graças ao caráter pessoal do orador, quando o discurso é proferido de tal maneira que nos faz pensar que o orador é digno de crédito. [...] Esse tipo de persuasão, semelhantemente aos outros, deve ser conseguida pelo que é dito pelo orador, e não pelo que as pessoas pensam acerca de seu caráter antes que ele inicie o discurso.

E também, em Cícero, que defende que

Tem muita força, então, para a vitória, que se aprovelem o caráter, os costumes, as ações e a vida dos que defenderão as causas e daqueles em favor de quem as defenderão, e, do mesmo modo, que se desaprovelem os dos adversários, bem como que se conduzam à benevolência os ânimos daqueles perante os quais se discursará, tanto em relação ao orador como em relação ao que é defendido pelo orador. Cativam-se os ânimos pelo prestígio da pessoa, por seus feitos, por sua reputação. Pode-se ornar tais qualidades mais facilmente, contanto que existam, do que forjá-las, se absolutamente não existem. (*Do Orador*, II, §182)

Como se vê, Cícero, na voz de Antônio, atribui também à reputação e à vida pregressa do orador e do réu um poder persuasivo; além disso, prevê uma gama de qualidades que o orador deve aparentar, e que é impossível de ser construída no momento discursivo, ou seja, que deve ser cultivada, e que extrapola o fazer discursivo. É válido também observar que Cícero foi o primeiro a salientar a diferença entre orador e réu<sup>28</sup>.

Até aqui, pôde-se ver que, para Cícero, as atenções estão centradas no caráter emotivo do *ethos* (“cativar os ouvintes”) e do *pathos* (“provocar em seus ânimos alguma emoção”), que ocorrem amalgamados, o que se observa na reflexão apresentada por Meyer (1999, p. 67):

Du point de vue de l’articulation cruciale de toute rhétorique, fondée sur la tripartition *logos*, *ethos*, *pathos*, Cicéron cherche à conserver la liaison aristotélicienne entre le discours, l’orateur e l’auditoire; mais quelque chose de nouveau apparaît dans la thématization cicéronienne, un poids particulier

---

<sup>28</sup>Haverá observações bastante relevantes na análise de *As Catilinárias* a respeito dessa diferença entre orador e réu.

est accordé au *pathos*, sans que cela remette d'ailleurs en cause la prépondérance globale de 't o .

Fato que se confirma quando confrontado a seguinte passagem:

Ligado a este [*ethos*], há aquele método oratório diferente, que , de maneira inteiramente diversa, influencia e impele as mentes dos juízes a que odeiem ou amem, sintam aversão ou queiram ver salvo, temam ou tenham esperança, favoreçam ou abominem, alegrem-se ou entristeçam-se, compadeçam-se ou queiram punir, ou a que sejam induzidos a emoções próximas e vizinhas a essas paixões e outras dessa natureza, se existem. (*Do Orador*, II, §185)

Nesse trecho, Cícero aponta o ódio, o amor, a inveja, o medo, a esperança, a aversão, a alegria, a tristeza, a compaixão e a ira; um pouco mais à frente no texto, cita também a cólera, a misericórdia, o temor e o aborrecimento (*Do Orador*, II, §206). Não há dúvida sobre a importância que o orador romano dava às paixões como instrumento de convencimento, anunciando, inclusive, que

se deve adquirir conhecimento de inúmeros assuntos, sem o qual o fluxo de palavras é vazio e ridículo, e também o próprio discurso deve ser moldado não apenas pela escolha, como também pelo arranjo das palavras, e todas as paixões que a natureza atribui à raça humana devem ser minuciosamente conhecidas, porque todo o poder e toda a teoria oratória devem ser expressos acalmando-se ou incitando-se o pensamento dos ouvintes [...]. (*Do Orador*, I, §17)

No entanto, na obra retórica *Do Orador*, não há sequer um método ou qualquer estratégia que instrua como utilizar eficazmente as paixões<sup>29</sup> e, assim, gozar de seu poder persuasivo; pelo contrário, Cícero sugere a existência de uma intuição, que permitiria “dar velas para o lugar de onde se revela a brisa” (*Do Orador*, II, §187) e assevera que o bom orador

penetra nos ânimos dos homens, de tal forma sonda os sentimentos e as mentes, que não carece das descrições dos filósofos nem indaga, em seu discurso, se o sumo bem reside no ânimo ou no corpo, se se define pela virtude ou pelo prazer, ou se podem ser unidas e associados um ao outro; ou ainda, como pretendem alguns, que não é possível saber nada ao certo, nem entender e compreender claramente qualquer coisa. (*Do Orador*, II, § 222)

---

<sup>29</sup>Aliás, esse comportamento não se restringe ao *pathos*, como destaca Rezende (2010, p. 61): “Cícero, em seus tratados, não faz um elenco explícito de regras de oratória, nem se propõe a dissertar exclusivamente sobre técnicas dessa arte, mas preocupa-se fundamentalmente com a formação intelectual e moral do orador”.

Essa sensibilidade, quase tátil, das emoções foi belamente tratada por Guimarães Rosa, em *Campo Geral*, na voz de Dito, que diz:

“– Os outros têm uma espécie de cachorro farejador, dentro de cada um, eles mesmos não sabem. Isso feito um cachorro, que eles têm dentro deles, é que fareja, todo o tempo, se a gente por dentro da gente está mole, está sujo ou está ruim, ou errado... As pessoas, mesmas, não sabem. Mas, então, elas ficam assim com uma precisão de judiar da gente...” (ROSA, 2011, p. 132)

É como, se para Cícero, o bom orador tivesse em si um *cão farejador*, capaz de lidar com as emoções dos interlocutores e administrá-las, sem forjá-las, o que resultaria negativo, visto que ninguém será capaz de irar-se contra algo ou alguém se o orador parecer tolerá-lo. Perelman & Tyteca (1996, p. 23) destacam: “Cícero demonstra que convém falar de modo diferente à espécie de homens ‘ignorante e grosseira, que sempre prefere o útil ao honesto’ e à ‘outra, esclarecida e culta, que põe a dignidade moral acima de tudo’”. Em outras palavras, é preciso distinguir a audiência e perceber (sentir) o interlocutor para, com essa consciência, construir o discurso.

Enquanto Aristóteles descreve 13 (treze) paixões e esmiúça como lidar com elas discursivamente, Cícero estrutura todo seu fazer persuasivo sobre elas, mas não se esforça para descrevê-las, teorizá-las ou antecipar quaisquer reações em relação a possíveis interlocutores. Pelo contrário, ele explicita que o lidar com as paixões é o que determina o bom orador; todavia, como foi visto, há o que não se pode ensinar, tanto que declara:

eu vou formar para você um orador, se possível, depois de observar o que é capaz de fazer. Que ele tenha, assim, uma tintura em letras, tenha tomado algumas lições, lido, aprendido esses mencionados preceitos. Sondarei o que lhe convém, o que é capaz de fazer com a voz, com suas forças, com seu fôlego, com sua articulação. Se notar que tem capacidade para ficar entre os maiores, não apenas o exortarei a trabalhar nesse sentido, mas também lhe implorarei, caso me pareça tratar-se de um homem de bem, tão grande é a distinção para toda a cidade que afirmo haver num orador que é excelente e, ao mesmo tempo, um homem de bem. Mas se me parecer que, apesar de todos os seus maiores esforços, ele figurará entre os oradores medianos, eu o deixarei fazer o que quiser, sem lhe causar maiores aborrecimentos. Mas caso se revele completamente incapaz e inepto, eu o aconselharei a que não vá adiante ou que passe a outra atividade. (*Do Orador*, II, §85)

Se não houver paixão e intuição no orador, ele jamais será capaz de apaixonar o interlocutor. Para Cícero, aí está a eloquência, que nenhum manual ou orador experiente será

capaz de ensinar; então, os aspirantes aos conhecimentos retóricos, sem os pré-requisitos indicados, não deveriam ser iludidos.

É preciso destacar também que há, em um trecho do *Do Orador*, uma discussão sobre a pertinência do humor, alertando para a dificuldade de contextualizar os fatos que produzem tal efeito e, assim, tirar real proveito desse recurso.

Por fim, é preciso falar um pouco sobre o ritmo. Se Aristóteles já alertava para a importância de o texto em prosa ter ritmo<sup>30</sup>, Cícero aprofunda, ao menos teoricamente<sup>31</sup>, tal assunto. Este aproxima o orador do poeta e sugere que a colocação e o arranjo das palavras sejam realizados de acordo com um ritmo e uma cadência próprios da oratória (*Do Orador*, I, §151). No Livro III, de *Do Orador*, há várias referências ao que se pode fazer pelo ritmo no discurso do orador - trata-se da prosa rítmica ou prosa artística, que é o nome dado ao discurso cujos finais de período são construídos para produzir determinados efeitos rítmicos, os quais resultam de “cadências métricas” que fecham o período. Há, inclusive, indicações de que Quintiliano e Tácito criticaram elegantemente Cícero pelo modo como terminava os períodos, Stroh (2010, p. 323) destaca dois pontos:

1. Cicéron est ampoulé (inflatus, tumidus), il fait dans la démesure (redudans, superfluens), il a tendance à se répéter inutilement (in repetitionibus nimius).
2. Cicéron manque de force dans la structure de son propos (in compositione fractus), il est mou, il y a du laisser-aller (solutus, enervis, elumbis), c'est un tendre, il manquerait presque de virilité (paene viro mollior).

#### E explica

Le premier point concerne différences manifestations de la richesse de l'expression. Dans la second point, il s'agit avant tout de la construction des périodes. Cicéron aime les périodes qui se déchargent en propositions avec des parties croissantes e qui se terminent régulièrement sur un petit nombre de rythmes (particulièrement ditrochées et crétiques). (STROH, 2010, p. 323)

Sobre a prosa rítmica, Jesus (2008, p. 34) diz

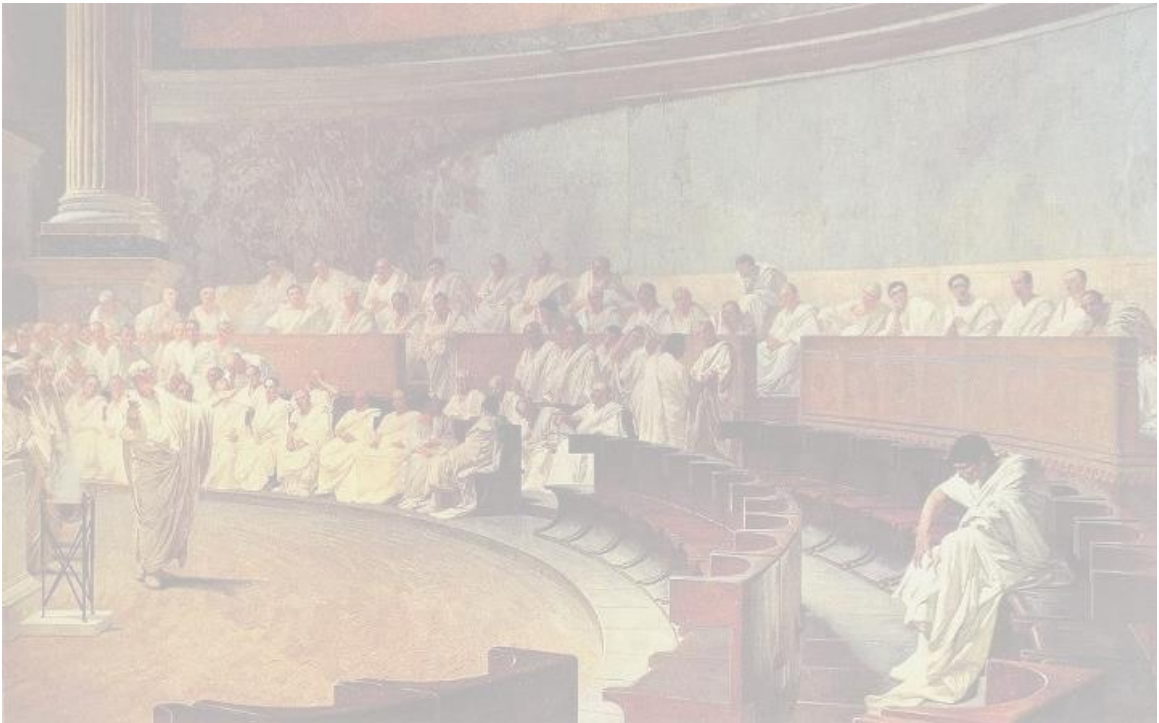
---

<sup>30</sup>Como se viu, neste Capítulo, pp. 24 - 25.

<sup>31</sup>Por enquanto, não se conseguiram referências de estudos capazes de provar o uso prático de tal recurso. Vale destacar que essa dificuldade decorre do desconhecimento real da prática da oratória clássica e, até mesmo, da pronúncia do latim. Este trabalho não se propõe a verificar tais recursos, sobre os quais Carlos Renato Rosário de Jesus, Doutorando na Unicamp, tem-se debruçado.

Trata-se de um dos mecanismos de que se utilizaram os autores da Antiguidade para exercer a arte do convencimento. Com isso, dispondo o período, as palavras e os grupos de sílabas em tal ordem que pudessem despertar aprazimento no ouvinte, o orador poderia flexibilizar o discurso para que o auditório, mais do que ser levado ao convencimento, fosse arrebatado pela comoção e pela satisfação do *pathos*.

Para viabilizar a análise a que se propõe este trabalho, é preciso eleger quais elementos teóricos poderiam ser observados no discurso prático do orador. Optou-se por observar como o cônsul utiliza e articula o provar ser verdadeiro o que defendemos, cativar os ouvintes, provocar em seus ânimos qualquer emoção que a causa exigir, ou seja, o *logos*, o *ethos* e o *pathos*. Como ocorrem poucas explicações, em *Do Orador*, sobre **o que se** deve fazer discursivamente para se construírem esses meios persuasivos, haverá necessidade de fazer referências à teoria aristotélica. Por outro lado, elementos estudados em *Do Orador* permitirão observar, na prática, **como** se deve lançar mão desses recursos.



(Mural de Cesare Maccari, representando o primeiro discurso de Cícero contra Catilina)

## Capítulo 2

### Cícero em cena

## 2 Cícero em cena

Cícero foi eternizado pela sua habilidade retórica. Há quem defenda que ele, à moda dos sofistas, fora apenas um manipulador astuto; no entanto, ao se ter maior contato com sua obra, reconhece-se que ele foi um hábil orador, capaz de articular, sob influência aristotélica, *ethos*, *logos* e *pathos* em diferentes intensidades conforme a ocasião e a necessidade. Como se viu, o Cícero teórico defendia que o bom orador era aquele capaz de lidar com, entre outros recursos, as paixões – o maior desafio, por ser algo intuitivo e nada fácil de ser aprendido/desenvolvido. O que se pretende agora é averiguar como as paixões, o *pathos*, eram trabalhadas por Cícero, na prática, para a construção de “verdades” convincentes. A premissa é, em outras palavras, a de que, se, na teoria, ele dá ênfase às paixões, na prática isso também deve ocorrer

Dentre os muitos discursos deixados pelo orador romano, optou-se por constituir o *cópus* deste trabalho com *As Catilinárias*<sup>1</sup>, porque, com essa escolha, tem-se assegurado um *cópus* com qualidade argumentativa e com valor literário e histórico constatado e reconhecido. Acerca do valor literário dos discursos de Cícero (1969, p. 295), há, na introdução publicada pela respeitada editora Gredos, referência a Laurand (1925, p. 634), que incisivamente diz:

Es un estilo clásico por excelência, natural y verdadero...Es de grandísima corrección y hasta de um gran purismo. Pero, sobre todo, es musical, armonioso como ningún outro en la prosa latina.

Quanto à qualidade argumentativa, estudos, como, por exemplo, os de Cardoso (2003, p. 157), atestam as primorosas estruturas desenvolvidas por Cícero:

As Catilinárias nos oferecem, a todo momento, exemplos dos inúmeros recursos utilizados pelo orador: há frases interrogativas (“Até quando, Catilina, abusarás de nossa paciência? Até quando tua loucura nos iludirá?” [...]); há frases exclamativas (“Ó tempos! ó costumes!”), repetições anafóricas (“Nada fazes, nada arquitetadas, nada pensas que eu não veja e não sintas”) e preterições (“Não vou falar da hipoteca de teus bens”), além de elementos ornamentais em profusão. No manejo dos períodos, Cícero

---

<sup>1</sup> Segundo Bornecque (1074, p. IX), os discursos oratórios chegaram até nós em forma de manuscritos (registram datas entre os séculos IX e XII), no entanto, não é possível acessá-los. As versões produzidas a partir deles tentam ser bastante fiéis, e mantêm, inclusive, a numeração que acompanha os textos e os separa em partes. Essa indicação permite identificar, por exemplo, uma mesma parte em traduções nas mais diversas línguas. Além disso, é importante destacar que os manuscritos não apresentam quaisquer sinais de pontuação, como era o hábito da escrita em latim, e o texto era produzido após ser proferido pelo orador, em outras palavras, tem-se acesso, provavelmente, a um discurso bem acabado e bem sucedido.

demonstra como domina a língua. As frases se harmonizam e o ritmo compõe uma espécie de música: rápido nas invectivas e nos momentos patéticos, lento e majestoso nos exórdios e nas exposições.

E Stroh (2010, p. 282) também elogia esses discursos dizendo que “ce discours est donc bien un chef-d’oeuvre de rhétorique courageuse e audacieuse”.

Além disso, será possível, ao final deste estudo, comparar os recursos acionados para diferentes interlocutores, tendo em vista que a Primeira e a Quarta Catilinária são direcionadas aos homens que compõem o Senado; já a Segunda e a Terceira são produzidas para o povo.

Nessa perspectiva, o que se percebe é um texto capaz de oferecer elementos significativos, para que seja possível analisar a utilização de recursos retóricos no processo de convencimento. São chamados de discursos consulares, visto que foram produzidos enquanto Cícero já respondia como cônsul e, principalmente, porque ele editou um *cópus* de textos a que denominou consulares (em imitação a Demóstenes); além disso, são textos com caráter eminentemente político<sup>2</sup>. Ademais, merece destaque o caráter estético do ponto de vista do apurado recurso à retórica.

Apresentar-se-á, primeiramente, uma tradução inédita para o português, de José Dejalma Dezotti, que serviu como base para o desenvolvimento de todo este trabalho. A essa tradução foram acrescentadas notas, produzidas para esta tese, com o intuito de contextualizar referências sociais, políticas e culturais distantes do leitor atual e, assim, permitir uma aproximação dos discursos de Cícero, datados de 63 a.C. Para isso, compendiou-se o material anotado, constante nas edições da tradução de Francisco Campos Rodriguez, para o espanhol, publicada pela editora Gredos; a de Crescente Lópes de Juan, para o espanhol, publicada pela Alianza Editorial, e a de Édouard Bailly, para o francês, publicada pela Les Belles Lettres. Pereira (2002), Funari (2011) e Grimal (2011) atuaram como auxílio indispensável para a compreensão de situações que envolviam valores culturais da época.

Para a organização das notas, como o objetivo era permitir uma leitura mais contextualizada e, conseqüentemente, mais clara, cada discurso foi tratado isoladamente. Com isso, quando há uma referência em um discurso que já fora explicada em outro, a nota é repetida, evitando-se, assim, desconfortos para o leitor.

Além disso, para cada *Catilinária* foi produzida uma breve introdução, da qual constam data, local, público ao qual ele foi destinado, um breve resumo de conteúdo e as partes que compõem o discurso.

---

<sup>2</sup>Vide Cirillo, 1987, p. 42.

Sobre as partes do discurso retórico, utilizou-se, aqui, como fonte teórica, a *Retórica* de Aristóteles (2006, 1414 b, p. 278), que ensina que “as partes necessárias são, pois, a exposição e as provas. Estas são, então, as sessões apropriadas; no máximo, digamos, próêmio, exposição, provas e epílogo”.

O *proêmio* ou *exórdio* é o início do discurso, que põe em evidência sua finalidade: “Levam a uma boa compreensão e a apresentar o orador como um homem respeitável” (ARISTÓTELES, 2006, 1415 b, p. 282). A *exposição* ou *narração* permite percorrer os fatos que serão tratados no discurso e, por isso, segundo Aristóteles (2006, p. 287), tal tarefa exige bom senso, não pode ter nem grandes dimensões, nem ser rápida e concisa a ponto de negligenciar acontecimentos relevantes. As *provas* são os argumentos que efetivamente defenderão o propósito do discurso. Aristóteles (2006, 1418 a, pp. 290 – 292) não só elenca estruturas argumentativas possíveis (dentre elas, exemplificação, entimemas) mas também destaca a importância de demonstrar argumentos se houver condição para isso. Por fim, há o *epílogo*, a *conclusão*, em que o orador se revela como o homem de bem que prova a perversidade do adversário; além disso, pode-se fazer ampliação e minimização do que foi apresentado, assim como dispor o ouvinte a comportamentos emocionais como compaixão, indignação, ira, inveja, rivalidade, sentimento de discórdia (ARISTÓTELES, 2006, 1419 b, p. 296). Por fim, essa parte ainda permite uma recapitulação dos pontos principais, o que auxilia o interlocutor.

À tradução, seguem-se as análises das duas *Catilinárias* escolhidas para o desenvolvimento deste trabalho. A primeira análise é uma leitura de Cícero orador pelo Cícero teórico, ou seja, *As Catilinárias* foram analisadas tendo como referência teórica os preceitos contidos em *Do Orador*. Com isso, pretende-se identificar *se* e *como* Cícero lança mão, na prática, dos recursos retóricos que indica no tratado teórico estudado. Por fim, será feita outra análise dos dois discursos, agora com os instrumentos disponibilizados pela semiótica tensiva; com isso, intenta-se buscar outros esclarecimentos acerca da utilização das paixões no fazer persuasivo de Cícero.

## 2.1 *As Catilinárias*: contexto

### 2.1.1 Sobre a sociedade romana e a forma de governar

De 753 a 509 a.C., Roma foi uma Monarquia e, nesse período, foi regida por sete reis (ADKINS e ADKINS, 2004, p. 159). Em 509 é fundada a República, período em que cidadãos do sexo masculino passam a votar e, assim, indicam seus representantes no governo

e opinam acerca da legislação romana. Em 27 a.C., a República torna-se Império (ADKINS e ADKINS, 2004, p. 228).

Para o estudo que se propõe, é importante compreender como a República era organizada. Destaca-se, primeiramente, que, na sociedade romana, havia hierarquia e, em princípio, pouca mobilidade social. Os *patrícios* eram os nobres, chefes das famílias poderosas, os proprietários de terra. Eles assumiam os principais cargos políticos e governavam em benefício próprio. Os chamados *clientes* eram servidores e protegidos dos nobres. Enfim, a maioria do povo nomeava-se *plebe*. Tanto os *clientes* quanto os *plebeus* não gozavam de direitos plenos.<sup>3</sup>

Em seguida, observa-se que é nesse período que são criadas as magistraturas, que eram cargos anuais com mais de um representante. Os *cônsules* eram os dois principais magistrados. Havia o *Senado*, em princípio, um conselho de idosos, o qual já existia e ganhou maior importância com o regime republicano; os *questores*, tesoureiros; os *edis*, responsáveis pelos edifícios, esgotos, ruas, tráfego e abastecimento; os pretores, encarregados da justiça; os *censores*, revisores da lista de senadores e controladores de contratos, e o *pontífice máximo*, chefe dos sacerdotes.

A República sofre, aos poucos, mudanças. Dentre elas merece destaque a a criação de uma nova categoria, a dos “homens novos”, a qual pertencia Cícero, formada por *plebeus* que enriqueceram atuando como comerciantes<sup>4</sup>. Adkins e Adkins (2004, p. 786) mostram que o povo, somente em 5 a.C. e 4 a.C, consegue assegurar alguns direitos políticos.

Como foi citado brevemente, os homens que eram cidadãos romanos se reuniam em assembleias e escolhiam os *tribunos da plebe*, magistrados que tinham direito a veto sobre as decisões do Senado e dos doutos magistrados (FUNARI, 2011, p. 85 e ADKINS e ADKINS, 2004, pp. 806 - 889). É nesse cenário, em que Cícero fora eleito cônsul (como já se viu, o principal magistrado na organização da República romana), que foram produzidas *As Catilinárias*, textos que se propõe analisar neste trabalho.

### 2.1.2 Um recorte do cenário histórico

*As Catilinárias* são discursos produzidos por Cícero, em 63 a.C., momento em que acabara de ser eleito cônsul na República romana. Dirigem-se ao Senado<sup>5</sup> (a primeira e a

---

<sup>3</sup> Funari (2011, pp. 82 – 85) e Adkins e Adkins (2004, p. 775 e p. 780).

<sup>4</sup> Adkins e Adkins (2004, p. 835).

<sup>5</sup> Segundo Adkins e Adkins (2004, p. 819), o Senado era um grupo de conselheiros (não eleitos), que, em princípio era formado por poucos e somente patrícios; no entanto, atingiu o número de 600 integrantes em 80 a.C e, com Júlio César, o grupo contava com 900 colaboradores. Esses homens

quarta *Catilinária*) e ao povo (a segunda e a terceira *Catilinária*). A eficiência discursiva condena Catilina, acusado de conjuração, que morre lutando, resistindo para não ser preso e executado<sup>6</sup>.

A eleição, que tornou Cícero cônsul, também influencia diretamente a vida de Catilina, o qual, já decadente, arruína-se de vez com a perda da disputa. Aliás, pelo cenário apresentado por Juan (2009, p. 17), a vitória seria a única solução para o infortúnio de Catilina; por outro lado, o fracasso, o que de fato ocorreu, levaria à total ruína de sua existência, fato que foi efetivamente usado como prova nas construções discursivas que o acusaram de conspirador contra a República<sup>7</sup>.

Esse argumento era fortalecido pelo percurso da vida de Catilina, que nasceu aristocrata, portanto conhecia a classe dominante, tendo por isso desempenhado papéis importantes no Senado romano (em 77 a.C., foi questor e, em 68 a.C., foi pretor); portanto, foi um homem influente. Sucessivos fracassos o arruinaram, inclusive financeiramente, o que o levou também a se relacionar com a plebe e, de alguma maneira, a exercer influência sobre essas pessoas (que eram em maior número e entre as quais havia maior potencialidade de descontentamento). Em outras palavras, Catilina tinha credibilidade com o povo e também transitava entre senadores descontentes com o andamento da República romana; representava, portanto, por ser influente nesses diferentes meios, um grande risco aos que exerciam o poder. Lúcio Catilina foi acusado de conspirar contra o Senado, de intentar dissolvê-lo e, assim, tomar o poder de Roma. No discurso em que Cícero estrutura essa acusação, o cônsul também o convida a deixar Roma e, posteriormente, com o julgamento, há a sentença que condena Catilina e outros conjurados à morte<sup>8</sup>.

Sobre isso, é válido destacar o que diz Grimal (2002, p. 154):

La conjuration de Catilina ne fut pas un grand mouvement politique ni social, comme avaient pu l'être le soulèvement de Spartacus et la guerre servile. C'était simplement une tentative menée par quelques hommes mécontents de leur propre sort, aigris, ruinés, pour s'emparer des

---

deviam aconselhar os magistrados eleitos para governar Roma. O *senatus populusque Romanus* (SPQR) era uma fórmula que indicava que o poder constituído era formado pelo Senado e pelo povo de Roma (ADKINS e ADKINS, 2004, p. 815).

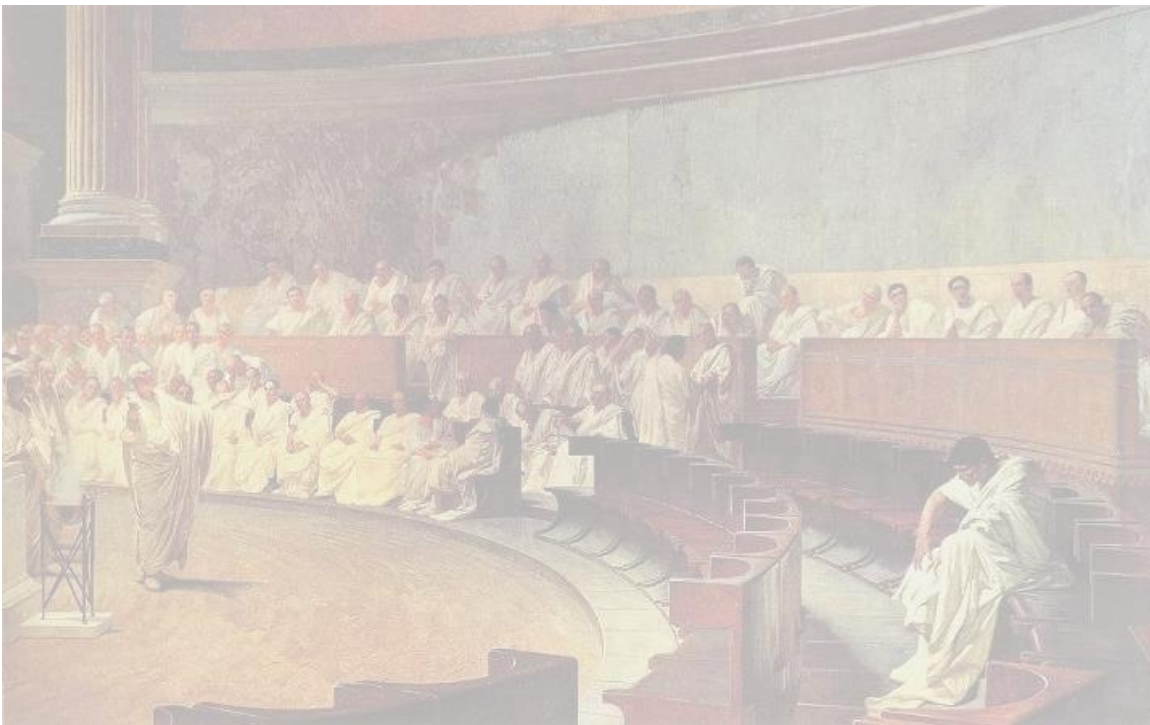
<sup>6</sup> Vide Juan (2009, pp. 26 - 27).

<sup>7</sup> Tanto na primeira quanto na segunda *Catilinária*, o orador menciona as sucessivas derrotas de Catilina nas eleições para cônsul como indício de seu inadequado comportamento. Além disso, o arpinate faz pensar, pelos discursos, que tamanha desaprovação explicaria as atitudes do acusado contra a República, o que se verá mais detalhadamente nos próximos capítulos deste estudo.

<sup>8</sup> Bornecque (1974, pp. II - VII) e Juan (2009, pp. 12 - 14).

magistratures et continuer à leur profit les abus dont ils souffraient eux-mêmes.

Percebe-se, com isso, que a Conjuração, ou seja, o mote para a construção discursiva de Cícero, pode não ter passado de uma tentativa de tomada de poder, ou, até mesmo, de uma hipótese. Além disso, não se constatam, nesse “possível” movimento contra a República, intenções realmente políticas ou sociais deliberadas ou colocadas como primeiro plano, em função de uma ideologia que sustentasse um ideal centrado na subversão do poder, em busca de assegurar o direito do povo.



(Mural de Cesare Maccari, representando o primeiro discurso de Cícero contra Catilina)

## *As Catilinárias*

**tradução de José Dejalma Dezotti  
notas de Fernanda Elias Zucarelli<sup>1</sup>**

---

<sup>1</sup> Os esclarecimentos trazidos nas notas resultam de pesquisas em Cícero (1969), Cicerón (2009), Cicéron (1974), Pereira (2002), Funari (2011) e Grimal (2000). Para facilitar a organização das referências, adotou-se o código CA para Cicerón (2009), CBL para Cicéron (1974) e CG para Cícero (1969), nos quais a letra C remete a Cícero, o autor dos discursos sob análise, e as outras letras fazem referência às editoras, ou seja, Alianza, Les Belles Lettres e Gredos, respectivamente. As outras obras consultadas, para a organização das notas, serão citadas respeitando as normas da ABNT.

### 2.2.1 Primeira *Catilinária*

O pronunciamento da Primeira *Catilinária* ocorreu em 8 de novembro de 63 a.C., diante dos homens que compunham o Senado romano (anciãos e magistrados), no Templo de Júpiter Estátor.

Primeiramente, Cícero, na posição de cônsul, evoca o apoio do Senado e do povo para que seja possível punir Catilina. A fim de fundamentar seu pedido de apoio, relata os planos de conjuração e os crimes da vida particular desse traidor da República, que, segundo anuncia o cônsul, contava, inclusive, com o apoio de alguns senadores para tomar o governo romano. Em seguida, com a intenção de que os romanos se libertassem do medo não só de uma provável conspiração, mas também da presença de Catilina, sugere que o acusado saia de Roma por iniciativa própria, para evitar, assim, consequências piores.

Nessa *Catilinária*, há a inesperada chegada de Catilina ao Senado romano.

Estrutura do discurso<sup>1</sup>:

1) Exórdio (1 – 6)<sup>2</sup>

- a) acusação violenta dos crimes planejados por Catilina;
- b) exemplos de cidadãos que, menos culpados, foram devidamente punidos;
- c) destaque para os cuidados já tomados pelo orador.

2) Narração (6 – 8)

- a) exposição da colaboração de Mânlio;
- b) demonstração de ciência das reuniões na casa de Marco Pórcio Leca e das decisões tomadas.

3) Argumentação (9 – 31)

- a) justificativa das razões de Catilina dever deixar a cidade;
- b) justificativa da conduta de Cícero e defesa de sua tática perante a situação que, para ele, exige decisões urgentes.

4) Epílogo (32 – 33)

---

<sup>1</sup> Organizada a partir de CA, p. 41; CBL, p. 3 e CG, p. 300.

<sup>2</sup> Os números indicados entre parênteses indicam as partes em que se encontra dividido o discurso sob análise. Essa numeração será utilizada como referência durante todo o trabalho, pois facilita a localização das informações citadas. Sobre a numeração, ver p. 46, deste capítulo.

- a) demonstraco do desejo de que os cidadãos que compactuam com Catilina deixem a cidade com ele;
- b) invocaco de Júpiter Estátor.

Cicero, <i>In Catilinam</i> , I	Cícero, <i>Contra Catilina</i> , I
1 Quo usque tandem abutere, Catilina, patientia nostra?	1 Até quando afinal abusarás, Catilina, de nossa paciência?
Quam diu etiam furor iste tuus nos eludet?	Por quanto tempo ainda essa tua loucura zombará de nós?
Quem ad finem sese effrenata iactabit audacia?	Até que ponto a tua desenfreada audácia se gabará?
Nihilne te nocturnum praesidium Palati, nihil urbis uigiliae, nihil timor populi, nihil concursus bonorum omnium, nihil hic munitissimus habendi senatus locus, nihil horum ora uoltusque mouerunt?	Em nada a guarda noturna do Palatino <sup>1</sup> , em nada as rondas da cidade, em nada o temor do povo, em nada a afluência de todos os cidadãos de bem, em nada este fortificadíssimo local de o senado se reunir <sup>2</sup> , em nada as bocas e os rostos destes te abalaram?
Patere tua consilia non sentis?	Não percebes que teus planos estão manifestos?
Constrictam iam horum omnium scientia teneri coniurationem tuam non uides?	Não vês que a tua reprimida conjuração já é retida pelo conhecimento de todos estes?
Quid proxima, quid superiore nocte egeris, ubi fueris, quos conuocaueris, quid consilii ceperis, quem nostrum ignorare arbitraris?	O que fizeste na noite passada, o que fizeste na noite anterior, onde estiveste, quem convocaste, que decisão tomaste, julgas que alguém de nós ignora?
2 O tempora, o mores! Senatus haec intellegit. Consul uidet; hic tamen uiuit.	2 Ó tempos, ó costumes! O senado tem ciência dessas coisas. O cônsul as vê; este homem, contudo, vive.
Viuit? Immo uero etiam in senatum uenit, fit publici consilii particeps, notat et designat oculis ad caedem unum quemque nostrum.	Vive? Mas não, ainda vem ao senado, torna-se partícipe do conselho público, assinala e designa com olhos para a morte cada um de nós.
Nos autem fortes uiri satis facere rei publicae uidemur, si istius furorem ac tela uitemus.	Já nós, homens corajosos, parecemos satisfazer à república, se evitamos a loucura e as armas dele.
Ad mortem te, Catilina, duci iussu consulis iam pridem oportebat, in te conferri pestem, quam tu in nos omnes	Já há muito convinha que tu, Catilina, por ordem do cônsul <sup>3</sup> , fosses conduzido para a morte, que contra ti fosse aplicada essa

<sup>1</sup>A Colina do Palatino era uma área na região central da cidade, lugar onde ficavam os palácios imperiais e também onde as tropas se organizavam nos dias de agitação popular, por isso era constantemente protegida por uma guarda. No imaginário popular, era o lugar em que Roma fora fundada, por isso, para os romanos, era um lugar sagrado. (CG, p. 301; GRIMAL, 2000, p. 261)

<sup>2</sup>Referência ao Templo de “Júpiter Estátor”. Esse não era o lugar destinado às sessões do Senado, o qual se reunia comumente na Cúria, mas também podia se reunir em qualquer lugar sagrado, por exemplo, em um templo. Cícero escolhe o Templo de “Júpiter Estátor”, um edifício consagrado tanto pelos harúspices quanto pelo povo, situado próximo ao monte Palatino. (CA, p. 43; CBL, p. 5; CG, p. 301; GRIMAL, 2000, p. 261)

<sup>3</sup>A referência ao “cônsul”, na verdade, intenta destacar os poderes investidos nessa função; trata-se do magistrado supremo na República romana. Cícero tornou-se cônsul em 63 a.C., ano em que redigiu *As Catilinárias*. (CBL, p. 6; CG, p. 302)

iam diu machinaris.	desgraça que há muito tu maquinas contra todos nós.
3 An uero uir amplissimus, P. Scipio, pontifex maximus, Ti. Gracchum mediocriter labefactantem statum rei publicae priuatus interfecit, Catilinam orbem terrae caede atque incendiis uastare cupientem nos consules perferemus?	3 Se, na verdade, Públio Cipião, homem grandiosíssimo, pontífice máximo, matou, como particular, Tibério Graco, que abalava levemente a estabilidade da república <sup>4</sup> , nós, cônsules, suportaremos Catilina, que deseja devastar, com morticínio e incêndios, o orbe da terra?
Nam illa nimis antiqua praetereo, quod C. Seruilius Ahala Sp. Maelium nouis rebus studentem manu sua occidit.	Com efeito, deixo de lado aqueles exemplos demasiado antigos, como o fato de Caio Servílio Ahala ter matado Espúrio Mélio <sup>5</sup> , que se dedicava a coisas novas.
Fuit, fuit ista quondam in hac re publica uirtus, ut uiri fortes acrioribus suppliciis ciuem perniciosum quam acerbissimum hostem coercerent.	Houve, houve outrora, nesta república, essa virtude, em que homens corajosos puniam com suplícios mais terríveis o cidadão pernicioso do que o mais cruel inimigo.
Habemus senatus consultum in te, Catilina, uehemens et graue; non deest rei publicae consilium neque auctoritas huius ordinis; nos, nos, dico aperte, consules desumus.	Temos um decreto do senado contra ti, Catilina, veemente e grave; não falta à república nem conselho nem a autoridade deste congresso; nós, nós, digo abertamente, nós, os cônsules, é que faltamos.
4 Decreuit quondam senatus ut L. Opimius consul uideret ne quid res publica detrimenti caperet; nox nulla intercessit: interfectus est propter quasdam seditio num suspiciones C. Gracchus, clarissimo patre, auo, maioribus; occisus est cum liberis M. Fuluius consularis.	4 Decretou outrora o senado que o cônsul Lúcio Opímio cuidasse para que a república não sofresse nenhum dano; nenhuma noite se interpôs: foi morto, por causa de certas suspeitas de rebelião, Caio Graco <sup>6</sup> , de ilustríssimo pai, avô, antepassados <sup>7</sup> ; foi morto com seus filhos o ex-cônsul Marco Fúlvio.

<sup>4</sup>Tibério Graco foi assassinado sem mandato público, ou seja, sem o devido julgamento. O desprezo das leis se justificaria pela urgência em evitar a lei agrária defendida por Tibério Graco (irmão de Caio Graco), que foi considerada uma ameaça à República romana. Públio Conélio Cipião Emiliano, general e político romano, neto por adoção de Cipião Africano, não estava em Roma quando o assassinato ocorreu (133 a.C.), mas assumiu a execução e defendeu-a como necessária para a proteção da República. (CA, p. 45; CG, p. 302)

<sup>5</sup>Espúrio Mélio foi um rico cavaleiro romano (procedia da plebe) que defendia ideias revolucionárias e propôs, por exemplo, vender trigo a preços baixos (em tempos de fome). Ahala, mestre da cavalaria do ditador Cincinato, foi enviado para exigir explicações; no entanto, perante a recusa do “revolucionário”, mata-o em 440 a.C.. (CBL, p. 6; CG, p. 303)

<sup>6</sup>Lúcio Opímio foi cônsul em 121 a.C. e arquitetou a morte de Caio Graco, que havia se revoltado com as reformas democráticas impostas por Tibério, irmão de Lúcio. O movimento revolucionário liderado por Graco terminou não só com a sua própria morte mas também com a de 3000 seguidores e a de Marco Fúlvio (ex-cônsul defensor do direito para todos os romanos) com seus filhos. (CA, p. 46; CBL, p. 7; CG, p. 303)

<sup>7</sup>Os irmãos Graco, Caio e Tibério ficaram conhecidos por suas reivindicações populares. Eram

Simili senatus consulto C. Mario et L. Valerio consulibus est permissa res publica.	Por semelhante decreto do senado, aos cônsules Caio Mário e Lúcio Valério <sup>8</sup> foi confiada a república.
Num unum diem postea L. Saturninum tribunum plebis et C. Seruilium praetorem mors ac rei publicae poena remorata est?	Por acaso, a morte e a punição da república demorou um só dia a mais para o tribuno da plebe Lúcio Saturnino e para o pretor Caio Servílio <sup>9</sup> ?
At uero nos uicesimum iam diem patimur hebeschere aciem horum auctoritatis.	Mas nós, já é o vigésimo dia <sup>10</sup> que toleramos que o fio da espada da autoridade destes esteja embotado.
Habemus enim huiusce modi senatus consultum, uerum inclusum in tabulis tamquam in uagina reconditum.	Temos, pois, um decreto do senado desse tipo, mas encerrado nas tabuinhas <sup>11</sup> tal qual uma espada escondida na bainha.
Quo ex senatus consulto confestim te interfectum esse, Catilina, conuenit.	Por esse decreto do senado, convinha que tu, Catilina, fosses morto imediatamente.
Viuis, et uiuis non ad deponendam, sed ad confirmandam audaciam.	Vives, e vives não para abandonar, mas para confirmar a tua audácia.
Cupio, patres conscripti, me esse clementem, cupio in tantis rei publicae periculis me non dissolutum uideri, sed iam me ipse inertiae nequitiaeque condemno.	Desejo, senadores, ser clemente, desejo, em tão grandes perigos para a república, não parecer covarde, mas eu próprio já me condeno de inércia e fraqueza.
5 Castra sunt in Italia contra populum Romanum in Etruriae faucibus conlocata; crescit in dies singulos hostium numerus; eorum autem castrorum imperatorem ducemque hostium intra moenia atque adeo in senatu uidemus intestinam aliquam cotidie perniciem rei publicae molientem.	5 Há um acampamento na Itália, colocado nas gargantas da Etrúria <sup>12</sup> contra o povo romano; cresce a cada dia o número dos inimigos; porém, o general desse acampamento e chefe dos inimigos, nós o vemos dentro dos nossos muros e até mesmo no senado, tramando diariamente alguma desgraça interna para a república.
Si te iam, Catilina, comprehendi, si interfici iussero, credo, erit uerendum mihi, ne non potius hoc omnes boni serius a me quam quisquam crudelius factum esse dicat.	Se eu ordenar que tu sejas preso já, Catilina, que tu sejas morto, creio, deverei ter mais receio de que todos os bons cidadãos digam que isso foi feito muito tarde por mim do que que alguém diga isso foi feito muito cruelmente.
Verum ego hoc, quod iam pridem factum	Mas isso, o que já convinha ter sido feito

filhos de Tibério Semprônio Graco, que foi cônsul, censor e destacado homem das armas. Tibério fora casado com Cornélia, filha de Públio Cornélio Cipião Africano, homem de grande importância para Roma, foi general na Segunda Guerra Púnica. (CBL, p. 7; CG, p. 303 e p. 382)

<sup>8</sup> Caio Mário e Lúcio Valério foram cônsules em 100 a.C.. (CA, p. 46; CG, p. 303)

<sup>9</sup> Ambos destacaram-se na política (dita) popular e foram assassinados, em 10 de dezembro de 100 a.C., em pleno Campo de Marte. (CA, p. 46; CBL, p. 7)

<sup>10</sup> De fato, 18 dias, a partir de 21 de outubro de 63 a.C.. (CA, p. 46; CBL, p. 7; CG, p. 304)

<sup>11</sup> A escrita provisória e rápida era feita em tabuinhas cobertas com certa de abelha, sobre a qual o stylum – um “raminho” – sulcava as letras, que podiam ser apagadas com o re-espalhamento da cera, em outras palavras, funcionavam como “cadernos” para os romanos. (ADKINS e ADKIN, 2004, p. 3843)

<sup>12</sup> Região localizada no vale do rio Arno, nas proximidades da moderna Florença. (CBL, p. 8)

esse oportuit, certa de causa nondum adducor ut faciam.	há muito, eu, por um motivo determinado, ainda não sou levado a fazer.
Tum denique interficiere, cum iam nemo tam improbus, tam perditus, tam tui similis inueniri poterit, qui id non iure factum esse fateatur.	Serás então finalmente morto quando já não puder ser encontrado ninguém tão canalha, tão perdido, tão semelhante a ti, que confesse que isso foi feito sem justiça.
6 Quamdiu quisquam erit, qui te defendere audeat, uiues, et uiues ita ut uiuis, multis meis et firmis praesidiis obsessus, ne commouere te contra rem publicam possis.	6 Enquanto houver alguém que ouse te defender, viverás, e viverás assim como vives, cercado pelas minhas numerosas e firmes guardas, para que não possas mover-te contra a república.
Multorum te etiam oculi et aures non sentientem, sicut adhuc fecerunt, speculabuntur atque custodient.	Os olhos e os ouvidos de muitos, sem que percebas, assim como fizeram até agora, também te vigiarão e te guardarão.
Etenim quid est, Catilina, quod iam amplius expectes, si neque nox tenebris obscurare coeptus nefarios nec priuata domus parietibus continere uoces coniurationis tuae potest, si illustrantur, si erumpunt omnia?	Com efeito, Catilina, o que é que mais esperas ainda, se nem a noite, com suas trevas, pode ocultar tuas reuniões criminosas, nem uma casa particular, com suas paredes, pode conter as vozes de tua conjuração, se tudo se ilumina, se tudo se manifesta <sup>13,14</sup>
Muta iam istam mentem, mihi crede, obliuiscere caedis atque incendiorum.	Muda já essa ideia, acredita em mim, esquece-te do morticínio e dos incêndios.
Teneris undique; luce sunt clariora nobis tua consilia omnia; quae iam mecum licet recognoscas.	És contido por todos os lados; todos os teus planos são para nós mais claros do que a luz; é lícito que reconheças isso comigo.
7 Meministine me ante diem XII Kalendas Nouembris dicere in senatu fore in armis certo die, qui dies futurus esset ante diem VI Kal. Nouembris, C. Manlium, audaciae satellitem atque administrum tuae?	7 Lembras-te de que, no duodécimo dia antes das Calendas <sup>15</sup> de novembro, eu dizia no senado que estaria munido de armas num dia determinado, o qual seria o sexto antes das calendas de novembro, Caio Mânlio, soldado e auxiliar de tua audácia?
Num me fefellit, Catilina, non modo res tanta, tam atrox tamque incredibilis, uerum, id quod multo magis est admirandum, dies?	Por acaso me enganei, Catilina, não só em relação ao fato, tão grave, tão atroz e tão incrível, mas, o que é muito mais de se admirar, em relação ao dia?
Dixi ego idem in senatu caedem te	Disse eu também no senado que tu

<sup>13</sup>Cícero foi informado de que houvera uma reunião dos conjurados por Fúlvia, amante de Cúrio, um dos acusados de conjuração. (CBL, p. 8)

<sup>14</sup>Os conjurados haviam se reunido nas noites de 6 e 7 de novembro e teriam acordado sobre a morte de Cícero. (CG, p. 305)

<sup>15</sup>No antigo calendário romano, era o primeiro dia de cada mês. Havia também as *nonas* (5º ou 7º dia, dependendo do mês) e *idos* (13º ou 15º dia, dependendo do mês). No texto, refere-se ao dia 20 de outubro, quando Cícero, com as revelações sobre os planos de Catilina, provocou verdadeiro pânico no Senado. (CG, p. 304)

optumatum contulisse in ante diem V Kalendas Nouembris, tum cum multi principes ciuitatis Roma non tam sui conseruandi quam tuorum consiliorum reprimendorum causa profugerunt.	marcaste para o quinto dia antes das kalendas de novembro <sup>16</sup> o assassinato dos nobres, quando então muitas figuras importantes da cidade fugiram de Roma não tanto para se salvar, quanto para frustrar os teus planos.
Num infitiri potes te illo ipso die meis praesidiis, mea diligentia circumclusum commouere te contra rem publicam non potuisse, cum tu discessu ceterorum nostra tamen, qui remansissemus, caede te contentum esse dicebas?	Por acaso podes negar que tu, naquele mesmo dia, cercado pelos meus guardas, pelo meu zelo, não pudeste mover-te contra a república, quando tu, com a saída dos outros, dizias, contudo, que estavas contente com o assassinato de nós, que tínhamos permanecido?
8 Quid? Cum te Praeneste Kalendis ipsis Nouembribus occupaturum nocturno impetu esse confideres, sensistin illam coloniam meo iussu meis praesidiis, custodiis, uigiliis esse munitam?	8 E então? Quando confiavas que, nas próprias kalendas de novembro, ocuparias Praeneste <sup>17</sup> com um ataque noturno, percebeste que aquela colônia tinha sido fortificada, por ordem minha, com minhas guarnições, guardas, sentinelas?
Nihil agis, nihil moliris, nihil cogitas, quod non ego non modo audiam, sed etiam uideam planeque sentiam.	Nada fazes, nada tramas, nada pensas, que eu não só ouça, mas também veja e perceba claramente.
Recognosce tandem mecum noctem illam superiorem; iam intelleges multo me uigilare acrius ad salutem quam te ad perniciem rei publicae.	Reconhece finalmente comigo aquela noite passada; já entenderás que eu velo muito mais ferrenhamente para a salvação da república do que tu para a sua ruína.
Dico te priore nocte uenisse inter falcarios (non agam obscure) in M. Laecae domum; conuenisse eodem complures eiusdem amentiae scelerisque socios.	Digo que tu vieste na noite anterior, entre os fabricantes de foice, (não agirei obscuramente) à casa de Marco Leca <sup>18</sup> ; que no mesmo local se reuniram vários comparsas da mesma loucura e crime.
Num negare audes? Quid taces? Conuincam, si negas.	Por acaso ousas negar? Por que te calas? Convencer-te-ei, se negas.
Video enim esse hic in senatu quosdam, qui tecum una fuerunt.	Vejo, pois, que estão aqui no senado alguns que estiveram contigo.
9 O di immortales! Vbinam gentium sumus? In qua urbe uiuimus? Quam rem publicam habemus?	9 Ó deuses imortais! Entre que gentes estamos? Em que cidade vivemos? Que república temos?
Hic, hic sunt in nostro numero, patres conscripti, in hoc orbis terrae sanctissimo grauissimoque consilio, qui de nostro omnium interitu, qui de huius urbis atque adeo de orbis terrarum exitio cogitent!	Estão aqui, aqui em nosso número, senadores, neste mais sagrado e mais sério conselho do orbe da terra, aqueles que cogitam no aniquilamento de todos nós, que cogitam no fim desta cidade e até

<sup>16</sup>Refere-se ao dia 27 de outubro de 63 a.C. (CA, p. 48; CBL, p. 9; CG, p. 305)

<sup>17</sup>Cidade a sudeste de Roma. (CA, p. 48)

<sup>18</sup>Pouco se sabe a respeito de Marco Leca. Sabe-se que apoiou Catilina; inclusive, teria cedido sua casa para reuniões dos conjurados. (CBL, p. 10; CG, P. 306)

	mesmo do orbe das terras!
Hos ego uideo consul et de re publica sententiam rogo et, quos ferro trucidari oportebat, eos nondum uoce uolnero!	A estes eu, cônsul, vejo e peço seu parecer sobre a república e a eles, que deviam ser trucidados com a espada, eu ainda não firo com a voz! <sup>19</sup>
Fuisti igitur apud Laecam illa nocte, Catilina, distribuisti partes Italiae, statuisti quo quemque proficisci placeret, delegisti quos Romae relinqueres, quos tecum educeres, discripsisti urbis partes ad incendia, confirmasti te ipsum iam esse exiturum, dixisti paulum tibi esse etiam nunc morae, quod ego uiuerem.	Estiveste, portanto, na casa de Leca naquela noite, Catilina, distribuiste partes da Itália, determinaste para onde te agradava que cada um partiria, escolheste os que deixarias em Roma, os que levarias contigo, indicaste as partes da cidade para os incêndios, confirmaste que tu próprio logo sairias, disseste que agora ainda terias um pouco de demora, porque eu estava vivo.
Reperti sunt duo equites Romani, qui te ista cura liberarent et sese illa ipsa nocte paulo ante lucem me in meo lectulo interfecturos esse pollicerentur.	Foram encontrados dois cavaleiros romanos, que te livrariam dessa preocupação e que prometiam que, naquela mesma noite, pouco antes do amanhecer, me matariam em meu próprio leito.
10 Haec ego omnia uixdum etiam coetu uestro dimisso comperi; domum meam maioribus praesidiis muniui atque firmavi, exclusi eos, quos tu ad me salutatum mane miseras, cum illi ipsi uenissent, quos ego iam multis ac summis uiris ad me id temporis uenturos esse praedixeram.	10 De tudo isso, nem bem dissolvida a vossa reunião, eu já fiquei sabendo <sup>20</sup> ; muni e fortifiquei minha casa com mais guardas, não deixei entrar os que tu tinhas enviado de manhã <sup>21</sup> até mim para me saudar, visto que tinham vindo aqueles mesmos que eu já tinha previsto para muitos e ilustres homens que viriam até mim nessa ocasião.
Quae cum ita sint, Catilina, perge, quo coepisti, egredere aliquando ex urbe; patent portae; proficiscere.	Como essas coisas são assim, Catilina, continua como começaste, sai de uma vez da cidade; as portas estão abertas; parte.
Nimum diu te imperatorem tua illa Manliana castra desiderant.	Por muito tempo já, aquele teu acampamento de Mânlio te deseja como general.
Educ tecum etiam omnes tuos, si minus, quam plurimos; purga urbem.	Leva contigo ainda todos os teus, se não todos, o maior número possível; limpa a cidade.
Magno me metu liberabis, dum modo inter me atque te murus intersit.	De um grande medo me livrarás, desde que se interponha um muro entre mim e ti.
Nobiscum uersari iam diutius non potes;	Já não podes conviver por mais tempo

<sup>19</sup> Cícero mostra-se ciente de que há traidores, mas não diz seus nomes, os quais serão anunciados somente na Terceira *Catilinária*, em (4), (5) e (6), pp. 97 - 99. (CBL, p. 10)

<sup>20</sup> Novamente refere-se à sua informante, Fúlvia, amante de Cúrio, um dos conjurados. Como se viu na nota 13, p. 59, nesta *Catilinária*. (CBL, p. 11; CG, p. 307)

<sup>21</sup> Os grandes homens de Roma recebiam de manhã seus amigos, seus *clientes* (servidores ou protegidos), seus conselheiros jurídicos, assim como os que ofereciam presentes e doações. (CBL, p. 11)

non feram, non patiar, non sinam.	conosco; não suportarei, não tolerarei, não permitirei.
11 Magna dis immortalibus habenda est atque huic ipsi Ioui Statori, antiquissimo custodi huius urbis, gratia, quod hanc tam taetram, tam horribilem tamque infestam rei publicae pestem totiens iam effugimus.	11 Uma grande graça se deve render aos deuses imortais e a este mesmo Júpiter Estátor <sup>22</sup> , antiquíssimo guardião desta cidade, por termos evitado já tantas vezes esta tão funesta, tão horrível e tão feroz peste para a república.
Non est saepius in uno homine summa salus periclitanda rei publicae.	Não se deve arriscar por mais vezes a suprema salvação de república em um único homem.
Quamdiu mihi consuli designato, Catilina, insidiatus es, non publico me praesidio, sed priuata diligentia defendi.	Enquanto, Catilina, armaste ciladas a mim, côsul designado, defendi-me, não com a guarda pública, mas com diligência particular.
Cum proximis comitiis consularibus me consulem in Campo et competitores tuos interficere uoluisti, compressi conatus tuos nefarios amicorum praesidio et copiis nullo tumultu publice concitato; denique, quotienscumque me petisti, per me tibi obstiti, quamquam uidebam perniciem meam cum magna calamitate rei publicae esse coniunctam.	Quando, nos últimos comícios consulares <sup>23</sup> , no Campo de Marte, quiseste matar a mim e aos teus competidores, reprimi teus intentos criminosos com a guarda e os recursos dos amigos, sem levantar publicamente nenhum tumulto; enfim, todas as vezes que me atacaste, por mim mesmo opus resistência a ti, embora eu visse que a minha perda estava ligada à grande calamidade para a república.
12 Nunc iam aperte rem publicam uniuersam petis; templa deorum immortalium, tecta urbis, uitam omnium ciuium, Italiam totam ad exitium et uastitatem uocas.	12 Agora já atacas abertamente a república toda; os templos dos deuses imortais, os tetos da cidade, a vida de todos os cidadãos, a Itália toda chamas para a ruína e devastação.
Quare, quoniam id, quod est primum, et quod huius imperii disciplinaeque maiorum proprium est, facere nondum	Por isso, uma vez que o que é prioritário e o que é próprio deste meu comando e da tradição dos antepassados eu ainda não

<sup>22</sup>Cícero falava diante da estátua de Júpiter e dentro de um templo construído para adorá-lo. A referência presente no texto demonstra a perspicácia do orador; primeiramente, porque alinha seu discurso à autoridade do deus ao qual se dedicava o templo e, em segundo lugar, porque associa seu discurso a um momento de superação dos romanos contra os sabinos, em que supostamente Júpiter interveio parando (por isso a denominação “Estátor” > *stator*, ou seja, “aquele que pára”) o avanço do inimigo, o que permitiu ao exército romano uma reorganização e a almejada vitória. A estátua teria sido construída por Rômulo, primeiro rei de Roma, como gratidão por essa intervenção de Júpiter. A evocação de Júpiter será repetida na terceira *Catilinária* – em (20) e (29), por exemplo. (CA, p. 51; CBL, p. 8; CG, p. 308; GRIMAL, 2000, p. 261). É importante destacar que há outras interpretações para essa referência, dentre elas merece destaque o trecho do primeiro livro em que Tito Lívio narra a criação de Roma e a invasão dos sabinos.

<sup>23</sup> Em 28 de outubro de 63 a.C., Lúcio Murena e Décimo Sila foram eleitos côsules para o ano seguinte. Nessa eleição, Catilina foi derrotado. (CBL, p. 11; CG, p. 308)

audeo, faciam id, quod est ad seueritatem lenius et ad communem salutem utilius.	ouso fazer, farei o que é mais brando para a severidade e mais útil para a salvação comum.
Nam si te interfici iussero, residebit in re publica reliqua coniuratorum manus; sin tu, quod te iam dudum hortor, exieris, exhaurietur ex urbe tuorum comitum magna et perniciosa sentina rei publicae.	Pois se eu ordenar que tu sejas morto, permanecerá na república a tropa restante de conjurados; se, porém, tu, o que há muito já te exorto, saíres, esvaziar-se-á da cidade a de teus companheiros grande e perniciosa sentina <sup>24</sup> para a república
13 Quid est, Catilina? Num dubitas id me imperante facere, quod iam tua sponte faciebas?	13 O que há, Catilina? Por acaso, eu ordenando, hesitas em fazer o que já estavas fazendo por tua vontade?
Exire ex urbe iubet consul hostem.	O cônsul ordena que o inimigo saia da cidade.
Interrogas me num in exilium; non iubeo, sed, si me consulis, suadeo.	Indagas-me se para o exílio; não ordeno <sup>25</sup> , mas, se me consultas, aconselho.
Quid est enim, Catilina, quod te iam in hac urbe delectare possit?	O que há, pois, Catilina, que ainda possa delectar-te nesta cidade?
In qua nemo est, extra istam coniurationem perditorum hominum, qui te non metuat, nemo, qui non oderit.	Nela, fora essa tua conjuração de homens perdidos, não há ninguém que não te tema, ninguém que não te odeie.
Quae nota domesticae turpitudinis non inusta uitae tuae est?	Que marca de doméstica torpeza não foi gravada em tua vida?
Quod priuatarum rerum dedecus non haeret in fama?	Que desonra de fatos particulares não está presa em tua fama?
Quae lubido ab oculis, quod facinus a manibus umquam tuis, quod flagitium a toto corpore afuit?	Que luxúria esteve algum dia ausente de teus olhos, que crime, de tuas mãos, que vergonha, de teu corpo todo?
Cui tu adolescentulo, quem corruptelarum inlecebris inretisses, non aut ad audaciam ferrum aut ad lubidinem facem praetulisti?	A que mocinho, que tivesses enredado com os encantos das corrupções, tu não apresentaste ou a espada para a audácia ou o archote <sup>26</sup> para a luxúria?
14 Quid uero? Nuper cum morte superioris uxoris nouis nuptiis domum uacuefecisses, nonne etiam alio incredibili scelere hoc scelus cumulasti?	14 Mas quê? Recentemente, quando, por causa da morte de tua última esposa, tinhas esvaziado a casa para novas núpcias, por acaso a um outro crime

<sup>24</sup>Trata-se do espaço na parte mais baixa do navio, para a qual vai a água acumulada em caso de chuva, infiltração ou mar agitado; por extensão significa lugar imundo, cloaca, latrina, vaso sanitário (HOUAISS, edição eletrônica: <http://houaiss.uol.com.br/busca?palavra=sentina>, acesso em 1º de março de 2014). Cícero sugere que os conjurados tinham afluído para Roma como a uma sentina. (CA, p. 52; CG, p. 309)

<sup>25</sup>Cícero não poderia ordenar o exílio, visto que se tratava, no direito romano, de uma sanção legal, ou seja, deveria ser decisão de um Tribunal, no qual estaria representado o povo (*Tribuno da Plebe*). (CBL, p. 12; CG, p. 309)

<sup>26</sup>Utensílio usado para iluminação, espécie de tocha. Como Roma não era iluminada à noite, os que desejassem passear – daí a referência à “luxúria” – eram comumente acompanhados por escravos, que carregavam tochas e, assim, iluminavam o caminho. (CA, p. 53; CBL, p. 13)

	inacreditável não acumulaste também este crime <sup>27</sup> ?
Quod ego praetermitto et facile patior sileri, ne in hac ciuitate tanti facinoris inmanitas aut extitisse aut non uindicata esse uideatur.	Isso eu omito e facilmente tolero que seja passado em silêncio, para não parecer que, nesta cidade, a hediondez de tamanho crime ou tenha existido ou não tenha sido punida.
Praetermitto ruinas fortunarum tuarum, quas omnis inpendere tibi proxumis Idibus senties; ad illa uenio, quae non ad priuatam ignominiam uitiorum tuorum, non ad domesticam tuam difficultatem ac turpitudinem sed ad summam rem publicam atque ad omnium nostrum uitam salutemque pertinent.	Omito as ruínas de tua fortuna, as quais perceberás, nos próximos idos <sup>28</sup> , que estão todas pendentes sobre ti; venho para aquelas coisas que dizem respeito não à particular ignomínia de teus vícios, não à tua doméstica dificuldade e torpeza, mas à suprema república e à vida e salvação de todos nós.
15 Potestne tibi haec lux, Catilina, aut huius caeli spiritus esse iucundus, cum scias esse horum neminem, qui nesciat te pridie Kalendas Ianuarias Lepido et Tullo consulibus stetisse in comitio cum telo, manum consulum et principum ciuitatis interficiendorum causa parauisse, sceleri ac furori tuo non mentem aliquam aut timorem tuum sed fortunam populi Romani obstitisse?	15 Pode, Catilina, esta luz ou o ar deste céu ser prazeroso para ti, quando sabes que não há nenhum destes que não saiba que tu, na véspera das calendas de janeiro <sup>29</sup> , sendo cônsules Lépidio e Tulo, estiveste no comício com uma arma, que preparaste um bando para matar os cônsules e as mais importantes figuras da cidade, que se opôs a teu crime e loucura, não algum pensamento ou temor teu, mas a sorte do povo romano.
Ac iam illa omitto (neque enim sunt aut obscura aut non multa commissa postea); quotiens tu me designatum, quotiens consulem interficere conatus es!	Mas agora omito tais crimes (pois ou não são desconhecidos ou são muitos os cometidos posteriormente); quantas vezes a mim, cônsul designado, quantas vezes a mim, já cônsul, tentaste me matar!
Quot ego tuas petitiones ita coniectas, ut uitari posse non uiderentur, parua quadam declinatione et, ut aiunt, corpore effugi!	De quantos ataques teus, lançados de tal modo que pareciam não poder ser evitados, com um certo pequeno movimento e, como dizem, com o corpo, escapei!
Nihil agis, nihil adsequeris, neque tamen conari ac uelle desistis.	Nada fazes, nada consegues, e, no entanto, não desistes de tentar e de querer.
16 Quotiens tibi iam extorta est ista sica de manibus, quotiens excidit casu aliquo et	16 Quantas vezes esse punhal já foi arrancado de tuas mãos, quantas vezes,

<sup>27</sup>Referência ao assassinato de um filho de Catilina. Esse filho seria de seu primeiro casamento. (CA, p. 53; CG, p. 310)

<sup>28</sup>Como já foi visto, *idos* equivale ao meio do mês; refere-se, portanto, a 15 de novembro de 63 a.C. Nesse caso, anuncia a data do vencimento dos juros dos devedores, o motivo da ruína de Catilina.

<sup>29</sup>Alusão a uma primeira conjuração, que teria ocorrido em 31 de dezembro de 66 a.C., sendo que, no dia 1º de janeiro, os novos cônsules, Lépidio e Tulo, assumiram suas funções magistras na república. (CA, p. 54; CG, p. 310)

elapsa est!	por algum acaso, caiu e escapou!
Quae quidem quibus abs te initiata sacris ac deuota sit, nescio, quod eam necesse putas esse in consulis corpore defigere.	E, na verdade, não sei a que ritos ele foi por ti consagrado e devotado <sup>30</sup> , visto que julgas ser necessário cravá-lo no corpo do cônsul.
Nunc uero quae tua est ista uita? Sic enim iam tecum loquar, non ut odio permotus esse uidear, quo debeo, sed ut misericordia, quae tibi nulla debetur.	Mas agora, que vida é essa tua? Com efeito, já vou falar contigo de tal modo que eu pareça ser movido não pelo ódio, com que devo ser, mas pela misericórdia, que não te é devida.
Venisti paulo ante in senatum. Quis te ex hac tanta frequentia totque tuis amicis ac necessariis salutauit?	Chegaste um pouco antes ao senado. Quem desta tão grande frequência e de tantos amigos teus e parentes te cumprimentou? <sup>31</sup>
Si hoc post hominum memoriam contigit nemini, uocis expectas contumeliam, cum sis grauissimo iudicio taciturnitatis oppressus?	Se, desde a memória dos homens, isso não aconteceu a ninguém, esperas o insulto da voz, quando já foste oprimido pelo gravíssimo julgamento do silêncio?
Quid, quod aduentu tuo ista subsellia uacuefacta sunt, quod omnes consulares, qui tibi persaepe ad caedem constituti fuerunt, simul atque adsedisti, partem istam subselliorum nudam atque inanem reliquerunt?	O que dizer do fato de que, com tua chegada, esses assentos foram esvaziados, de que todos os ex-cônsules, que estiveram muitíssimas vezes marcados para a morte por ti, logo depois que sentaste, deixaram nua e vazia essa parte dos assentos?
Quo tandem animo tibi ferundum putas?	Com que ânimo, afinal, achas que deves suportar isso?
17 Serui mehercule mei si me isto pacto metuerent, ut te metuunt omnes ciues tui, domum meam relinquendam putarem; tu tibi urbem non arbitraris?	17 Se os meus escravos, por hércules, me temessem desse modo como te temem todos os teus concidadãos, eu julgaria que devia abandonar minha casa; tu não achas que deves abandonar a cidade? <sup>32</sup>
Et, si me meis ciuibus iniuria suspectum tam grauiter atque offensum uiderem, carere me aspectu ciuium quam infestis omnium oculis conspici mallet.	E se eu me visse injustamente suspeito com tanta gravidade e odioso para os meus concidadãos, preferiria privar-me da vista dos meus cidadãos a ser olhado pelos olhos hostis de todos.
Tu cum conscientia scelerum tuorum agnoscas odium omnium iustum et iamdiu tibi debitum, dubitas quorum mentes sensusque uolneras, eorum aspectum	Tu, já que, pela consciência de teus crimes, reconheces que o ódio de todos é justo e há muito te é devido, hesitas em evitar a vista e a presença desses cujas

<sup>30</sup> Esse trecho faz alusão a um rumor de que os conjurados, em um ritual, teriam bebido, em um mesmo cálice, vinho com sangue humano. Dessa forma, o orador sugere, em tom irônico, que o punhal estaria comprometido com uma espécie de sacrifício religioso. (CA, p. 55; CBL, p. 14; CG, p. 311)

<sup>31</sup> Tanto em Roma quanto em Atenas, era costume levantar-se para saudar e receber pessoas importantes e respeitadas que chagavam. (CBL, p. 14)

<sup>32</sup> Cícero demonstra benevolência com os escravos. (CBL, p. 14; CG, p. 311)

praesentiamque uitare?	mentes e sentimentos feres?
Si te parentes timerent atque odissent tui neque eos ulla ratione placare posses, ut opinor, ab eorum oculis aliquo concederes.	Se teus pais te temessem e odiassem e não pudesses aplacá-los de nenhum modo, segundo penso, sairias da frente dos olhos deles para algum lugar.
Nunc te patria, quae communis est parens omnium nostrum, odit ac metuit et iam diu nihil te iudicat nisi de parricidio suo cogitare; huius tu neque auctoritatem uerebere nec iudicium sequere nec uim pertimesces?	Ora, a pátria, que é a mãe comum de todos nós <sup>33</sup> , te odeia e te teme, e já há muito julga que tu não pensas em nada, a não ser em seu parricídio; tu não respeitarás a autoridade dela, nem seguirás seu julgamento, nem temerás a sua força?
18 Quae tecum, Catilina, sic agit et quodam modo tacita loquitur:	18 E ela, Catilina, assim trata contigo e, mesmo calada, de certo modo fala <sup>34</sup> :
“Nullum iam aliquot annis facinus exstitit nisi per te, nullum flagitium sine te;	“Há já alguns anos, nenhum crime existiu, a não ser através de ti, nenhum fato vergonhoso sem ti;
tibi uni multorum ciuium neces, tibi uexatio direptioque sociorum impunita fuit ac libera;	somente para ti, as mortes de muitos cidadãos <sup>35</sup> , somente para ti, a perseguição e o roubo de nossos aliados <sup>36</sup> foram sem punição e livre;
tu non solum ad neglegendas leges et quaestiones, uerum etiam ad euertendas perfringendasque ualuisti.	tu tiveste força não só para tratar com negligência as leis e os inquéritos, mas também para subvertê-los e infringi-los <sup>37</sup> .
Superiora illa, quamquam ferenda non fuerunt, tamen, ut potui, tuli;	Aqueles fatos anteriores, embora não se devessem tolerar, tolerei, contudo, como pude;
nunc uero me totam esse in metu propter unum te, quicquid increpauerit, Catilinam timeri, nullum uideri contra me consilium iniri posse, quod a tuo scelere abhorreat, non est ferendum.	mas agora, não dá para tolerar que eu esteja toda em medo por causa de ti somente, que, qualquer ruído que ocorra, Catilina seja temido, que pareça não se poder tomar contra mim nenhuma resolução que não esteja ligada ao teu crime.
Quam ob rem discede atque hunc mihi timorem eripe; si est uerus, ne opprimar,	Por isso, vai-te embora e arranca de mim este temor; se ele é real, para que eu não

<sup>33</sup>Refere-se às ideias apresentadas, por Platão, em *Crítion*, em que as leis se dirigem a Sócrates para recordá-lo de seus deveres para com a Pátria, mãe de todos os cidadãos. (CA, p. 56; CBL, p. 15; CG, p. 312)

<sup>34</sup>Cícero usa a personificação da Pátria, que fala primeiramente a Catilina. (CA, p. 56; CBL, p. 15; CG, p. 312)

<sup>35</sup>Alusão às proscricções de Sila (ditador de 82 a.C. a 79 a.C.), dizia respeito às listas de procurados pela ditadura que deviam ser assassinados. Catilina se destacou pela crueldade e violência, a ponto de matar seu próprio irmão e seu cunhado. (CA, p. 56; CBL, p. 15; CG, p. 312)

<sup>36</sup>Referência aos abusos cometidos por Catilina na África enquanto atuou como protetor dessa província, em 67 a.C.. (CA, p. 56; CBL, p. 15; CG, p. 312)

<sup>37</sup>Em decorrência dos abusos, Catilina foi acusado de concussão, ou seja, utilização de dinheiro indevido e obtenção de vantagens, mas salvou-se subornando juizes e, inclusive, seu acusador. (CBL, p. 15)

sin falsus, ut tandem aliquando timere desinam.”	seja oprimida, se é falso, para que enfim eu deixe de uma vez da temer.”
19 Haec si tecum, ita ut dixi, patria loquatur, nonne impetrare debeat, etiamsi uim adhibere non possit?	19 Se, como eu disse, a pátria falasse essas coisas contigo, por acaso, não deveria ela ter êxito, mesmo que não pudesse empregar a força?
Quid, quod tu te ipse in custodiam dedisti, quod uitandae suspicionis causa ad M. Lepidum te habitare uelle dixisti?	O que dizer do fato de que tu próprio te entregaste à prisão <sup>38</sup> , de que, para evitar suspeita, disseste que querias morar na casa de Mânio Lépidio <sup>39</sup> ?
A quo non receptus etiam ad me uenire ausus es atque ut domi meae te adseruarem rogasti.	E não sendo recebido por ele, tiveste ainda o atrevimento de vir até mim e rogaste que eu te acolhesse em minha casa.
Cum a me quoque id responsum tulisses, me nullo modo posse isdem parietibus tuto esse tecum, qui magno in periculo essem, quod isdem moenibus contereremur, ad Q. Metellum praetorem uenisti.	Como também tivesses recebido de mim essa resposta, que de modo algum eu poderia estar em segurança contigo dentro das mesmas paredes, eu que já estava em grande perigo por estarmos encerrados dentro dos mesmos muros, vieste à casa do pretor <sup>40</sup> Quinto Metelo <sup>41</sup> .
A quo repudiatus, ad sodalem tuum, uirum optimum, M. Metellum, demigrasti, quem tu uidelicet et ad custodiendum diligentissimum et ad suspicandum sagacissimum et ad uindicandum fortissimum fore putasti.	Repudiado por ele, passaste para a casa de teu colega, um homem excelente, Marco Metelo <sup>42</sup> , a quem tu evidentemente consideraste que seria o mais diligente para vigiar-te, o mais sagaz para suspeitar de ti e o mais corajoso para punir-te.
Sed quam longe uidetur a carcere atque a uinculis abesse debere, qui se ipse iam dignum custodia iudicarit!	Mas quão longe parece que deve estar do cárcere e dos grilhões aquele que a si próprio já se julgou digno de prisão!
20 Quae cum ita sint, Catilina, dubitas, si emori aequo animo non potes, abire in aliquas terras et uitam istam multis suppliciis iustis debitisque ereptam fugae solitudinique mandare?	20 Como essas coisas são assim, Catilina, hesitas, já que não podes morrer tranquilamente, em sair para alguma terra e em entregar essa tua vida, arrebatada de muitos suplícios justos e devidos, à fuga e à solidão?
“Refer”, inquis, “ad senatum”; id enim postulas et, si hic ordo sibi placere decreuerit te ire in exilium,	“Propõe ao senado”, dizes; pedes, com efeito, isso e, se este congresso decretar que lhe agrada que tu vás para o exílio,

<sup>38</sup>Perante as acusações, Catilina entregou-se a uma espécie de prisão preventiva, em que ele seria confiado a uma autoridade, a um cidadão qualificado. Essa prisão voluntária intentava proclamar sua inocência; no entanto, segundo o discurso de Cícero, nenhum dos homens que poderiam acolhê-lo, para configurar essa prisão voluntária, aceitaram fazê-lo. (CBL, p. 16; CG, p. 313)

<sup>39</sup>Mânio Lépidio derrotou Catilina nas eleições para cônsul em 66 a.C.. (CA, p. 57)

<sup>40</sup>Magistrado romano responsável por administrar questões relacionadas à justiça; tratava-se de um cargo subordinado ao cônsul. (FUNARI, 2011, p. 85)

<sup>41</sup>Quinto Metelo foi pretor em 63 a.C. e cônsul em 60 a.C.. (CA, p. 57; CBL, p. 16; CG, p. 313)

<sup>42</sup>Trata-se de uma figura difícil de identificar, pouco significativa. (CA, p. 57)

optemperatum te esse dicis.	dizes que vais obedecer.
Non referam id quod abhorret a meis moribus, et tamen faciam ut intellegas quid hi de te sentiant.	Não proporei isso porque repugna aos meus costumes <sup>43</sup> , e, no entanto, farei com que entendas o que estes pensam de ti.
Egrederere ex urbe, Catilina, libera rem publicam metu, in exilium, si hanc uocem exspectas, proficiscere.	Sai da cidade, Catilina, livra a república do medo, parte para o exílio, se esperas esta ordem.
Quid est? Ecquid attendis? Ecquid animaduertis horum silentium?	E então? Por acaso estás atento? Por acaso notas o silêncio destes?
Patiuntur, tacent. Quid exspectas auctoritatem loquentium, quorum uoluntatem tacitorum perspicias?	Eles aceitam, ficam calados. Por que esperas a autoridade deles, falando, se percebes a vontade deles, calados?
21 At si hoc idem huic adulescenti optimo, P. Sestio, si fortissimo uiro, M. Marcello, dixissem, iam mihi consuli hoc ipso in templo iure optimo senatus uim et manus intulisset.	21 Mas se eu tivesse dito exatamente isso para este ótimo rapaz, Públio Séstio <sup>44</sup> , para este corajósimo varão, Marco Marcelo <sup>45</sup> , o senado já teria, neste mesmo templo, com toda a razão, mandado em mim, o cônsul, a força e as mãos.
De te autem, Catilina, cum quiescunt, probant, cum patiuntur, decernunt, cum tacent, clamant, neque hi solum, quorum tibi auctoritas est uidelicet cara, uita uilissima, sed etiam illi equites Romani, honestissimi atque optimi uiri, ceterique fortissimi ciues, qui circumstant senatum, quorum tu et frequentiam uidere et studia perspicere et uoces paulo ante exaudire potuisti.	De ti, porém, Catilina, uma vez que ficam quietos, aprovam, uma vez que aceitam, decidem, uma vez que se calam, gritam, e não só estes, cuja autoridade te é, certamente, cara, cuja vida é sem nenhum valor para ti, mas também aqueles cavaleiros romanos, honradíssimos e excelentes homens, e os demais valorósimos cidadãos, que circundam o senado, cuja afluência pudeste ver, cujos desejos pudeste perceber e cujas vozes pudeste um pouco antes ouvir.
Quorum ego uix abs te iam diu manus ac tela contineo, eosdem facile adducam, ut te haec, quae uastare iam pridem studes, relinquentem usque ad portas prosequantur.	A esses mesmos, cujas mãos e armas já há muito eu mal contenho longe de ti, facilmente induzirei a que, deixando tu estes lugares que há muito desejas devastar, te acompanhem até as portas da cidade <sup>46</sup> .
22 Quamquam quid loquor? Te ut ulla res frangat? Tu ut umquam te corrigas? Tu ut ullam fugam meditare? Tu ut ullum	22 Mas por que falo isso? Para que alguma coisa te dobre? Para que algum dia tu te corrijas? Para que tu medites nalguma

<sup>43</sup>A verdadeira razão é que nem o cônsul, nem o Senado tinham poder para exilar Catilina. O exílio deveria ser decisão de um Tribunal, no qual estaria representado o povo (*Tribuno da Plebe*). (CA, p. 58; CBL, p. 17; CG, p. 314)

<sup>44</sup>Públio Séstio foi um fiel companheiro de Cícero. (CBL, p. 17)

<sup>45</sup>Marco Marcelo foi um fiel companheiro de Cícero. (CBL, p. 17; CG, p. 314)

<sup>46</sup>Quando uma pessoa deixava Roma para uma missão oficial, seus amigos e conhecidos acompanhavam-na até a porta da cidade. No discurso de Cícero, se Catilina decidisse se retirar, até seus inimigos o escoltariam, o que poderia ser entendido como uma grande ironia; seria uma vergonha para Catilina, não uma honra. (CBL, p. 18)

exilium cogites?	saída? Para que tu penses nalgum exílio?
Vtinam tibi istam mentem di immortales duint!	Oxalá os deuses imortais te concedam esse pensamento!
Tametsi uideo, si mea uoce perterritus ire in exilium animum induxeris quanta tempestas inuidiae nobis, si minus in praesens tempus recenti memoria scelerum tuorum, at in posteritatem impendeat.	Embora eu já esteja vendo, se, aterrorizado pela minha voz, te decidires a ir para o exílio, a enorme tempestade de ódio que vai pairar sobre mim, se não no tempo presente devido à recente lembrança de teus crimes, ao menos na posteridade.
Sed est tanti, dum modo ista sit priuata calamitas et a rei publicae periculis seiungatur.	Mas pouco me importa, contanto que essa calamidade se limite à minha pessoa e fique afastada de riscos para a república.
Sed tu ut uitii tuis commoueare, ut legum poenas pertimescas, ut temporibus rei publicae cedas, non est postulandum.	Mas não se deve pedir que tu te demovas de teus vícios, que temas as penas das leis, que cedas às circunstâncias da república.
Neque enim is es, Catilina, ut te aut pudor umquam a turpitudine aut metus a periculo aut ratio a furore reuocarit.	Pois não és, Catilina, uma pessoa tal, que algum dia a vergonha te afaste da torpeza, ou o medo do perigo, ou a razão da loucura.
23 Quam ob rem, ut saepe iam dixi, proficiscere ac, si mihi inimico, ut praedicas, tuo conflare uis inuidiam, recta perge in exilium.	23 Por isso, como muitas vezes já disse, parte, e, se queres atizar um ódio por mim, teu inimigo, como proclamas, segue reto para o exílio.
Vix feram sermones hominum, si id feceris, uix molem istius inuidiae, si in exilium iussu consulis ieris, sustinebo.	Apenas suportarei os falatórios dos homens, se fizeres isso, apenas aguentarei o peso desse ódio, se, por ordem do cônsul, se fores para o exílio.
Sin autem seruire meae laudi et gloriae maui, egredere cum inportuna sceleratorum manu, confer te ad Manlium, concita perditos ciues, secerne te a bonis, infer patriae bellum, exulta impio latrocinio, ut a me non eiectus ad alienos, sed inuitatus ad tuos isse uidearis.	Se, porém, preferes servir ao meu louvor e glória, sai com teu importuno bando de criminosos, dirige-te para junto de Mânlio, instiga os perdidos cidadãos, separa-te dos bons, traz a guerra para pátria, exulta no ímpio latrocínio, para que passes a impressão de teres ido não expulso por mim para junto de estranhos, mas convidado para junto dos teus.
24 Quamquam quid ego te inuitem, a quo iam sciam esse praemissos, qui tibi ad Forum Aurelium praestolarentur armati, cui iam sciam pactam et constitutam cum Manlio diem, a quo etiam aquilam illam	24 Mas por que eu te convidaria a ti, se já sei que por ti foram previamente enviados aqueles <sup>47</sup> que te esperariam armados junto ao Foro Aurélio <sup>48</sup> , se já sei que por ti foi combinado e marcado um dia com

<sup>47</sup>Refere-se aos que estiveram reunidos, conspirando com Catilina, na casa de Marco Leca na noite anterior. (CBL, p. 19)

<sup>48</sup> Pequena área localizada na parte ocidental de Etrúria (região da moderna Florença), no extremo da Via Aurélia, construída nos tempos de Aurélio Cota (242 a.C.). (CA, p. 61; CBL, p. 19; CG, p. 316)

argenteam, quam tibi ac tuis omnibus confido perniciosam ac funestam futuram, cui domi tuae sacrarium sceleratum constitutum fuit, sciam esse praemissam?	Mânlio, se sei também que por ti foi previamente enviada a célebre águia de prata <sup>49</sup> , que confio que será perniciosa e funesta para ti e para todos os teus, para a qual foi erguido um sacrílego santuário <sup>50</sup> em tua casa?
Tu ut illa carere diutius possis, quam uenerari ad caedem proficiscens solebas, a cuius altaribus saepe istam impiam dexteram ad necem ciuium transtulisti?	Como poderias tu ficar por muito tempo sem ela, se, partindo para o morticínio, costumavas venerá-la, se de seus altares tantas vezes transferiste para o assassinato de cidadãos essa tua ímpia mão direita?
25 Ibis tandem aliquando, quo te iam pridem ista tua cupiditas effrenata ac furiosa rapiebat; neque enim tibi haec res adfert dolorem, sed quandam incredibilem uoluptatem.	25 Irás finalmente de uma vez para onde já há muito te arrastava essa tua cobiça desenfreada e louca; e esse fato, com efeito, nem te provoca dor, mas um certo prazer incrível.
Ad hanc te amentiam natura peperit, uoluntas exercuit, fortuna seruauit.	Para essa loucura a natureza te pariu, a vontade te exercitou, o destino te reservou.
Numquam tu non modo otium, sed ne bellum quidem nisi nefarium concupisti.	Tu jamais desejaste não só a paz, mas nem sequer a guerra, a não ser a ímpia.
Nactus es ex perditis atque ab omni non modo fortuna, uerum etiam spe derelictis conflata inproborum manum.	Encontraste um bando de ímprobos constituído de perdidos e de desamparados não só de toda fortuna, mas também de esperança.
26 Hic tu qua laetitia perfruere, quibus gaudiis exultabis, quanta in uoluptate bacchabere, cum in tanto numero tuorum neque audies uirum bonum quemquam neque uidebis!	26 Ali, que alegria tu desfrutarás, com que júbilos te regozijarás, em quão grande prazer te deliciarás, quando, em tão grande número dos teus, não ouvires nem vires nenhum homem bom!
Ad huius uitae studium meditati illi sunt, qui feruntur, labores tui, iacere humi non solum ad obsidendum stuprum, uerum etiam ad facinus obeundum, uigilare non solum insidiantem somno maritorum, uerum etiam bonis otiosorum.	Para o gosto dessa vida é que foram planejados aqueles que se diz serem os teus duros exercícios <sup>51</sup> , deitar-se no chão não só para estar à espreita de um estupro, mas também para praticar um crime, ficar acordado tramando traições não só para o sono dos maridos, mas também para os bens dos que estão em paz.
Habes ubi ostentes tuam illam praeclaram	Tens onde mostres aquela tua famosa

<sup>49</sup>Uma águia de prata, com as asas estendidas, fixada na ponta de uma haste foi usada como símbolo das legiões do exército romano. Nesse caso, Cícero faz referência à águia que teria sido usada por Mário na guerra contra os cimbras, a qual estaria com Catilina. Essa suposta águia que estaria com Catilina é considerada um sacrilégio, pois representariam a conjuração, a conspiração contra a República romana. (CBL, p. 19; CG, p. 316)

<sup>50</sup>Os generais em campanha protegiam, guardavam suas águias (símbolo das legiões do exército romano) perto de suas tendas, em uma pequena capela, um tipo de santuário. (CBL, p. 19)

<sup>51</sup>Referência às qualidades físicas de Catilina (era forte e resistente); percebe-se, no entanto, tom irônico. (CBL, p. 20; CG, p. 317)

patientiam famis, frigoris, inopiae rerum omnium, quibus te breui tempore confectum esse senties.	resistência à fome, ao frio, à falta de todas as coisas, graças às quais perceberás que foste em curto tempo aniquilado.
27 Tantum profeci tum, cum te a consulatu reppuli, ut exsul potius temptare quam consul uexare rem publicam posses, atque ut id, quod esset a te scelerate susceptum, latrocinium potius quam bellum nominaretur.	27 Grande êxito obtive então, quando te afastei do consulado <sup>52</sup> , para que pudesses atacar a república antes como exilado do que como cônsul oprimi-la, e para que isso, que tinha sido criminosamente empreendido por ti, fosse antes chamado de latrocínio do que de guerra <sup>53</sup> .
Nunc, ut a me, patres conscripti, quandam prope iustam patriae querimoniam detester ac deprecer, percipite, quaeso, diligenter, quae dicam, et ea penitus animis uestris mentibusque mandate.	Agora, senadores, para afastar e desviar de mim uma certa queixa, quase justa, da pátria, observai, por favor, com atenção e confiai profundamente aos vossos espíritos e mentes o que eu vou dizer.
Etenim, si mecum patria, quae mihi uita mea multo est carior, si cuncta Italia, si omnis res publica loquatur:	Com efeito, se a pátria, que me é muito mais cara do que minha própria vida, se toda a Itália, se toda a república falasse comigo <sup>54</sup> :
“M. Tulli, quid agis? Tune eum, quem esse hostem comperisti, quem ducem belli futurum uides, quem expectari imperatorem in castris hostium sentis, auctorem sceleris, principem coniurationis, euocatorem seruorum et ciuium perditorum, exire patiere, ut abs te non emissus ex urbe, sed immissus in urbem esse uideatur?”	“O que estás fazendo, Marco Túlio? Tu consentirás que esse, que descobriste ser o inimigo, que vês que será o chefe da guerra, que percebes que é esperado como general no acampamento dos inimigos, o autor do crime, o cabeça da conjuração, o aliciador de escravos e de cidadãos perdidos, saia para que pareça que ele não foi expulso da cidade por ti, mas enviado contra a cidade?”
Nonne hunc in uincla duci, non ad mortem rapi, non summo supplicio mactari imperabis?	Por acaso não ordenarás que ele seja conduzido aos grilhões, que ele seja arrastado para a morte, que ele seja imolado com o supremo suplício?
28 Quid tandem te impedit? Mosne maiorum?	28 O que afinal te impede? O costume dos antepassados?
At persaepe etiam priuati in hac re publica perniciosos ciues morte multarunt.	Mas muitíssimas vezes nesta república, homens, por conta própria, também puniram com a morte cidadãos perniciosos.

<sup>52</sup>Faz alusão às últimas eleições para cônsul (atuação em 62 a.C.), as quais foram presididas por Cícero. (CA, p. 62; CBL, p. 20; CG, 317)

<sup>53</sup>Pois, segundo Cícero, uma guerra civil propriamente dita não poderia ser conduzida por um magistrado. “Latrocínio” seria um assalto à mão armada. (CBL, p. 20)

<sup>54</sup>Segunda ocorrência de personificação da Pátria, a qual agora fala ao próprio orador. (CA, p. 63; CG, p. 318)

An leges, quae de ciuium Romanorum supplicio rogatae sunt?	Por acaso, as leis <sup>55</sup> que foram promulgadas acerca da punição dos cidadãos romanos?
At numquam in hac urbe, qui a re publica defecerunt, ciuium iura tenuerunt.	Mas nunca, nesta cidade, os que abandonaram a república mantiveram os direitos de cidadãos.
An inuidiam posteritatis times?	Acaso temes o ódio da posteridade?
Praeclaram uero populo Romano refers gratiam, qui te, hominem per te cognitum, nulla commendatione maiorum, tam mature ad summum imperium per omnis honorum gradus extulit, si propter inuidiam aut alicuius periculi metum salutem ciuium tuorum neglegis.	Realmente retribuis um belo agradecimento ao povo romano, que a ti, homem conhecido por ti mesmo <sup>56</sup> , sem nenhuma recomendação dos antepassados, elevou tão rapidamente <sup>57</sup> , através de todos os graus dos cargos honoríficos, ao sumo poder, se, por causa do ódio ou do medo de algum perigo, negligências a salvação de todos os teus concidadãos.
29 Sed, si quis est inuidiae metus, non est uehementius seueritatis ac fortitudinis inuidia quam inertiae ac nequitiae pertimescenda.	29 Mas, se existe algum medo do ódio, não se deve temer o ódio da severidade e da firmeza mais veementemente do que o da inércia e da fraqueza.
An, cum bello uastabitur Italia, uexabuntur urbes, tecta ardebunt tum te non existumas inuidiae incendio conflagraturum?"	Acaso, quando a Itália for devastada pela guerra, as cidades forem oprimidas, os tetos arderem, não levas em conta que, então, tu vais queimar no incêndio do ódio?"
His ego sanctissimis rei publicae uocibus et eorum hominum, qui hoc idem sentiunt, mentibus pauca respondebo.	A estas sacratíssimas palavras da república e às mentes dos homens que pensam o mesmo responderei poucas coisas.
Ego si hoc optimum factu iudicarem, patres conscripti, Catilinam morte multari, unius usuram horae gladiatori isti ad uiuendum non dedissem.	Se eu julgasse que isso é o melhor a fazer, senadores, que Catilina seja punido com a morte, eu não teria dado a esse gladiador o gozo de uma única hora para viver.
Etenim si summi uiri et clarissimi ciues Saturnini et Gracchorum et Flacci et superiorum complurium sanguine non modo se non contaminarunt, sed etiam honestarunt, certe uerendum mihi non erat	De fato, se eminentes homens e ilustríssimos cidadãos não só não se sujaram, mas ainda se dignificaram com o sangue de Saturnino, dos Gracos, de Flaco <sup>58</sup> e de muitos outros anteriores,

<sup>55</sup>Refere-se às leis Valéria (de 300 a.C.), Pórcia (do século II a.C.) e Semprónia (de 123 a.C.). Essas leis asseguravam a todo cidadão o direito de apelar ao povo em caso de sentença capital, pois atribuíam somente à assembleia popular o poder de condenar à morte. (CA, p. 63; CBL, p. 21; CG, p. 318)

<sup>56</sup>Cícero não herdou quaisquer vantagens, nenhum ancestral havia exercido função na magistratura romana. Era, portanto, chamado de *homo novus*. (CA, p. 64; CBL, p. 21; CG, p. 319)

<sup>57</sup>Cícero conquistou os cargos possíveis na magistratura no menor tempo legalmente permitido. (CA, p. 64; CBL, p. 21)

<sup>58</sup>Trata-se de nomes de homens (Saturnino e Flaco) e de uma família (Gracos) envolvidos em rebeliões, em lutas sociais. Como se viu na nota 7, p. 57, e na nota 8, p. 58, nesta *Catilinária*.

ne quid hoc parricida ciuium interfecto inuidiae <i>mihi</i> in posteritatem redundaret.	certamente eu não devia temer que, morto este parricida de cidadãos, algum ódio recaísse sobre mim na posteridade.
Quodsi ea mihi maxime inpenderet tamen hoc animo fui semper, ut inuidiam uirtute partam gloriam, non inuidiam putarem.	E mesmo que esse pairasse sobre mim principalmente, sempre fui desta opinião, a de considerar o ódio gerado pela virtude como glória, não como ódio.
30 Quamquam non nulli sunt in hoc ordine, qui aut ea, quae imminent non uideant aut ea, quae uident, dissimulent, qui spem Catilinae mollibus sententiis aluerunt coniurationemque nascentem non credendo corroborauerunt;	30 No entanto, há alguns, neste congresso, que ou não veem o que está para acontecer ou dissimulam o que veem, que alimentaram a esperança de Catilina com opiniões brandas e fortaleceram a conjuração nascente, não acreditando nela;
quorum auctoritate multi non solum improbi, uerum etiam inperiti, si in hunc animaduertissem, crudeliter et regie factum esse dicerent.	e com a autoridade destes, muitos, não só os ímprobos, mas também os incultos diriam, se eu me voltasse contra este, que se agiu de modo cruel e tirânico <sup>59</sup> .
Nunc intellego, si iste, quo intendit, in Manliana castra peruenerit, neminem tam stultum fore, qui non uideat coniurationem esse factam neminem tam improbum, qui non fateatur.	Agora entendo que, se esse chegar ao acampamento de Mânlio, para onde se dirige, não haverá ninguém tão obtuso que não veja que a conjuração se fez, ninguém tão ímprobo que não o confesse.
Hoc autem uno interfecto, intellego hanc rei publicae pestem paulisper reprimi, non in perpetuum comprimi posse.	Morto, porém, somente este, entendo que esta peste para a república pode ser reprimida por pouco tempo, não ser contida para sempre.
Quodsi se eiecerit secumque suos eduxerit et eodem ceteros undique collectos naufragos adgregarit, extinguetur atque delebitur non modo haec tam adulta rei publicae pestis, uerum etiam stirps ac semen malorum omnium.	Porque, se ele se for e levar consigo os seus e reunir no mesmo lugar os demais naufragos recrutados de todo lado, será extinta e destruída não só esta tão vigorosa peste para a república, mas também a raiz e a semente de todos os males.
31 Etenim iam diu, patres conscripti, in his periculis coniurationis insidiisque uersamur, sed nescio quo pacto omnium scelerum ac ueteris furoris et audaciae maturitas in nostri consulatus tempus erupit.	31 De fato, já há muito, senadores, vivemos nestes perigos e ciladas da conjuração <sup>60</sup> , mas não sei como o amadurecimento de todos os crimes e da antiga loucura e audácia irrompeu no período de nosso consulado.

(CA, p. 63; CBL, p. 21; CG, p. 319)

<sup>59</sup>No texto original, ocorre o advérbio *regie*, ou seja, “ao modo de um rei”. Como em 509 a.C. houve a abolição da monarquia romana, a palavra “rei” passou a ser sinônimo de “tirano”. (CA, p. 65; CBL, p. 22; CG, p. 320)

<sup>60</sup>Cícero retoma as origens da conjuração, que estariam relacionadas à primeira campanha eleitoral (frustrada) de Catilina, em 66 a.C., quando retorna da África. (CA, p. 66; CBL, p. 23; CG, p. 320)

Quodsi ex tanto latrocinio iste unus tolletur, uidebimur fortasse ad breue quoddam tempus cura et metu esse releuati;	E se de tão grande delito só esse sujeito for eliminado, teremos a impressão, talvez, de que nos livramos da preocupação e do medo por um breve tempo;
periculum autem residebit et erit inclusum penitus in uenis atque in uisceribus rei publicae.	o perigo, porém, permanecerá e ficará profundamente encerrado nas veias e nas vísceras da república.
Vt saepe homines aegri morbo graui cum aestu febrigue iactantur, si aquam gelidam biberunt, primo releuari uidentur, deinde multo grauius uehementiusque adflctantur, sic hic morbus, qui est in re publica, releuatus istius poena uehementius reliquis uiuis ingrauescet.	Assim como muitas vezes homens enfermos de doença grave, quando são atormentados pelo calor e pela febre, se beberam água gelada, num primeiro momento parecem ficar aliviados, depois são afligidos com muito mais gravidade e força, assim também esta doença, que está na república, aliviada pela punição desse, agravar-se-á com mais força com os restantes vivos.
32 Quare secedant improbi, secernant se a bonis, unum in locum congregentur, muro denique, quod saepe iam dixi, secernantur a nobis;	32 Por isso que os ímprobos se retirem, separem-se dos bons, sejam reunidos num único lugar, sejam, enfim, separados de nós pelo muro, como muitas vezes já disse;
desinant insidiari domi suae consuli, circumstare tribunal praetoris urbani, obsidere cum gladiis curiam, malleolos et faces ad inflammandam urbem comparare;	que parem de armar ciladas para o cônsul em sua própria casa, de cercar tribunal do pretor urbano <sup>61</sup> , de rodear com espadas a cúria <sup>62</sup> , de comprar martelos e tochas para incendiar a cidade;
sit denique inscriptum in fronte unius cuiusque, quid de re publica sentiat.	que seja, enfim, escrito na testa de cada um deles o que cada um pensa acerca da república.
Polliceor hoc uobis, patres conscripti, tantam in nobis consulibus fore diligentiam, tantam in uobis auctoritatem, tantam in equitibus Romanis uirtutem, tantam in omnibus bonis consensionem, ut Catilinae profectione omnia patefacta, inlustrata, oppressa, uindicata esse uideatis.	Eu vos prometo isso, senadores, que haverá uma tão grande diligência em nós, cônsules, uma tão grande autoridade em vós, uma tão grande coragem nos cavaleiros romanos, um tão grande consenso em todos os bons, para que, com a partida de Catilina, vejais que tudo está manifesto, esclarecido, aniquilado, vingado.

<sup>61</sup>Sobre o cargo de pretor, ver nota 40, p. 67, nesta *Catilinária*. O pretor urbano julgava questões surgidas entre cidadãos. Nessa época, o pretor em exercício era Lúcio Valério Flaco. (CA, p. 67; CBL, p. 23; CG, p. 321)

<sup>62</sup>Um dos prédios localizados no Fórum romano, lugar onde ocorriam sessões do Senado. (CBL, p. 23)

<p>33 Hisce ominibus, Catilina, cum summa rei publicae salute, cum tua peste ac pernicie cumque eorum exitio, qui se tecum omni scelere parricidioque iunxerunt, proficiscere ad impium bellum ac nefarium.</p>	<p>33 Sob esses presságios, Catilina, com a suprema salvação da república, com tua peste e desgraça e com a eliminação desses que se aliaram contigo em todo crime e parricídio, parte para a guerra ímpia e nefanda.</p>
<p>Tu, Iuppiter, qui isdem quibus haec urbs auspiciis a Romulo es constitutus, quem Statorem huius urbis atque imperii uere nominamus, hunc et huius socios a tuis ceterisque templis, a tectis urbis ac moenibus, a uita fortunisque ciuium omnium arcebis;</p>	<p>Tu, Júpiter<sup>63</sup>, que foste posto por Rômulo sob os mesmos auspícios que esta cidade<sup>64</sup>, a quem realmente denominamos Estator desta cidade e de seu governo, afastarás este e os seus comparsas dos teus e dos demais templos, dos tetos e das muralhas da cidade, da vida e dos bens de todos os cidadãos;</p>
<p>et homines bonorum inimicos, hostis patriae, latrones Italiae scelerum foedere inter se ac nefaria societate coniunctos aeternis suppliciis uiuos mortuosque mactabis.</p>	<p>e os homens, malquistos dos bons, inimigos da pátria, ladrões da Itália, unidos entre si numa aliança de crimes e numa nefanda sociedade, com suplícios eternos, vivos e mortos, imolarás.</p>

<sup>63</sup>Cícero profere seu discurso perante uma estátua de Júpiter e faz referências a ele. Trata-se do mesmo Júpiter Estátor já referido, nesta *Catilinária*, nas notas 2, p. 55, e 22, p. 61.

<sup>64</sup>Não se trata de qualquer estátua do deus Júpiter, mas sim a supostamente erguida por Rômulo, em gratidão por ter ele atendido a um pedido e auxiliado as tropas em uma luta contra os sabinos. Diante da possibilidade de perder, os soldados não fugiram, permaneceram na luta, e tiveram oportunidade para se reorganizar, visto que a ofensiva dos cimbrós parou, daí a denominação “Estátor”. (CA, p. 67; CBL, p. 24; CG, p. 322; GRIMAL, 2000, p. 261)

### 2.2.2 Segunda *Catilinária*

A segunda *Catilinária* foi pronunciada, em 9 de novembro de 63 a.C., para o povo, no Fórum romano.

Cícero anuncia ao povo que Catilina partiu; anuncia, ainda, ter consciência de que muitos duvidam de suas palavras e acusam-no de ter exilado o conspirador. Perante isso, o cônsul se defende e aconselha os romanos a se protegerem contra o exército de Catilina, o qual seria formado por seguidores de caráter duvidoso (devedores, parricidas, assassinos e todo tipo de criminosos), que permaneciam em Roma. Cícero diz que os protegerá e que evitará, assim, maiores perturbações.

Estrutura do discurso<sup>1</sup>:

1) Exórdio (1 – 2)

a) comemoração da saída de Catilina.

2) Argumentação (3 – 26)

a) explicação da atitude necessária perante os perigos que a República corria;

b) com a saída de Catilina, Roma pode respirar, o que se deve aos esforços de Cícero como cônsul;

c) ainda há perigo, há necessidade de cautela, mas o orador enfatiza o triunfo.

4) Epílogo (27 – 29)

a) advertência aos conjurados;

b) referência à ajuda dos deuses.

---

<sup>1</sup> Organizada a partir de CA, p. 71; CBL, p. 25 e CG, p. 324.

Cícero, In Catilinam, II	Cícero, Contra Catilina, II
1 Tandem aliquando, Quirites, L. Catilinam furentem audacia, scelus anhelantem, pestem patriae nefarie molientem, uobis atque huic urbi ferro flammaque minitantem ex urbe uel eiecimus uel emisimus uel ipsum egredientem uerbis prosecuti sumus.	1 Finalmente, Quirites <sup>1</sup> , a Lúcio Catilina, que enlouquecia na audácia, que respirava o crime, que tramava impiamente a desgraça da pátria, que ameaçava com a espada e o fogo a vós e a esta cidade, expulsamos de uma vez da cidade ou fizemos sair ou acompanhamos com palavras, enquanto ele próprio saía. <sup>2</sup>
Abiit, excessit, euasit, erupit.	Foi embora, retirou-se, fugiu, caiu fora.
Nulla iam pernicies a monstro illo atque prodigio moenibus ipsis intra moenia comparabitur.	Nenhuma desgraça mais será preparada por aquele monstro e flagelo dentro dos muros contra os próprios muros.
Atque hunc quidem unum huius belli domestici duces sine controuersia uicimus.	E realmente vencemos, sem discussão, esse único comandante dessa guerra civil.
Non enim iam inter latera nostra sica illa uersabitur, non in campo, non in foro, non in curia, non denique intra domesticos parietes pertimescemus.	Com efeito, já não rondará aquele punhal entre os nossos flancos, não morreremos de medo nem no Campo de Marte, nem no foro, nem na cúria <sup>3</sup> , nem, enfim, dentro das paredes de nossa casa <sup>4</sup> .
Loco ille motus est, cum est ex urbe depulsus.	Ele foi removido de seu posto, quando foi expulso da cidade.
Palam iam cum hoste nullo inpediente bellum iustum geremus.	Agora travaremos abertamente com o inimigo, sem que ninguém impeça, uma guerra justa.
Sine dubio perdidimus hominem magnificeque uicimus, cum illum ex occultis insidiis in apertum latrocinium coniecimus.	Sem dúvida, destruímos o homem e o vencemos magnificamente, quando o lançamos de suas ocultas emboscadas para uma aberta bandidagem.
2 Quod uero non cruentum mucronem, ut uoluit, extulit, quod uiuis nobis egressus est, quod ei ferrum e manibus extorsimus, quod incolumes ciues, quod stantem urbem reliquit, quanto tandem illum maerore esse adflictum et profligatum putatis?	2 E por não ter levado a espada manchada de sangue, como desejou, por ter saído, deixando-nos vivos <sup>5</sup> , por lhe termos arrancado das mãos a arma, por terem ficado incólumes os cidadãos, por ter deixado de pé a cidade, imaginais com que enorme tristeza, enfim, foi ele abatido

<sup>1</sup>Nome dado aos cidadãos romanos; era considerado um tratamento respeitoso. Quirites será uma palavra repetida muitas vezes neste discurso. Não haverá repetição dessa explicação, nem referência à nota, pois, com o número de ocorrências, tornar-se-ia redundante e desnecessário (CA, p. 73; CG, p. 326)

<sup>2</sup>Catilina deixou Roma e, nesse trecho, Cícero resume as três possíveis reações dos concidadãos para essa saída. (CG, p. 326)

<sup>3</sup>Um dos prédios localizados no Fórum romano, lugar onde ocorriam sessões do Senado.

<sup>4</sup>Alusão às tentativas de assassinato que foram denunciadas, pelo orador, na primeira *Catilinária*, em (10), p. 64. (CBL, p. 27; CG, p. 326)

<sup>5</sup>O plural, de fato, refere-se somente a Cícero, que denunciou Catilina e suas terríveis intenções contra a República. (CBL, p. 28)

	e derrotado?
Iacet ille nunc prostratus, Quirites, et se perculsum atque abiectum esse sentit et retorquet oculos profecto saepe ad hanc urbem, quam e suis faucibus ereptam esse luget; quae quidem mihi laetari uidetur, quod tantam pestem euomuerit forasque proiecerit.	Agora ele jaz prostrado, Quirites, e sente que foi batido e lançado ao chão e certamente volve muitas vezes os olhos para esta cidade, que ele lamenta ter sido arrancada de sua voracidade; e ela, na verdade, me parece alegrar-se por ter vomitado e lançado fora tamanha peste <sup>6</sup> .
3 Ac si quis est talis quales esse omnes oportebat, qui in hoc ipso, in quo exultat et triumphat oratio mea, me uehementer accuset, quod tam capitale hostem non comprehenderim potius quam emiserim, non est ista mea culpa, Quirites, sed temporum.	3 E se há alguém, tal qual convinha que fossem todos, que me acuse com veemência disso mesmo, de que meu discurso dá pulos de alegria e gritos de triunfo, porque não preendi um inimigo tão capital, em vez disso, deixei-o sair, essa culpa, cidadãos, não é minha, mas das circunstâncias.
Interfectum esse L. Catilinam et grauissimo supplicio adfectum iam pridem oportebat, idque a me et mos maiorum et huius imperii seueritas et res publica postulabat.	Há muito já convinha que Lúcio Catilina fosse morto e punido com um pesadíssimo suplício, e isso é o que de mim exigiam tanto o costume dos antepassados, quanto a severidade deste poder <sup>7</sup> , e a República.
Sed quam multos fuisse putatis, qui, quae ego deferrem, non crederent, quam multos, qui propter stultitiam non putarent, quam multos, qui etiam defenderent, quam multos, qui propter improbitatem fauerent!	Mas quantos julgais que haveria que não acreditariam nas coisas que eu denunciasses, quantos, que, por causa da estupidez, não as considerariam, quantos, que até as defenderiam, quantos, que por causa da improbidade, as favoreceriam!
Ac, si illo sublato depelli a uobis omne periculum iudicarem, iam pridem ego L. Catilinam non modo inuidiae meae, uerum etiam uitae periculo sustulissem.	E, se, eliminado aquele, eu julgasse que todo o perigo seria afastado de vós, já há muito eu teria eliminado Lúcio Catilina, com risco não só de ódio de mim, mas também de vida.
4 Sed cum uiderem, ne uobis quidem omnibus re etiam tum probata, si illum, ut erat meritis, morte multassem, fore ut eius socios inuidia oppressus persequi non possem, rem huc deduxi, ut tum palam pugnare possetis, cum hostem aperte uideretis.	4 Mas como eu via que, não sendo ainda sequer aprovado por todos vós o fato, se eu o condenasse à morte, como ele tinha merecido, iria suceder que, oprimido pelo ódio, eu não poderia perseguir seus cúmplices, levei o caso a esse ponto, para que pudésseis então combater às claras, quando vísseis abertamente o inimigo.
Quem quidem ego hostem, Quirites, quam	E que eu julgue o quão veementemente é

<sup>6</sup>Cícero utiliza, como o fez na Primeira *Catilinária*, do recurso da personificação da Pátria. Nesse trecho, também compara Catilina a uma peste, a uma praga. (CBL, p. 46; CG, p. 348)

<sup>7</sup>Apesar das leis que protegiam a vida dos cidadãos romanos, a partir de 21 de outubro de 63 a.C. fora conferido aos cônsules, mediante *senatus consultum ultimum* – ADKINS e ADKINS (2004, p. 821) explicam que se tratava de um recurso extremo, usado em situações emergenciais para conter ameaças políticas e, assim, restabelecer a ordem – o poder de impor pena de morte. Cícero anuncia que poderia ter utilizado esse poder, mas não o fez. (CA, p. 76; CG, p. 328)

uehementer foris esse timendum putem, licet hinc intellegatis, quod etiam illud moleste fero quod ex urbe parum comitatus exierit.	preciso temer, na verdade, esse inimigo lá fora, vós podeis deduzir do fato de que fico até com raiva que ele tenha saído da cidade pouco acompanhado.
Vtinam ille omnis secum suas copias eduxisset!	Oxalá tivesse ele levado consigo todas as suas tropas!
Tongilium mihi eduxit, quem amare in praetexta coeperat, Publicium et Minucium, quorum aes alienum contractum in popina nullum rei publicae motum adferre poterat;	Levou-me Tongílio, com quem tinha começado a ter relações amorosas, quando este ainda usava a toga pretexta <sup>8</sup> , levou Públicio e Minúcio, cujas dívidas contraídas na taberna nenhuma perturbação podiam carrear para República;
reliquit quos uiros, quanto aere alieno! quam ualentis! quam nobilis!	já os homens que deixou, que enormes dívidas tinham! Que valorosos eram! Que nobres!
5 Itaque ego illum exercitum prae Gallicanis legionibus et hoc dilectu, quem in agro Piceno et Gallico Q. Metellus habuit, et his copiis, quae a nobis cotidie comparantur, magno opere contemno collectum ex senibus desperatis, ex agresti luxuria, ex rusticis decoctoribus, ex iis, qui uadimonia deserere quam illum exercitum maluerunt;	5 Por isso, diante de nossas legiões da Gália e deste recrutamento que Q. Metelo <sup>9</sup> fez no campo Piceno e no gaulês <sup>10</sup> e destas tropas, que são cotidianamente preparadas por nós, eu sinto o mais profundo desdém por aquele exército constituído de velhos desesperados <sup>11</sup> , de luxúria campestre, de rústicos dissipadores, de seres que preferiram desertar dos tribunais do que daquele exército;
quibus ego non modo si aciem exercitus nostri, uerum etiam si edictum praetoris ostendero, concident.	e se eu mostrar a esses não só a linha de combate de nosso exército, mas também o edito do pretor <sup>12</sup> , sucumbirão.

<sup>8</sup>A toga pretexta, branca com a borda vermelha, era usada por magistrados romanos em ocasiões especiais. Só podiam usá-la aqueles que ocupavam os cargos mais altos e/ou jovens de até 17 anos. Nesse trecho, Cícero refere-se ao uso por um rapaz com menos de 17 anos. (CBL, p. 29; CG, p. 328)

<sup>9</sup>Quinto Metelo foi pretor em 63 a.C. e cônsul em 60 a.C.. Como se viu na nota 41, p. 67, na primeira *Catilinária*. (CA, p. 76)

<sup>10</sup> Refere-se à área no norte da planície litorânea do Mar Adriático. O chamado “campo gaulês”, na verdade, fazia alusão a um território tanto gaulês quanto piceno.

<sup>11</sup>Refere-se aos antigos soldados de Sila, que se tornaram homens do campo. É relevante saber que Sila, em 88 a.C., por um conflito com Caio Mário, decidiu invadir Roma com seu exército. Nesse ano, Caio Mário, que era um homem bastante respeitado por seus feitos políticos e militares – chegou, inclusive, a conquistar o sétimo consulado em 86 a.C. – usou sua grande influência para assumir o poder em Roma. Sila, que estava defendendo os interesses romanos na Primeira Guerra Mitridática, considerou essa atitude uma provocação suficiente para que ele e seu exército invadissem Roma. Tal invasão era considerada um sacrilégio; tão grave e inesperado que fez com que Sila tivesse êxito e conquistasse o poder. Saiu do poder definitivamente em 79 a.C., mas não sem antes dar terras aos seus soldados, os quais fundaram colônias militares, às quais se refere Cícero no discurso. (CA, p. 76; CBL, p. 29; CG, p. 328)

<sup>12</sup>Cargo da carreira política romana, associado a funções relacionadas à justiça. O “edito do pretor” era uma programação publicada pelo pretor ao assumir suas funções, determinando normas e procedimentos a seguir. Nesse caso, parece estar relacionado à parte dedicada aos

Hos, quos uideo uolitare in foro, quos stare ad curiam, quos etiam in senatum uenire, qui nitent unguentis, qui fulgent purpura, malletm secum suos milites eduxisset;	Esses, que vejo vaguearem no foro <sup>13</sup> , ficarem parados diante da cúria <sup>14</sup> , virem até ao senado, que reluzem com perfumes, que brilham com a púrpura, eu preferiria que ele tivesse levado consigo como seus soldados;
qui si hic permanent, mementote non tam exercitum illum esse nobis quam hos, qui exercitum deseruerunt, pertimescendos.	e se eles permanecem aqui, lembrai-vos de que nós não devemos temer tanto aquele exército quanto esses que abandonaram o exército.
Atque hoc etiam sunt timendi magis, quod, quid cogitent, me scire sentiunt neque tamen permouentur.	E esses devem ser ainda mais temidos por isto: porque eles percebem que eu sei o que eles pensam e, no entanto, não se perturbam.
6 Video cui sit Apulia adtributa, quis habeat Etruriam, quis agrum Picenum, quis Gallicum, quis sibi has urbanas insidias caedis atque incendiorum depoposcerit.	6 Vejo a quem foi designada a Apúlia, quem tem a Etrúria, quem tem o campo Piceno, quem tem o da Gália, quem solicitou para si essas insídias de mortandade e incêndios na cidade. <sup>15</sup>
Omnia superioris noctis consilia ad me perlata esse sentiunt;	Eles percebem que todos os planos da noite anterior foram trazidos até mim;
patefeci in senatu hesterno die;	tornei-os patentes ontem no senado;
Catilina ipse pertimuit, profugit;	o próprio Catilina encheu-se de medo, fugiu;
hi quid exspectant?	esses, o que esperam?
Ne illi uehementer errant, si illam meam pristinam lenitatem perpetuam sperant futuram.	Pois sim, eles se enganam redondamente, se esperam que aquela minha antiga brandura vai ser eterna.
Quod expectaui, iam sum adsecutus, ut uos omnes factam esse aperte coniurationem contra rem publicam uideretis;	O que tive em mente, já consegui, que vós todos vísseis que se tinha feito abertamente uma conjuração contra a república;
nisi uero si quis est, qui Catilinae similis cum Catilina sentire non putet.	a menos que haja alguém que não ache que pensam com Catilina os que se assemelham a Catilina.
Non est iam lenitati locus; seueritatem res ipsa flagitat.	Já não há lugar para a condescendência; o fato em si exige rigor.
Vnum etiam nunc concedam: exeant, proficiscantur, ne patiantur desiderio sui Catilinam miserum tabescere.	Uma única coisa agora ainda vou conceder: que saiam, partam, que não deixem o pobre Catilina consumir-se de saudade deles.

procedimentos de pagamento de dívidas. (FUNARI, 2011, p. 85)

<sup>13</sup> Local que abrigava os prédios públicos, os templos e as áreas comerciais da República romana. (CA, p. 77)

<sup>14</sup> Como se viu na nota 3, p. 77, nesta *Catilinária*.

<sup>15</sup> Referência aos focos revolucionários organizados por Catilina em diferentes regiões da Itália, o que foi denunciado por Cícero, em (5), p. 58, e em (9), p. 60, na Primeira *Catilinária*. (CBL, p. 30; CG, p. 329)

Demonstrabo iter: Aurelia uia profectus est; si accelerare uolent, ad uesperam consequentur.	Vou mostrar o caminho: ele partiu pela via Aurélia <sup>16</sup> ; se quiserem apressar-se, o alcançarão à tarde.
7 O fortunatam rem publicam, si quidem hanc sentinam urbis eiecerit!	7 Ó afortunada república, se realmente escoar para fora esta sentina <sup>17</sup> da cidade!
Vno mehercule Catilina exhausto, leuata mihi et recreata res publica uidetur.	Por ter sido, por héracles, retirado somente Catilina, a república me parece aliviada e reanimada.
Quid enim mali aut sceleris fingi aut cogitari potest, quod non ille conceperit?	Pois que mal ou que crime pode ser imaginado ou cogitado que ele não tenha concebido?
Quis tota Italia ueneficus, quis gladiator, quis latro, quis sicarius, quis parricida, quis testamentorum subiecto, quis circumscriptor, quis ganeo, quis nepos, quis adulter, quae mulier infamis, quis corruptor iuuentutis, quis corruptus, quis perditus inueniri potest, qui se cum Catilina non familiarissime uixisse fateatur?	Que envenenador, que gladiator, que ladrão, que assassino, que parricida, que falsificador de testamentos, que fraudador, que frequentador de tavernas, que devasso, que adúltero, que mulher de má fama, que corruptor da juventude, que corrupto, que perdido pode ser encontrado em toda a Itália, que confesse não ter vivido intimamente com Catilina?
Quae caedes per hosce annos sine illo facta est, quod nefarium stuprum non per illum?	Que mortandade por estes anos ocorreu sem ele, que abominável estupro não se deu através dele?
8 Iam uero quae tanta umquam in ullo iuuentutis inlecebra fuit, quanta in illo?	8 Por outro lado, que tão grande fascínio pela juventude houve algum dia em alguém, quanto nele?
Qui alios ipse amabat turpissime, aliorum amori flagitiosissime seruiebat, aliis fructum libidinum, aliis mortem parentum non modo inpellendo, uerum etiam adiuuando pollicebatur.	Ele próprio, que amava uns da maneira mais torpe, servia vergonhosamente ao amor de outros, a uns prometia o fruto das luxúrias, a outros a morte dos pais, não só incitando, mas até ajudando.
Nunc uero quam subito non solum ex urbe, uerum etiam ex agris ingentem numerum perditorum hominum collegerat!	Agora, porém, não só repentinamente reunira, não só da cidade, mas também dos campos <sup>18</sup> , um ingente número de homens perdidos!
Nemo non modo Romae, sed ne ullo in angulo totius Italiae oppressus aere alieno fuit, quem non ad hoc incredibile sceleris foedus ascuerit.	Ninguém houve, não só em Roma, mas em qualquer cantinho de toda a Itália, apertado pela dívida, que ele não tenha chamado para esta incrível aliança de crime.

<sup>16</sup>Catilina poderia escolher a *Via Aurélia*, maior, que bordeava as costas etruscas do Mar Tirreno, ou a *Via Cássia*, mais curta, que percorria o interior. Catilina escolheu a primeira para deixar claro que ia para Marselha, um os lugares comumente procurados pelos exilados. (CA, p. 78; CBL, p. 30; CG, p. 330)

<sup>17</sup> Ver nota 24, p. 63, primeira *Catilinária*. (CA, p. 52; CG, p. 309)

<sup>18</sup> Alusão aos antigos soldados de Sila. Ver nota 11, p. 79, nesta *Catilinária*. (CA, p. 76; CBL, p. 29; CG, p. 328)

9 Atque ut eius diuersa studia in dissimili ratione perspicere possitis, nemo est in ludo gladiatorio paulo ad facinus audacior, qui se non intimum Catilinae esse fateatur, nemo in scaena leuior et nequior; qui se non eiusdem prope sodalem fuisse commemoret.	9 E para que possais ver claramente as diversas inclinações dele em diferente forma, não há, na escola de gladiadores, ninguém um pouco mais atrevido para o crime, que não confesse ser íntimo de Catilina, ninguém, no palco de teatro, mais leviano e mais depravado, que não recorde ter sido quase seu companheiro.
Atque idem tamen stuprorum et scelerum exercitatione adsuefactus frigore et fame et siti et uigiliis perferendis fortis ab istis praedicabatur, cum industriae subsidia atque instrumenta uirtutis in lubricine audaciaque consumeret.	E, contudo, esse mesmo homem, acostumado, pela prática dos estupros e dos crimes, a suportar o frio e a fome e a sede e as vigílias <sup>19</sup> , era proclamado como forte por esses, quando consumia, na luxúria e no atrevimento, os recursos de sua ação e os dotes de sua virtude.
10 Hunc uero si secuti erunt sui comites, si ex urbe exierint desperatorum hominum flagitiosi greges, o nos beatos, o rem publicam fortunatam, o praeclaram laudem consulatus mei!	10 Se, porém, seus cúmplices o seguirem, se saírem da cidade os bandos ignominiosos de homens desesperados, ó felizes de nós, ó república afortunada, ó ilustre louvor de meu consulado!
Non enim iam sunt mediocres hominum lubricines, non humanae ac tolerandae audaciae; nihil cogitant nisi caedem, nisi incendia, nisi rapinas.	Pois já não se trata das medianas paixões dos homens, nem das humanas e toleráveis audácias; eles não pensam em nada, a não ser em mortandade, a não ser em incêndios, a não ser em roubos.
Patrimonia sua profuderunt, fortunas suas obligauerunt;	Dissiparam seus patrimônios, empenharam seus bens;
res eos iam pridem deseruit, fides nuper deficere coepit; eadem tamen illa, quae erat in abundantia, lubrico permanet.	já há muito a fortuna os abandonou, há pouco o crédito começou a faltar; no entanto, permanece aquela mesma luxúria que havia na abundância.
Quodsi in uino et alea comissiones solum et scorta quaerent, essent illi quidem desperandi, sed tamen essent ferendi;	Ora, se buscassem no vinho e no dado apenas orgias e prostitutas, deveríamos, certamente, não ter esperanças neles, no entanto, deveríamos suportá-los;
hoc uero quis ferre possit, inertes homines fortissimis uiris insidiari, stultissimos prudentissimis, ebriosos sobriis, dormientis uigilantibus?	mas quem poderia suportar isto, que homens covardes armem ciladas para varões fortíssimos, que os mais tolos para os mais prudentes, que os bêbados para os sóbrios, que os que vivem dormindo para os que estão despertos?
Qui mihi accubantes in conuiuuiis complexi mulieres inpudicas uino languidi, conferti cibo, sertis redimiti, unguentis obliti,	E são esses que, estando deitados nos banquetes, abraçados a mulheres impudicas, lânguidos de vinho, fartos de

<sup>19</sup>Nota-se o esforço de Cícero para fazer odiosas ou ridículas as qualidades de seu inimigo, para isso o orador destaca características que causam repúdio.

debilitati stupris eructant sermonibus suis caedem bonorum atque urbis incendia.	comida, cingidos de grinaldas, untados de perfumes, debilitados pelos estupros, arrotam em suas conversas o assassinio dos bons e os incêndios da cidade <sup>20</sup> .
11 Quibus ego confido impendere fatum aliquod, et poenam iam diu improbitati, nequitiae, sceleri, libidini debitam aut instare iam plane aut certe adpropinquare.	11 E eu tenho fé de que sobre eles paira alguma fatalidade, e que punição, já há muito merecida pela improbidade, pela perversidade, pelo crime, pela luxúria, já cai em cheio sobre eles ou certamente está muito próxima.
Quos si meus consulatus, quoniam sanare non potest, sustulerit, non breue nescio quod tempus, sed multa saecula propagarit rei publicae.	É se o meu consulado, uma vez que não pode curá-los, os eliminar, terá propiciado à república não um breve tempo qualquer, mas muitos séculos de duração.
Nulla est enim natio quam pertimescamus, nullus rex, qui bellum populo Romano facere possit.	Pois não há nenhuma nação que temamos, nenhum rei, que possa fazer guerra ao povo romano.
Omnia sunt externa unius uirtute terra marique pacata;	Todos os conflitos externos, graças à coragem de um único homem <sup>21</sup> , foram pacificados em terra e no mar;
domesticum bellum manet, intus insidiae sunt, intus inclusum periculum est, intus est hostis.	permanece a guerra doméstica, aqui dentro estão as ciladas, aqui dentro está encerrado o perigo, aqui dentro está o inimigo.
Cum luxuria nobis, cum amentia, cum scelere certandum est.	É contra a luxúria, contra a insensatez, contra o crime que temos de lutar.
Huic ego me bello ducem profiteor, Quirites;	E para esta guerra, Quirites, eu me proclamo general;
suscipio inimicitias hominum perditorum;	tomo a meu cargo as inimizades de homens perdidos;
quae sanari poterunt, quacumque ratione sanabo, quae resecanda erunt, non patiar ad perniciem ciuitatis manere.	o que puder ser sanado, de algum modo vou sanar, o que precisar ser extirpado, não admitirei que permaneça para a ruína da cidade.
Proinde aut exeant aut quiescant aut, si et in urbe et in eadem mente permanent, ea, quae merentur, expectent.	Portanto, ou que saiam ou que se aquietem ou, caso permaneçam na cidade e no mesmo propósito, que esperem o que merecem.
12 At etiam sunt qui dicant, Quirites, a me eiectum in exilium esse Catilinam.	12 Mas ainda há, Quirites, os que dizem que Catilina foi mandado para o exílio por mim.

<sup>20</sup>Cícero enfatiza o perigo a que estavam expostos com os planos de Catilina, como, por exemplo, incendiar Roma. É relevante destacar que se trata de uma referência aos planos de conjuração, ou seja, uma possibilidade, uma hipótese. (CBL, pp. 31 e 32; CG, p. 330)

<sup>21</sup>Adulação dirigida a Pompeu, general e político romano, cuja popularidade era enorme e cuja atitude a respeito de Catilina não se mostrava clara até aquele momento. (CA, p. 81; CBL, p. 33; CG, p. 332)

Quod ego si uerbo adsequi possem, istos ipsos eicerem, qui haec locuntur.	Se com a palavra eu pudesse obter isso, eu mandaria esses mesmos que falam tais coisas.
Homo enim uidelicet timidus aut etiam permodestus uocem consulis ferre non potuit;	Com efeito, esse homem evidentemente tímido ou mesmo muito modesto não pôde suportar a voz do cônsul;
simul atque ire in exilium iussus est, paruit.	assim que foi ordenado a ir para o exílio, obedeceu.
Quin hesterno die, Quirites, cum domi meae paene interfectus essem, senatum in aedem Iouis Statoris conuocaui, rem omnem ad patres conscriptos detuli.	Ora, ontem, Quirites, depois que eu quase fui assassinado em minha casa <sup>22</sup> , convoquei o senado no templo de Júpiter Estátor <sup>23</sup> , relatei todo o caso aos senadores.
Quo cum Catilina uenisset, quis eum senator appellauit, quis salutauit, quis denique ita aspexit ut perditum ciuem ac non potius ut inportunissimum hostem?	Quando Catilina lá chegou, que senador o chamou, quem o cumprimentou, quem, enfim, o olhou como um cidadão desgraçado e não, antes, como um molestíssimo inimigo?
Quin etiam principes eius ordinis partem illam subselliorum, ad quam ille accesserat, nudam atque inanem reliquerunt.	E ainda mais, os principais do congresso deixaram nua e vazia aquela parte dos assentos para a qual ele se dirigira.
13 Hic ego uehemens ille consul, qui uerbo ciuis in exilium eicio, quaesiui a Catilina, in nocturno conuentu apud M. Laecam fuisset necne.	13 Então eu, o célebre cônsul impetuoso, que, só com a palavra <sup>24</sup> , mando cidadãos para o exílio, quis saber de Catilina se ele tinha estado na reunião noturna na casa de Marco Leca <sup>25</sup> ou não.
Cum ille homo audacissimus conscientia conuictus primo reticuisset, patefeci cetera;	Como aquele atrevidíssimo homem, convencido pela consciência, primeiro se calasse, pus às claras todo o resto;
quid ea nocte egisset, quid in proximam constituisset, quem ad modum esset ei ratio totius belli descripta, edocui.	expus o que tinha feito nessa noite, o que tinha estabelecido para a seguinte, como lhe tinha sido traçado o plano de toda a guerra.
Cum haesitaret, cum teneretur, quaesiui, quid dubitaret proficisci eo, quo iam pridem pararet, cum arma, cum secures, cum fascas, cum tubas, cum signa militaria, cum aquilam illam argenteam,	Como vacilasse, como se contivesse, perguntei por que hesitava em partir para onde há muito já se preparava <sup>26</sup> , uma vez que eu sabia que tinham sido previamente enviadas as armas, as machadinhas, os

<sup>22</sup>Referência à intenção de assassinato, que foi apresentada na Primeira *Catilinária*, parte (10).

<sup>23</sup>Alusão ao Templo de “Júpiter Estátor”, lugar de adoração ao deus Júpiter e também onde os senadores da República romana podiam reunir-se (GRIMAL, 2000, p. 261). Como se viu na nota 2, p. 56, e na nota 22, p. 62, na primeira *Catilinária*.

<sup>24</sup>Cícero ironiza uma possível opinião formada a respeito dele e reforça que se preocupou somente em expor os fatos. (CBL, p. 34; CG, p. 334)

<sup>25</sup> Como se viu na nota 18, p. 60, na primeira *Catilinária*. (CBL, p. 10; CG, p. 306)

<sup>26</sup>Refere-se ao acampamento de Mânlio (seguidor de Catilina, que era centurião, ou seja, era o sexto, na hierarquia militar romana, no comando de uma legião), na Etrúria, onde tudo estaria pronto para atacar a República. (CG, p. 333)

cui ille etiam sacrarium domi suae fecerat, scirem esse praemissam.	feixes, as trombetas, os estandartes militares, aquela famosa águia de prata, para a qual ele até fizera um santuário de crimes em sua casa <sup>27</sup> .
14 In exilium eiciebam, quem iam ingressum esse in bellum uidebam?	14 Eu mandava para o exílio quem eu via já ter se metido na guerra?
Etenim, credo, Manlius iste centurio, qui in agro Faesulano castra posuit bellum populo Romano suo nomine indixit, et illa castra nunc non Catilinam ducem expectant, et ille eiectus in exilium se Massiliam, ut aiunt, non in haec castra conferet.	De fato, creio, Mânlio <sup>28</sup> , esse centurião que assentou acampamento no campo Fesulano, foi quem declarou guerra ao povo romano em seu próprio nome, e aquele acampamento não está aguardando agora Catilina como chefe, e ele, mandado para o exílio, vai se dirigir, pelo que dizem, para Marselha, não para o tal acampamento <sup>29</sup> .
O condicionem miseram non modo administrandae, uerum etiam conseruandae rei publicae!	Ó misera condição não só de administrar, mas também de conservar a República!
Nunc si L. Catilina consiliis, laboribus, periculis meis circumclusus ac debilitatus subito pertimuerit, sententiam mutauerit, deseruerit suos, consilium belli faciendi abiecerit et ex hoc cursu sceleris ac belli iter ad fugam atque in exilium conuerterit, non ille a me spoliatus armis audaciae, non obstupefactus ac perterritus mea diligentia, non de spe conatuque depulsus sed indemnatus innocens in exilium eiectus a consule ui et minis esse dicitur;	Agora se Lúcio Catilina, cercado e debilitado pelas minhas decisões, trabalhos, riscos, de repente tremer, mudar o pensamento, abandonar os seus, renunciar ao plano de fazer a guerra e mudar o rumo desta carreira de crime e de guerra para a fuga e para o exílio, não se dirá que ele foi despojado das armas da audácia por mim, nem que foi atordoado e aterrorizado por meu zelo, nem que foi dissuadido da esperança e da tentativa, mas que, sem julgamento e inocente, foi mandado para o exílio pelo cônsul com violência e ameaças;
et erunt, qui illum, si hoc fecerit, non improbum, sed miserum, me non diligentissimum consulem, sed crudelissimum tyrannum existimari uelint!	e haverá aqueles que queiram que ele, se fizer isto, seja considerado não ímprobo, mas infeliz, e eu, não um zelosíssimo cônsul, mas um crudelíssimo tirano <sup>30</sup> !
15 Est mihi tanti, Quirites, huius inuidiae falsae atque iniquae tempestatem subire, dum modo a uobis huius horribilis belli ac nefarii periculum depellatur.	15 Pouco me importa, Quirites, sofrer a tempestade deste ódio falso e injusto, contanto que seja afastado de vós o perigo desta guerra horrível e criminosa.
Dicatur sane eiectus esse a me, dum modo	Diga-se que ele foi realmente expulso por

<sup>27</sup> Como se viu na nas notas 49 e 50, p. 70, na primeira *Catilinária*. (CBL, p. 19; CG, p. 316)

<sup>28</sup> Ver nota 26, p. 84, nesta *Catilinária*.

<sup>29</sup> Irônico, Cícero refere-se a cartas que Catilina havia escrito a vários amigos para comunicar-lhes o propósito de ir para Marselha, lugar habitual dos exilados. (CA, p. 85; CBL, p. 35; CG, p. 335)

<sup>30</sup> Como se viu na nota 59, p. 73, da primeira *Catilinária*. (CA, p. 65; CBL, p. 22; CG, p. 320)

eat in exilium.	mim, contanto que vá para o exílio.
Sed, mihi credite, non est iturus.	Mas, crede-me, ele não irá.
Numquam ego ab dis immortalibus optabo, Quirites, invidiae meae leuandae causa, ut L. Catilinam ducere exercitum hostium atque in armis uolitare audiat, sed triduo tamen audietis;	Eu nunca vou desejar obter dos deuses imortais, Quirites, para aliviar o ódio por mim, que vós ouçais que Lúcio Catilina comanda o exército dos inimigos e voeja no meio das armas, mas, dentro de três dias, ouvireis isso;
multoque magis illud timeo, ne mihi sit inuidiosum aliquando, quod illum emiserim potius quam quod eiecerim.	e temo muito mais isso: que se tenha, algum dia, mais ódio de mim por tê-lo deixado ir do que por tê-lo expulsado.
Sed cum sint homines, qui illum, cum profectus sit, eiectum esse dicant, idem, si interfectus esset, quid dicerent?	Mas como há homens que dizem que ele foi expulso, tendo partido, o que diriam esses mesmos, se ele tivesse sido morto?
16 Quamquam isti, qui Catilinam Massiliam ire dictitant, non tam hoc queruntur quam uerentur.	16 Todavia esses tais, que vivem repetindo que Catilina está indo para Marselha, não se queixam disso tanto quanto receiam.
Nemo est istorum tam misericors, qui illum non ad Manlium quam ad Massilienses ire malit.	Não há ninguém desses tão compassivo que não prefira que ele vá para junto de Mânlio, em vez de para junto dos Marselheses.
Ille autem, si mehercule hoc, quod agit, numquam antea cogitasset, tamen latrocinantem se interfici mallet quam exulem uiuere.	Por outro lado, por héracles, se ele jamais tivesse pensado antes em fazer o que faz, mesmo assim preferiria ser morto na bandidagem do que viver exilado.
Nunc uero, cum ei nihil adhuc praeter ipsius uoluntatem cogitationemque acciderit, nisi quod uiuis nobis Roma profectus est, optemus potius, ut eat in exilium, quam queramur.	Agora, porém, como até aqui nada lhe aconteceu fora de sua própria vontade e pensamento, a não ser o fato de ter partido de Roma, ficando nós vivos, desejemos antes que ele vá para o exílio do que nos queixarmos.
17 Sed cur tam diu de uno hoste loquimur, et de eo hoste, qui iam fatetur se esse hostem, et quem, quia, quod semper uolui, murus interest, non timeo;	17 Mas por que estamos falando tanto tempo de um único inimigo, e desse inimigo que já confessa ser inimigo, e de que não tenho medo, porque, como sempre quis, há um muro entre nós?
de his, qui dissimulant, qui Romae remanent, qui nobiscum sunt, nihil dicimus?	E desses, que dissimulam, que permanecem em Roma, que estão conosco, não dizemos nada?
Quos quidem ego, si ullo modo fieri possit, non tam ulcisci studeo quam sanare sibi ipsos, placare rei publicae, neque, id quare fieri non possit, si me audire uolent, intellego.	A esses, na verdade, eu, se isso, de algum modo, puder ser feito, almejo não tanto puni-los quanto curá-los e reconciliá-los com a República, e não entendo por que isso não possa ser feito, se quiserem ouvir-me.
Exponam enim uobis, Quirites, ex quibus generibus hominum istae copiae comparantur;	Com efeito, Quirites, vou expor a vós de que classes de homens essas tropas são compostas;

deinde singulis medicinam consilii atque orationis meae, si quam potero, adferam.	em seguida ministrarei a cada uma delas, se puder, o remédio do meu conselho e discurso.
18 Vnum genus est eorum, qui magno in aere alieno maiores etiam possessiones habent, quarum amore adducti dissolui nullo modo possunt.	18 Uma classe é a daqueles que, em grandes dívidas, têm posses ainda maiores e, levados pelo amor delas, não conseguem, de modo algum, desapegar-se.
Horum hominum species est honestissima (sunt enim locupletes), uoluntas uero et causa inpudentissima.	A aparência desses homens é respeitabilíssima (pois são ricos), mas a vontade e o interesse são de uma grande falta de vergonha.
Tu agris, tu aedificiis, tu argento, tu familia, tu rebus omnibus ornatus et copiosus sis et dubites de possessione detrudere, acquirere ad fidem?	Tu és sobejamente provido de campos, tu, de edifícios, tu, de prata, tu, de escravos, tu, de todas as coisas e hesitas em se desfazer de alguma posse, recuperar seu crédito?
Quid enim expectas? Bellum? Quid ergo? In uastatione omnium tuas possessiones sacrosanctas futuras putas?	O que, pois, esperas? A guerra? Por que então? Achas que numa devastação de tudo, as tuas posses serão sagradas?
An tabulas nouas? Errant, qui istas a Catilina expectant;	Acaso, novos livros de contas <sup>31</sup> ? Enganam-se os que esperam esses de Catilina;
meo beneficio tabulae nouae proferentur, uerum auctionariae;	graças a mim, novos livros de contas serão publicados, mas livros que impõem a venda dos bens em leilão.
neque enim isti, qui possessiones habent, alia ratione ulla salui esse possunt.	e, com efeito, esses, que têm posses, não podem ser salvos de nenhuma outra forma.
Quod si maturius facere uoluissent neque, id quod stultissimum est, certare cum usuris fructibus praediorum, et locupletioribus his et melioribus ciuibus uteremur.	Pois se tivessem querido fazer isso mais cedo e não, o que é uma grande estupidez, lutar contra os juros das dívidas com as rendas de suas terras, e teríamos neles cidadãos mais ricos e melhores.
Sed hosce homines minime puto pertimescendos, quod aut deduci de sententia possunt aut, si permanebunt, magis mihi uidentur uota facturi contra rem publicam quam arma laturi.	Mas esses homens, de modo algum, acho que devem ser temidos, porque ou podem ser levados a mudar de opinião ou, se persistirem, eles me parecem mais capazes de expressar desejos contra a República do que de pegar em armas.
19 Alterum genus est eorum, qui quamquam premuntur aere alieno, dominationem tamen expectant, rerum potiri uolunt, honores, quos quieta re publica desperant,	19 A segunda classe é a daqueles que, embora sejam premidos pelas dívidas, esperam, contudo, chegar ao poder, querem apossar-se da situação, julgam

<sup>31</sup>As chamadas “tábulas novas” (*tabulas nouas*) eram os registros oficiais em que se anotavam os nomes de cada cidadão devedor e os valores devidos por eles. À medida que pagavam, eram apagadas as quantidades correspondentes. Catilina, a exemplo de outros revolucionários, havia prometido reduzir ou até eliminar algumas dívidas. (CBL, p. 37; CG, p. 336)

perturbata se consequi posse arbitrantur.	que, com a perturbação, podem alcançar as honras que, estando em paz a República, não têm esperança de obter.
Quibus hoc praecipendum uidetur, unum scilicet et idem quod reliquis omnibus, ut desperent se id, quod conantur, consequi posse;	A estes parece que se deve dar este conselho, um só e evidentemente o mesmo para todos os demais, para que percam a esperança de poder alcançar o que tentam;
primum omnium me ipsum uigilare, adesse, prouidere rei publicae;	primeiro de tudo, eu próprio estou alerta, presidido, cuidado da república;
deinde magnos animos esse in bonis uiris, magnam concordiam, maxumam multitudinem, magnas praeterea militum copias;	em segundo lugar, há grandes espíritos nos homens de bem, uma grande concórdia, uma maior multidão dos nossos, além de grandes tropas de soldados;
deos denique immortalis huic inuicto populo, clarissimo imperio, pulcherrimae urbi contra tantam uim sceleris praesentis auxilium esse laturos.	e finalmente, os deuses imortais hão de trazer auxílio a este povo invencível, a este claríssimo império, a esta lindíssima cidade contra tão grande violência do presente crime.
Quodsi iam sint id, quod summo furore cupiunt, adepti, num illi in cinere urbis et in sanguine ciuium, quae mente conscelerata ac nefaria concupiuerunt, consules se aut dictatores aut etiam reges sperant futuros?	E mesmo que já alcançado aquilo que, com suprema loucura, desejam, por acaso, na cinza da cidade e no sangue dos cidadãos, esperam chegar a ser o que ambicionaram com sua mente criminosa e sacrílega, cónsules ou ditadores ou até mesmo reis?
Non uident id se cupere, quod si adepti sint, fugituo alicui aut gladiatori concedi sit necesse?	Não veem que desejam algo que, se tiveram êxito, precisa ser concedido a algum fugitivo ou gladiador?
20 Tertium genus est aetate iam adfectum, sed tamen exercitatione robustum;	20 A terceira classe é aquela já afetada pela idade, mas ainda robusta, graças à sua atividade;
quo ex genere iste est Manlius, cui nunc Catilina succedit.	dessa classe é esse tal Mânlio, atrás de quem Catilina agora vai.
Hi sunt homines ex iis coloniis, quas Sulla constituit, quas ego uniuersas ciuium esse optimorum et fortissimorum uirorum sentio; sed tamen ii sunt coloni, qui se in insperatis ac repentinis pecuniis sumptuosius insolentiusque iactarunt.	Esses são os homens procedentes das colônias que Sila <sup>32</sup> fundou, as quais eu sinto serem todas de excelentes cidadãos e de valorosíssimos varões; contudo esses são os colonos que, em meio a inesperadas e repentinas riquezas, se pavonearam do modo mais suntuoso e mais imoderado.
Hi dum aedificant tamquam beati, dum praediis lectis, familiis magnis, conuiuiis apparatus delectantur, in tantum aes alienum inciderunt, ut, si salui esse uelint, Sulla sit iis ab inferis excitandus;	Esses, enquanto construíam como os afortunados, enquanto se deleitavam com terras seletas, com numerosos escravos, com suntuosos banquetes, caíram em tamanha dívida que, se quisessem ser

<sup>32</sup>Ver nota 11, p. 79, nesta *Catilinária*.

	salvos, Sila teria de ser convocado por eles dos infernos;
qui etiam non nullos agrestis homines tenues atque egentes in eandem illam spem rapinarum ueterum impulerunt.	e eles ainda impeliram alguns homens do campo, humildes e necessitados, para aquela mesma esperança de antigas rapinas.
Quos ego utrosque in eodem genere praedatorum direptorumque pono;	A esses e aos outros eu ponho na mesma categoria, a dos ladrões e saqueadores;
sed eos hoc moneo, desinant furere ac proscriptiones et dictaturas cogitare.	mas é isto o que lhes aconselho, que parem de ser loucos e de pensar em proscições e ditaduras.
Tantus enim illorum temporum dolor inustus est ciuitati, ut iam ista non modo homines, sed ne pecudes quidem mihi passurae esse uideantur.	Pois é tamanha a dor daqueles tempos gravada na cidade que me parece que não só os homens mas nem sequer o gado estão dispostos a sofrer tais coisas.
21 Quartum genus est sane uarium et mixtum et turbulentum;	21 A quarta classe é, sem dúvida, variada, mista e confusa;
qui iam pridem premuntur, qui numquam emergunt, qui partim inertia, partim male gerendo negotio, partim etiam sumptibus in uetere aere alieno uacillant;	há os que há muito são premidos pelas dívidas, os que nunca levantam a cabeça, os que, em parte pela inércia, em parte por gerir mal seu negócio, em parte ainda pelos gastos, cambaleiam em dívidas antigas;
qui uadimoniis, iudiciis, proscriptione bonorum defetigati permulti et ex urbe et ex agris se in illa castra conferre dicuntur.	esses, segundo se diz, fatigados com as citações, os julgamentos, a penhora dos bens <sup>33</sup> , se dirigem em grande número tanto da cidade como dos campos para aquele acampamento.
Hosce ego non tam milites acris quam infitiores lentos esse arbitror.	Esses eu acho que não são ardorosos soldados tanto quanto são demorados caloteiros.
Qui homines <i>quam</i> primum, si stare non possunt, corruant sed ita, ut non modo ciuitas, sed ne uicini quidem proximi sentiant.	Esses homens, se não podem manter-se de pé, que caiam o quanto antes, mas de tal modo que não só a cidade, mas nem mesmo os vizinhos mais próximos o percebam.
Nam illud non intellego, quam ob rem, si uiuere honeste non possunt, perire turpiter uelint, aut cur minore dolore perituros se cum multis quam si soli pereant, arbitrentur.	Pois não entendo isso: por que razão, se não conseguem viver honradamente, querem morrer de modo torpe, ou por que acham que, na companhia de muitos, morreriam com menos dor do que se morressem sozinhos.
22 Quintum genus est parricidarum, sicariorum, denique omnium facinerosorum.	22 A quinta classe é a dos parricidas, dos assassinos, enfim, de todos os criminosos.

<sup>33</sup>Cícero elenca algumas das possíveis causas, na época, que motivavam um julgamento civil. (CA, p. 89; CG, p. 339)

Quos ego a Catilina non reuoco;	Esses eu não afasto de Catilina;
nam neque ab eo diuelli possunt et pereant sane in latrocinio quoniam sunt ita multi, ut eos carcer capere non possit.	pois nem podem ser separados dele e que morram de uma vez em sua bandidagem, já que são tão numerosos que o cárcere <sup>34</sup> não poderia contê-los.
Postremum autem genus est non solum numero uerum etiam genere ipso atque uita, quod proprium Catilinae est, de eius dilectu, immo uero de complexu eius ac sinu;	A última classe é, não só por sua ordem, mas também por seu próprio tipo e por sua vida, a que é própria de Catilina, da sua predileção, ou mais ainda, da sua intimidade e do seu afeto;
quos pexo capillo nitidos aut inerbis aut bene barbatos uidetis, manicatis et talaribus tunicis uelis amictos, non togis; quorum omnis industria uitae et uigilandi labor in antelucanis cenis expromitur.	são aqueles com vestes elegantes, de cabelo penteado, ou sem barba ou com a barba bem cuidada, com túnicas de mangas e talares, vestidos de véus, não de togas; deles toda atividade de vida e esforço de ficar acordado se manifesta nas ceias da madrugada.
23 In his gregibus omnes aleatores, omnes adulteri, omnes impuri inpudicique uersantur.	23 Nessas manadas, circulam todos os jogadores, todos os adúlteros, todos os imorais e impudicos.
Hi pueri tam lepidi ac delicati non solum amare et amari neque saltare et cantare, sed etiam sicas uibrare et spargere uenena didicerunt.	Esses garotos, tão lépidos e refinados, aprenderam não só a fazer sexo ativo e passivo, não só a dançar e a cantar, mas também a brandir os punhais e a espargir venenos.
Qui nisi exeunt, nisi pereunt, etiamsi Catilina perierit, scitote hoc in re publica seminarium Catilinarum futurum.	Se esses não se vão, se não morrem, mesmo se Catilina morrer, ficai sabendo que isso será uma sementeira de Catilinas na república.
Verum tamen quid sibi isti miseri uolunt?	Mas o que querem para si esses infelizes?
Num suas secum mulierculas sunt in castra ducturi?	Será que eles vão levar consigo para o acampamento as suas mulherzinhas?
Quem ad modum autem illis carere poterunt, his praesertim iam noctibus?	Como eles conseguirão ficar sem elas, especialmente nestas noites de agora <sup>35</sup> ?
Quo autem pacto illi Appenninum atque illas pruinas ac niues perferent?	Além disso, como eles suportarão o Apenino <sup>36</sup> e aquelas geadas e neves?
Nisi idcirco se facilius hiemem toleraturos putant, quod nudi in conuiuuis saltare didicerunt.	A não ser que achem que vão aguentar mais facilmente o inverno, só porque aprenderam a dançar nus nos banquetes.
24 O bellum magno opere pertimescendum, cum hanc sit habiturus Catilina scortorum	24 Ó guerra de que se deve ter um tão grande medo, visto que Catilina vai dispor dessa

<sup>34</sup> Prisão *Mamertina* ou *Tullianum* era localizada no Fórum romano, constituída de duas alas subterrâneas e sobrepostas: a inferior era usada para execuções e a superior, para detenção. (CBL, p. 39)

<sup>35</sup> Estavam em 9 de novembro de 63 a.C.; refere-se, portanto, às baixas temperaturas do fim do outono. (CA, p. 91; CBL, p. 40)

<sup>36</sup> Nome da Cordilheira que se estende ao longo da Itália central e pela costa leste.

cohortem praetoriam!	corte pretoriana <sup>37</sup> de prostitutas!
Instruite nunc, Quirites, contra has tam praeclaras Catilinae copias uestra praesidia uestrosque exercitus.	Formai agora, Quirites, contras essas tão brilhantes tropas de Catilina, as vossas forças e os vossos exércitos.
Et primum gladiatori illi confecto et saucio consules imperatoresque uestros opponite;	E, primeiro, oponde vossos cônsules e generais àquele gladiador acabado e ferido;
deinde contra illam naufragorum eiectam ac debilitatam manum florem totius Italiae ac robur educite.	depois, mandai a flor e o vigor de toda a Itália contra aquele rejeitado e extenuado bando de náufragos.
Iam uero urbes coloniarum ac municipiorum respondebunt Catilinae tumulis siluestribus.	Agora, na verdade, as cidades de nossas colônias e municípios responderão às colinas silvestres de Catilina.
Neque ego ceteras copias, ornamenta, praesidia uestra cum illius latronis inopia atque egestate conferre debeo.	E eu nem devo comparar as vossas demais tropas, petrechos, guarnições com a falta de recurso e miséria daquele ladrão.
25 Sed si omissis his rebus, quibus nos suppeditamur, eget ille, senatu, equitibus Romanis, urbe, aerario, uectigalibus, cuncta Italia, prouinciis omnibus, exteris nationibus, si his rebus omissis causas ipsas, quae inter se confligunt, contendere uelimus, ex eo ipso, quam ualde illi iaceant, intellegere possumus.	25 Mas, se omitidas essas coisas, que temos de sobra e ele não tem - senado, cavaleiros romanos, cidade, tesouro público, tributos, toda a Itália, todas as províncias <sup>38</sup> , nações estrangeiras <sup>39</sup> , se, omitidas essas coisas, queremos comparar as próprias causas que entre si se enfrentam, podemos entender, a partir disso mesmo, o quão completamente abatidos estão eles.
Ex hac enim parte pudor pugnat, illinc petulantia;	Pois desta parte luta o pudor, daquela a petulância;
hinc pudicitia, illinc stuprum; hinc fides, illinc fraudatio; hinc pietas, illinc scelus;	desta a pudicícia, daquela o estupro; desta a lealdade, daquela a fraude; desta a piedade, daquela o crime;
hinc constantia, illinc furor; hinc honestas, illinc turpitude; hinc continentia, illinc lubido;	desta a firmeza, daquela a loucura; desta a honradez, daquela a ignomínia; desta a moderação, daquela a libertinagem;
denique aequitas, temperantia, fortitudo, prudentia, uirtutes omnes certant cum iniquitate, luxuria, ignauia, temeritate, cum uitii omnibus;	enfim, a equidade, a temperança, a fortitude, a prudência, todas as virtudes lutam contra a iniquidade, a luxúria, a covardia, o atrevimento, contra todos os vícios;
postremo copia cum egestate, bona ratio cum perdita, mens sana cum amentia, bona denique spes cum omnium rerum desperatione confligit.	por último, a abundância guerreia com a pobreza, a boa razão com a razão perdida, a mente sã com a demência, enfim, a boa esperança com o desespero de tudo.
In eius modi certamine ac proelio nonne, si hominum studia deficient, di ipsi	Numa disputa e num combate desse tipo, por acaso, se faltam os cuidados dos

<sup>37</sup> *Guarda pretoriana* era a denominação da guarda pessoal do general. (CA, p. 91; CBL, p. 40)

<sup>38</sup> Faz alusão aos povos e regiões submetidas à autoridade político-militar e governados por Roma. (CG, p. 341)

<sup>39</sup> Refere-se aos povos aliados de Roma. (CG, p. 341)

immortales cogant ab his praeclarissimis uirtutibus tot et tanta uitia superari?	homens, os próprios deuses imortais não obrigam a que tantos e tão graves vícios sejam vencidos por estas preclaríssimas virtudes?
26 Quae cum ita sint, Quirites, uos, quem ad modum iam antea dixi, uestra tecta uigiliis custodiisque defendite;	26 Como essas coisas são assim, Quirites, vós, como já disse antes, defendei os vossos tetos com vigias e guardas;
mihi, ut urbi sine uestro motu ac sine ullo tumultu satis esset praesidii, consultum atque prouisum est.	por mim foi decretado e providenciado, sem a vossa mobilização e sem nenhum tumulto, para que a cidade tivesse guardas suficientes <sup>40</sup> .
Coloni omnes municipalesque uestri certiores a me facti de hac nocturna excursionem Catilinae facile urbes suas finesque defendent;	Todos os vossos colonos e munícipes, informados por mim sobre esta saída noturna de Catilina, defenderão facilmente suas cidades e territórios;
gladiatores, quam sibi ille manum certissimam fore putauit, quamquam animo meliore sunt quam pars patriciorum, potestate tamen nostra continebuntur.	os gladiadores, tropa que ele julgou que seria a mais segura para ele, embora estejam com melhor disposição do que parte dos patrícios, serão, contudo, mantidos sob o nosso poder.
Q. Metellus, quem ego hoc prospiciens in agrum Gallicum Picenumque praemisi, aut opprimit hominem aut eius omnis motus conatusque prohibebit.	Quinto Metelo <sup>41</sup> , a quem eu, prevendo isso, já enviei previamente para o campo da Gália e de Piceno, ou subjugará o homem ou impedirá todos os seus movimentos e tentativas.
Reliquis autem de rebus constituendis maturandis, agendis iam ad senatum referemus, quem uocari uidetis.	Quanto às demais medidas que precisam ser tomadas, agilizadas e executadas, já proporemos ao senado, que vedes que está sendo convocado <sup>42</sup> .
27 Nunc illos, qui in urbe remanserunt, atque adeo qui contra urbis salutem omniumque uestrum in urbe a Catilina relictis sunt, quamquam sunt hostes, tamen, quia nati sunt ciues, monitos etiam atque etiam uolo.	27 Agora aqueles que permaneceram na cidade, ou melhor, aqueles que, contra a salvação da cidade e de todos vós, foram deixados na cidade por Catilina, embora sejam inimigos, uma vez que nasceram cidadãos, uma e mais vezes quero que fiquem avisados.
Mea lenitas adhuc si cui solutior uisa est, hoc expectauit, ut id, quod latebat, erumperet.	Se a alguém a minha brandura pareceu até agora muito frouxa, é que ela esperou por isto: que o que estava oculto se manifestasse.

<sup>40</sup>Uma vez que ao cidadão cabe proteger sua casa,; ao cônsul, cabe vigiar a cidade e alertar sempre que perceber uma ameaça, ou seja, o trabalho é maior. (CA, P. 92; CBL, P. 41)

<sup>41</sup>Quinto Metelo foi pretor em 63 a.C. e cônsul em 60 a.C.. Como se viu na nota 41, p. 65, na primeira *Catilinária*. (CA, P. 57; CBL, P. 16; CG, P. 313)

<sup>42</sup>Cícero destaca que os cidadãos estavam acompanhando as idas e vindas dos escravos que convocavam os senadores, ou seja, percebiam que havia algo de urgente ocorrendo. (CA, P. 93; CBL, P. 41; CG, P. 342)

Quod reliquum est, iam non possum obliuisci meam hanc esse patriam, me horum esse consulem, mihi aut cum his uiuendum aut pro his esse moriendum.	De agora em diante, já não posso esquecer que esta é minha pátria, que eu sou o cônsul destes e que eu devo ou viver com eles ou morrer por eles.
Nullus est portis custos, nullus insidiator uiae; si qui exire uolunt, coniuere possum;	Não há nenhum guarda nas portas, nem ninguém armando ciladas na estrada; se alguns querem sair, eu posso fazer vista grossa;
qui uero se in urbe commouerit, cuius ego non modo factum, sed inceptum ullum conatumue contra patriam deprehendero, sentiet in hac urbe esse consules uigilantis, esse egregios magistratus, esse fortem senatum, esse arma, esse carcerem, quem uindicem nefariorum ac manifestorum scelerum maiores nostri esse uoluerunt.	aquele, porém, que se amotinar na cidade, e dele eu surpreender não só a ação, mas a intenção ou qualquer tentativa contra a pátria, vai saber que nesta cidade há cônsules vigilantes, há eminentes magistrados, há um senado forte, há armas, há um cárcere, que os nossos antepassados quiseram que fosse o punidor dos crimes ímpios e manifestos.
28 Atque haec omnia sic agentur, Quirites, ut maxumae res minimo motu, pericula summa nullo tumultu, bellum intestinum ac domesticum post hominum memoriam crudelissimum et maximum me uno togato duce et imperatore sedetur.	28 E tudo isso se fará, Quirites, de tal maneira que os mais graves assuntos sejam resolvidos com a menor agitação, os maiores perigos, sem nenhum tumulto, e essa guerra interna e doméstica, a mais cruel e maior desde a memória dos homens, seja pacificada, tendo a mim, como único comandante e general, vestido de toga <sup>43</sup> .
Quod ego sic administrabo, Quirites, ut, si ullo modo fieri poterit, ne inprobis quidem quisquam in hac urbe poenam sui sceleris sufferat.	E eu vou administrar isso, Quirites, de tal maneira que, na medida do possível, ninguém, nem mesmo um ímprobo, sofra nesta cidade a pena de seu delito.
Sed si uis manifestae audaciae, si inpendens patriae periculum me necessario de hac animi lenitate deduxerit, illud profecto perficiam, quod in tanto et tam insidioso bello uix optandum uidetur, ut neque bonus quisquam intereat paucorumque poena uos omnes salui esse possitis.	Mas se a violência de uma descarada audácia, se um iminente perigo da pátria, forçosamente me demover desta brandura de espírito, seguramente vou fazer o que apenas parece que se deve desejar, em tamanha e tão insidiosa guerra: que nenhum homem de bem morra e que, com a punição de poucos, todos vós possais ser salvos.
29 Quae quidem ego neque mea prudentia neque humanis consiliis fretus polliceor uobis, Quirites, sed multis et non dubiis	29 E isso, Quirites, na verdade, eu vos prometo, estribado não em minha sabedoria, nem nos conselhos humanos,

<sup>43</sup>A toga, vestimenta usada pelos cidadãos romanos, simbolizava o poder civil, assim como o *sagum* (manto usado por membros do exército romano) ou *paludamentum* (capa ou manto preso no ombro direito usado por comandantes militares) simbolizavam o poder militar. Cícero se mostra seguro para impor e defender as decisões das autoridades civis sem ajuda do poder militar. (CA, P. 94; CG, P. 343)

deorum immortalium significationibus, quibus ego ducibus in hanc spem sententiamque sum ingressus;	mas nas muitas e não dúbias manifestações dos deuses imortais, e tendo-os como guias, eu entrei nesta esperança e nesse pensamento;
qui iam non procul, ut quondam solebant, ab externo hoste atque longinquo, sed hic praesentes suo numine atque auxilio sua templa atque urbis tecta defendunt.	eles defendem seus templos e os tetos da cidade não mais de longe, como outrora costumavam, do inimigo externo e longínquo, mas aqui, presentes, com sua divindade e seu socorro.
Quos uos, Quirites, precari, uenerari, implorare debetis, ut, quam urbem pulcherrimam florentissimamque esse uoluerunt, hanc omnibus hostium copiis terra marique superatis a perditissimorum ciuium nefario scelere defendant.	É a eles, Quirites, que vós deveis suplicar, venerar, implorar que, derrotadas, por terra e por mar, todas as tropas dos inimigos, defendam do ímpio crime de perdidíssimos cidadãos esta cidade, que eles quiseram que fosse a mais bela e a mais próspera.

### 2.2.3 Terceira *Catilinária*

A Terceira *Catilinária* foi pronunciada, em 3 de dezembro de 63 a.C., para o povo, no Fórum romano.

O principal objetivo desse discurso é anunciar ao povo que há provas da conspiração. Cícero começa reforçando que mandou Catilina embora e, por isso, pelos seus esforços, o povo romano foi salvo. Conta ainda que os conspiradores que traziam instruções em cartas foram capturados. Cícero mostra as cartas que eles traziam, depois apresenta o conteúdo delas ao povo e, com isso, manda prender alguns conspiradores (Cássio, Estátílio, Cetego, Lêntulo e outros), descrevendo seus planos. A autenticidade das cartas ficou comprovada porque os conspiradores, segundo Cícero, reconheceram como deles não só a caligrafia, mas também os sinetes (selos de lacre).

Por fim, o orador exalta que o Senado decretou uma ação de graças aos deuses, em honra a ele, por ter salvado a República.

Estrutura do discurso<sup>1</sup>:

#### 1) Exórdio (1 – 2)

- a) a cidade está salva graças aos deuses;
- b) Cícero se propõe a mostrar as evidências (proposição).

#### 2) Narração (3 – 15)

- a) acusados de conjuração foram pegos em uma emboscada;
- b) cartas, lacradas, foram apreendidas como provas.

#### 4) Argumentação (15 – 22)

- a) tudo foi possível porque Catilina havia saído da cidade;
- b) cuidado dos deuses com a cidade.

#### 5) Epílogo (23 – 29)

- a) necessidade de agradecer aos deuses e de cuidar dos lares.

---

<sup>1</sup> Organizada a partir de CA, p. 99; CBL, p. 44 e CG, p. 346.

Cicero, In Catilinam, III	Cícero, Contra Catilina, III
<p>1 Rem publicam, Quirites, uitamque omnium uestrum bona, fortunas, coniuges liberosque uestros atque hoc domicilium clarissimi imperii, fortunatissimam pulcherrimamque urbem, hodierno die deorum immortalium summo erga uos amore, laboribus, consiliis, periculis meis e flamma atque ferro ac paene ex faucibus fati ereptam et uobis conseruatam ac restitutam uidetis.</p>	<p>1 A república, Quirites<sup>1</sup>, e a vida de todos vós, os bens, as fortunas, as vossas mulheres e filhos, e a sede deste esplêndido império, cidade afortunadíssima e belíssima, vedes, no dia de hoje, graças ao supremo amor dos deuses imortais para convosco e graças às minhas fadigas, aos meus conselhos, aos meus perigos, arrebatados da chama e da espada, e, quase diria, das fauces do destino<sup>2</sup>, e conservados e restituídos a vós.</p>
<p>2 Et si non minus nobis iucundi atque inlustres sunt ii dies, quibus conseruamur, quam illi, quibus nascimur, quod salutis certa laetitia est, nascendi incerta condicio, et quod sine sensu nascimur, cum uoluptate seruamur, profecto, quoniam illum, qui hanc urbem condidit, ad deos immortalis beniuolentia famaue sustulimus, esse apud uos posterosque uestros in honore debebit is, qui eandem hanc urbem conditam amplificatamque seruauit.</p>	<p>2 E se para nós não são menos felizes e radiantes os dias em que somos salvos do que aqueles em que nascemos, porque a alegria da salvação é certa, a condição de nascer, incerta, e porque nascemos sem consciência, ao passo que somos salvos com prazer, seguramente, uma vez que, por nossa benevolência e pela fama, elevamos até os deuses imortais aquele que fundou esta cidade<sup>3</sup>, deverá ser coberto de honra junto a vós e aos vossos descendentes aquele que salvou esta mesma cidade já fundada e crescida.</p>
<p>Nam toti urbi, templis, delubris, tectis ac moenibus subiectos prope iam ignis circumdatosque restinximus, idemque gladios in rem publicam dstrictos rettudimus mucronesque eorum a iugulis uestris deiecimus.</p>	<p>Pois apagamos as chamas já praticamente ateadas e postas em redor da cidade inteira, nos templos, nos santuários, nas casas e nos muros, e também repelimos as espadas sacadas contra a República e desviamos suas pontas de vossas gargantas.</p>
<p>3 Quae quoniam in senatu inlustrata, patefacta, comperta sunt per me, uobis iam exponam breuiter, Quirites, ut et quanta et quam manifesta et qua ratione inuestigata et comprehensa sint, uos, qui et ignoratis et expectatis, scire possitis.</p>	<p>3 E, uma vez que, no senado, essas coisas foram aclaradas, evidenciadas, descobertas por meu intermédio, vou agora expô-las brevemente, Quirites, para que vós, que ignorais e aguardais, possais saber quão graves e quão evidentes são e por qual meio foram investigadas e elucidadas.</p>

<sup>1</sup> Ver nota 1, p. 77, na segunda *Catilinária*.

<sup>2</sup> O destino é comparado a um monstro devorador, assim como foi Catilina. Ver nota 7, p. 78, na segunda *Catilinária*. (CBL, p. 46; CG, p. 348)

<sup>3</sup> Faz alusão a Rômulo, primeiro rei de Roma, divinizado posteriormente como o deus Quirino. O povo romano o adorava, e 17 de fevereiro era o dia que lhe era dedicado. (CA, p. 102; CG, p. 348)

<p>Principio ut Catilina paucis ante diebus erupit ex urbe, cum sceleris sui socios huiusce nefarii belli acerrimos duces Romae reliquisset, semper uigilaui et prouidi, Quirites, quem ad modum in tantis et tam absconditis insidiis salui esse possemus.</p>	<p>Primeiramente, logo que Catilina, há poucos dias<sup>4</sup>, saiu precipitadamente da cidade, tendo deixado em Roma os cúmplices de seu crime, os mais terríveis chefes desta abominável guerra, fiquei em constante vigilância e atentei, Quirites, para o modo como, em tão grandes e tão ocultas insídias, poderíamos ser salvos.</p>
<p>Nam tum, cum ex urbe Catilinam eiciebam (non enim iam uereor huius uerbi inuidiam, cum illa magis sit timenda, quod uiuus exierit), sed tum, cum illum exterminari uolebam, aut reliquam coniuratorum manum simul exituram aut eos, qui restitissent, infirmos sine illo ac debiles fore putabam.</p>	<p>Pois então, quando eu expulsava Catilina da cidade (com efeito, já não receio o ódio desta palavra, uma vez que ela deve ser mais temida, porque ele saiu vivo), mas então, quando eu queria que ele fosse desterrado, eu achava ou que o bando restante dos conjurados sairia junto, ou que aqueles que tivessem ficado estariam fracos e debilitados sem ele.</p>
<p>4 Atque ego ut uidi, quos maximo furore et scelere esse infiammatos sciebam, eos nobiscum esse et Romae remansisse, in eo omnes dies noctesque consumpsi, ut, quid agerent, quid molirentur, sentirem ac uiderem, ut, quoniam auribus uestris propter incredibilem magnitudinem sceleris minorem fidem faceret oratio mea, rem ita comprehenderem, ut tum demum animis salutis uestrae prouideretis, cum oculis maleficio ipsum uideretis.</p>	<p>4 E, logo que vi que aqueles, que eu sabia que tinham sido inflamados por essa enorme loucura e crime, estavam conosco e tinham permanecido em Roma, empreguei todos os dias e noites nisso, pressentir e ver o que faziam, o que tramavam, a fim de, uma vez que aos vossos ouvidos, em razão da incrível enormidade do crime, meu discurso não tinha o menor crédito, apanhar a coisa em flagrante, de tal modo que finalmente então em vossos espíritos tomásseis as precauções para a vossa salvação, quando vísseis com os vossos olhos o próprio mal.</p>
<p>Itaque, ut comperi legatos Allobrogum belli Transalpini et tumultus Gallici excitandi causa a P. Lentulo esse sollicitatos, eosque in Galliam ad suos ciuis eodemque itinere cum litteris mandatisque ad Catilinam esse missos, comitemque iis adiunctum esse T. Volturcium, atque huic esse ad Catilinam</p>	<p>E assim, logo que descobri que os legados dos alóbroges<sup>5</sup> tinham sido aliciados por Públio Lêntulo<sup>6</sup> para provocar uma guerra além dos Alpes e um tumulto na Gália, e que eles tinham sido enviados à Gália, para junto de seus concidadãos e, na mesma viagem, com cartas e instruções para Catilina, e que Tito Voltúrcio<sup>7</sup> tinha</p>

<sup>4</sup>Entre a saída de Catilina, noite de 8 de novembro, e o dia desse discurso, 3 de dezembro, passaram-se 24 dias. (CA, p. 102; CG, p. 349)

<sup>5</sup>Povo que estava assentado na Gália Narbonense, em uma área delimitada pelos rios Ródano e Isar; sua capital era Viena. Foram submetidos a Roma em 121 a.C.. Haverá, no texto, referências a eles também pela denominação genérica de *gauleses*. (CA, p. 103; CBL, p. 48)

<sup>6</sup>Era neto de um dos mais duros opositores à política dos Gracos. Sua brilhante carreira sofreu um revés em 70 a.C., quando foi expulso do senado por conduta imoral, um dos fatos que permitia, segundo Cícero, crer que ele estaria aliado a Catilina. (CA, p. 103)

<sup>7</sup>Tito Voltúrcio era o comissionado de Lêntulo ante os Alóbroges (povo gaulês) e teria levado também uma carta para Catilina. Caiu em uma emboscada, revelou o que sabia ao Senado

<p>datas litteras, facultatem mihi oblatam putavi, ut, quod erat difficillimum, quodque ego semper optabam ab dis immortalibus, tota res non solum a me, sed etiam a senatu et a uobis manifesto deprehenderetur.</p>	<p>se juntado a eles como acompanhante, e que a este tinha sido entregue uma carta para Catilina, achei que me era oferecida a oportunidade de algo que era muito difícil e que eu sempre desejava dos deuses imortais: que a coisa toda fosse manifestamente surpreendida não só por mim, mas também pelo senado e por vós.</p>
<p>5 Itaque hesterno die L. Flaccum et C. Pomptinum praetores, fortissimos atque amantissimos rei publicae viros, ad me uocaui, rem exposui, quid fieri placeret, ostendi.</p>	<p>5 E assim, no dia de ontem<sup>8</sup>, chamei à minha casa os pretores<sup>9</sup> Lúcio Flaco e Caio Pomptino, homens enérgicos e de grande amor pela República, expus o fato, mostrei o que me agradava ser feito.</p>
<p>Illi autem, qui omnia de re publica praeclara atque egregia sentirent, sine recusatione ac sine ulla mora negotium susceperunt et, cum adesperasceret, occulte ad pontem Muluium peruenerunt atque ibi in proximis uillis ita bipertito fuerunt, ut Tiberis inter eos et pons interesset.</p>	<p>Eles, por sua vez, que tinham, com relação à República, todos os nobres e elevados sentimentos, assumiram, sem recusa e sem nenhuma demora, a missão e, ao cair da tarde, chegaram secretamente à ponte Múlvia<sup>10</sup> e ali, nas chácaras vizinhas, compuseram-se em dois grupos de tal modo que entre eles se interpunham o Tibre e sua ponte.</p>
<p>Eodem autem et ipsi sine cuiusquam suspicione multos fortis viros eduxerant, et ego ex praefectura Reatina complures delectos adulescentes, quorum opera utor adsidue in rei publicae praesidio, cum gladiis miseram.</p>	<p>E eles, por sua própria conta, sem suspeita de ninguém, tinham levado, a esse mesmo lugar, muitos homens intrépidos e eu, da prefeitura de Reate<sup>11</sup>, tinha enviado vários rapazes escolhidos, armados com espadas, de cujo trabalho me valho assiduamente na guarda da República.</p>
<p>6 Interim tertia fere uigilia exacta cum iam pontem Muluium magno comitatu legati Allobrogum ingredi inciperent unaque Volturcius, fit in eos impetus;</p>	<p>6 Nisso, quase cumprida a terceira vigília<sup>12</sup>, quando os legados dos alóbroges, com grande comitiva, já começavam a entrar na ponte Múlvia<sup>13</sup>, e junto com eles, Voltúrcio<sup>14</sup>, efetua-se um ataque contra eles;</p>

romano, recebeu 200 mil sestécios (moedas romanas) e liberdade por ter colaborado (delator). (CG, p. 350)

<sup>8</sup> 2 de dezembro de 63 a.C.

<sup>9</sup> Como se viu na nota 40, p. 67, na primeira *Catilinária*. (CA, p. 77; FUNARI, 2011, p. 85)

<sup>10</sup> Para ir à Etrúria, era preciso atravessar o rio Tibre por essa ponte. (CBL, 48; CG, 351)

<sup>11</sup> Em alguns lugares, havia prefeituras que eram geridas por um magistrado designado por Roma. Elas não gozavam dos mesmos direitos que os municípios e as colônias. Cícero era protetor (*patronus*) de Reate, que ficava a uns 75 km de Roma. (CG, p. 351)

<sup>12</sup> A noite, do pôr ao nascer do sol, era dividida em quatro vigílias (turnos da guarda), duas antes da meia-noite e duas depois. A terceira seria por volta das 3 horas da madrugada. (CG, p. 351)

<sup>13</sup> Ver nota 10, p. 98, nesta *Catilinária*.

<sup>14</sup> Ver nota 7, p. 97, nesta *Catilinária*.

educuntur et ab illis gladii et a nostris.	as espadas são sacadas tanto por eles como pelos nossos.
Res praetoribus erat nota solis, ignorabatur a ceteris.	A ação era conhecida apenas pelos pretores, era ignorada pelos demais.
Tum interuentu Pomptini atque Flacci pugna, quae erat commissa sedatur.	Então, com a intervenção de Pomptino e Flaco <sup>15</sup> , tem fim o combate, que se tinha iniciado.
Litterae, quaecumque erant in eo comitatu, integris signis praetoribus traduntur;	Todas as cartas, que estavam em poder da comitiva, são entregues aos pretores com os sinetes intactos <sup>16</sup> ;
ipsi comprehensi ad me, cum iam dilucesceret, deducuntur.	os próprios detidos são trazidos até mim, quando já amanhecia.
Atque horum omnium scelerum improbissimum machinatorem, Cimbrum Gabinium, statim ad me nihildum suspicantem uocauit;	E chamei imediatamente à minha presença, enquanto ele de nada suspeitava, o mais perverso maquinador de todos esses crimes, Cimbro Gabinio;
deinde item accersitus est L. Statilius et post eum C. Cethegus;	em seguida foi também chamado Lúcio Estatílio e, depois dele, Caio Cétego;
tardissime autem Lentulus uenit, credo quod in litteris dandis praeter consuetudinem proxima nocte uigilarat.	Lêntulo <sup>17</sup> , por sua vez, chegou bem mais tarde, porque, eu creio, contra o seu costume, tinha passado a noite anterior acordado, escrevendo a carta <sup>18</sup> .
7 Cum summis et clarissimis huius ciuitatis uiris, qui audita re frequentes ad me mane conuenerant, litteras a me prius aperiri quam ad senatum deferri placeret, ne, si nihil esset inuentum, temere a me tantus tumultus iniectus ciuitati uideretur, negaui me esse facturum, ut de periculo publico non ad consilium publicum rem integram deferrem.	7 Embora aos mais eminentes e ilustres homens desta cidade, que, ouvindo a notícia, tinham vindo de manhã em grande número à minha casa, agradasse que as cartas fossem abertas por mim antes de serem apresentadas ao senado, para que, se nada fosse encontrado, não parecesse ter sido provocado por mim, sem motivo, um tão grande tumulto à cidade, eu disse que não aceitaria não apresentar ao conselho público a matéria inteira sobre o perigo público.
Etenim, Quirites, si ea, quae erant ad me delata, reperta non essent, tamen ego non arbitraber in tantis rei publicae periculis esse mihi nimiam diligentiam pertimescendam.	De fato, Quirites, mesmo que não se descobrisse o que tinha sido denunciado a mim, eu não achava que, em tão grandes perigos para a República, eu devia temer o zelo excessivo.

<sup>15</sup> Ambos eram pretores. Ver nota 40, p. 67, na primeira *Catilinária*.

<sup>16</sup> As cartas recebiam ao seu redor um cordão e, no nó do cordão, eram lacradas com cera, sobre a qual se imprimia um selo (identificador do remetente ou de sua família). Isso conferia credibilidade à correspondência e garantia a não violação. (CA, p. 105; CBL, p. 49; CG, p. 352)

<sup>17</sup> Devido à interceptação de cartas contendo comunicação deles, Cimbro Gabinio, Lúcio Estatílio, Caio Cétego e Públio Lêntulo foram todos acusados de serem conjurados e de apoiarem Catilina.

<sup>18</sup> Cícero ironiza a situação. Lêntulo era reconhecido como um indolente, e a carta possuía poucas linhas, mais especificamente, três. (CBL, p. 49; CG, p. 352)

Senatum frequentem celeriter, ut uidistis, coegi.	Reuni rapidamente o senado <sup>19</sup> com grande frequência, como vistes.
8 Atque interea statim admonitu Allobrogum C. Sulpicium praetorem, fortem uirum, misi, qui ex aedibus Cethegi, si quid telorum esset, efferret;	8 E, enquanto isso, por advertência dos alóbroges, enviei imediatamente o pretor <sup>20</sup> Caio Sulpício, homem corajoso, para recolher armas da casa de Cétego <sup>21</sup> , caso houvesse;
ex quibus ille maximum sicarum numerum et gladiatorum extulit.	de lá ele recolheu uma enorme quantidade de punhais e de espadas.
Introducti Volturcium sine Gallis; fidem publicam iussu senatus dedi;	Fiz entrar Voltúrcio <sup>22</sup> sem os gauleses <sup>23</sup> ; por ordem do senado, dei-lhe garantia de impunidade <sup>24</sup> ;
hortatus sum, ut ea, quae sciret sine timore indicaret.	exortei-o a que revelasse o que sabia sem medo.
Tum ille dixit, cum uix se ex magno timore recreasset, a P. Lentulo se habere ad Catilinam mandata et litteras, ut seruorum praesidio uteretur, ut ad urbem quam primum cum exercitu accederet;	Então ele, assim que mal se refez do grande temor, disse que tinha, da parte de Públio Lêntulo <sup>25</sup> , instruções e uma carta para Catilina, com o pedido de que ele se valesse da colaboração dos escravos e de que marchasse o quanto antes com o exército em direção à cidade;
id autem eo consilio, ut, cum urbem ex omnibus partibus, quem ad modum discriptum distributumque erat, incendissent caedemque infinitam ciuium fecissent, praesto esset ille, qui et fugientis exciperet et se cum his urbanis ducibus coniungeret.	e isso, porém, de acordo com o plano, segundo o qual, depois que tivessem incendiado a cidade por todas as partes, tal como havia sido descrito e distribuído, e tivessem feito a matança em massa dos cidadãos, ele estaria pronto tanto para interceptar os que fugissem, quanto para se juntar aos chefes que estavam na cidade.
9 Introducti autem Galli ius iurandum sibi et litteras ab P. Lentulo, Cethego, Statilio ad suam gentem data esse dixerunt, atque ita sibi ab his et a L. Cassio esse praescriptum, ut equitatum in Italiam quam primum mitterent; pedestres sibi copias non defuturas.	9 Chamados, por sua vez, a entrar, os gauleses disseram que lhes havia sido dada por Públio Lêntulo, Cétego e Estatílio <sup>26</sup> palavra sob juramento e uma carta para seu povo, e que também por estes e por L. Cássio <sup>27</sup> lhes tinha sido determinado que enviassem o quanto

<sup>19</sup> Essa reunião ocorreu no Templo da Concórdia, localizado no Fórum romano, para onde também foram conduzidos os acusados. (CA, p. 106; CG, p. 353)

<sup>20</sup> Sobre o cargo de pretor, ver nota 9, p. 98, nesta *Catilinária*.

<sup>21</sup> Acusado de conjuração, de ser solidário a Catilina.

<sup>22</sup> Ver nota 7, p. 97, nesta *Catilinária*.

<sup>23</sup> Ver nota 5, p. 97, nesta *Catilinária*.

<sup>24</sup> Como colaborou, denunciando o esquema organizado por Catilina, foi absolvido. (CA, p. 106)

<sup>25</sup> Acusado de cumplicidade na conjuração de Catilina. Ver nota 6, p. 97, nesta *Catilinária*.

<sup>26</sup> Os mesmos já mencionados antes: todos acusados de conjuração e de serem solidários a Catilina.

<sup>27</sup> Outro acusado de conjuração, de ser solidário a Catilina.

	antes a cavalaria para a Itália; que as tropas de infantaria não lhes faltariam.
Lentulum autem sibi confirmasse ex fati Sibyllinis haruspicumque responsis se esse tertium illum Cornelium, ad quem regnum huius urbis atque imperium peruenire esset necesse; Cinna ante se et Sullam fuisse.	E que Léntulo, por outro lado, lhes tinha assegurado que, de acordo com os oráculos sibilinos e as respostas dos harúspices <sup>28</sup> , ele era aquele terceiro Cornélio, a quem havia inevitavelmente de chegar o reinado desta cidade e seu império; que Cina e Sila <sup>29</sup> tinham sido antes dele.
Eundemque dixisse fatalem hunc annum esse ad interitum huius urbis atque imperii, qui esset annus decimus post uirginum absolutionem, post Capitolii autem incensionem uicesimus.	que ele também tinha dito que este ano, que era o décimo depois da absolvição das Vestais <sup>30</sup> e o vigésimo após o incêndio do Capitólio <sup>31</sup> , era destinado pelos fados para a destruição desta cidade e de seu comando.
10 Hanc autem Cethego cum ceteris controuersiam fuisse dixerunt, quod Lentulo et aliis Saturnalibus caedem fieri atque urbem incendi placeret, Cethego nimium id longum uideretur.	10 E, além do mais, disseram que houve uma discordância entre Cétego e os demais, porque a Léntulo <sup>32</sup> e aos outros agradava que ocorresse a matança e a cidade fosse incendiada nas Saturnais <sup>33</sup> , para Cétego isso parecia demasiadamente demorado.
Ac ne longum sit, Quirites, tabellas proferri iussimus, quae a quoque dicebantur datae.	Bem, para não me alongar, Quirites, ordenamos que fossem trazidas as tabuinhas que, segundo se dizia, tinham

<sup>28</sup> Tanto os “oráculos sibilinos” quanto os “harúspices” referem-se à previsão do futuro. Normalmente, as consultas ocorriam em momentos difíceis, com o intuito de conseguir alguma orientação. Os “oráculos sibilinos” eram uma compilação de previsões do oráculo das sibilas (mulheres que, por inspiração do deus Apolo, eram capazes de prever o futuro). Já os “harúspices” interpretavam as vontades divinas por meio da observação das vísceras de animais que eram destinados ao sacrifício. (CA, p. 107; CG, p. 354)

<sup>29</sup> Lúcio Cornélio Cina foi protagonista, em 87 e 86 a.C., de uma série de acontecimentos que resultaram na morte de muitos partidários de Sila. Em 83 a.C., Sila, que, após invadir e tomar Roma com seu exército (refere-se à invasão de 88 a.C., ver nota 11, p. 79, na segunda *Catilinária*), havia partido para a África, retorna e, para se vingar do partido democrático, inaugura uma época ditatorial de terror, que dura quatro anos. (CA, p. 108; CG, p. 354)

<sup>30</sup> As Vestais eram sacerdotisas, virgens, escolhidas entre os 6 e os 10 anos, que deviam servir e cultuar a deusa Vesta (deusa romana que personificava o fogo do lar doméstico), com sua pureza (deviam permanecer sexualmente virgens até completarem 30 anos). O não respeito às regras era considerado um sacrilégio. O trecho refere-se a uma violação e absolvição, ou seja, as vestais foram denunciadas, julgadas e absolvidas. (GRIMAL, 2000, p. 467)

<sup>31</sup> O Capitólio era uma área sobre a qual estavam construídos vários prédios importantes. O incêndio que atingiu esse lugar um ano antes da ditadura de Sila (portanto, em 83 a.C.) causou grande comoção. Além disso, o trecho refere-se à absolvição das vestais que ocorrera 10 anos depois (73 a.C.). (CA, p. 108; CG, p. 354)

<sup>32</sup> Acusados de conjuração, de ser solidário a Catilina. Como se viu na nota 17, p. 99, nesta *Catilinária*.

<sup>33</sup> Festas dedicadas a Saturno, deus da sementeira. Eram celebradas de 17 a 23 de dezembro e, durante esses dias, dispensavam-se os escravos de seus deveres, ou seja, momento oportuno, segundo Cícero, para a ação dos conjurados. (CA, p. 108; CG, p. 354)

	sido escritas por cada um deles.
Primo ostendimus Cethego; signum cognouit.	Primeiro, mostramos a Cétego; reconheceu o sinete <sup>34</sup> .
Nos linum incidimus, legimus.	Nós cortamos o cordão, lemos.
Erat scriptum ipsius manu Allobrogum senatui et populo sese, quae eorum legatis confirmasset, facturum esse;	Estava escrito de seu próprio punho ao senado e ao povo dos alóbroges que ele faria o que tinha garantido aos seus legados;
orare ut item illi facerent, quae sibi eorum legati recepissent.	e pedia que também eles fizessem aquilo que os legados deles tinham assumido.
Tum Cethegus, qui paulo ante aliquid tamen de gladiis ac sicis, quae apud ipsum erant deprehensa, respondisset dixissetque se semper bonorum ferramentorum studiosum fuisse, recitatis litteris debilitatus atque abiectus conscientia repente conticuit.	Então, Cétego, que um pouco antes tinha, todavia, respondido alguma coisa acerca das espadas e dos punhais que tinham sido apreendidos em sua casa e tinha dito que sempre fora apreciador de boas ferramentas, lida a sua carta, paralisado e abatido por sua consciência, de repente calou-se.
Introductus est Statilius; cognouit et signum et manum suam.	Foi chamado a entrar Estatílio; reconheceu tanto o sinete como sua letra.
Recitatae sunt tabellae in eandem fere sententiam; confessus est.	Foi lida sua carta praticamente no mesmo conteúdo; confessou.
Tum ostendi tabellas Lentulo et quaesiui cognosceretne signum. Adnuit.	Mostrei então a Lêntulo <sup>35</sup> a sua carta e perguntei se reconhecia o sinete. Disse que sim.
“Est uero”, inquam, “notum quidem signum, imago aui tui, clarissimi uiri, qui amauit unice patriam et ciues suos; quae quidem te a tanto scelere etiam muta reuocare debuit.”	“Realmente”, digo eu, “é um sinete conhecido, a imagem de teu avô, um homem muito ilustre, que amou unicamente a pátria e seus concidadãos; esta imagem, ainda que muda, devia, na verdade, ter-te afastado de tamanho crime.” <sup>36</sup>
11 Leguntur eadem ratione ad senatum Allobrogum populumque litterae.	11 Do mesmo modo, é lida a carta dirigida ao senado e ao povo dos alóbroges <sup>37</sup> .
Si quid de his rebus dicere uellet, feci potestatem.	Dei permissão, se ele quisesse dizer algo sobre tais fatos.
Atque ille primo quidem negauit; post autem aliquanto, toto iam indicio exposito atque edito, surrexit;	E ele primeiro disse que não; algum tempo depois, porém, já exposta e divulgada toda a prova, levantou-se;
quaesiuit a Gallis, quid sibi esset cum iis, quamobrem domum suam uenissent,	perguntou aos gauleses <sup>38</sup> e também a Voltúrcio <sup>39</sup> o que tinha a ver com eles, por

<sup>34</sup>Refere-se às cartas interceptadas. Como se viu nas notas 16 e 17, p. 99, nesta *Catilinária*.

<sup>35</sup>Acusados de conjuração, de ser solidário a Catilina. Como se viu na nota 17, p. 99, nesta *Catilinária*.

<sup>36</sup>O selo pessoal de Lêntulo representava a imagem de um antepassado, Públio Cornélio Lêntulo, que foi um importante homem para Roma; dentre outros feitos, ele foi cônsul em 162 a.C.. (CBL, p. 50; CG, p. 355)

<sup>37</sup>Ver nota 5, p. 97, nesta *Catilinária*.

itemque a Volturcio.	que motivo tinham vindo a sua casa.
Qui cum illi breuiter constanterque respondissent, per quem ad eum quotiensque uenissent, quaesissentque ab eo, nihilne secum esset de fatis Sibyllinis locutus, tum ille subito scelere demens, quanta conscientiae uis esset, ostendit.	E como eles, de modo breve e firme, lhe tivessem respondido através de quem e quantas vezes tinham vindo à casa dele, e tivessem perguntado a ele se tinha falado algo com eles sobre os oráculos sibilinos, ele então, enlouquecido subitamente por seu crime, deu mostras de quão grande é a força da consciência.
Nam, cum id posset infitiari, repente praeter opinionem omnium confessus est.	Pois, embora pudesse negá-lo, de repente, contra a expectativa de todos, confessou.
Ita eum non modo ingenium illud et dicendi exercitatio, qua semper ualuit, sed etiam propter uim sceleris manifesti atque deprehensi inpudentia, qua superabat omnis, improbitasque defecit.	Assim, o que lhe faltou não foi só aquele talento e prática de discursar, de que sempre se valeu, mas também, devido à força do crime manifesto e descoberto, a desfaçatez, na qual superava a todos, e a improbidade.
12 Volturcius uero subito litteras proferri atque aperiri iubet, quas sibi a Lentulo ad Catilinam datas esse dicebat.	12 Voltúrcio <sup>40</sup> , porém, subitamente ordena que seja trazida e aberta a carta que ele dizia ter sido entregue a ele por Lêntulo para Catilina.
Atque ibi uehementissime perturbatus Lentulus tamen et signum et manum suam cognouit.	E, nesse momento, Lêntulo, profundamente perturbado, reconheceu, contudo, tanto seu sinete, como sua letra.
Erant autem sine nomine, sed ita: “Quis sim, scies ex eo, quem ad te misi.	Estava, porém, sem nome <sup>41</sup> , mas assim: “Saberás quem sou por esse que enviei a ti.
Cura, ut uir sis, et cogita, quem in locum sis progressus.	Cuida para que sejas homem e considera até que ponto caminhaste.
Vide ecquid tibi iam sit necesse, et cura ut omnium tibi auxilia adiungas, etiam infimorum.”	Vê o que te é necessário agora e cuida de juntares a ti a ajuda de todos, mesmo dos humildes <sup>42</sup> .”
Gabinius deinde introductus cum primo impudenter respondere coepisset, ad extremum nihil ex iis, quae Galli insimulabant, negauit.	Gabínio, chamado a entrar em seguida, embora, no início, tivesse começado a responder com desfaçatez, no fim, não negou nada do que os gauleses acusavam.
13 Ac mihi quidem, Quirites, cum illa certissima uisa sunt argumenta atque indicia sceleris, tabellae, signa, manus, denique unius cuiusque confessio, tum	13 E se, na verdade, Quirites, me pareceram incontestáveis aqueles argumentos e indícios do crime, as tabuinhas, os sinetes <sup>43</sup> , as letras, enfim, a confissão de

<sup>38</sup>Trata-se do povo alóbroge. Ver nota 5, p. 97, nesta *Catilinária*.

<sup>39</sup>Ver nota 7, p. 97, nesta *Catilinária*.

<sup>40</sup>Ver nota 7, p. 97, nesta *Catilinária*.

<sup>41</sup>As cartas apresentavam normalmente o nome do remetente na primeira linha e, em seguida, a do destinatário. (CA, p. 110; CBL, p. 52)

<sup>42</sup>Refere-se aos escravos. (CBL, p. 76; CG, p. 385)

<sup>43</sup> Refere-se aos lacres das cartas. Ver nota 16, p. 99, nesta *Catilinária*.

multo certiora illa, color, oculi, uultus, taciturnitas.	cada um deles, muito mais incontestáveis ainda são esses, a palidez, os olhos, a fisionomia, o silêncio.
Sic enim obstupuerant, sic terram intuebantur, sic furtim non numquam inter sese aspiciebant, ut non iam ab aliis indicari, sed indicare se ipsi uiderentur.	Com efeito, eles de tal modo ficaram aturdidos, de tal modo fixaram os olhos no chão, de tal modo se olhavam a furto de quando em quando entre si, que já pareciam não ser denunciados por outros, mas denunciar-se a si próprios.
Indiciis expositis atque editis, Quirites, senatum consului, de summa re publica quid fieri placeret.	Expostos e divulgados os indícios, Quirites, consulte o senado sobre o que agradaria fazer-se acerca da suprema república.
Dictae sunt a principibus acerrimae ac fortissimae sententiae, quas senatus sine ulla uarietate est secutus.	Foram ditas pelos principais senadores duríssimas e vigorosíssimas opiniões, que o senado, sem nenhuma discrepância, seguiu. <sup>44</sup>
Et quoniam nondum est perscriptum senatus consultum, ex memoria uobis, Quirites, quid senatus censuerit, exponam.	E, uma vez que ainda não foi redigido o decreto do senado, vou expor de memória a vós, Quirites, o que o senado decidiu.
14 Primum mihi gratiae uerbis amplissimis aguntur, quod uirtute, consilio, prouidentia mea res publica maximis periculis sit liberata.	14 Primeiramente, agradecimentos com palavras muito elogiosas me são feitos, porque foi graças ao meu valor, conselho, providência, que a república foi salva dos maiores perigos.
Deinde L. Flaccus et C. Pomptinus praetores, quod eorum opera forti fidelique usus essem, merito ac iure laudantur.	Em seguida, os pretores Lúcio Flaco e Caio Pomptino <sup>45</sup> , uma vez que me vali de sua corajosa e fiel colaboração, são louvados com mérito e justiça.
Atque etiam uiro forti, collegae meo, laus inperitur, quod eos, qui huius coniurationis participes fuissent, a suis et a rei publicae consiliis remouisset.	E é concedido ainda um louvor a um homem corajoso, meu colega <sup>46</sup> , por ter afastado de suas decisões privadas e das da república os que tinham tomado parte nesta conjuração.
Atque ita censuerunt, ut P. Lentulus, cum se praetura abdicasset, in custodiam traderetur;	E decidiram assim: que Públio Léntulo, depois que tivesse abdicado da pretura <sup>47</sup> , seria mandado para a prisão <sup>48</sup> ;

<sup>44</sup>Havia uma ordem para os pronunciamentos: primeiro falavam os magistrados eleitos, depois os outros personagens do Senado romano. (CG, p. 357)

<sup>45</sup>Sobre a função de pretor, ver nota 9, p. 98, nesta *Catilinária*.

<sup>46</sup>Esse colega é Antônio Híbrida cuja lealdade foi garantida por Cícero (por meio de troca de províncias) assim que se houve a suspeita de que ele simpatizava com a causa de Catilina. (CBL, p. 66; CG, pp. 357 e 373)

<sup>47</sup>Os magistrados e funcionários públicos, como eram considerados sagrados, não podiam ser julgados nem castigados enquanto permanecessem em suas funções. Como não era possível destituir de um cargo, o Senado induzia a uma demissão “voluntária”. (CG, p. 357; FUNARI, 2011, pp. 82 - 85)

<sup>48</sup>Na verdade, como não havia prisão preventiva, recorria-se a uma espécie de regime de tutela, ou seja, em princípio, o cidadão não era encarcerado, mas sim confiado a um homem de honra.

itemque uti C. Cethegus, L. Statilius, P. Gabinius, qui omnes praesentes erant, in custodiam traderentur;	e que também Caio Cétego, Lúcio Estatílio, Públio Gabínio <sup>49</sup> , que estavam todos presentes, seriam mandados para a prisão;
atque idem hoc decretum est in L. Cassium, qui sibi procurationem incendendae urbis depoposcerat,	e a mesma pena foi decretada para Lúcio Cássio, que tinha reivindicado para si a missão de incendiar a cidade,
in M. Ceparium, cui ad sollicitandos pastores Apuliam attributam esse erat indicatum,	para Marco Cepário <sup>50</sup> , a quem, segundo fora denunciado, foi designada a Apúlia <sup>51</sup> , com o fim de sublevar os pastores,
in P. Furium, qui est ex iis colonis, quos Faesulas L. Sulla deduxit,	para Públio Fúrio <sup>52</sup> , que é daqueles colonos que Lúcio Sila levou para Fésulas <sup>53</sup> ,
in Q. Annium Chilonem, qui una cum hoc Furio semper erat in hac Allobrogum sollicitatione uersatus,	para Quinto Ânio Quilão <sup>54</sup> , que, juntamente com este tal Fúrio, estivera sempre envolvido nessa história de sublevação dos alóbroges,
in P. Vmbrenum, libertinum hominem, a quo primum Gallos ad Gabinium perductos esse constabat.	para Públio Umbreno <sup>55</sup> , um homem liberto, por quem, segundo constava, os gauleses tinham sido primeiramente levados até Gabínio.
Atque ea lenitate senatus est usus, Quirites, ut ex tanta coniuratione tantaque hac multitudine domesticorum hostium nouem hominum perditissimorum poena re publica conseruata reliquorum mentes sanari posse arbitraretur.	E o senado usou dessa brandura, Quirites, porque julgava que, salva a república com a punição dos nove homens mais perversos de uma tão grande conjuração e dessa tão grande multidão de inimigos internos, as mentes dos demais podiam ser sanadas.
15 Atque etiam supplicatio dis immortalibus pro singulari eorum merito meo nomine decreta est quod mihi primum post hanc urbem conditam togato contigit, et his decreta uerbis est, “quod urbem incendiis, caede ciuis, Italiam bello liberassem.”	15 E ainda foi decretada, em meu nome, uma cerimônia de ação de graças aos deuses imortais <sup>56</sup> , por singular merecimento destes, o que, pela primeira vez, desde a fundação desta cidade, aconteceu a um homem de toga <sup>57</sup> como eu e foi decretada

Após o julgamento, efetivava-se a prisão ou aplicava-se outra punição. (CBL, p. 53; CG, p. 358)

<sup>49</sup>Acusados de conjuração e de serem solidários a Catilina. Como se viu na nota 17, p. 99, nesta *Catilinária*.

<sup>50</sup> Lúcio Cássio e Marco Cepário também era acusados de conjuração.

<sup>51</sup>Região meridional da Itália.

<sup>52</sup>Acusado de conjuração, de ser solidário a Catilina.

<sup>53</sup>Trata-se de uma região em que os antigos soldados do ditador Sila se instalaram, organizando colônias militares. Ver nota 11, p. 79, na segunda *Catilinária*. (CA, p. 76; CBL, p. 29; CG, p. 328)

<sup>54</sup>Mais um acusado de conjuração e de ser solidário a Catilina.

<sup>55</sup>Também acusado de conjuração, de ser solidário a Catilina.

<sup>56</sup>Essas festas ocorriam para comemorar e agradecer uma vitória, uma conquista, ou seja, sempre estavam relacionadas ao universo militar. (CG, p. 358)

<sup>57</sup>Em Roma, a toga era a vestimenta que identificava a sociedade civil. (CA, p. 94; CBL, p. 54; CG, pp. 343 e 358)

	nestes termos: “porque eu tinha livrado a cidade das chamas, os cidadãos, da matança, a Itália, da guerra.”
Quae supplicatio si cum ceteris supplicationibus conferatur, hoc interest, quod ceterae bene gesta, haec una conseruata re publica constituta est.	E esta ação de graças, se for comparada com as demais ações de graça, difere nisto, em que as outras foram estabelecidas pela boa administração da república, esta, a única por sua salvação.
Atque illud, quod faciundum primum fuit, factum atque transactum est.	E aquilo que foi preciso fazer-se em primeiro lugar, fez-se e cumpriu-se.
Nam P. Lentulus, quamquam patefactis indiciis, confessionibus suis, iudicio senatus non modo praetoris ius, uerum etiam ciuis amiserat, tamen magistratu se abdicauit, ut, quae religio C. Mario, clarissimo uiro, non fuerat, quo minus C. Glauciam, de quo nihil nominatim erat decretum, praetorem occideret, ea nos religione in priuato P. Lentulo puniendo liberaremur.	Pois Públio Lêntulo <sup>58</sup> , embora, pelos indícios evidentes, por suas confissões, a juízo do senado, tivesse perdido não só o direito de pretor <sup>59</sup> , mas também o de cidadão, abdicou, apesar de tudo, de sua magistratura, de modo que nós estávamos liberados, em punindo Públio Lêntulo como simples cidadão, daquele escrúpulo que Caio Mário <sup>60</sup> , homem ilustríssimo, não tivera de matar o pretor Caio Gláucia <sup>61</sup> , sobre o qual não tinha sido decretado nada nominalmente.
16 Nunc quoniam, Quirites, consceleratissimi periculosissimique belli nefarios duces captos iam et comprehensos tenetis, existumare debetis omnis Catilinae copias, omnis spes atque opes his depulsis urbis periculis concidisse.	16 Agora, Quirites, que já tendes capturados e presos os sacrílegos chefes desta celeradíssima e perigosíssima guerra, deveis considerar que, eliminados estes perigos da cidade, todas as tropas de Catilina, todas as suas esperanças e recursos foram por terra.
Quem quidem ego cum ex urbe pellebam, hoc prouidebam animo, Quirites, remoto Catilina non mihi esse P. Lentuli somnum nec L. Cassi adipos nec C. Cethegi furiosam temeritatem pertimescendam.	Na verdade, era isto que eu previa em meu íntimo, quando o expulsava da cidade, Quirites, que, mandado para longe Catilina, eu não tinha por que temer a sonolência de Públio Lêntulo, nem a obesidade de Lúcio Cássio, nem a louca temeridade de Caio Cétego.
Ille erat unus timendus ex istis omnibus, sed tam diu dum urbis moenibus continebatur.	De todos estes, ele era o único a ser temido, mas só enquanto estava dentro dos muros da cidade.
Omnia norat, omnium aditus tenebat; appellare, temptare, sollicitare poterat, audebat.	Ele conhecia tudo, tinha acesso a tudo; podia, ousava chamar, sondar, aliciar.

<sup>58</sup>Acusado de conjuração, de ser solidário a Catilina. Ver nota 6, p. 97, nesta *Catilinária*.

<sup>59</sup>Ver nota 9, p. 98, nesta *Catilinária*.

<sup>60</sup>Caio Mário foi um importante homem de Roma; viveu de 157 a.C. a 86 a.C. e, dentre seus muitos feitos – tanto políticos quanto militares-, conseguiu, apesar das limitações físicas, o seu sétimo consulado em 1º de janeiro de 86 .C. (ADKINS e ADKINS, 2004, p. 404).

<sup>61</sup>Trata-se de Caio Servílio Gláucia, que foi chefe de movimentações populares e foi assassinado em pleno Campo de Marte. (CG, p. 359)

Erat ei consilium ad facinus aptum, consilio autem neque manus neque lingua deerat.	Tinha uma intenção propensa ao crime, e a essa intenção não faltavam nem a mão nem a língua.
Iam ad certas res conficiendas certos homines delectos ac descriptos habebat.	Para levar a cabo umas determinadas coisas, tinha já uns determinados homens, escolhidos e designados.
Neque uero, cum aliquid mandarar, confectum putabat;	E, no entanto, quando tinha ordenado alguma coisa, não a considerava executada;
nihil erat, quod non ipse obiret, occurreret, uigilaret, laboraret;	não havia nada que ele próprio não desafiasse, não se ocupasse, não vigiasse, não se empenhasse;
frigus, sitim, famem ferre poterat.	podia suportar o frio, a sede, a fome.
17 Hunc ego hominem tam acrem, tam audacem, tam paratum, tam callidum, tam in scelere uigilantem, tam in perditis rebus diligentem nisi ex domesticis insidiis in castrense latrocinium compulsiem (dicam id, quod sentio, Quirites), non facile <sup>hanc</sup> tantam molem mali a ceruicibus uestris depulsiem.	17 Se eu não tivesse empurrado este homem tão duro, tão audaz, tão preparado, tão astuto, tão desperto para o crime, tão zeloso nas situações malogradas, das traições domésticas para a bandidagem castrense <sup>62</sup> , (vou dizer o que penso, Quirites) não teria sido fácil ter afastado de vossas nuca essa tão grande massa de males.
Non ille nobis Saturnalia constituisset neque tanto ante exitii ac fati diem rei publicae denuntiauisset neque commisisset, ut signum, ut litterae suae testes manifesti sceleris deprehenderentur.	Ele não teria fixado para nós as Saturnais <sup>63</sup> , nem anunciado, com tanta antecedência, o dia da destruição e a morte da República, nem teria se exposto a que seu sinete, a que suas cartas, testemunhos evidentes de seu crime <sup>64</sup> , fossem descobertos.
Quae nunc illo absente sic gesta sunt ut nullum in priuata domo furtum umquam sit tam palam inuentum quam haec in tota re publica coniuratio manifesto deprehensa est.	Agora, com sua ausência, as coisas foram conduzidas de tal maneira que nenhum furto numa casa particular foi jamais tão claramente descoberto quanto, em toda a república, foi manifestamente revelada esta conjuração.
Quodsi Catilina in urbe ad hanc diem remansisset, quamquam, quoad fuit, omnibus eius consiliis occurri atque obstiti, tamen, ut leuissime dicam, dimicandum nobis cum illo fuisset, neque nos umquam, cum ille in urbe hostis esset, tantis periculis rem publicam tanta pace, tanto otio, tanto silentio liberassemus.	Pois se Catilina tivesse permanecido na cidade até hoje, embora, enquanto esteve, eu tenha me oposto e resistido a todos os seus planos, contudo, para dizer do modo mais leve, nós teríamos de lutar com ele e jamais, enquanto aquele inimigo estivesse na cidade, teríamos livrado a República de tamanhos perigos, com tanta paz, tanta tranquilidade, tanto silêncio.

<sup>62</sup> Segundo Saraiva (2006, p. 189), *castra* está relacionado a acampamento, alojamento.

<sup>63</sup> Como se viu na nota 33, p. 101, nesta *Catilinária*.

<sup>64</sup> Como se viu nas notas 16 e 17, p. 99, nesta *Catilinária*.

<p>18 Quamquam haec omnia, Quirites, ita sunt a me administrata, ut deorum immortalium nutu atque consilio et gesta et prouisa esse uideantur.</p>	<p>18 Entretanto, Quirites, todas estas coisas foram administradas por mim de tal modo que parecem ter sido realizadas e previstas pela anuência e conselho dos deuses imortais.</p>
<p>Idque cum coniectura consequi possumus, quod uix uidetur humani consilii tantarum rerum gubernatio esse potuisse, tum uero ita praesentes his temporibus opem et auxilium nobis tulerunt, ut eos paene oculis uidere possemus.</p>	<p>E isso podemos deduzir tanto por conjectura, já que mal parece ter sido possível ser próprio da capacidade humana o governo de tão graves situações, quanto, na verdade, porque eles nos deram força e auxílio, nestes tempos, estando tão presentes, que quase podíamos vê-los com os olhos.</p>
<p>Nam ut illa omittam, uisas nocturno tempore ab occidente faces ardoremque caeli, ut fulminum iactus, ut terrae motus relinquam, ut omittam cetera, quae tam multa nobis consulibus facta sunt, ut haec, quae nunc fiunt, canere di immortales uiderentur, hoc certe, Quirites, quod sum dicturus, neque praetermittendum neque relinquendum est.</p>	<p>Pois para omitir aquelas coisas, como as chamas vistas no período noturno, vindas do ocidente e o abrasamento do céu, para deixar de parte as quedas de raio, os terremotos, para omitir os outros prodígios que ocorreram em nosso consulado em tão grande número<sup>65</sup>, que os deuses imortais pareciam prenunciar estes fatos, que agora acontecem, certamente, Quirites, isto que vou dizer não deve ser nem omitido nem deixado de lado.</p>
<p>19 Nam profecto memoria tenetis Cotta et Torquato consulibus complures in Capitolio res de caelo esse percussas, cum et simulacra deorum depulsa sunt et statucae ueterum hominum deiectae et legum aera liquefacta et tactus etiam ille, qui hanc urbem condidit, Romulus, quem inauratum in Capitolio paruum atque lactantem uberibus lupinis inhiantem fuisse meministis.</p>	<p>19 Pois sem dúvida tendes na memória que, no consulado de Cota e Torquato<sup>66</sup>, muitas coisas no Capitólio<sup>67</sup> foram atingidas do céu, quando as imagens dos deuses foram arrancadas do lugar, e as estátuas de homens antigos, derrubadas, e as tábuas de bronze das leis, derretidas e foi atingido até mesmo aquele que fundou esta cidade, Rômulo, que vós lembrais que havia no Capitólio, feito de ouro, criança e lactente, abrindo a boca para as tetas da loba.</p>
<p>Quo quidem tempore cum haruspices ex tota Etruria conuenissent, caedis atque</p>	<p>Como tivessem acudido, nesse tempo, harúspices<sup>68</sup> de toda a Etrúria<sup>69</sup>, esses</p>

<sup>65</sup> Faz alusão a fenômenos da natureza que, segundo a tradição etrusca, eram prenúncios enviados pelos deuses; nesse caso, prenúncio de desgraças. (CA, p. 115; CBL, p. 56; CG, p. 361)

<sup>66</sup> Foram côsules em 65 a.C. e vítimas de uma primeira tentativa de conjuração de Catilina. (CA, p. 116; CBL, p. 56)

<sup>67</sup> Ver nota 31, p. 101, nesta *Catilinária*.

<sup>68</sup> Ver nota 28, p. 101, nesta *Catilinária*.

<sup>69</sup> Região da moderna Florença, onde provavelmente o exército de Mânlio aguardava orientações de Catilina para atacar Roma. Ver nota 26, p. 84, e 27, p. 85, na segunda *Catilinária*. (CBL, p. 19; CG, pp. 316 e 333)

incendia et legum interitum et bellum ciuile ac domesticum et totius urbis atque imperii occasum adpropinquare dixerunt, nisi di immortales omni ratione placati suo numine prope fata ipsa flexissent.	disseram que estavam para acontecer matanças e incêndios, a ruína das leis, uma guerra civil e interna, o acaso de toda a cidade e de seu comando, a não ser que os deuses imortais, aplacados de um modo qualquer, com sua divindade, mudassem quase os próprios fados.
20 Itaque illorum responsis tum et ludi per decem dies facti sunt, neque res ulla, quae ad placandos deos pertineret, praetermissa est.	20 E por isso, em razão das respostas deles, foram então celebrados jogos <sup>70</sup> durante dez dias, e nada que servisse para aplacar os deuses foi deixado de lado.
Idemque iusserunt simulacrum Iouis facere maius et in excelso collocare et contra, atque antea fuerat, ad orientem conuertere;	E mandaram também fazer uma estátua de Júpiter, maior, e colocá-la no alto e virá-la para o oriente, ao contrário do que estava antes <sup>71</sup> ;
ac se sperare dixerunt, si illud signum, quod uidetis, solis ortum et forum curiamque conspiceret, fore ut ea consilia, quae clam essent inita contra salutem urbis atque imperii, inlustrarentur, ut a senatu populoque Romano perspici possent.	e disseram que tinham a esperança de que, se aquela estátua, que estais vendo, contemplasse o nascimento do sol e o foro <sup>72</sup> e a cúria, esses planos, que tinham sido secretamente iniciados contra o bem-estar da cidade e de seu comando, seriam aclarados a ponto de poderem ser percebidos pelo senado e pelo povo romano.
Atque illud signum collocandum consules illi locauerunt;	E aqueles cônsules encomendaram essa estátua que devia ser colocada,
sed tanta fuit operis tarditas, ut neque superioribus consulibus neque nobis ante hodiernum diem collocaretur.	mas a lentidão da obra foi tamanha que nem no consulado anterior nem no nosso pôde antes de hoje ser colocada.
21 Hic quis potest esse, Quirites, tam auersus a uero, tam praeceps, tam mente captus, qui neget haec omnia, quae uidemus, praecipueque hanc urbem deorum immortalium nutu ac potestate administrari?	21 Quem pode haver aqui, Quirites, tão avesso à verdade, tão inconsiderado, tão privado de mente que negue que todas estas coisas que vemos, e especialmente esta cidade sejam governadas pela vontade e poder dos deuses imortais?
Etenim, cum esset ita responsum, caedes, incendia, interitum rei publicae comparari, et ea per ciues, quae tum propter magnitudinem scelerum non nullis incredibilia uidebantur, ea non modo cogitata a nefariis ciuibus, uerum etiam	Com efeito, tendo sido assim vaticinado que se arquitetavam matanças, incêndios e a derrocada da república, e isso por obra de cidadãos, esses fatos, que, para alguns, na época, devido à enormidade dos crimes, pareciam incríveis, vós agora

<sup>70</sup> Festas públicas. Não são vastos os registros, mas é possível que tenham ocorrido jogos com animais, combates entre gladiadores, encenação de grandes lutas, assim como havia execução de condenados (ADKINS e ADKINS, 2004, pp. 6863 a 6905).

<sup>71</sup> Uma nova estátua de Júpiter, o deus protetor de Roma, e a nova posição seriam, segundo as orientações de harúspices, meios de acalmar os deuses. (CA, p. 117; CBL, p. 57, CG, p. 362)

<sup>72</sup> Local que abrigava os prédios públicos, os templos e as áreas comerciais da República romana.

suscepta esse sensistis.	percebestes que não só foram planejados, mas também executados por maus cidadãos.
Illud uero nonne ita praesens est, ut nutu Iouis optimi maximi factum esse uideatur, ut, cum hodierno die mane per forum meo iussu et coniurati et eorum indices in aedem Concordiae ducerentur, eo ipso tempore signum statueretur?	Por acaso, na verdade, isso não está tão evidente, que até parece ser obra da vontade de Júpiter Ótimo Máximo: que, hoje de manhã, quando, por ordem minha, tanto os conjurados quanto seus delatores eram conduzidos pelo foro ao templo da Concórdia <sup>73</sup> , nesse preciso instante a estátua estava sendo alçada?
Quo collocato atque ad uos senatumque conuerso, omnia et senatus et uos quae erant contra salutem omnium cogitata, inlustrata et patefacta uidistis.	Colocada esta e com a frente voltada para vós e para o senado, vós e o senado vistes aclarado e descoberto tudo o que fora planejado contra o bem estar de todos.
22 Quo etiam maiore sunt isti odio supplicioque digni, qui non solum uestris domiciliis atque tectis sed etiam deorum templis atque delubris sunt funestos ac nefarios ignes inferre conati.	22 Por isso são dignos de ódio e castigo ainda maiores esses que tentaram atear fogo funesto e sacrílego não só nos vossos domicílios e tetos, mas também nos templos e santuários dos deuses.
Quibus ego si me restitisse dicam, nimium mihi sumam et non sim ferendus;	Se eu dissesse que fui eu que fiz frente a eles, seria muita pretensão de minha parte e eu não seria tolerável;
ille, ille Iuppiter restitit; ille Capitolium, ille haec templa, ille cunctam urbem, ille uos omnis saluos esse uoluit.	ele, sim, aquele Júpiter foi quem resistiu <sup>74</sup> ; ele é que quis que o Capitólio, ele é que quis que estes templos, ele é que quis que a cidade toda, ele é que quis que todos vós fôsseis salvos.
Dis ego immortalibus ducibus hanc mentem, Quirites, uoluntatemque suscepi atque ad haec tanta indicia perueni.	Foi sob inspiração dos deuses imortais, Quirites, que me imbuí dessa ideia e vontade e cheguei a estes tão importantes indícios.
Iam uero illa Allobrogum sollicitatio, iam ab Lentulo ceterisque domesticis hostibus tam dementer tantae res creditae et ignotis et barbaris commissaeque litterae numquam essent profecto, nisi ab dis immortalibus huic tantae audaciae consilium esset ereptum.	Na verdade, quer aquele aliciamento dos alóbrogos, quer os assuntos de tamanha gravidade tão insensatamente confiados por Léntulo e pelos demais inimigos internos a desconhecidos e bárbaros e a entrega das cartas, nada disso teria certamente existido, se o bom-senso não tivesse sido tirado pelos deuses imortais dessa tão assombrosa audácia.
Quid uero? Vt homines Galli ex ciuitate male pacata, quae gens una restat quae bellum populo Romano facere et posse et non nolle uideatur, spem imperii ac rerum maxumarum ultro sibi a patriciis	Que mais? Se uns gauleses, de uma cidade mal pacificada, único povo que resta que parece não só poder, mas também não recusar fazer guerra contra o povo Romano, desdenharam a esperança de

<sup>73</sup> Ver nota 19, p. 100, nesta *Catilinária*.

<sup>74</sup> Cícero refere-se à nova estátua de Júpiter. (CA, p. 117; CBL, p. 57, CG, p. 362)

hominibus oblatam neglegerent uestramque salutem suis opibus anteponerent, id non diuinitus esse factum putatis, praesertim qui nos non pugnando, sed tacendo superare potuerint?	soberania e das altíssimas recompensas, a eles oferecida por uns patrícios, e preferiram a vossa salvação às suas próprias riquezas, não achais que isso é obra divina, sobretudo eles que poderiam vencer-nos não lutando, mas calando-se?
23 Quamobrem, Quirites, quoniam ad omnia puluinaria supplicatio decreta est, celebratote illos dies cum coniugibus ac liberis uestris.	23 Por isso, Quirites, uma vez que se decretou ação de graças em todos os pulvinares <sup>75</sup> , celebrai esses dias com vossas mulheres e filhos.
Nam multi saepe honores dis immortalibus iusti habiti sunt ac debiti, sed profecto iustiores numquam.	Pois diversas vezes muitas honras justas e devidas têm sido tributadas aos deuses imortais, mas mais justas que agora certamente nunca.
Erepti enim estis ex crudelissimo ac miserrimo interitu erepti sine caede, sine sanguine, sine exercitu, sine dimicatione;	Fostes, pois, livrados de uma morte crudelíssima e infelicíssima, sem morticínio, sem sangue, sem exército, sem batalha;
togati me uno togato duce et imperatore uicistis.	vencestes vestidos de toga <sup>76</sup> , tendo a mim, vestido de toga, como único comandante e general.
24 Etenim recordamini, Quirites, omnis ciuilis dissensiones, non solum eas quas audistis, sed eas quas uosmet ipsi meministis atque uidistis.	24 Com efeito, Quirites, recordai todas as dissensões civis, não só as que ouvistes contar, mas as que vós próprios tendes na memória e vistas.
L. Sulla P. Sulpicium oppressit;	Lúcio Sila tirou a vida de Públio Sulpício;
C. Marium, custodem huius urbis, multosque fortis uiros partim eiecit ex ciuitate, partim interemit.	a Caio Mário, guardião desta cidade, e a muitos outros cidadãos de brio, ele em parte expulsou da cidade, em parte matou.
Cn. Octauius consul armis expulit ex urbe collegam;	O cônsul Cneu Otávio expulsou da cidade, com suas armas, seu colega;
omnis hic locus aceruis corporum et ciuium sanguine redundauit.	todo este local se encheu de montões de corpos e de sangue de cidadãos.
Superauit postea Cinna cum Mario;	Posteriormente, Cina, junto com Mário, triunfou;
tum uero clarissimis uiris interfectis, lumina ciuitatis extincta sunt.	e então, mortos os mais ilustres homens, extinguiram-se os luminares da cidade.
Vltus est huius uictoriae crudelitatem postea Sulla;	Sila, posteriormente, desforrou a crueldade dessa vitória;
ne dici quidem opus est quanta deminutione ciuium et quanta calamitate rei publicae.	nem é preciso ser dito a custa de quanta diminuição de cidadãos e de quanta calamidade para a república. <sup>77</sup>

<sup>75</sup> Segundo o dicionário Houaiss, “na Roma antiga, espécie de canapé em que se colocavam as estátuas dos deuses”( <http://houaiss.uol.com.br/busca?palavra=pulvinar>, acesso em 1º de março de 2014).

<sup>76</sup>Cícero insiste em que a conquista se fez pelo poder civil.

<sup>77</sup>Como se viu na nota 11, p. 79, na segunda *Catilinária*.

Dissensit M. Lepidus a clarissimo et fortissimo uiro, Q. Catulo;	Marco Lépido discrepou de um homem muito ilustre e de muito brio, Quinto Cátulo, <sup>78</sup>
attulit non tam ipsius interitus rei publicae luctum quam ceterorum.	a morte dele não trouxe para a república tanta dor como a dos demais.
25 Atque illae tamen omnes dissensiones erant eius modi quae non ad delendam, sed ad commutandam rem publicam pertinerent.	25 E, contudo, todas aquelas discórdias eram desse tipo e elas se destinavam não a destruir, mas a transformar a República.
Non illi nullam esse rem publicam, sed in ea, quae esset, se esse principes, neque hanc urbem conflagrare, sed se in hac urbe florere uoluerunt.	Não quiseram aqueles homens que a república deixasse de existir, mas, sim, serem eles os mais importantes, na que havia; nem que esta cidade ardesse em chamas, mas, sim, florescerem nesta cidade.
[Atque illae tamen omnes dissensiones, quarum nulla exitium rei publicae quaesivit, eius modi fuerunt ut non reconciliatione concordiae, sed internectione ciuium diiudicatae sint.]	[E, contudo, todas aquelas discórdias - e nenhuma delas procurou a ruína da República - foram de tal natureza que se resolveram não com reconciliação da concórdia, mas com a morte de cidadãos.]
In hoc autem uno post hominum memoriam maximo crudelissimoque bello, quale bellum nulla umquam barbaria cum sua gente gessit, quo in bello lex haec fuit a Lentulo, Catilina, Cethego, Cassio constituta, ut omnes, qui salua urbe salui esse possent, in hostium numero ducerentur, ita me gessi, Quirites, ut salui omnes conseruaremini, et, cum hostes uestri tantum ciuium superfuturum putassent, quantum infinitae caedi restitisset, tantum autem urbis, quantum flamma obire non potuisset, et urbem et ciuis integros incolumesque seruauit.	Nesta guerra, porém, a maior e a mais cruel de todos os tempos, uma guerra tal qual nenhum povo bárbaro jamais travou contra sua própria gente, uma guerra na qual foi estabelecida por Lêntulo, Catilina, Cétego, Cássio esta lei - que, estando salva a cidade, todos aqueles que conseguissem salvar-se seriam considerados no número dos inimigos -, agi de tal modo, Quirites, que, depois de salvos, todos vós serieis mantidos em segurança, e, embora os vossos inimigos tivessem achado que só restaria o tanto de cidadãos que tivessem sobrevivido ao interminável morticínio e o tanto de cidade que a chama não tivesse conseguido destruir, mantive íntegros e incólumes tanto a cidade, quanto os cidadãos.
26 Quibus pro tantis rebus, Quirites, nullum ego a uobis praemium uirtutis, nullum	26 Por esses tão grandes serviços, Quirites, não vos peço nenhum prêmio de bravura,

<sup>78</sup>Marco Lépido foi eleito cônsul em 78 a.C., ou seja, depois da morte de Sila. Pertencia ao partido democrático e queria anular a constituição imposta pelo ditador. Foi vencido por Cátulo, que também foi cônsul, e teve que fugir. (CA, p. 120; CBL, p. 59; CG, p. 365)

insigne honoris, nullum monumentum laudis postulo praeterquam huius diei memoriam sempiternam.	nenhuma insígnia de honra, nenhum monumento de louvor <sup>79</sup> , mas somente a perpétua memória deste dia.
In animis ego uestris omnes triumphos meos, omnia ornamenta honoris, monumenta gloriae, laudis insignia condi et collocari uolo.	É em vossos espíritos que eu quero que todos os meus triunfos, todos os ornamentos de honra, os monumentos de glória, as insígnias de louvor sejam mantidos ocultos e guardados.
Nihil me mutum potest delectare, nihil tacitum, nihil denique eius modi quod etiam minus digni adsequi possint.	Não pode me deleitar nada que seja mudo, nada que seja calado, nada que seja, enfim, desse gênero que até os menos dignos podem conseguir.
Memoria uestra, Quirites, nostrae res alentur, sermonibus crescent, litterarum monumentis inueterascent et corroborabuntur;	Pela vossa memória, Quirites, os nossos feitos se alimentarão, pelas conversas, crescerão, pelas obras literárias, terão longa vida e se consolidarão;
eandemque diem intellego, quam spero aeternam fore, propagatam esse et ad salutem urbis et ad memoriam consulatus mei, unoque tempore in hac re publica duos ciuis extitisse quorum alter finis uestri imperii non terrae, sed caeli regionibus terminaret, alter eiusdem imperii domicilium sedesque seruaret.	e vejo que o mesmo dia, que espero que seja eterno, foi consagrado não só à salvação da cidade, mas também à memória de meu consulado, e que a um só tempo, nesta república, existiram dois cidadãos dos quais um fixaria os limites do vosso império, não nas regiões da terra, mas nas do céu <sup>80</sup> , o outro conservaria o domicílio e a sede desse mesmo império.
27 Sed quoniam earum rerum, quas ego gessi, non eadem est fortuna atque condicio quae illorum qui externa bella gesserunt, quod mihi cum iis uiuendum est, quos uici ac subegi, illi hostes aut interfectos aut oppressos reliquerunt, uestrum est, Quirites, si ceteris facta sua recte prosunt, mihi mea ne quando obsint, prouidere.	27 Mas como a sorte e a condição dessas ações que realizei não são as mesmas que as daqueles que travaram guerras no estrangeiro, visto que tenho de viver com os que venci e subjuguiei, ao passo que aqueles deixaram os inimigos ou mortos ou feitos prisioneiros, cabe a vós, Quirites, providenciar para que, se os outros tiram, com justiça, proveito de seus feitos, os meus não me prejudiquem algum dia.
Mentes enim hominum audacissimorum sceleratae ac nefariae ne uobis nocere possent, ego prouidi, ne mihi noceant, uestrum est prouidere.	Eu providenciei para que as mentes criminosas e sacrílegas de homens extremamente audaciosos não vos pudessem fazer mal, cabe a vós providenciar para que não me façam mal a mim <sup>81</sup> .
Quamquam, Quirites, mihi quidem ipsi nihil ab istis iam noceri potest.	Não obstante, Quirites, a mim mesmo, na verdade, já nenhum mal me pode ser

<sup>79</sup>Essas eram distinções próprias de um general vitorioso; Cícero tinha somente poder civil. (CG, p. 366)

<sup>80</sup>Adulação dirigida a Pompeu, como se viu na nota 21, p. 83, na segunda *Catilinária*.

<sup>81</sup>Cícero prevê que sofrerá as consequências da repressão exercida sobre os cúmplices de Catilina. (CBL, p. 61; CG, p. 367)

	causado por esses indivíduos.
Magnum enim est in bonis praesidium, quod mihi in perpetuum comparatum est, magna in re publica dignitas, quae me semper tacita defendet, magna uis conscientiae, quam qui neglegunt, cum me uiolare uolent, se ipsi indicabunt.	Pois tenho nos homens de bem um grande apoio, que me foi garantido para sempre, uma grande dignidade na república, que, mesmo calada, sempre me defenderá, uma grande força de consciência que fará aqueles que não a levam em conta, quando quiserem atacar-me, denunciarem-se a si próprios.
28 Est enim in nobis is animus, Quirites, ut non modo nullius audaciae cedamus, sed etiam omnis improbos ultro semper laceamus.	28 Pois há em nós um tal ânimo, Quirites, que não só não cedemos à audácia de ninguém, mas ainda, por livre iniciativa, perseguimos sempre todos os maus.
Quodsi omnis impetus domesticorum hostium depulsus a uobis se in me unum conuerterit, uobis erit uidendum, Quirites, qua condicione posthac eos esse uelitis, qui se pro salute uestra obtulerint inuidiae periculisque omnibus;	E se todo ataque dos inimigos internos, desviado de vós, se voltar contra mim somente, devereis ver, Quirites, em que condição quereis que estejam doravante aqueles que, por vossa salvação, se expuseram ao ódio e a todos os perigos;
mihi quidem ipsi quid est quod iam ad uitae fructum possit adquiri, cum praesertim neque in honore uestro neque in gloria uirtutis quicquam uideam altius, quo mihi lubeat ascendere?	Quanto a mim, na verdade, o que há que ainda me possa ser acrescentado para a realização de minha vida, sobretudo quando não vejo, nem em vossas homenagens nem na glória de meu valor, nenhum lugar mais alto aonde eu tenha vontade de subir?
29 Illud perficiam profecto, Quirites, ut ea, quae gessi in consulatu, priuatus tuear atque ornem, ut, si qua est inuidia in conseruanda re publica suscepta, laedat inuidos, mihi ualeat ad gloriam.	29 Uma coisa, com certeza, farei, Quirites: conservar e enaltecer, quando simples cidadão, essas coisas que realizei no consulado, para que, se, por salvar a república, algum despeito foi gerado, isso ultraje os despeitados, a mim me sirva de glória.
Denique ita me in re publica tractabo, ut meminerim semper, quae gesserim, curemque, ut ea uirtute, non casu gesta esse uideantur.	Por fim, portar-me-ei na república de tal modo que eu me lembre sempre das coisas que fiz, e cuide para que elas pareçam ter sido feitas por força da virtude, não do acaso. <sup>82</sup>
Vos, Quirites, quoniam iam est nox, uenerati Iouem illum, custodem huius urbis ac uestrum, in uestra tecta discedite et ea, quamquam iam est periculum depulsum, tamen aequae ac priore nocte	Quanto a vós, Quirites, uma vez que já é noite, venerai aquele Júpiter <sup>83</sup> , guardião desta cidade e de vós, caminhai para as vossas casas e, embora o perigo já esteja debelado, defendei-as exatamente como

<sup>82</sup>Cícero ressalta a glória que vem da virtude. (PEREIRA, 2002, p.p. 353 - 347)

<sup>83</sup>Cícero evoca o deus que, supostamente, auxiliou os romanos em situações complicadas de guerra. Como se viu na nota 22, p. 62, na primeira *Catilinária*. (CG, p. 368; GRIMAL, 2000, p. 261; PEREIRA, 2002, p.p. 353 - 347)

custodiis uigiliisque defendite.	na noite passada, com guardas e sentinelas.
Id ne uobis diutius faciendum sit, atque ut in perpetua pace esse possitis, prouidebo, Quirites.	Providenciarei para que não precisais fazer isso por muito tempo e para que possais estar em perpétua paz, Quirites.

#### 2.2.4 Quarta *Catilinária*

A Quarta *Catilinária* foi pronunciada, em 5 de dezembro de 63 a.C., para o Senado, no Templo de Júpiter Estátor.

Cícero apresenta os dois tipos de punição propostos: pena de morte e prisão perpétua. O cônsul pede ao Senado que aprove a pena de morte e que o faça com rapidez, para que Roma possa voltar a ser um lugar seguro, o que, de fato, consegue: Catilina é condenado à morte.

Estrutura do discurso<sup>1</sup>:

1) Exórdio (1 – 6)

- a) convite ao julgamento de Catilina e de seus seguidores;
- b) destaque aos perigos na decisão que deve ser tomada com rapidez.

2) Proposição (4 – 6)

- a) se crime é evidente, há culpabilidade;
- b) duas opiniões: Silano e César;
- c) lei Semproia.

4) Argumentação (7 – 22)

- a) determinação da pena;
- b) execução da sentença.

5) Epílogo (23 – 24)

- a) retomada dos sacrifícios que fez, como cônsul, apenas como responsabilidade de sua função;
- b) ênfase para a necessidade de cuidar da cidade, que depende, em grande parte, do julgamento em questão.

---

<sup>1</sup> Organizada a partir de CA, p. 127; CBL, p. 63 e CG, p. 370.

Cicero, In Catilinam, IV	Cícero, Contra Catilina, IV
<p>1</p> <p>Video, patres conscripti, in me omnium uestrum ora atque oculos esse conuersos, uideo uos non solum de uestro ac rei publicae, uerum etiam, si id depulsum sit, de meo periculo esse sollicitos.</p>	<p>1</p> <p>Vejo, senadores, que os rostos e os olhos de todos vós estão voltados para mim, vejo que vós estais apreensivos não só em relação ao vosso perigo e ao da república, mas também, caso esse tenha sido conjurado, em relação ao meu.</p>
<p>Est mihi iucunda in malis et grata in dolore uestra erga me uoluntas, sed eam, per deos immortales, deponite atque oblitis salutis meae de uobis ac de uestris liberis cogitate.</p>	<p>É-me prazeroso, em meio aos meus males, e agradável, na dor, o vosso zelo para comigo, mas, pelos deuses imortais, deixai-o de lado e, esquecidos de minha salvação, pensai em vós e nos vossos filhos.</p>
<p>Mihi si haec condicio consulatus data est, ut omnis acerbitates, omnis dolores cruciatusque perferrem, feram non solum fortiter, uerum etiam lubenter, dum modo meis laboribus uobis populoque Romano dignitas salusque pariatur.</p>	<p>Se me foi dada esta condição do consulado, que eu suportasse todas as agruras, todas as dores e tormentos, vou suportar não só corajosamente, mas até com prazer, contanto que, com os meus esforços, sejam engendradas para vós e para o povo romano a dignidade e a salvação.</p>
<p>2</p> <p>Ego sum ille consul, patres conscripti cui non forum, in quo omnis aequitas continetur, non campus consularibus auspiciis consecratus, non curia, summum auxilium omnium gentium, non domus, commune perflugium, non lectus ad quietem datus, non denique haec sedes honoris umquam uacua mortis periculo atque insidiis fuit.</p>	<p>2</p> <p>Eu sou aquele cônsul, senadores, para quem nem o foro, onde se encerra toda justiça, nem o campo de Marte, consagrado pelos auspícios consulares, nem a cúria<sup>1</sup>, supremo socorro de todas as nações, nem a casa, refúgio comum de todos, nem a cama<sup>2</sup>, dada para o repouso, nem enfim este assento de honra estiveram algum dia livres do risco de morte e das traições.</p>
<p>Ego multa tacui, multa pertuli, multa concessi, multa meo quodam dolore in uestro timore sanauit.</p>	<p>Muitas coisas eu calei, muitas aguntei, muitas concedi<sup>3</sup>, muitas, em meio ao vosso temor, solucionei com certo sofrimento meu.</p>
<p>Nunc si hunc exitum consulatus mei di immortales esse uoluerunt, ut uos populumque Romanum ex caede miserrima, coniuges liberosque uestros uirginesque Vestales ex acerbissima uexatione, templa atque delubra, hanc pulcherrimam patriam omnium nostrum</p>	<p>Agora, se os deuses imortais quiseram que fosse este o remate de meu consulado, que eu livrasse a vós e o povo romano de uma tristíssima matança, vossas esposas e vossos filhos e as virgens Vestais<sup>4</sup> de uma crudelíssima perseguição, os templos e os santuários e</p>

<sup>1</sup>O Foro, o Campo de Marte e a Cúria eram os lugares de ação política. Houve tentativa de matar Cícero em plenas eleições durante o verão que antecedeu este discurso.

<sup>2</sup> Refere-se à tentativa de assassinato em 7 de novembro de 63 a.C..

<sup>3</sup>Faz alusão a Antonio Híbrida. Ver nota 46, p. 104, da Segunda *Catilinária*.

<sup>4</sup>Como se viu na nota 30, p. 101, da terceira *Catilinária*.

ex foedissima flamma, totam Italiam ex bello et uastitate eriperem, quaecumque mihi uni proponetur fortuna, subeatur.	esta lindíssima pátria pertencente a todos nós da chama mais terrível, a Itália inteira da guerra e da devastação, qualquer revés que for imposto pela fortuna só para mim, será enfrentado.
Etenim, si P. Lentulus suum nomen inductus a uatibus fatale ad perniciem rei publicae fore putauit, cur ego non laeter meum consulatum ad salutem populi Romani prope fatalem extitisse?	Pois, se Públio Lêntulo <sup>5</sup> , induzido pelos adivinhos, achou que seu nome seria uma escolha do destino para ruína da república, por que eu não me alegraria de ter sido o meu consulado uma espécie de escolha do destino para a salvação do povo romano?
3 Quare, patres conscripti, consulite uobis, prospicite patriae, conseruate uos, coniuges, liberos fortunasque uestras, populi Romani nomen salutemque defendite; mihi parcere ac de me cogitare desinite.	3 Por isso, senadores, cuidai de vós, olhai pela pátria, resguardai a vós, as vossas esposas, os vossos filhos e os vossos bens, defendei o nome e o bem estar do povo romano; deixai de me preservar e de pensar em mim.
Nam primum debeo sperare omnis deos, qui huic urbi praesident, pro eo mihi, ac mereor, relatuos esse gratiam;	Porque primeiramente devo esperar que todos os deuses, que protegem esta cidade, me concederão a graça por aquilo que mereço;
deinde, si quid obtigerit, aequo animo paratoque moriar.	depois, se alguma desgraça me acontecer, que eu morra com o espírito tranquilo e preparado.
Nam neque turpis mors forti uiro potest accidere neque immatura consulari nec misera sapienti.	Porque a morte não pode ocorrer como vergonhosa para um homem corajoso, nem como prematura para um ex-cônsul, nem como infeliz para um sábio.
Nec tamen ego sum ille ferreus, qui fratris carissimi atque amantissimi praesentis maerore non mouear horumque omnium lacrumis, a quibus me circumsessum uidetis.	Mas eu, contudo, não sou um homem de ferro, que não me comova com a tristeza de meu caríssimo e amantíssimo irmão <sup>6</sup> , aqui presente, e com as lágrimas de todos estes pelos quais me vedes rodeado.
Neque meam mentem non domum saepe reuocat exanimata uxor et abiecta metu filia et paruulus filius quem mihi uidetur amplecti res publica tamquam obsidem consulatus mei, neque ille, qui expectans huius exitum diei stat in conspectu meo, gener.	E também não deixam de muitas vezes chamar de volta meu pensamento para casa: a esposa desfalecida <sup>7</sup> , a filha abatida pelo medo, o pequenino filho <sup>8</sup> , que me parece que a república mantém em seus braços como um refém de meu consulado, e aquele que está diante de

<sup>5</sup>Era neto de um dos mais duros opositores à política dos Gracos. Sua brilhante carreira sofreu um revés em 70 a.C., quando foi expulso do senado por conduta imoral, um dos fatos que permitia, segundo Cícero, crer que ele estaria aliado a Catilina.

<sup>6</sup>Quinto Túlio Cícero, irmão do orador, foi a edil em 66 a.C. e atuava como pretor em 63 a.C..

<sup>7</sup>Terência.

<sup>8</sup>O filho teria, então, 10 anos.

	minha vista, aguardando o desfecho deste dia, o meu genro <sup>9</sup> .
Moueor his rebus omnibus, sed in eam partem, uti salui sint uobiscum omnes, etiamsi me uis aliqua oppresserit, potius quam et illi et nos una rei publicae peste pereamus.	Sou movido por todas essas coisas, mas para o ponto em que todos eles sejam salvos convosco, mesmo que alguma força me destrua, antes que eles e nós pereçamos na mesma desgraça da república.
4 Quare, patres conscripti, incumbite ad salutem rei publicae, circumspicite omnes procellas quae inpendent, nisi prouidetis.	4 Por isso, senadores, entregai-vos de corpo e alma à salvação da república, olhai ao vosso redor todas as tempestades que estão para desabar, se vós não vos precaveis.
Non Ti. Gracchus, quod iterum tribunus plebis fieri uoluit, non C. Gracchus, quod agrarios concitare conatus est, non L. Saturninus, quod C. Memmium occidit, in discrimen aliquod atque in uestrae seueritatis iudicium adducitur;	Não é Tibério Graco que é levado a uma decisão e ao juízo de vossa severidade, por ter querido tornar-se tribuno da plebe pela segunda vez, nem Caio Graco, por ter tentado incitar os partidários da lei agrária, nem Lúcio Saturnino, por ter matado Caio Mêmio; <sup>10</sup>
tenentur ii qui ad urbis incendium, ad uestram omnium caedem, ad Catilinam accipiendum Romae restiterunt; tenentur litterae, signa, manus, denique unius cuiusque confessio;	os que estão detidos são aqueles que, para o incêndio da cidade, para a matança de todos vós, para acolherem Catilina, ficaram em Roma; estão retidas suas cartas, seus sinetes, sua letra, enfim, a confissão de cada um; <sup>11</sup>
sollicitantur Allobroges, seruitia excitantur, Catilina accersitur;	aliciam-se os Alóbroges, sublevam-se os escravos, manda-se vir Catilina;
id est initum consilium, ut interfectis omnibus nemo ne ad deplorandum quidem populi Romani nomen atque ad lamentandam tanti imperii calamitatem relinquatur.	esse é o plano encetado: que, mortos todos, não seja deixado ninguém, nem mesmo para deplorar o nome do povo romano e para lamentar a ruína de tão grande império.
5 Haec omnia indices detulerunt, rei confessi sunt, uos multis iam iudiciis iudicauistis, primum quod mihi gratias egistis singularibus uerbis et mea uirtute atque diligentia perditorum hominum coniurationem patefactam esse decreuistis, deinde quod P. Lentulum se	5 Tudo isso os denunciadores revelaram, os réus confessaram, vós mesmos já julgastes em muitas decisões, primeiramente, porque me agradecestes com palavras especiais e manifestastes que essa conjuração de homens perdidos foi descoberta graças à minha coragem e

<sup>9</sup> Trata-se de Calpúrnio Pisão, primeiro marido de sua filha, Túlia. Como ele não desempenhava cargos públicos, ficava com outros filhos e parentes dos senadores fora do templo, aguardando o resultado.

<sup>10</sup> Elenca opositores que, em outros momentos, também ousaram contra a República.

<sup>11</sup> Cícero faz alusão aos acusados de conjuração e a apreensão das cartas que seriam entregues a Catilina e aos gauleses. Trata-se de um resumo do que foi detalhado, ao povo, na terceira *Catilinária*.

abdicare praetura coegistis;	à minha diligência, depois, porque obrigastes Públio Lêntulo <sup>12</sup> a abdicar-se da pretura <sup>13</sup> ;
tum quod eum et ceteros, de quibus iudicastis, in custodiam dandos censuistis, maximeque quod meo nomine supplicationem decreuistis, qui honos togato habitus ante me est nemini;	e também porque decidistes que esse e os outros, sobre os quais destes o vosso parecer, deviam ser entregues à prisão <sup>14</sup> , e principalmente porque decretastes uma ação de graças em meu nome, honra que não foi concedida a ninguém de toga antes de mim <sup>15</sup> .
postremo hesterno die praemia legatis Allobrogum Titoque Volturcio dedistis amplissima.	por último, ontem, concedestes as maiores recompensas aos legados dos Alóbroges e a Tito Voltúrcio.
Quae sunt omnia eius modi ut ii qui in custodiam nominatim dati sunt, sine ulla dubitatione a uobis damnati esse uideantur.	E todas essas medidas são de tal modo que esses, que foram entregues, um a um, à prisão, parecem, sem dúvida alguma, ter sido condenados por vós.
6 Sed ego institui referre ad uos, patres conscripti, tamquam integrum, et de facto quid iudicetis, et de poena quid censeatis.	6 Mas eu resolvi, senadores, submeter a vós, como um caso novo, não só o que julgais acerca do fato, mas também o que decidis acerca da pena.
Illa praedicam, quae sunt consulis.	Antes vou dizer aquilo que é da competência do cônsul.
Ego magnum in re publica uersari furorem et noua quaedam misceri et concitari mala iam pridem uidebam, sed hanc tantam, tam exitiosam haberi coniurationem a ciuibus numquam putau.	Eu via, desde há muito, que, na república, reinava um grande desvario e que certas novidades se misturavam e que males fomentavam, mas nunca pensei que esta tão grande, tão funesta conjuração fosse concebida por cidadãos.
Nunc quicquid est, quocumque uestrae mentes inclinant atque sententiae, statuendum uobis ante noctem est.	Agora, seja o que for, para onde quer que os vossos pensamentos e opiniões se inclinem, vós deveis decidir antes da noite. <sup>16</sup>
Quantum facinus ad uos delatum sit, uidetis.	Estais vendo que enorme crime foi denunciado a vós.
Huic si paucos putatis adfines esse, uehementer erratis.	Se julgais que são poucos os envolvidos nele, estais completamente enganados.
Latius opinione disseminatum est hoc malum;	Esse mal foi mais amplamente disseminado do que se pensa;
manauit non solum per Italiam, uerum	propagou-se não só pela Itália, mas ainda

<sup>12</sup>Ver nota 5, p. 118, nesta *Catilinária*.

<sup>13</sup>Como se viu na nota 40, p.67, na primeira *Catilinária*.

<sup>14</sup>Na verdade, como não havia prisão preventiva, recorria-se a uma espécie de regime de tutela, ou seja, em princípio, o cidadão não era encarcerado, mas sim confiado a um homem de honra. Após o julgamento, efetivava-se a prisão ou aplicava-se outra punição.

<sup>15</sup>Tratava-se de festividades designadas aos vitoriosos militares.

<sup>16</sup>Cícero sugere uma decisão rápida, porque era proibido votar, independentemente do assunto, antes do nascer e após o pôr do sol.

etiam transcendit Alpes et obscure serpens multas iam prouincias occupauit.	tranpôs os Alpes e, rastejando solapadamente, já ocupou muitas prouincias <sup>17</sup> .
Id opprimi sustentando aut prolatando nullo pacto potest;	Isso de modo algum pode ser reprimido, aguentando ou protelando;
quacumque ratione placet, celeriter uobis uindicandum est.	em qualquer forma que agrade, vós tendes urgentemente de punir.
7 Video duas adhuc esse sententias, unam D. Silani, qui censet eos, qui haec delere conati sunt, morte esse multandos;	7 Vejo que até agora há duas propostas, uma de Décimo Silano <sup>18</sup> , que é de parecer que esses, que tentaram destruir estas coisas, têm de ser punidos com a morte;
alteram C. Caesaris, qui mortis poenam remouet, ceterorum suppliciorum omnis acerbitates amplectitur.	a outra de Caio César <sup>19</sup> , que exclui a pena de morte e aprova todos os rigores dos demais castigos.
Vterque et pro sua dignitate et pro rerum magnitudine in summa seueritate uersatur.	Ambos se movem dentro da máxima severidade, em consonância com sua própria dignidade e com a grandeza dos fatos.
Alter eos, qui nos omnis, qui populum Romanum uita priuare conati sunt, qui delere imperium, qui populi Romani nomen extinguere, punctum temporis frui uita et hoc communi spiritu non putat oportere atque hoc genus poenae saepe in inprobos ciuis in hac re publica esse usurpatum recordatur.	Um acha que esses que tentaram tirar a vida de todos nós, do povo romano, que tentaram destruir o império, extinguir o nome do povo romano não devem desfrutar nem um segundo a mais da vida e deste ar comum e lembra que este tipo de pena foi, muitas vezes, adotado nesta república contra os maus cidadãos <sup>20</sup> .
Alter intellegit mortem ab dis immortalibus non esse supplicii causa constitutam, sed aut necessitatem naturae aut laborum ac miseriarum quietem esse.	O outro entende que a morte não foi estabelecida pelos deuses imortais como um castigo, mas que é ou uma necessidade da natureza ou um descanso das fadigas e das infelicidades.
Itaque eam sapientes numquam inuiti, fortes saepe etiam lubenter oppetiuerunt.	Por isso os sábios nunca a afrontaram de mau grado e os fortes, muitas vezes, até mesmo com prazer.
Vincula uero, et ea sempiterna, certe ad singularem poenam nefarii sceleris inuenta sunt.	Já a prisão, e essa perpétua, com toda a certeza foi inventada para a punição especial do crime abominável.
Municipiis dispertiri iubet.	Manda que eles sejam distribuídos pelos municípios.
Habere uidetur ista res iniquitatem, si imperare uelis, difficultatem, si rogare.	Essa proposta parece conter uma injustiça, se queres impor, uma dificuldade, se queres pedir.

<sup>17</sup>Refere-se a Hispânia (correspondente à Península Ibérica) e Mauritània (correspondente à África mediterrânea).

<sup>18</sup>Décimo Silano foi eleito cônsul em 63 a.C..

<sup>19</sup>Caio César era pretor eleito.

<sup>20</sup>Trata-se das execuções sumárias, como se viu nas notas 4, 5 e 6, p. 57, na primeira *Catilinária*.

Decernatur tamen, si placet.	Decrete-se, no entanto, se é do vosso agrado.
8 Ego enim suscipiam et, ut spero, reperiam, qui id, quod salutis omnium causa statueritis, non putent esse suae dignitatis recusare.	8 Eu, de minha parte, vou tomá-la a meu cargo e vou, como espero, encontrar os que entendem que não condiz com seu cargo honorífico deixar de acatar o que vós estabelecerdes para salvação de todos.
Adiungit grauem poenam municipiis, si quis eorum uincula ruperit;	A proposta inflige uma grave pena aos municípios, se algum deles escapar da prisão;
horribiles custodias circumdat et dignas scelere hominum perditorum;	põe em volta dos condenados uma terrível guarda, digna do delito de homens execráveis;
sancit ne quis eorum poenam, quos condemnat, aut per senatum aut per populum leuare possit;	prescreve que ninguém, seja através do senado, seja através do povo, pode abrandar a punição desses que ele condena;
eripit etiam spem, quae sola homines in miseriis consolari solet.	tira deles também a esperança, que costuma ser o único consolo dos homens nas desgraças.
Bona praeterea publicari iubet;	Ordena, além disso, que seus bens sejam confiscados;
uitam solam relinquit nefariis hominibus;	deixa só a vida a esses homens abomináveis;
quam si eripuisset, multas uno dolore animi atque corporis miserias et omnis scelerum poenas ademisset.	se lhes tivesse tirado esta, ter-lhes-ia poupado, com um único sofrimento, muitas agruras do espírito e do corpo e todas as punições de seus crimes.
Itaque ut aliqua in uita formido improbis esset proposita, apud inferos eius modi quaedam illi antiqui supplicia impiis constituta esse uoluerunt, quod uidelicet intellegebant his remotis non esse mortem ipsam pertimescendam.	Por isso, a fim de que, na vida, algum temor fosse incutido nos maus, os antigos quiseram que nos infernos se estabelecessem alguns castigos desse tipo para os ímpios, porque obviamente entendiam que, sem estes, a própria morte não precisava ser temida.
9 Nunc, patres conscripti, ego mea uideo quid intersit.	9 Agora, senadores, eu passo a ver o que é que concerne ao meu interesse.
Si eritis secuti sententiam C. Caesaris, quoniam hanc is in re publica uiam, quae popularis habetur, secutus est, fortasse minus erunt hoc auctore et cognitore huiusce sententiae mihi populares impetus pertimescendi;	Se seguides a proposta de Caio César <sup>21</sup> , já que ele, na república, seguiu esse caminho, que é tido como popular, eu deverei, talvez, por ser ele o autor e o defensor dessa proposta, ter menos medo dos ataques populares;
sin illam alteram, nescio an amplius mihi negotii contrahatur.	se, porém, seguides a outra, é provável que me seja acrescentado um quadro mais

<sup>21</sup>Ver nota 19, p. 121, nesta *Catilinária*.

	amplo de dificuldade.
Sed tamen meorum periculorum rationes utilitas rei publicae uincat.	No entanto, que o interesse da república esteja acima das razões de meus perigos.
Habemus enim a Caesare, sicut ipsius dignitas et maiorum eius amplitudo postulabat, sententiam tamquam obsidem perpetuae in rem publicam uoluntatis.	Temos, pois, de César, conforme exigiam seu próprio cargo honorífico e a grandeza de seus antepassados, uma proposta tal qual um penhor de seu eterno zelo para com a república.
Intellectum est quid interesset inter leuitatem contionatorum et animum uere popularem saluti populi consulentem.	Compreendeu-se que diferença há entre a leviandade dos demagogos e o espírito verdadeiramente democrata que se interessa pelo bem-estar do povo.
10 Video de istis qui se popularis haberi uolunt abesse non neminem, ne de capite uidelicet civium Romanorum sententiam ferat.	10 Noto que algum, desses que querem ser tidos como democratas, está ausente, obviamente para não dar sentença de morte a cidadãos romanos.
Is et nudius tertius in custodiam ciues Romanos dedit et supplicationem mihi decreuit et indices hesterno die maximis praemiis adfecit.	Esse mesmo, há três dias, mandou para a prisão cidadãos romanos, decretou uma ação de graças para mim e, no dia de ontem, gratificou delatores com as mais altas recompensas.
Iam hoc nemini dubium est qui reo custodiam, quaesitori gratulationem, iudici praemium decrerit, quid de tota re et causa iudicabit.	Ora, não é dúvida para ninguém qual deve ser a opinião sobre todo o fato e causa de alguém que decretou prisão para o réu, felicitações para o investigador, recompensa para o delator.
At uero C. Caesar intellegit legem Semproniam esse de ciuibus Romanis constitutam;	Mas, na verdade, Caio César sabe que foi estabelecida a lei Semprônia <sup>22</sup> acerca dos cidadãos romanos;
qui autem rei publicae sit hostis, eum ciuem esse nullo modo posse;	sabe, por outro lado, que não pode, de modo algum, ser cidadão aquele que é inimigo da república;
denique ipsum latorem Semproniae legis iussu populi poenas rei publicae dependisse.	e que, finalmente, o próprio autor da lei Semprônia pagou, a mando do povo, as penas da república.
Idem ipsum Lentulum, largitorem et prodigum, non putat, cum de pernicie populi Romani, exitio huius urbis tam acerbe, tam crudeliter cogitarit, etiam appellari posse popularem.	O mesmo César não acha que o próprio Lântulo <sup>23</sup> , esbanjador e pródigo, por ter pensado, de modo tão terrível e tão cruel, na desgraça do povo romano, na destruição desta cidade, ainda possa ser chamado de democrata.
Itaque homo mitissimus atque lenissimus non dubitat P. Lentulum aeternis tenebris uinculisque mandare et sancit in	Por isso, esse homem muito dócil e muito indulgente não hesita em mandar Públio Lântulo para a perpétua escuridão e

<sup>22</sup>Lei apresentada por Caio Semprônio Graco, em 123-124 a.C., que ampliava as chamadas “leis Pórcias” e dispunha sobre a impossibilidade de condenar um cidadão à pena capital sem o consentimento do povo.

<sup>23</sup>Ver nota 5, p. 118, nesta *Catilinária*.

posterum ne quis huius supplicio leuando se iactare et in pernicie populi Romani posthac popularis esse possit.	prisão e prescreve para o futuro que ninguém possa vangloriar-se de abrandar a punição dele, nem apresentar-se, doravante, como democrata, com a ruína do povo romano.
Adiungit etiam publicationem bonorum, ut omnis animi cruciatus et corporis etiam egestas ac mendicitas consequatur.	Acrescenta ainda a confiscação de seus bens, para que a penúria e a mendicidade acompanhem todo o seu tormento de espírito e de corpo.
11 Quam ob rem, siue hoc statueritis, dederitis mihi comitem ad contionem populo carum atque iucundum, siue Silani sententiam sequi malueritis, facile me atque uos crudelitatis uituperatione populus Romanus <liberabit> atque obtinebo eam multo leniorem fuisse.	11 Por essa razão, se decidirdes nesse sentido, vós me dareis, para a assembleia, um companheiro querido e agradável ao povo <sup>24</sup> , se preferirdes seguir a sentença de Silano, o povo romano facilmente nos <livrará> a mim e a vós da recriminação de crueldade e demonstrarei que essa sentença foi muito mais branda.
Quamquam, patres conscripti, quae potest esse in tanti sceleris inmanitate punienda crudelitas?	Não obstante, senadores, que crueldade pode haver em punir a monstruosidade de tamanho crime?
Ego enim de meo sensu iudico.	Eu, com efeito, julgo pelo meu próprio sentimento.
Nam ita mihi salua re publica uobiscum perfrui liceat, ut ego, quod in hac causa uehementior sum, non atrocitate animi moueor (quis enim est me mitior?), sed singulari quadam humanitate et misericordia.	E que me seja permitido usufruir convosco da república salva, como é certo que eu, por mais veemente que mostre nesta causa, não sou movido pela truculência do espírito (quem, pois, é mais dócil do que eu?), mas por um tipo especial de bondade e misericórdia.
Videor enim mihi uidere hanc urbem, lucem orbis terrarum atque arcem omnium gentium, subito uno incendio concidentem.	Pois pareço estar vendo esta cidade, luz do mundo inteiro e cidadela de todos os povos, desmoronando num único incêndio.
Cerno animo sepulta in patria miseros atque insepultos acruos ciuium;	Vislumbro em meu espírito, sobre a pátria sepultada, montões infelizes e insepultos de cidadãos;
uersatur mihi ante oculos aspectus Cethegi et furor in uestra caede bacchantis.	agita-se diante de meus olhos o espectro e o furor de Cétego <sup>25</sup> , dançando como uma bacante <sup>26</sup> em meio ao vosso morticínio.
12 Cum uero mihi proposui regnantem Lentulum, sicut ipse se ex fati sperasse	12 Mas quando me pus a imaginar Lêntulo <sup>27</sup> sendo rei, como ele próprio confessou

<sup>24</sup>Cícero destaca que, como seria Caio César o responsável pelo pronunciamento ao povo das decisões do Senado, se a tese dele fosse apoiada, certamente o povo a acolheria mais facilmente também.

<sup>25</sup>Um dos acusados de conjuração.

<sup>26</sup>As ménades ou bacantes eram mulheres adoradoras e seguidoras de Baco. Eram conhecidas por dançar durante os cultos de maneira livre e lasciva.

<p>confessus est, purpuratum esse huic Gabinium, cum exercitu uenisse Catilinam, tum lamentationem matrum familias, tum fugam uirginum atque puerorum ac uexationem uirginum Vestalium perhorresco et, quia mihi uehementer haec uidentur misera atque miseranda, idcirco in eos, qui ea perficere uoluerunt, me seuerum uehementemque praebebo.</p>	<p>esperar dos fados, que Gabínio<sup>28</sup> estava vestido de púrpura, que Catilina tinha chegado com seu exército, encho-me de horror ante a lamentação das mães de família, ante a fuga das donzelas e dos meninos, ante a violação das virgens Vestais<sup>29</sup> e, como essas coisas me parecem imensamente tristes e deploráveis, exatamente por isso mostrar-me-ei rigoroso e enérgico contra esses que quiseram torná-las realidade.</p>
<p>Etenim quaero, si quis pater familias liberis suis a seruo interfectis, uxore occisa, incensa domo supplicium de seruis non quam acerbissimum sumpserit, utrum is clemens ac misericors an inhumanissimus et crudelissimus esse uideatur?</p>	<p>Com efeito, pergunto, se um pai de família, tendo seus filhos mortos por um escravo, a esposa assassinada, a casa incendiada, não aplicar o mais terrível castigo concernente a escravos, parecerá ele ser clemente e misericordioso ou extremamente desumano e cruel?</p>
<p>Mihi uero importunus ac ferreus, qui non dolore et cruciatu nocentis suum dolorem cruciatumque lenierit.</p>	<p>A mim, na verdade, me parece insensível e de ferro aquele que não mitigar a própria dor e sofrimento com a dor e sofrimento do culpado.</p>
<p>Sic nos in his hominibus, qui nos, qui coniuges, qui liberos nostros trucidare uoluerunt, qui singulas unius cuiusque nostrum domos et hoc uniuersum rei publicae domicilium delere conati sunt, qui id egerunt, ut gentem Allobrogum in uestigiis huius urbis atque in cinere deflagrati imperii collocarent, si uehementissimi fuerimus, misericordes habebimur;</p>	<p>Assim, se nós, em relação a estes homens que quiseram nos trucidar, a nós, as nossas esposas, os nossos filhos, que tentaram destruir, uma por uma, as casas de cada um de nós e o domicílio todo da república, que agiram no sentido de estabelecerem o povo dos Alóbroges nos restos desta cidade e na cinza do império incendiado, formos extremamente enérgicos, seremos tidos como misericordiosos;</p>
<p>sin remissores esse uouerimus, summae nobis crudelitatis in patriae ciuiumque pernicie fama subeunda est.</p>	<p>se, porém, quisermos ser mais indulgentes, teremos de carregar a fama de suma crueldade na ruína da pátria e dos cidadãos.</p>
<p>13 Nisi uero cuipiam L. Caesar, uir fortissimus et amantissimus rei publicae, crudelior nudius tertius uisus est, cum sororis suae, feminae lectissimae, uirum praesentem et audientem uita priuandum esse dixit, cum aum suum iussu consulis interfectum filiumque eius inpuerem</p>	<p>13 A não ser que realmente a alguém Lúcio César<sup>30</sup>, homem valorosíssimo e amantíssimo da república, tenha parecido muito cruel anteontem, quando disse que o marido de sua irmã, mulher distintíssima, estando ele presente e ouvindo, devia ser privado da vida,</p>

<sup>27</sup>Ver nota 5, p. 118, nesta *Catilinária*.

<sup>28</sup>Um dos acusados de conjuração.

<sup>29</sup>Ver nota 4, p. 117, nesta *Catilinária*.

<sup>30</sup>Lúcio César foi cônsul em 64 a.C..

legatum a patre missum in carcere necatum esse dixit.	quando disse que seu próprio avô tinha sido morto por ordem do cônsul e que o filho dele, ainda impúbere, enviado pelo pai como legado, tinha sido executado no cárcere.
Quorum quod simile factum? Quod initum delendae rei publicae consilium?	Que feito destes é semelhante? Que plano de destruir a república foi elaborado?
Largitionis uoluntas tum in re publica uersata est et partium quaedam contentio.	O que se passou então na república foi um desejo de liberalidade e uma certa luta de partidos
Atque illo tempore huius auus Lentuli, uir clarissimus, armatus Gracchum est persecutus.	E, naquele tempo, o avô deste Lântulo <sup>31</sup> , homem ilustríssimo, perseguiu armado a Graco <sup>32</sup> .
Ille etiam graue tum uulnus accepit, ne quid de summa re publica deminueretur;	Aquele chegou até a sofrer então um grave ferimento, para que nada da suprema república se deteriorasse;
hic ad euertenda rei publicae fundamenta Gallos accersit, seruitia concitat, Catilinam uocat, adtribuit nos trucidandos Cethego et ceteros ciuis interficiendos Gabinio, urbem inflammandam Cassio, totam Italiam uastandam diripiendamque Catilinae.	este, para arrasar os fundamentos da república, manda vir os gauleses, subleva os escravos, chama Catilina, encarrega a Cétego de nos trucidar e a Gabínio de matar os demais cidadãos, a Cássio de incendiar a cidade, a Catilina de devastar e saquear toda a Itália.
Vereamini minus censeo, ne in hoc scelere tam immani ac nefando nimis aliquid seueritate statuisset uideamini;	Haveis de temer menos, eu penso, que vós pareçais ter aplicado, neste crime tão monstruoso e abominável, algo demasiadamente severo;
multo magis est uerendum ne, remissione poenae, crudeles in patriam quam ne seueritate animaduersionis nimis uehementes in acerbissimos hostis fuisse uideamur.	deve-se temer muito mais que pareçamos ter sido cruéis para com a pátria, com o abrandamento da pena, do que que pareçamos demasiadamente rigorosos contra os mais terríveis inimigos, com a severidade do castigo.
14 Sed ea quae exaudio, patres conscripti, dissimulare non possum.	14 Mas não posso fingir que não ouço, senadores, o que estou ouvindo.
Iaciuntur enim uoces quae perueniunt ad auris meas eorum qui uereri uidentur ut habeam satis praesidii ad ea quae uos statueritis hodierno die transigenda.	Pois espalham-se vozes que chegam aos meus ouvidos dos que parecem temer que eu não tenha recurso suficiente para levar a cabo o que vós decidirdes hoje.
Omnia et prouisa et parata et constituta sunt, patres conscripti, cum mea summa cura atque diligentia, tum etiam multo	Tudo foi providenciado e preparado e estabelecido, senadores, não só graças ao meu enorme cuidado e zelo, mas também

<sup>31</sup>Públio Cornélio Lântulo, “avô deste Lântulo”, que foi um importante homem para Roma; dentre outros feitos, ele foi cônsul em 162 a.C..

<sup>32</sup>Caio Graco pretendia favorecer o povo. Era, inclusive, partidário de oferecer cidadania romana aos habitantes da Itália. Dentre suas atitudes generosas, merece destaque a “lei do trigo” (123 a.C.), que permitia ao povo comprar trigo a preços baixos. Ver nota 7, p. 57, na primeira *Catilinária*.

maiore populi Romani ad summum imperium retinendum et ad communes fortunas conseruandas uoluntate.	graças à disposição ainda muito maior do povo romano para manter este supremo império e conservar os bens comuns.
Omnes adsunt omnium ordinum homines, omnium generum, omnium denique aetatum;	Estão aqui presentes todos os homens de todas as ordens, de todas as classes, enfim, de todas as idades;
plenum est forum, plena templa circum forum, pleni omnes aditus huius templi ac loci.	o foro está cheio, estão cheios os templos em volta do foro, cheios, todos os acessos a este templo e ao lugar.
Causa est enim post urbem conditam haec inuenta sola, in qua omnes sentirent unum atque idem praeter eos, qui cum sibi uiderent esse pereundum, cum omnibus potius quam soli perire uoluerunt.	Pois esta é a única causa encontrada, desde a fundação da cidade, em que todos tinham um só e mesmo sentimento, com exceção daqueles que, tendo visto que haviam de morrer, quiseram antes morrer com todos do que sozinhos.
15 Hosce ego homines excipio et secerno lubenter neque in improborum ciuium, sed in acerbissimorum hostium numero habendos puto.	15 Esses homens eu excluo e, de bom grado, os ponho de lado e acho que nem devem ser contados no número dos maus cidadãos, mas no dos inimigos mais terríveis.
Ceteri uero, di immortales! qua frequentia, quo studio, qua uirtute ad communem salutem dignitatemque consentiunt!	Já os outros, deuses imortais! em que grande número, com que entusiasmo, com que coragem se põem de acordo com o bem-estar e a dignidade de todos!
Quid ego hic equites Romanos commemorem?	Por que mencionaria eu aqui os cavaleiros romanos?
Qui uobis ita summam ordinis consilii que concedunt, ut uobiscum de amore rei publicae certent;	Eles de tal modo vos concedem a suprema autoridade de vossa ordem e de vosso conselho que competem convosco no amor da república;
quos ex multorum annorum dissensione huius ordinis ad societatem concordiamque reuocatos hodiernus dies uobiscum atque haec causa coniungit.	chamados de volta, após uma divergência de muitos anos, para um bom relacionamento e entendimento com esta ordem, os une a vós o dia de hoje e esta causa.
Quam si coniunctionem in consulatu confirmatam meo perpetuam in re publica tenuerimus, confirmo uobis nullum posthac malum ciuile ac domesticum ad ullam rei publicae partem esse uenturum.	E se mantivermos essa união, confirmada em meu consulado, para sempre na república, garanto-vos que, doravante, nenhum mal civil e doméstico virá a parte alguma da república.
Pari studio defendendae rei publicae conuenisse uideo tribunos aerarios, fortissimos uiros;	Vejo que, com igual empenho de defender a república, vieram juntos os tribunos do erário <sup>33</sup> , homens de grande valor;

<sup>33</sup>Os tribunos do erário eram os responsáveis pela organização do dinheiro para pagar os soldados.

scribas item uniuersos, quos cum casu hic dies ad aerarium frequentasset, uideo ab expectatione sortis ad salutem communem esse conuersos.	e também todos os escreventes <sup>34</sup> , os quais, como casualmente o dia de hoje os tivesse reunido em grande número no erário, vejo que trocaram a espera do sorteio pelo bem comum <sup>35</sup> .
16 Omnis ingenuorum adest multitudo, etiam tenuissimorum.	16 Está presente toda uma multidão de homens livres, mesmo os mais humildes.
Quis est enim, cui non haec templa, aspectus urbis, possessio libertatis, lux denique haec ipsa et commune patriae solum cum sit carum, tum uero dulce atque iucundum?	Existe, pois, alguém a quem estes templos, a vista da cidade, a posse da liberdade, enfim esta mesma luz e solo comum da pátria não só não são caros, mas também realmente doces e prazerosos?
Operae pretium est, patres conscripti, libertinorum hominum studia cognoscere, qui, sua uirtute fortunam huius ciuitatis consecuti, uere hanc suam esse patriam iudicant, quam quidam hic nati, et summo nati loco, non patriam suam, sed urbem hostium esse iudicauerunt.	É importante, senadores, reconhecer os zelos dos homens libertos <sup>36</sup> , que, tendo conseguido com seu valor a boa fortuna desta cidade, consideram que é realmente a sua pátria esta que alguns, aqui nascidos, e nascidos nas melhores famílias <sup>37</sup> , não consideraram ser a sua pátria, mas a cidade de seus inimigos.
Sed quid ego hosce homines ordinesque commemoro, quos priuatae fortunae, quos communis res publica, quos denique libertas, ea quae dulcissima est, ad salutem patriae defendendam excitauit?	Mas que necessidade há de lembrar esses homens e classes, que as fortunas particulares, que a comum república, que, enfim, a liberdade, que é a coisa mais doce que há, instigaram a defender o bem-estar da pátria?
Seruus est nemo, qui modo tolerabili condicione sit seruitutis, qui non audaciam ciuium perhorrescat, qui non haec stare cupiat, qui non quantum audet et quantum potest, conferat ad communem salutem, uoluntatis.	Não há nenhum escravo, que esteja agora numa condição tolerável de servidão <sup>38</sup> , que não se encha de horror ante a audácia desses cidadãos, que não deseje que a situação tenha estabilidade, que não reúna o quanto ousa e o quanto pode de sua vontade para a salvação comum.
17 Quare si quem uestrum forte commouet	17 Por isso, se acaso impressiona a algum de

<sup>34</sup>Os escreventes eram responsáveis por redigir documentos públicos.

<sup>35</sup>Este discurso ocorreu em 5 de dezembro, dia em que os questores eleitos tomavam posse e era feito o sorteio dos secretários que seriam seus assessores. O sorteio ocorria no Templo de Saturno, onde ficavam o tesouro e os arquivos do Estado.

<sup>36</sup>Homens libertos eram escravos aos quais fora concedida a liberdade. Essa concessão dava a eles direito de votar e de possuir propriedade.

<sup>37</sup>Referência a Catilina, a Lêntulo e a outros acusados de conjuração que eram de famílias patrícias.

<sup>38</sup>Os escravos viviam em condições muito diferentes, o que dependia da função que desempenhavam; havia, por exemplo, escravos que exerciam cargos de confiança, eram secretários.

hoc quod auditum est, lenonem quendam Lentuli concursare circum tabernas, pretio sperare sollicitari posse animos egentium atque imperitorum, est id quidem coeptum atque temptatum;	vós isto que se ouviu, que um certo rufião de Lêntulo <sup>39</sup> circulava pelas lojinhas, esperando poder aliciar, com dinheiro, os ânimos de pessoas necessitadas e ignorantes, isso realmente foi empreendido e tentado,
sed nulli sunt inuenti tam aut fortuna miseri aut uoluntate perdit, qui non illum ipsum sellae atque operis et quaestus cotidiani locum, qui non cubile ac lectulum suum, qui denique non cursum hunc otiosum uitae suae saluum esse uelint.	mas não foi encontrado ninguém tão mísero na fortuna ou tão estragado na vontade, que não quisesse manter salvo aquele lugar com sua cadeira, seu trabalho e seu ganho de todo o dia, que não quisesse manter salvo seu quartinho e seu catre, que, enfim, não quisesse manter salvo esse sossegado curso de sua vida.
Multo uero maxima pars eorum, qui in tabernis sunt, immo uero (id enim potius est dicendum) genus hoc uniuersum amantissimum est oti.	Na verdade, a infinita maioria desses que estão nas lojinhas, ou melhor (pois deve-se dizer assim de preferência), todo esse tipo de gente tem um grande apreço pela paz.
Etenim omne instrumentum, omnis opera atque quaestus frequentia ciuium sustentatur, alitur otio.	Pois todo o seu instrumental, todo o seu trabalho e todo o seu ganho são sustentados pela frequência dos cidadãos, são alimentados pela paz.
Quorum si quaestus occlusis tabernis minui solet, quid tandem incensis futurum fuit?	Se o ganho deles costuma diminuir com as lojinhas fechadas, o que seria então com as lojinhas em chamas?
18 Quae cum ita sint, patres conscripti, uobis populi Romani praesidia non desunt;	18 Como essas coisas são assim, senadores, não falta a vós o apoio do povo romano;
uos ne populo Romano deesse uideamini prouidete.	providenciai para que vós não pareçais faltar ao povo romano.
Habetis consulem ex plurimis periculis et insidiis atque ex media morte non ad uitam suam, sed ad salutem uestram reseruatum.	Tendes um cônsul salvaguardado de inumeráveis perigos e ciladas e até do meio da morte, não para a sua própria vida, mas para a vossa salvação.
Omnes ordines ad conseruandam rem publicam mente, uoluntate, uoce consentiunt.	Todas as ordens têm na mente, na vontade, na voz, o mesmo sentimento de salvar a república.
Obsessa facibus et telis impiae coniurationis uobis supplex manus tendit patria communis;	Cercada pelas tochas e pelos dardos da sacrílega conjuração, nossa pátria comum, suplicante, vos estende as mãos;
uobis se, uobis uitam omnium ciuium, uobis arcem et Capitolium, uobis aras Penatum, uobis illum ignem Vestae sempiternum, uobis omnium deorum	a vós ela se encomenda, a vós ela encomenda a vida de todos os cidadãos, a vós, a cidadela e o Capitólio, a vós, os altares dos Penates <sup>40</sup> , a vós, aquele fogo

<sup>39</sup>Ver nota 5, p. 118, nesta *Catilinária*.

<sup>40</sup>Deuses do Lar, simbolizavam abundância e prosperidade. Quando uma família se mudava, levava consigo seus *Penates*.

templa atque delubra, uobis muros atque urbis tecta commendat.	inextinguível de Vesta <sup>41</sup> , a vós os templos e santuários de todos os deuses, a vós, os muros e os tetos da cidade.
Praeterea de uestra uita, de coniugum uestrarum atque liberorum anima, de fortunis omuium, de sedibus, de focus uestris hodierno die uobis iudicandum est.	Além disso, é preciso que, no dia de hoje, vós decidais sobre a vossa própria vida, sobre a vida de vossas esposas e filhos, sobre os bens de todos, sobre as vossas moradas, sobre os vossos lares.
19 Habetis duces memorem uestri, oblitum sui, quae non semper facultas datur;	19 Tendes um chefe que se lembra de vós e se esquece de si mesmo, e essa qualidade não se dá sempre;
habetis omnes ordines, omnes homines, uniuersum populum Romanum, id quod in ciuili causa hodierno die primum uidemus, unum atque idem sentientem.	tendes todas as ordens, todas as pessoas, o conjunto todo do povo romano, o que vemos no dia de hoje pela primeira vez numa causa civil, tendo um único e mesmo pensamento.
Cogitate quantis laboribus fundatum imperium, quanta uirtute stabilitam libertatem, quanta deorum benignitate auctas exaggeratasque fortunas una nox paene delerit.	Pensai que um império fundado com tão grandes esforços, que uma liberdade assentada em tão grande valor, que fortunas acrescidas e ampliadas por tão grande benevolência dos deuses, uma única noite <sup>42</sup> quase destruiu.
Id ne unquam posthac non modo non confici, sed ne cogitari quidem possit a ciuibus, hodierno die prouidendum est.	No dia de hoje, é preciso tomar providências para nunca mais daqui por diante isso não só não possa ser cometido, mas nem sequer pensado por cidadãos.
Atque haec, non ut uos, qui mihi studio paene praecurritis, excitarem, locutus sum, sed ut mea uox, quae debet esse in re publica princeps, officio functa consulari uideretur.	E estas coisas eu falei, não para despertar a vós, que quase me excedeis em zelo, mas para que se visse que a minha voz, que deve ser a primeira na república, cumpriu o seu dever consular.
20 Nunc, antequam ad sententiam redeo, de me pauca dicam.	20 Agora, antes de voltar ao meu parecer, direi umas poucas palavras sobre mim mesmo.
Ego, quanta manus est coniuratorum, quam uidetis esse permagnam, tantam me inimicorum multitudinem suscepisse uideo;	Eu vejo que contraí uma tão grande multidão de inimigos quão grande é o bando de conjurados, que vós vedes ser imenso;
sed eam iudico turpem et infirmam et abiectam.	mas esse bando eu julgo indigno e fraco e desprezível.
Quodsi aliquando alicuius furore et scelere concitata manus ista plus ualuerit	Mas se algum dia esse bando, incitado pela loucura e pelo crime de alguém, tiver

<sup>41</sup>No Templo de Vesta, havia sempre uma chama acesa; essa deusa representava os laços familiares e a perpetuidade do poder romano. Sobre Vesta, ver nota 30, p. 101, terceira *Catilinária*.

<sup>42</sup>Refere-se à noite de 2 para 3 de dezembro.

quam uestra ac rei publicae dignitas, me tamen meorum factorum atque consiliorum numquam, patres conscripti, paenitebit.	mais força do que a vossa dignidade e a da república, mesmo assim, senadores, eu jamais me arrependerei dos meus feitos e decisões.
Etenim mors, quam illi fortasse minitantur, omnibus est parata;	Pois a morte, com que eles talvez me ameacem, está destinada a todos;
uitae tantam laudem quanta uos me uestris decretis honestastis, nemo est adsecutus.	já um tão grande louvor à vida quanto o que vós, com vossos decretos, me honrastes, ninguém alcançou.
Ceteris enim bene gesta, mihi uni conseruata re publica gratulationem decreuistis.	Pois aos demais decretastes felicitações por terem gerido bem a república, somente a mim por tê-la salvado.
21 Sit Scipio clarus ille, cuius consilio atque uirtute Hannibal in Africam redire atque Italia decedere coactus est;	21 Seja ilustre o célebre Cipião <sup>43</sup> , por cuja decisão e coragem, Aníbal <sup>44</sup> foi obrigado a voltar para a África e a retirar-se da Itália;
ornetur alter eximia laude Africanus, qui duas urbes huic imperio infestissimas, Carthaginem Numantiamque, deleuit;	orne-se com o mais alto louvor o segundo Africano <sup>45</sup> , que destruiu Cartago <sup>46</sup> e Numância <sup>47</sup> , duas cidades inimicíssimas deste império;
habeatur uir egregius Paulus ille, cuius currum rex potentissimus quondam et nobilissimus Perses honestauit;	tenha-se por homem insigne o célebre Paulo <sup>48</sup> , cujo carro de triunfo o outrora poderosíssimo e nobilíssimo rei Perses <sup>49</sup> honrou;
sit aeterna gloria Marius, qui bis Italiam obsidione et metu seruitutis liberauit;	seja uma eterna glória Mário <sup>50</sup> , que por duas vezes libertou a Itália do cerco e do medo da servidão;
anteponatur omnibus Pompeius, cuius res gestae atque uirtutes isdem quibus solis cursus regionibus ac terminis continentur;	anteponha-se a todos Pompeu, cujas façanhas e virtudes abrangem as mesmas regiões e limites que o curso do sol; <sup>51</sup>
erit profecto inter horum laudes aliquid loci nostrae gloriae, nisi forte maius est patefacere nobis prouincias, quo exire possimus, quam curare, ut etiam illi, qui	haverá, sem dúvida, entre os louvores destes, algum lugar para a nossa glória, a não ser que, por acaso, seja mais importante abrir-nos províncias para onde

<sup>43</sup>Públio Cornélio Cipião, o Africano, foi general muito respeitado, atuou na Segunda Guerra Púnica.

<sup>44</sup>Aníbal, general cartaginês, desencadeou a Segunda Guerra Púnica ao invadir a Itália vindo da Península Ibérica e atravessando os Alpes.

<sup>45</sup>O segundo Africano é Cipião Emiliano.

<sup>46</sup>Cidade do Continente Africano muito disputada por sua localização estratégica, que permitia controle sobre o Mar Mediterrâneo.

<sup>47</sup>Cidade na Península Ibérica.

<sup>48</sup>Paulo foi cônsul em 181 e 168 a.C. e conquistou grande vitória sobre a Macedônia, cujo rei era Perses.

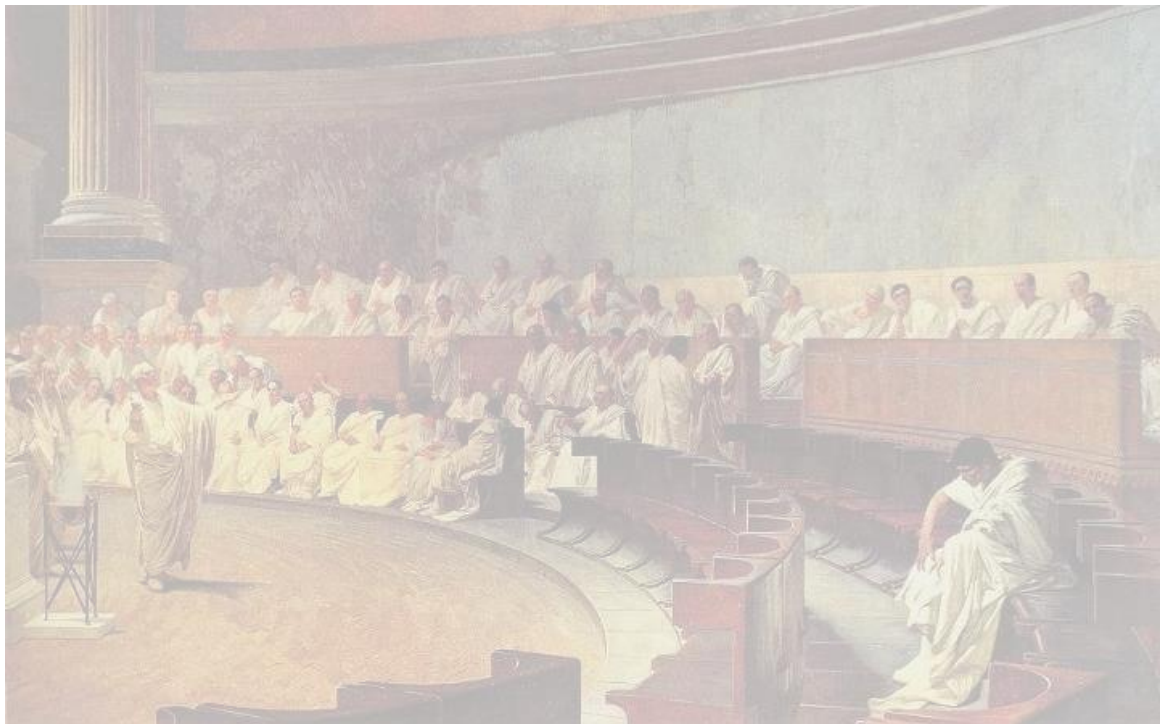
<sup>49</sup>Ver nota 48, nesta página.

<sup>50</sup>Mário acumulou duas vitórias: em 102 a.C., contra os teutônios, e em 101 a.C., contra os cimbros.

<sup>51</sup>Cneu Pompeu Magno, citado por último, é o maior de todos os exemplos romanos evocados por Cícero. Acumulou muitas vitórias em diferentes regiões da Itália.

absunt, habeant, quo uictores reuertantur.	possamos ir do que cuidar para que também aqueles que estão longe tenham para onde voltar após suas vitórias.
22 Quamquam est uno loco condicio melior externae uictoriae quam domesticae, quod hostes alienigenae aut oppressi seruiunt aut recepti beneficio se obligatos putant;	22 Não obstante, em um único ponto, a condição da vitória externa é melhor do que a interna, pois os inimigos estrangeiros, se vencidos, tornam-se escravos, ou, se reconciliados, consideram-se obrigados por esse benefício;
qui autem ex numero ciuium dementia aliqua deprauati hostes patriae semel esse coeperunt, eos cum a pernicie rei publicae reppuleris, nec ui coercere nec beneficio placare possis.	já os que, sendo do número de cidadãos, corrompidos por alguma demência, começaram a ser uma vez inimigos da pátria, esses, mesmo quando os tiveres impedido de arruinar a república, não poderás nem obrigá-los pela força nem apaziguá-los com benefício.
Quare mihi cum perditis ciuibus aeternum bellum susceptum esse uideo.	Por isso vejo que foi posta a meu cargo uma guerra eterna contra cidadãos perdidos.
Id ego uestro bonorumque omnium auxilio memoriaque tantorum periculorum, quae non modo in hoc populo, qui seruatus est, sed in omnium gentium sermonibus ac mentibus semper haerebit, a me atque a meis facile propulsari posse confido.	Essa guerra, com vossa ajuda e a de todos os homens de bem e com a lembrança de tão grandes perigos, que ficará sempre marcada não só neste povo, que foi salvo, mas também nas conversas e pensamentos de todas as nações, eu confio que pode ser facilmente apartada de mim e dos meus.
Neque ulla profecto tanta uis reperietur, quae coniunctionem uestram equitumque Romanorum et tantam conspirationem bonorum omnium confringere et labefactare possit.	E não se encontrará por certo nenhuma força tão grande que possa romper e arruinar a união entre vós e os cavaleiros romanos e essa tão grande concórdia de todos os homens de bem.
23 Quae cum ita sint, pro imperio, pro exercitu, pro prouincia, quam neglexi, pro triumpho ceterisque laudis insignibus, quae sunt a me propter urbis uestraeque salutis custodiam repudiata, pro clientelis hospitiisque prouincialibus, quae tamen urbanis opibus non minore labore tueor quam comparo, pro his igitur omnibus rebus, pro meis in uos singularibus studiis proque hac, quam perspicitis, ad conseruandam rem publicam diligentia nihil a uobis nisi huius temporis totiusque mei consulatus memoriam postulo;	23 Como essas coisas são assim, pelo governo, pelo exército, pela província, que recusei, pelo triunfo e demais louvores honoríficos, coisas que foram rechaçadas por mim devido à necessidade de velar pela cidade e por vosso bem-estar, pelos clientes e laços de hospitalidade nas províncias, que, contudo, com os meios de que disponho na cidade, conservo com um esforço não menor do que adquiro, por tudo isso, portanto, pelos meus cuidados singulares para convosco, por esse meu zelo, que notais, em salvar a república, não vos peço nada a não ser a lembrança deste

	tempo e de todo o meu consulado;
quae dum erit in uestris fixa mentibus, tutissimo me muro saeptum esse arbitrabor.	enquanto essa lembrança estiver fixa em vossas mentes, julgarei que estou cercado por um seguríssimo muro.
Quodsi meam spem uis improborum fefellerit atque superauerit, commendo uobis paruum meum filium, cui profecto satis erit praesidii non solum ad salutem, uerum etiam ad dignitatem, si eius, qui haec omnia suo solius periculo conseruarit, illum filium esse memineritis.	Mas se o poder dos maus cidadãos frustrar e derrotar minha esperança, entrego à vossa guarda meu pequeno filho, que terá, por certo, proteção suficiente não só para a sua sobrevivência, mas também para a sua dignidade, se lembrardes que ele é filho do que salvou todas estas coisas com um risco só seu.
24 Quapropter de summa salute uestra populique Romani, de uestris coniugibus ac liberis, de aris ac focus, de fanis atque templis de totius urbis tectis ac sedibus, de imperio ac libertate, de salute Italiae, de uniuersa re publica decernite diligenter, ut instituistis, ac fortiter.	24 Por causa disso, decretai com diligência e firmeza, tal como determinastes, sobre a vossa máxima salvação e do povo romano, sobre vossas esposas e filhos, sobre vossos altares e lareiras, sobre os santuários e templos, sobre os tetos e moradas de toda a cidade, sobre o império e a liberdade, sobre a salvação da Itália, sobre a república inteira.
Habetis eum consulem, qui et parere uestris decretis non dubitet et ea, quae statueritis, quoad uiuet, defendere et per se ipsum praestare possit.	Tendes esse cônsul, que não hesita em obedecer aos vossos decretos e pode, enquanto estiver vivo, defender e, por si próprio, fazer valer o que determinardes.



(Mural de Cesare Maccari, representando o primeiro discurso de Cícero contra Catilina)

## **Capítulo 3**

### **Cícero: teoria prática ou prática teórica?**

Nesta etapa do trabalho, expõem-se as análises e interpretações das duas primeiras *Catilinárias*, a partir da teoria apresentada por Cícero em *Do Orador*, ou seja, o Cícero teórico (retor) lê o Cícero prático (orador). Ao final dessa análise, será possível observar em que medida o que está teorizado é praticado ou quanto do que é praticado está registrado na teoria. É preciso, mais uma vez, destacar que um olhar cuidadoso recairá sobre as paixões, tendo em vista que o orador romano dá destaque a esse recurso em sua teoria<sup>1</sup>.

Por uma questão de organização, as análises seguiram os meios de persuasão eleitos por Cícero, em *Do Orador*, que, como já se viu, no Capítulo 1, são: “provar ser verdadeiro o que defendemos, cativar os ouvintes, provocar em seus ânimos qualquer emoção que a causa exigir”, ou seja, referências, usando perífrases, ao *logos*, ao *ethos* e ao *pathos* aristotélicos respectivamente.

Quanto ao *logos* (“provar ser verdadeiro o que defendemos”), também já se viu, no Capítulo 1, que, para o orador romano, isso estaria relacionado à habilidade, à destreza de “como” apresentar algo conhecido, “como” articular argumentos. Para exemplificar, pode-se destacar a utilização de entimemas<sup>2</sup> e de recursos discursivos (metáforas, metonímias, personificações, ironias). É importante destacar mais uma vez que, para Cícero, “o que” fazer e “qual” técnica usar era preocupação para os novatos; os oradores realmente bons tinham outra motivação, que podemos aproximar do “como” utilizar e associar esses recursos.

Sobre o *ethos* (“cativar os ouvintes”), o apinarte mostra em sua teoria que, além de ser apresentado discursivamente, como defendia Aristóteles, há necessidade de considerar também o caráter pessoal pregresso do orador e do réu, o que extrapola o fazer discursivo.

Há também o *pathos* (“provocar em seus ânimos qualquer emoção que a causa exigir”), sobre o qual não ocorrem, na teoria retórica contida em *Do Orador*, instruções específicas para sua utilização ou quaisquer descrições, embora seja um meio persuasivo muito importante para Cícero. Para este estudo, utilizaram-se, como referência, quando necessário, as descrições feitas por Aristóteles (2003). Analisaram-se as paixões lexicalizadas, com o cuidado de observar situações em que, mesmo não havendo a lexicalização, o *pathos* se fazia evidente.

---

<sup>1</sup> Como se viu no Capítulo 1, deste trabalho, pp. 42 a 44.

<sup>2</sup> Entimema é um tipo de silogismo, construído com ausência de proposições. Ver Capítulo 1, p. 22.

Antes de fazer as análises apresentadas neste Capítulo, foi organizado um levantamento quantitativo dos recursos que ocorriam em cada *Catilinária* escolhida para o estudo proposto. Com o intuito de exemplificar esse procedimento que precedeu as análises de fato, é apresentado, no Anexo, o levantamento quantitativo da primeira *Catilinária*.

Como se vê, este Capítulo intenta verificar, tendo como referência a teoria estruturada por Cícero em *Do Orador* e apresentada no Capítulo 1 deste trabalho, a articulação dos meios de persuasão empregados e os resultados discursivos conquistados por essas combinações nas quatro *Catilinárias*. Ao final, a observação (ou não), na prática, dos recursos eleitos como valorosos na teoria permitirá uma aproximação da desejada eloquência do orador romano.

### 3.1 Teoria prática ou prática teórica: meios de persuasão e eloquência

#### 3.1.1 Primeira *Catilinária*: medo, ódio e Catilina

Cícero, em *Do Orador*, reconhece a importância das construções com efeitos de sentido da ordem da razão, obtidos a partir de uma consistente estruturação do enunciado, ou seja, valoriza as estratégias relativas ao *logos*. Como foi apresentado no Capítulo 1, Cícero propõe que os recursos relativos ao *logos* são acessíveis a qualquer indivíduo que ambicione tornar-se orador. Anuncia, por exemplo, que, pelo exercício da imitação, pode-se aprimorar o trato com a língua e conquistar, aos poucos, um estilo próprio e eficiente; diz ainda que o conhecimento teórico é, na maioria das vezes, factual, portanto seria mais vantajoso usar “consultores” para satisfazer as exigências específicas do que tentar conhecer tudo.

Talvez seja isso que o motive a utilizar, logo no início da primeira *Catilinária*, um entimema que deixa implícita a conclusão. Pode-se observar que, em (2)<sup>3</sup>, um aposto define os homens do Senado como corajosos; em (3), há referência a fatos<sup>4</sup> semelhantes ao de Catilina que, em outro momento histórico, foram punidos severamente por senadores, qualificados como corajosos por agirem com rapidez; por fim, em (4), o próprio Cícero se condena por não agir (“me condeno de inércia e

---

<sup>3</sup> Como se viu, *As Catilinárias* são quatro discursos, sendo que, cada um deles, apresenta uma separação interna, em que as partes, separadas por assunto, são numeradas. Os números entre parênteses, que ocorrem na tradução apresentada no Capítulo 2 e que aparecem nas análises, referem-se, portanto, à essa separação feita tanto nos textos traduzidos (utilizados como referência), quanto no texto em latim.

<sup>4</sup> Em (3), na primeira *Catilinária*, são citados os casos de Tibério Graco e de Espúrio Mélio.

fraqueza”). Dessa sequência, pode-se concluir que, apesar de serem anunciados como corajosos, os senadores não o são, pois não agem como deveriam perante o perigo que se apresenta.

Nessa construção lógica, Cícero, através do implícito, aguça uma paixão: a falta de coragem dos senadores romanos em relação ao acusado. Vale ressaltar que a falta de coragem é, de alguma maneira, medo – a paixão que ronda esse discurso. Em outras palavras, o que se pretende observar é que, mesmo lançando mão de um recurso retórico lógico, o orador consegue articular o *pathos* e trazê-lo à tona.

Os cuidados com o *logos* também ficam explícitos na utilização das perguntas, dos fatos (como exemplos), das comparações/ilustrações e das repetições.

Quanto às perguntas, como se viu, há as que esperam respostas, há as retóricas e há as habilidosamente articuladas com o intuito de evocar fatos da intimidade do réu. A questão é: por que tantas perguntas? É provável que seja porque as perguntas proporcionam alguma aproximação entre os interlocutores. Em *Do Orador*, Cícero destaca a necessidade de o bom orador ser dotado de intuição, sem a qual seria impossível “dar velas para o lugar de onde se revela a brisa”, ou seja, lidar com os ânimos dos ouvintes e, assim, beneficiar-se no processo de convencimento. A grande recorrência das perguntas na primeira *Catilinária*, como um meio de incitar nos ouvintes alguma reação, confirma que esse é um recurso valorizado pelo orador romano, o que teoricamente está registrado em *Do Orador* (III, § 111 e 112).

Além disso, é importante observar que as perguntas que evocam fatos da vida do acusado e as retóricas (as que trazem em si mesmas as respostas) desempenham uma função importante de acordo com a teoria ciceroniana. As perguntas, segundo o orador, podem promover uma “investigação sobre algo que se queira”, podem “explicar que sentido cada coisa” e também podem estudar uma determinada consequência, pois, “permitem examinar o que segue cada coisa” (*Do Orador*, III, § 113). Na primeira *Catilinária*, essas articulações trazem um aspecto moralizador que reforça a construção do *ethos*<sup>5</sup> negativo do réu e o *ethos* positivo do orador. De maneira geral, elas evidenciam a vida pregressa de Catilina, reforçando, sob forma de perguntas, a mesma denúncia. Em (13) e (14), pelo teor das afirmações que promovem, incitam medo e ódio. Em outras palavras, vê-se, mais uma vez, o *logos* articulado, favorecendo ora ao *pathos*, ora ao *ethos*.

---

<sup>5</sup>Como se viu no Capítulo 1, deste trabalho, pp. 40 - 42.

Já em relação aos fatos (exemplos), Cícero lança mão de referências históricas e também de relatos sobre a vida privada do acusado. Quanto aos fatos históricos, o arpinate reaviva, na memória dos senadores, atitudes de homens que, de alguma maneira, posicionaram-se contra a República e foram devida e severamente punidos, dentre os quais se pode destacar, como exemplo, em (3), a referência a Tibério Graco. Dentre os relatos sobre a intimidade do acusado (e por isso surpreendentes), Cícero mostra-se conhecedor de detalhes do que conspiravam e de como se organizavam Catilina e seus seguidores, o que faz pensar que o orador segue discursivamente sua sugestão teórica e confia em um “consultor” (ou em alguns). No caso da primeira *Catilinária*, seria uma espécie de informante<sup>6</sup> que o atualizaria sobre os planos do conspirador.

É interessante considerar a presença de Catilina no Senado. Cícero nitidamente tenta amedrontá-lo pelo discurso. O orador mostra ter maior saber do que deveria ter (no jogo entre parecer e ser: Cícero mostra que o que não parece – o improvável-; na verdade, é) e constrói um verdadeiro jogo de competência, um confronto em que aquele que pretendia surpreender pela presença física acaba surpreendido pelo saber do orador - por exemplo, Cícero anuncia, em (6), (7) e (8), saber não só da reunião dos conjurados, mas também onde ela ocorreu, o que se decidiu nela e quais seriam as estratégias e as dificuldades enfrentadas para a execução do que se arquitetou.

Quanto às comparações/analogias, nota-se que a utilização desse recurso contribui para a didática do discurso, pois traz clareza a uma ideia que se pretende explicar sem aguçar reações adversas no interlocutor, o qual poderia sentir-se, diante de uma explicação muito óbvia ou mais agressiva, diminuído, menos capaz. Cícero utiliza comparações/analogias exatamente quando vai referir-se ao comportamento da República e quando tenta mostrar que a morte de Catilina poderia ser ineficaz diante do real problema que a ronda. Como se nota, esse recurso é usado em duas referências críticas quanto a procedimentos do Senado em relação à República, e em nenhuma delas surge um tom mais agressivo ou provocativo. As analogias, com seu poder transferidor, permitem que a crítica seja posta sem grandes impasses, e Cícero, como se percebe, utiliza-as com destreza.

---

<sup>6</sup> Como se viu no Capítulo 2, nota 13, p. 59, na primeira *Catilinária*, trata-se de Fúlvia, amante de Cúrio, um dos conjurados.

Esses dois últimos recursos, o exemplo e a comparação, são destacados pelo orador em sua teoria como recursos que “impressionam” (*Do Orador*, III, § 202), o que realmente fazem na prática. Ademais, é preciso observar que, embora o orador não perca de vista a concatenação dos fatos que visa à lógica assumida no discurso, já se evidenciam manifestações do *pathos*: os exemplos, na maioria das vezes, trazem medo ao discurso, e as comparações, pelos assuntos que abordam, de alguma maneira, evitam a cólera.

A representação fictícia de personagens ganha destaque em *Do Orador* (III, § 205) e, na primeira Catilinária, Cícero usa uma alteração da estrutura discursiva com o surgimento de um novo interlocutor: a Pátria. Cícero, que é o emissor, passa a receptor quando a Pátria, personificada, dirige-se a ele. Esse recurso é bastante interessante, porque, além de reforçar as características negativas e perigosas do acusado (agora por meio de um outro enunciador, a República), ainda reforça os aspectos positivos do orador, afinal, dentre tantos outros, a Pátria o escolhe para fazer suas reivindicações. A confiança da Pátria evidencia a *dignitas*, valor romano relacionado à integridade de caráter, ao prestígio, à influência decorrente da dedicação ao dever (PEREIRA, 2002, p. 351).

Sem contar que a Pátria, acionada como bem supremo, não pode ser contestada, ou seja, não poderia haver em relação a ela qualquer sentimento contrário. Quando Cícero a coloca como finalidade (tudo que o orador romano faz é para proteger a Pátria), tenta evitar que pensem que Catilina é o perseguido por ele, é o objetivo dele; reforça que o acusado é apenas o meio, o qual, se devidamente combatido, impede a consecução dos objetivos.

Além disso, Cícero é muito habilidoso ao construir discursivamente uma fala da Pátria para Catilina, em que ela enfatiza os crimes praticados pelo conspirador, e ressalta a necessidade de que ele e seus seguidores deixem Roma para libertá-la do medo que só ele é capaz de instalar. O detalhe é que Cícero não esconde que se trata de uma construção discursiva, já que há, no trecho, a indicação de que a Pátria fala, “mesmo calada”; em outras palavras, Cícero faz com que suas palavras sejam as da Pátria, mas a representação discursiva reveste-as de poder retórico. Isso favorece o processo de convencimento, porque há uma credibilidade atribuída à Pátria (inclusive, ele reforça esse crédito, dizendo que as palavras da República são “sacratíssimas”), que é transferida a ele, o confidente.

Há, nessa construção, fundada no *logos*, um grande benefício para o *ethos* (indicação de que ele merece credibilidade) e também para o *pathos* (o orador precisa aguçar a confiança dos interlocutores para que haja adesão ao seu discurso, ou seja, para que a persuasão se processe).

Ainda no campo do *logos*, é prudente observar que Cícero manuseia a língua latina com desenvoltura. Aqui as atenções direcionam-se às repetições ora de palavras, ora de expressões, ora até mesmo de estruturas sintáticas inteiras. Em *Do Orador* (III, § 206), Cícero, na voz de Crasso, enumera tipos de repetição e comenta brevemente seus efeitos; como já se viu, na primeira *Catilinária*, há muitas repetições, que contribuem também com um efeito rítmico, como realmente a teoria propõe.

Uma novidade que ocorre em *Do Orador*<sup>7</sup> diz respeito ao *ethos*, pois Cícero não só diferencia o *ethos* do orador e o do réu, como também fala de um *ethos* construído e estabelecido pelo próprio discurso (conforme os moldes aristotélicos) e de outro recuperado da vida pregressa do indivíduo.

Quanto à divisão entre orador (enunciador) e o réu (em poucos momentos, o enunciatário; na maioria das vezes, somente aquele a quem o discurso se refere<sup>8</sup>), nota-se que Cícero, por meio de apostos, define-se como “cônsul”, ou seja, recorre à função que desempenha junto ao Senado para buscar a credibilidade do enunciatário. Era de conhecimento de todos que, para assumir a posição de cônsul, havia a necessidade de percorrer um longo caminho político, mostrar-se competente para o cargo e, principalmente, conquistar os votos necessários para assumir a função; tratava-se do *cursus honorum*, que, segundo Pereira (2002, p. 348), marcava a progressiva ascensão dos cidadãos aos cargos principais da Urbe. Cícero, ao anunciar-se “cônsul”, agrega ao seu discurso toda credibilidade atribuída ao cargo. Esse *ethos* pregresso, que se anuncia meredor de atenção e confiança, goza de importante poder persuasivo, pois funciona como um facilitador para a adesão do enunciatário à tese defendida pelo enunciador.

---

<sup>7</sup> Como se viu no Capítulo 1, deste trabalho, pp. 30 - 42.

<sup>8</sup>Vale destacar que a primeira *Catilinária* tem como principal enunciatário os participantes do Senado romano; no entanto, o discurso indica que Catilina chega ao Senado no momento da fala de Cícero, por isso o orador direciona algumas de suas palavras a ele. Há também, na segunda *Catilinária*, em (12), informação de que Catilina esteve presente no templo de Júpiter Estátor no dia anterior.

Além disso, como se vê em (13), por meio de perguntas, Cícero evoca fatos terríveis da vida do acusado, os quais minam, aos poucos, qualquer credibilidade que poderia existir. O orador vai discursivamente destruindo o *ethos* de Catilina.

O cônsul romano também cuida da construção do *ethos* do enunciador, ora alegando não temer as consequências de sua luta para salvar a Pátria, ora mostrando que age sem divulgar suas ações, ora aconselhando, com misericórdia e bondade, o acusado. Essas construções que evocam uma imagem de “bom homem” almejam construir a necessária confiança do enunciatário (participantes do Senado) para que este possa, no momento devido, crer no que o enunciador defenderá. É relevante observar que o orador lança mão de um sentimento de lealdade, que pode ser identificado como *pietas*. Segundo Pereira (2002, p. 338), *pietas* faria menção às ligações mais íntimas (pai e filho, por exemplo)<sup>9</sup> e evocaria, inclusive, sentimentos religiosos dos Romanos, o que traria consigo não apenas maiores exigências quanto à responsabilidade, mas também maior credibilidade ao orador, bem como vínculo entre ele e sua assistência.

*Do Orador* é um culto à manifestação das paixões. Cícero potencializa o poder das paixões em relação a outros meios de persuasão, reconhece sua eficiência e destaca a dificuldade que existe em lidar com elas. Ao analisar a primeira *Catilinária*, não resta dúvida sobre a habilidade do cônsul não só em manipulá-las, mas também em fazer com que *ethos* e *logos*, numa espécie de matiz, mesclado com o *pathos*, potencializem o poder que delas emana.

Em primeiro lugar, é necessário destacar que a presença do *pathos* fica evidente porque há, como se viu, a lexicalização das paixões; mas a genialidade discursiva não está apenas nisso. Cícero faz o discurso mobilizar medo e ódio. As paixões que ele intenta estimular nos interlocutores, tanto nos senadores para que haja rejeição de Catilina, quanto no próprio Catilina para que, acuado, deixe Roma, têm graus e intensidades variados ao longo do texto.

---

<sup>9</sup> É válido destacar que os senadores eram apelados com o uso de *Patres Conscripti*, ou seja, “pais conscritos”, os quais eram, em geral, senadores não patrícios que foram nomeados, indicados ou até convocados por meio de decreto para integrar o Senado romano. Ao chamá-los de “pai”, o orador lembra-lhes as responsabilidades perante a Pátria que representam, com isso, o discurso provoca um *pathos* de boa vontade para com o discurso enunciado, o que explica ainda melhor como essa estratégia discursiva manipula a paixão da *pietas*.

Em *Do Orador*, Cícero não explica os possíveis efeitos de sentido resultantes da utilização das paixões, porém pode-se buscar referências em Aristóteles para se compreenderem melhor algumas escolhas do orador romano.

Para falar do “temor” ou “medo”, o filósofo grego evoca também a “confiança” e diz que se deve, primeiro, perceber que essas paixões pressupõem uma assimetria maior na relação entre os indivíduos envolvidos discursivamente; por exemplo, temem-se os fortes.

Por outro lado, a confiança provém de certa superioridade tanto sobre as coisas quanto sobre as pessoas. Para Aristóteles (2003, 1383 a, p. 35), “o que inspira confiança é o distanciamento do temível e a proximidade dos meios de salvação”; além disso, diz que “sentimos confiança quando não têm temor nossos semelhantes, nem nossos inferiores, nem aqueles que cremos serem superiores” (Aristóteles, 2003, 1383 b, p. 37).

O astuto orador romano usa o “medo” para que o auditório sinta necessidade de proteção, exatamente o que ele se propõe a oferecer na sua condição de cônsul. Pode-se observar que, em todo o texto sob análise, tem-se a palavra “temor” ou “medo” lexicalizada 11 vezes, ou seja, o orador lança mão da palavra escrita para materializar essa paixão, para dar concretude ao discurso; além disso, há as outras situações em que a ideia de temor fica apenas sugerida e é operacionalizada ao longo da exposição, com o intuito de aguçar (fazer pulsar) essa paixão.

Já sobre o ódio, Aristóteles (2003, 1381 a, p. 23) diz que se trata de uma paixão dissociadora, com a qual o orador pode “demonstrar que tais pessoas são inimigas ou amigas”. As atitudes atribuídas a Catilina (como se se tratasse de uma interlocução com o discurso consagrado em *Retórica*) instalam o medo e, como uma espécie de consequência natural, trazem à tona o ódio, paixão que ocorre lexicalizada 13 vezes nessa primeira *Catilinária*. Em outras palavras, aquele que é capaz de atitudes tão temíveis interfere no bem estar da República, por isso é odiado e deve ser combatido antes que espalhe males ainda piores.

Como foi dito anteriormente, o medo e o ódio pulsam na *Primeira Catilinária*. Considerando-se que, na tradução usada para este estudo, o discurso está dividido em 33 partes, tem-se, somente no final da parte (10), a primeira ocorrência da palavra “medo”, que é, no tocante ao objeto deste trabalho, a primeira paixão lexicalizada. Antes disso (da parte 1 à 9), *ethos* e *logos* oferecem subsídios para que o interlocutor comece a sentir o *pathos* (medo e ódio, especificamente) que o mobilizará para

decidir em favor do orador; no entanto, isso ocorre de maneira velada, por exemplo, em “os olhos e os ouvidos de muitos, sem que percebas, assim como fizeram até agora, também te vigiarão e te guardarão” (6). Nesse trecho, anuncia-se a necessidade de vigiar e guardar, portanto há, implicitamente, o medo rondando os participantes do discurso.

É pertinente perceber que Cícero cuidadosamente lexicaliza as paixões progressivamente, como se atribuísse a essa materialização um maior poder retórico, como se o “provocar emoção nos ânimos dos ouvintes” fosse aos poucos preenchendo as lacunas e, assim, potencializando o poder persuasivo do “provar ser verdadeiro”, do que se defende e do “cativar os ouvintes”. As palavras manifestas seriam o corpo que afinal se apresenta já retoricamente marcado no discurso.

Após a primeira ocorrência da palavra “medo” na parte (10), há a lexicalização de “temor” e “ódio” na parte (13) e, então, nas partes (17) e (18), é como se o discurso chegasse a seu ápice no que diz respeito às paixões, tendo em praticamente todos os parágrafos pelo menos uma paixão lexicalizada.

Dois parágrafos, na sequência, evocam tanto o temor quanto o ódio. Com o intuito de incitar ainda mais os ânimos dos interlocutores, Cícero evoca, nesse trecho, a imagem dos pais para explicar como Catilina deveria proceder perante a Pátria, aquela que deve ser respeitada sempre.

No jogo retórico proposto pela teoria ciceroneana, o orador habilidoso deveria ser capaz de incitar e acalmar o ânimo de seu interlocutor conforme a necessidade discursiva. O que se experimenta na primeira *Catilinária* é exatamente isso. Após esse ápice passional, é como se o texto fosse se acalmando e, em um parágrafo da parte (20), ocorre a palavra “medo”; depois, na parte (22), essa palavra é repetida em um parágrafo, seguida pela ocorrência da palavra “ódio” no parágrafo seguinte; já na parte (23), ocorre somente “ódio” e, aos poucos, essas paixões lexicalizadas diminuem, voltando a ser evocadas pelo orador apenas a partir da parte (28), com bem menor intensidade, para fechar o discurso e confirmar a adesão de seus interlocutores à tese que defendera: Catilina é uma ameaça à República, por isso deve ser, pelo menos, exilado. E mais: ele, o “cônsul”, não teme o conspirador, por isso é merecedor da confiança dos senadores.

Não se pode negar o quão envolvente e persuasiva é essa estratégia retórica habilmente organizada por Cícero. E isso sem ter acesso a quaisquer elementos

relacionados ao pronunciamento do discurso, que, sem dúvida, poderiam potencializar os efeitos de sentido.

Merece também destaque a parte (22), em que o orador evoca a vergonha quando diz “pois não és, Catilina, uma pessoa tal, que algum dia a vergonha te afaste da torpeza, ou o medo do perigo, ou a razão da loucura”. A vergonha merece atenção porque está relacionada à imagem que o outro faz de nós (ARISTÓTELES, 2006, 1384 a, p. 179); trata-se, portanto, de uma importância atribuída ao olhar do outro, ao olhar social. Quando se anuncia que Catilina não alteraria seu comportamento por vergonha, é como se dissesse que ele não atribui ao olhar social qualquer importância. Essa afirmação feita ao Senado, além de trazer à tona essa paixão, fortalece o aspecto negativo do *ethos* do réu.

Por fim, na última parte do discurso (33), Cícero evoca a proteção de Júpiter Estátor e faz referência a Rômulo. As escolhas discursivas do orador são perspicazes, pois exortam o brio dos senadores. Mas não se restringem ao discurso, porque o cônsul estava no Templo de Júpiter Estátor e proferia seu discurso diante de uma estátua do deus evocado, sobre a qual pairava um forte sentimento de devoção, já que fora erguida primeiramente, por Rômulo, como gratidão por ter auxiliado as tropas romanas em uma luta contra os sabinos. É como se a vida real validasse a argumentação do orador.

### 3.1.2 Segunda *Catilinária*: conflito anunciado no enunciado

A segunda *Catilinária* tem como objetivos contar para o povo o que aconteceu no Templo de Júpiter Estátor no dia anterior, anunciar a saída de Lúcio Catilina da cidade e destacar a necessidade de cautela. Para isso, Cícero constrói um discurso bastante didático, marcado pela insistência temática.

Ainda assim, os recursos persuasivos relativos ao *logos* ficam evidentes. O que é contado e recontado ganha formas distintas para reforçar uma mesma ideia. Um bom exemplo ocorre logo no início, quando, para referir-se a Catilina, Cícero utiliza, em (1), uma metonímia (“aquele punhal”) e, em (2), uma metáfora, (“ela [a pátria], na verdade, me parece alegrar-se por ter vomitado e lançado fora tamanha peste”). Esses efeitos de sentido da ordem da razão (*logos*), obtidos a partir de uma consistente estruturação do enunciado, desqualificam o acusado, ou seja, habilmente o orador começa a destruir o *ethos* de Lúcio Catilina.

Como fez na primeira *Catilinária*, Cícero usa entimemas. Merece destaque o que ocorre em (15). Catilina disse que iria para Marselha, mas Cícero crê que ele foi se juntar a Mânlio para organizar tropas e atacar Roma. Dentre os que o escutam, há os que, por acreditarem no acusado, odeiam-no. Cícero diz que não desejaria o alívio desse ódio, o qual decorreria da certeza de que Lúcio Catilina estaria com o exército. Fica, portanto, implícito que Cícero estaria certo e que o ataque seria iminente, ou seja, seu bem estar traria consigo a desgraça para Roma.

As ironias estão presentes, por exemplo, em (12), quando Cícero ironiza o poder atribuído a suas palavras, as quais, conforme se dizia, teriam expulsado Catilina da cidade. O cônsul não poderia, por sua vontade e decisão, mandar um cidadão para o exílio sem os devidos procedimentos legais; preventivamente, portanto, ele se defende afirmando que sugeriu a saída do acusado, mas não a impôs. Também ironicamente, ainda em (12), o orador indica que o acusado poderia ter se defendido, visto que estava presente; no entanto, não o fez, calou-se. Há, no uso desse recurso, nítida precaução do arpinate, pois as ironias intentam atenuar o que, de fato, ocorreu: o discurso do cônsul, de alguma maneira, interferiu na vida de Catilina, que deixou Roma. Além disso, é relevante destacar que, dentre os que o ouviam, havia aqueles que possivelmente não concordavam com sua postura, com a denúncia de conjuração, o que também justifica a postura defensiva.

Não há, como na primeira *Catilinária*, citações históricas, contemplação de leis e referências a Júpiter. De alguma maneira, a mudança de interlocutor deixou marcas no discurso, as quais podem ser notadas não só pelas ausências, mas também pela insistência didática no assunto abordado, como já se comentou. Em outras palavras, esse discurso foi proferido no Fórum romano para informar o povo do que ocorria, no entanto, não era possível saber ao certo quem estava ali, há um ouvinte heterogêneo; perante isso, Cícero adota um discurso mais inteligível, mais acessível, o qual permita a aproximação daqueles que, por questões sociais, não gozam de certas referências culturais, históricas.

Por fim, quanto às perguntas, bastante frequentes na primeira análise, na segunda são mais raras e sempre retóricas. Há sempre, na sequência, ou uma pergunta que traz em si a resposta devida ao que se pretende – como se vê em (18) – ou uma resposta de fato – como ocorre em (6).

Ao observar esses recursos do âmbito do *logos*, compreende-se que, nessa *Catilinária*, eles não só elaboram sentidos em suas microestruturas (sentido produzido

pela palavra e/ou expressão), como também promovem paulatinamente algo maior (sentido produzido pelo todo do texto, pela estrutura organizadora do texto), o que parece ser, de fato, o objetivo do orador: um verdadeiro conflito entre *ethos*.

A cada metáfora, metonímia, ironia ou personificação, o que se percebe é uma cuidada construção discursiva, a partir de recursos do *logos*, de um *ethos* negativo para Catilina e o fortalecimento do *ethos* já positivo de que gozava o orador, visto que era cônsul eleito<sup>10</sup>. Com isso, tem-se novamente o recurso usado na primeira *Catilinária*: há não somente o reconhecimento do *ethos* do enunciador e do enunciatário, mas também se evidencia a bipartição do *ethos* discursivo e do *ethos* progresso.

Em (6), é lançada a ideia de que o perigo maior se foi, mas ainda há solidários a Catilina, há simpatizantes e colaboradores. Esse grupo também é perigoso e, segundo Cícero, cabe a ele, na função de cônsul, alertar o povo, por isso o orador não hesita – descreve, explica, reforça quais seriam esses possíveis inimigos. Começa alegando que “pensam como Catilina os que se assemelham a ele”, numa generalização. Em seguida, nomeia-os em (7): “envenenador”, “gladiador”, “ladrão”, “assassino”, “parricida”, “falsificador de testamento”, “fraudador”, “frequentador de tavernas”, “devasso”, “adúltero”, “mulher de má fama”, “corruptor da juventude”, “corrupto” e “perdido”. Essa lista projeta comportamentos certamente reprovados pela maioria dos ouvintes. Com isso, Cícero estimula, discursivamente, a associação do *ethos* negativo dos elencados com o *ethos* de Catilina e de seus seguidores, ou seja, desde o início, fica evidente o que intenta o orador: depreciar a imagem do acusado.

Não satisfeito, em (10), reforça os vícios, que até poderiam ser perdoados caso se tratasse das “paixões dos homens”, de “toleráveis audácias”; no entanto, não seria o caso de Catilina, visto que, segundo o discurso de Cícero, os vícios dele não eram uma exceção, eram regra. É importante observar que, com essa ressalva, o cônsul romano mostra-se consciente de que, dentre os muitos que o ouviam, poderia haver alguns que, vez ou outra, rendiam-se a comportamentos incertos, mas toleráveis, justificáveis pelas paixões humanas, tanto que, em (10), refere-se a “medianas paixões” e a “toleráveis audácias”.

---

<sup>10</sup> Como se viu na análise da primeira *Catilinária*, para assumir a posição de cônsul, havia a necessidade de percorrer um longo caminho político, mostrar-se competente para o cargo e, principalmente, conquistar os votos necessários para assumir a função; tratava-se do *cursus honorum*.

Nesse caso, o orador parece seguir o que instrui em *Do Orador* (I, § 102), quando, na voz de Antônio, mostra que, antes de estruturar a argumentação, é necessário assumir, com total imparcialidade, três papéis: o do orador, o do adversário e o do juiz. Isso permitiria um melhor conhecimento do assunto e, como se vê na prática, admitiria o uso de ressalvas, caso se mostrem necessárias. No que diz respeito ao trecho sob análise, com a perspicaz ressalva, Cícero alinha-se aos que, por estímulo das paixões, cometeram algum deslize, e esses são convidados a reprovar o comportamento do acusado e de seus seguidores, ou seja, mais reforços para o *ethos* negativo de Lúcio Catilina.

Em (12), há confirmação de que, no dia anterior, Lúcio Catilina esteve no Templo de Júpiter Estátor, onde se reuniram senadores e magistrados. Cícero diz que ninguém se levantou com a chegada do acusado, o qual se sentou isolado por não haver quem se aventurasse a ficar próximo<sup>11</sup>. O comportamento dos homens mais importantes e respeitados de Roma é apresentado como exemplo, reforçando que o povo deve convencer-se do perigo iminente.

Em (14), o acusado é chamado de mentiroso porque quis fazer crer que iria para Marselha, destino dos exilados, e não para o acampamento (exército organizado por Mânlio) que o estaria esperando pronto para atacar Roma.

Como se vê, o *ethos* negativo de Catilina é paulatinamente cultivado no discurso, mesmo quando, em (17), o arpinate diz que não há por que ter medo do que já está longe, mas faz-se necessário reconhecer os que simpatizam com o acusado, os que dissimulam e permanecem em Roma. A partir dessa nova necessidade, o orador sente-se à vontade para, mais uma vez, voltar ao que já foi apresentado; então, com detalhes, descreve, em seis diferentes classes, os possíveis seguidores de Catilina, ou seja, os responsáveis pelo perigo que ainda ameaça Roma.

Cícero aos poucos mostra-se como um homem honesto, responsável, confiável<sup>12</sup>. Em (3), diz que correria riscos (tanto de ódio quanto de vida) para

---

<sup>11</sup> O mural de Cesare Maccari, que ilustra este trabalho, é uma representação inspirada nesse trecho de *As Catilinárias*. Observa-se o quanto esse discurso penetrou profundamente no imaginário dos pósteros, de modo a inspirar até mesmo a produção artística de Maccari, que a registrou na forma de repertório imagético (o mural encontra-se no prédio do Parlamento Italiano, em Roma).

<sup>12</sup> Assim como na primeira *Catilinária*, tal procedimento pode ter lugar para provocar a *pietas*, que, segundo Pereira (2002, p. 338), diz respeito também às ligações mais íntimas (pai e filho, por exemplo) e evocaria, inclusive, sentimentos religiosos dos Romanos, o que traria

eliminar Catilina, uma ameaça não só para a cidade, mas também para seus habitantes; em (11), evoca novamente sua função na magistratura (“cônsul”), o que resgata o *ethos* pregresso; por fim, proclama-se general para a provável guerra, ou seja, ele se coloca não só como defensor da República no âmbito civil, o que de fato lhe caberia, mas assume também as responsabilidades no âmbito militar. Cícero constrói-se forte e confiável de um lado, seguindo as orientações presentes em *Do Orador* (I, p. 166), enquanto Catilina é posto, com seus simpatizantes, em oposição, como mau caráter, perigoso.

Essa estrutura antitética de *ethos*, arquitetados a partir de recursos do *logos*, foi estrategicamente criada no decorrer do discurso para culminar em um genial combate. Em (25), Cícero faz um jogo de antíteses, dispostas como se, de fato, estivessem lutando. Somente no último parágrafo desse trecho, o orador lexicaliza o que se sente com o discurso, usando as palavras “disputa” e “combate” para, então, destacar as medidas que devem ser tomadas urgentemente como prevenção. Como se vê, o conflito se manifesta na forma e no conteúdo.

Após isso, em (28), Cícero reforça que o povo deve confiar nele, ressalva, mais uma vez, os perigos que correm, evoca os deuses e, ao dizer “que nenhum homem de bem morra e que, com a punição de poucos, todos vós possais ser salvos”, faz pensar que talvez seja preciso que homens “maus” morram. Essa ideia, na verdade, é lançada em (3), quando Cícero, em tom irônico, verbaliza que as circunstâncias permitiram que Catilina deixasse a cidade, mas que “há muito já convinha que Lúcio Catilina fosse morto e punido com um pesadíssimo suplício”.

Apesar de a palavra “medo” ocorrer lexicalizada apenas 4 vezes, a tensão gerada pelo conflito construído discursivamente traz consigo essa paixão. Cícero habilmente reforça que administrará a situação para que haja menor sofrimento possível aos “homens de bem” (28), ou seja, o povo, que estaria sentindo medo, poderia confiar nele. A confiança, segundo Aristóteles (2003, 1383 a, p. 35), distancia o temor e aproxima a salvação - em outras palavras, o povo pode tranquilizar-se: o orador, ao menos no discurso, porta a salvação.

Merece destaque também o uso recorrente do vocativo “Quirites”, que era considerado um tratamento respeitoso ao povo. Com isso, Cícero estabelece vínculo

---

consigo não só maiores exigências quanto à responsabilidade, mas também maior credibilidade, vínculo (de Cícero com aqueles que o ouviam).

cortês com seu principal interlocutor, embora o discurso seja direcionado, em alguns momentos, a possíveis seguidores de Catilina. Em (5), por exemplo, o orador mostra estar ciente da presença deles (“esses, que vejo vaguearem no foro”); em (11), ordena que saiam, que se aquietem ou sofrerão as consequências; em (17), coloca-se à disposição para “curá-los” e “reconciliá-los com a República”, para o que basta ouvi-lo; por fim, em (27) reforça que, apesar de serem cidadãos romanos, por serem simpatizantes de Catilina, são inimigos, logo não devem contar com sua brandura. Como cônsul, Cícero mostra-se consciente de que deve ou viver com a pátria ou morrer por ela (27).

Tanto no início, por Catilina ter deixado a cidade (2), quanto no fim, por ter confiança na fragilidade que acompanha os conjurados e na força de que gozam os cidadãos romanos (24), o orador estimula a sensação de *gloria*, que, segundo Pereira (2002, p. 344), só pode ser experimentada pelos “homens de bem” e, “quando alcançada ao serviço da *res publica* tinha mesmo as suas consagrações externas, conhecidas em todos os pormenores, como a ovação, e, sobretudo, o triunfo<sup>13</sup>” (PEREIRA, 202, p. 347). Em outras palavras, trata-se de uma motivação para a luta, para o enfrentamento, pois prevê o reconhecimento do povo, dos deuses (é esse reconhecimento que traz consigo a *gloria*, o que, de fato, o orador quer evidenciar).

É ainda importante atentar para a referência feita, em (11), a Pompeu, general e político romano, cuja popularidade era enorme e cuja atitude a respeito de Catilina não se mostrava clara, como se viu no Capítulo 2. Mais uma vez arquiteta o discurso para que valores sejam agregados ao seu *ethos*, agora pela sensação de vitória, de poder, de força.

Como se pôde ver, a segunda Catilinária é marcada principalmente por um conflito de *ethos*. Cícero, a partir de recursos da ordem da razão (*logos*), constrói o *ethos* negativo de Catilina, mobiliza um *ethos* positivo para si e, com isso, motiva o *pathos* dos seus ouvintes tanto com relação ao medo, quanto com relação à confiança e à certeza da *gloria*.

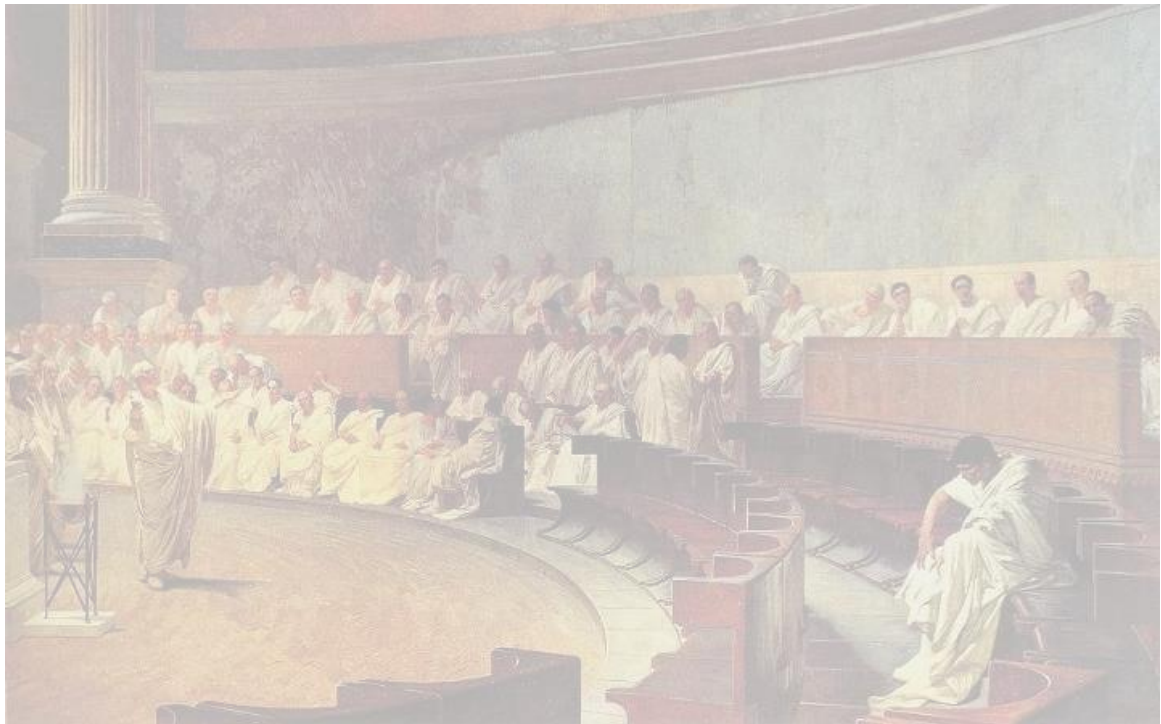
### 3.2 Breves considerações sobre as análises

---

<sup>13</sup> A ovação e o triunfo eram cerimônias comemorativas organizadas por civis para homenagear comandantes militares. Havia tanto vestimentas quanto rituais específicos, sendo que a ovação era considerada menos solene que o triunfo. (PEREIRA, 2002, p. 347).

Pôde-se observar, nas análises da primeira e da segunda *Catilinárias*, que Cícero lançou mão de diferentes estratégias discursivas, que ele próprio já havia indicado em seu tratado retórico, *Do Orador*.

Merece destaque a utilização do *ethos*, construído discursivamente, tanto do orador quanto do acusado, e a consideração não só desse *ethos* discursivo mas também do *ethos* pregresso. Ademais, a respeito do que se propôs como investigação principal, a verificação de como o *pathos* é estimulado na estrutura argumentativa construída pelo arpinate, pode-se, a partir das leituras propostas, perceber que *ethos* e *logos* são articulados, em mais de uma situação, com o intuito de favorecer e abrir caminho para gerar o *pathos* que se pretende mobilizar na audiência. Em outras palavras, pela amostra das peças oratórias que compõem o cópuz e são analisadas neste trabalho, verifica-se intensa utilização de elementos e recursos capazes de gerar *pathos* na audiência, pela forma como Cícero organiza seus discursos de modo a construir suas verdades.



(Mural de Cesare Maccari, representando o primeiro discurso de Cícero contra Catilina)

## **Capítulo 4**

### Uma leitura semiótica

#### 4 Uma leitura semiótica com inspirações retóricas

Fiorin (2007, p. 14) afirma que “as diferentes teorias do discurso devem herdar a retórica no estudo dos procedimentos discursivos”. O estudioso esclarece ainda que essa herança pode manifestar-se tanto pela utilização da retórica como referência para problemas teóricos atuais, quanto na investigação de temas abordados pela retórica sob a ótica das questões teóricas modernas.

Fiorin (2007, p. 14) também esclarece, por exemplo, que a semiótica narrativa e discursiva teve como fontes principais a linguística, a antropologia estrutural e a narratologia de Propp; que ela também buscou contribuições na fenomenologia e na psicanálise; no entanto, ignorou a retórica. A partir dessa constatação, o mesmo autor mostra que a semiótica tensiva, um dos mais recentes desenvolvimentos teóricos da semiótica francesa, incorporou elementos da retórica clássica (sobretudo aristotélica).

Segundo Fiorin (2007, p. 14), a semiótica tensiva “busca construir um modelo para descrever os fenômenos contínuos associados ao universo sensível”, para isso, segundo esse autor, ela tenta integrar em seu campo teórico tanto elementos da retórica antiga (da argumentação) quanto da retórica clássica (das figuras), em outras palavras, ela tenta mostrar que “todas as grandezas linguísticas, sejam elas conceitos sobre a realidade, tropos, argumentos, etc., constroem-se segundo os mesmos princípios” (FIORIN, 2007, p. 23). Como exemplo, Fiorin mostra que, para a semiótica tensiva, tanto a metonímia, quando argumentos fundados na partição e também a matéria de um sermão são todos definidos por um mesmo mecanismo, nomeado “triagem”; por outro lado, a metáfora, os argumentos baseados na analogia e princípios que regem a cultura brasileira são determinados por um outro procedimento, o da mistura (FIORIN, 2007, p. 23). Tais procedimentos teóricos adotados para a semiótica tensiva permitem, por exemplo, revisitar estudos sobre o *pathos*.

Para fazer as análises propostas neste capítulo do trabalho, usou-se a semiótica tensiva, proposta por Claude Zilberberg (2011), que retorna às paixões aristotélicas e busca recursos teóricos que permitam identificar o regime de manipulação do sensível que as produz discursivamente.

#### 4.1 Sobre a semiótica: breve percurso histórico

*Se a semiótica dedicou-se, num primeiro momento, a evidenciar o papel das articulações modais moleculares, é bom que ela procure dar conta agora dos perfumes passionais que suas ordenações produzem. (GREIMAS e FONTANILLE, 1993, p. 22)*

Bertrand (2003, p. 11) afirma que “o objeto da semiótica é o sentido”. Em seguida, faz uma ressalva necessária: um universo tão vasto precisa de uma restrição; anuncia, então, que “a semiótica se interessa pelo parecer do sentido que se apreende pelas formas da linguagem e, mais concretamente, dos discursos que o manifestam, tornando-o comunicável e compartilhável”. Portanto, pode-se entender que a semiótica insere-se “no quadro das teorias que se (pre)ocupam com o texto” (BARROS, 2007, p. 5).

Essa semiótica, que estuda a construção de significação em diferentes textos, aparece, como teoria de fato, pelas mãos de Greimas, no final dos anos 60. Algirdas Julien Greimas propôs, em *Semântica Estrutural* (1966), um modelo clássico para análise de textos. A base desse modelo foi o percurso gerativo de sentido, que prevê uma estrutura sustentadora para o texto e demonstra a construção dos sentidos do nível fundamental (imanência) à manifestação textual (plano de expressão associado a um plano de conteúdo). Em outras palavras, o estudioso sugeriu uma disposição hierárquica dos componentes da estrutura textual, os quais se implicam uns nos outros e uns pelos outros (GREIMAS e FONTANILLE, 1993, p. 9).

Greimas inspirou-se, segundo Tatit (2002, p. 187), em Lucien Tesnière, o qual, com intenção didática, “associou a estrutura de um enunciado à estrutura de um espetáculo”, ou seja, aquilo a que se tem acesso é resultado de um emaranhado de formantes, de elementos constituintes. Além de Greimas, é importante destacar que muitos outros estudiosos foram, de alguma maneira, precursores da análise estrutural da narrativa; Barros (1995, p. 82) destaca Propp e Lévi-Strauss; Saussure e Hjelmslev (HÉNAULT, 2006, p.125) também devem constar dessa lista.

Essa semiótica estrutural ficou também conhecida como semiótica do fazer. Como já foi dito, ela se baseia no percurso gerativo, que foi assim resumido por Barros (2007, p 9):

- a) o percurso gerativo do sentido vai do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto;
- b) são estabelecidas três etapas no percurso, podendo cada uma delas ser descrita e explicada por uma gramática autônoma, muito embora o sentido do texto dependa da relação entre os níveis;
- c) a primeira etapa do percurso, a mais simples e abstrata, recebe o nome de nível fundamental ou das estruturas fundamentais, em que surge a significação como uma oposição semântica mínima;
- d) no segundo patamar, denominado nível narrativo ou das estruturas narrativas, organiza-se a narrativa do ponto de vista do sujeito;
- e) o terceiro nível é o do discurso ou das estruturas discursivas, em que a narrativa é assumida pelo sujeito da enunciação.

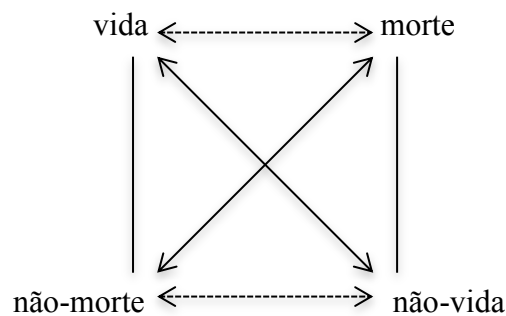
Como se vê, o percurso gerativo de sentido proposto por Greimas é dividido em três níveis: o fundamental, o narrativo e o discursivo (do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto), e não se pode perder de vista que a Semiótica, como projeto de investigação científica, não prescinde do nível de manifestação textual<sup>1</sup>, como será abordado nas páginas subsequentes.

No nível fundamental, identifica-se a categoria semântica mínima, a partir da qual o texto é construído. Seria o ponto de partida da geração do sentido construído pelo do discurso, por isso a necessidade de se determinar o mínimo de sentido, o que se busca fazer por meio de uma oposição entre termos gerais e abstratos, por exemplo, /vida/ *versus* /morte/. Bertrand (2003, p. 45) esclarece que um termo como /vida/ só pode ser definido e determinado por sua posição em uma rede diferencial de significação - em outras palavras, o termo só surge a partir de sua própria negação (/vida/ e /não-vida/). Dessa maneira, a identidade semântica do termo se insere em uma estrutura elementar que costuma ser representada pelo quadrado semiótico, como se vê em<sup>2</sup>:

---

<sup>1</sup> Entenda-se como simbiose entre o plano do conteúdo e o plano da expressão.

<sup>2</sup> Organizado a partir de Barros (2007, p. 78).



- Relação entre termos contrários ←-----→
- Relação entre contraditórios ←=====→
- Relação entre complementares —————

Essa representação permite a visualização das relações mínimas que definem a significação e, conseqüentemente, auxilia na análise que se pretende com o modelo teórico.

Ainda no nível fundamental, é preciso verificar em que direção esse conteúdo caminha. Em outras palavras, uma condição da narratividade é a existência de uma transformação, o que, para Greimas, já era uma espécie de impressão do sensível, visto que, para que isso aconteça, é preciso ocorrer atribuição de valores que podem tender para os considerados atraentes ou repulsivos. Trata-se da aforia - segundo Greimas e Courtés (2008, pp. 24 - 505), “termo neutro da categoria tímica”, ou seja, “disposição afetiva fundamental”-, que pode se realizar em euforia (valores positivos) ou disforia (valores negativos).

A aplicação da categoria fórica sobre a categoria semântica articulada no quadrado semiótico permite determinar valores positivos ou negativos, desejados, proibidos, temidos, punidos por uma comunidade. Para exemplificar, partindo de um consenso sobre a existência humana, tem-se que /vida/ pode ser eufórica ou positiva e /morte/, disfórica ou negativa.

“Resumidamente, no nível das estruturas fundamentais, procura-se construir o mínimo de sentido que gera o texto, a direção em que ele caminha e as pulsões e timias<sup>3</sup> que o marcam.” (BARROS, 2007, p. 79)

---

<sup>3</sup> Segundo Greimas e Courtés (2008, p. 505), a palavra timia origina-se do grego *thymós* e seria a “diposição afetiva fundamental”.

No nível narrativo, o percurso se manifesta sob a forma de transformações operadas por sujeitos, ou seja, estabelece-se a relação de transitividade entre o homem e as coisas (papéis actanciais<sup>4</sup> de sujeito e objeto) e a relação entre os homens (papéis de destinador e destinatário). Essas relações podem ser conjuntivas (contratuais) ou disjuntivas (polêmicas).

Em outras palavras, a narrativa se organiza em enunciados, programas, percursos, para formar o esquema narrativo que prevê manipulação, competência, performance e sanção.

Na manipulação, supõe-se uma espécie de acordo, contrato (contrato fiduciário); trata-se, segundo Tatit (2002, p. 191), de um esforço do destinador-manipulador para despertar a confiança (fazer-crer) no destinatário-manipulado. Essa investida pode ter êxito (fazer) ou fracassar (não-fazer).

Para compreender a competência e a performance (também chamadas conjuntamente de ação), é preciso entender que a relação de transitividade entre homem e coisas ou somente entre homens pode ocorrer de duas maneiras distintas: junção e transformação. Esta se dá pela sucessão de estados; aquela é “a relação que determina o estado, a situação do sujeito em relação a um objeto qualquer” (BARROS, 2002, p. 19). A junção, que pode estabelecer uma relação de disjunção, de conjunção, de não-disjunção ou de não-conjunção, estabelece a relação entre o sujeito e os valores (o objeto passa a estar investido de valor, objeto-valor). A partir disso, Barros (2007, p. 24) afirma que competência “é uma doação de valores modais” (instrumentalização do sujeito) e que performance é “uma apropriação de valores descritivos” para o fazer (utilização desses instrumentos).

Encerrando o esquema narrativo, há a sanção, a qual pode ser cognitiva (interpretação que aciona modalidades veridictórias) ou pragmática (positiva, quando há recompensa pela performance, ou negativa, quando há punição).

Esse esquema narrativo é construído a partir de um destinador-manipulador, que estabelece os valores presentes na narrativa (objetos-valor), nos quais o destinador deve, antes de tudo, *crer* (contrato fiduciário). Tem-se, assim, que, enquanto o destinador exerce um *fazer persuasivo* sobre o sujeito, este exerce um *fazer interpretativo* sobre aquele.

---

<sup>4</sup> Greimas e Courtés (2008, p. 20) explicam que os papéis actanciais referem-se à posição do actante (aquele que realiza ou que sofre um ato) no interior do percurso narrativo e do investimento modal que ele assume.

O nível discursivo, considerando o percurso gerativo, é constituído por estruturas marcadas por um processo de concretização. Nele, a projeção da enunciação no enunciado passa a ser o objeto de estudo, e que dá corpo às categorias de pessoa, tempo e espaço, as quais estruturam os percursos temáticos e os possíveis investimentos figurativos. A enunciação deixa marcas no discurso, as quais, por sua vez, produzem efeitos de sentido. Por exemplo: o uso da primeira pessoa no discurso produz ilusão da presença de *alguém que fala*, enquanto o uso da terceira pessoa produz ilusão de neutralidade (afasta a enunciação do discurso), o que produz o efeito de sentido de verdade objetiva.

Ainda se deve considerar a adequação do plano de expressão a um plano de conteúdo como nível de manifestação textual.

A partir dos anos 80, como resultado de um movimento natural de reflexão e amadurecimento, a semiótica passou por alterações. Greimas e Fontanille (1993) mostram que a semiótica da ação (do fazer), ao nascer, trouxe consigo questionamentos que permitiram a transformação em semiótica do ser. É importante destacar que, em momento algum, houve substituição de um modelo de análise por outro; o que há é um aprimoramento, que instrumentaliza, aos poucos, o modelo “clássico” para que ele se torne capaz de lidar também com a modalização do ser.

Essa nova perspectiva faz surgirem outras possibilidades de análise semiótica, dentre as quais, há a Semiótica das Paixões e a Semiótica Tensiva.

A Semiótica das Paixões não se propõe a estudar caracteres e temperamentos; ela busca lidar com as paixões como “efeito de sentido inscrito e codificado na linguagem” (BERTRAND, 2003, p. 358). Fiorin (2007, p. 10) acrescenta que essa nova vertente da teoria semiótica considera os efeitos afetivos ou passionais do discurso, os quais resultam da modalização do sujeito. Em outras palavras, a história (transformação) modal do sujeito permite estudar não apenas o *fazer* do sujeito, mas também o processo de construção ou de transformação do *ser* do sujeito.

Entende-se, portanto, que os efeitos de sentido passionais resultam de configurações (intersecções e combinações) entre diferentes modalidades (FONTANILLE e ZILBERBERG, 2001, p. 297). Para exemplificar, Fiorin (2007, p. 10) utiliza a vergonha, que seria um efeito de sentido produzido pela combinação *querer-ser, não-poder-ser e saber-não-ser*.

Como se vê, a semiótica das paixões, sabendo que as configurações modais responsáveis pelo efeito de sentido passional resultam de correlações inteligíveis e

sensíveis e que elas podem ser projetadas sobre sujeito, sobre objeto ou sobre a junção deles, estabelece que a análise das paixões precisa conhecer e reconhecer a natureza discursiva delas, ou seja, precisa descrevê-las como faz a estrutura narrativa do discurso. A diferença, segundo Fontanille e Zilberberg (2001, p. 298), é que

a semiótica da ação escolhe a simplicidade, para reduzir o domínio de pertinência e aumentar a inteligibilidade da lógica da ação propriamente dita, enquanto o ponto de vista da semiótica das paixões é o da complexidade, isto é, o das correlações entre dispositivos e dimensões provenientes de diversos níveis do percurso gerativo.

Os traços aspectuais e rítmicos foram entendidos como componentes modais dos sujeitos, o que acrescentou à análise semiótica a aspectualização e a tensividade.

A semiótica passou, então, a olhar para os atos enunciativos em processo; com isso, ela se torna capaz de lidar com os fenômenos contínuos associados ao universo afetivo do texto e, conseqüentemente, de identificar o regime de manipulação do sensível, que produz as paixões. Isso se dá por meio do reconhecimento da identidade modal dos sujeitos, a qual pode ser lida, no discurso, também por traços aspectuais e rítmicos (tensivos).

Os traços aspectuais estão relacionados à disposição passional que pode ser permanente, durável ou passageira, e sua manifestação poderá ser contínua, pontual ou interativa. Quanto aos traços tensivos, trata-se de uma forma de projeção das modalidades no eixo da intensidade e da extensidade. Aliás, graças a Claude Zilberberg, discípulo de Greimas, que aprofundou o estudo das categorias temporais, tornou-se possível lidar com essas oposições tensivas (ZILBERBERG, 2011, p. 66).

Dentre os recursos disponibilizados pela teoria, segundo Fontanille e Zilberberg (2001, p. 303), há também a sintaxe da consistência, que diz respeito à esquematização tensiva do núcleo passional, resultante, segundo os estudiosos, de uma alternância entre aumentos e diminuições. Isso porque se acredita que a dimensão passional do discurso resulta de uma correlação entre um complexo modal (constituência das paixões) e um complexo fórico, tendo-se o enunciador como construtor dessas implicações operacionalizadas no texto.

Esse breve histórico sobre a constituição da semiótica pretendeu permitir uma maior aproximação em relação às análises que se apresentam em seguida.

## 4.2 Sob a semiótica: possíveis análises de *As Catilinárias*

As análises organizadas a partir de *Do Orador* já permitiram observar que Cícero articulava habilmente as paixões. Agora o que se mostra é, a partir da aplicação de alguns elementos da teoria semiótica tensiva, a possibilidade de compreender de que elementos discursivos lançou mão o orador para produzir os efeitos de sentido que levaram à mobilização dessas paixões.

### 4.2.1 Primeira *Catilinária*: jogo de lógicas

Cícero, o enunciador, também sujeito do programa sob análise, *crê* e quer *fazer crer* que Catilina, o anti-sujeito, é um perigo para Roma; por isso, deve ser julgado e, pelo menos, exilado pelo enunciatário, o Senado romano.

De início, pode-se identificar que o sujeito administra habilmente um jogo entre as lógicas implicativa e concessiva. Segundo Fontanille e Zilberberg (2001, p. 237), a forma implicativa “cria uma espera e previsão muito premente” (“se ele quer, ele pode”), por isso deixa pouca margem para surpresas; já a forma “concessiva põe em jogo confrontações e conversões modais” (embora ele não possa, quer – ou até faz). Exatamente por colocar em “xeque a coerência do percurso sintático”, ela surpreende e, a quebra de expectativas, favorece o trabalho com as paixões.

Em outras palavras, o orador, na primeira *Catilinária*, articula seus argumentos a partir da lógica concessiva, à custa da evocação de fatos<sup>5</sup> que, ao serem revelados, surpreendem o enunciatário (Senado), pois denunciam comportamentos reprováveis de Catilina, o anti-sujeito. No entanto, todas as quebras de expectativas articuladas trabalham em prol de uma lógica implicativa: o sujeito pretende estabelecer um contrato fiduciário com o público, no caso o Senado romano, capaz de julgar e punir o anti-sujeito. Pode-se pensar que as partes, estruturadas pela concessão, unidas articulam um todo implicativo, previsível ao considerar a função do sujeito no Senado e o contexto que leva ao julgamento<sup>6</sup>.

Segundo Fontanille e Zilberberg (2001, p. 263), o contrato fiduciário busca estabelecer uma relação de confiança entre sujeitos ou de crença entre sujeito e objeto. No caso da primeira *Catilinária*, tem-se que o enunciador almeja a confiança do enunciatário, ou seja, o enunciador aciona um *fazer-crer* ao qual responde ou não o

---

<sup>5</sup> Refere-se, por exemplo, a vícios de Catilina que são denunciados em (13), na primeira *Catilinária*.

<sup>6</sup> Informações já apresentadas neste trabalho.

*credere* do enunciatório. No caso do texto sob análise, que é o primeiro de quatro, não há acesso à reação/resposta do enunciatório; no entanto, tem-se a evocação lexicalizada da confiança do público no final do discurso, como se vê em:

Nunc, ut a me, patres conscripti, quendam prope iustam patriae querimoniam detester ac deprecari, percipite, quaeso, diligenter, quaedicam, et eapenitus animis uestris mentibusque mandate.	Agora, senadores, para afastar e desviar de mim uma certa queixa, quase justa, da pátria, observai, por favor, com atenção e <u>confiai</u> profundamente aos vossos espíritos e mentes o que eu vou dizer. (27)
--	--

Além disso, os estudiosos franceses (2001, p. 266) afirmam que a confiança se manifesta face a face com o temor e, por isso, instala-se na dimensão patêmica, exatamente o que se experimenta no percurso sob análise e que será apresentado nas estruturas subsequentes.

Nesse jogo de concessões, o sujeito consegue provocar, aos poucos, ódio e medo, como se atesta em:

7 Meministine me ante diem XII Kalendas Nouembris dicere in senatufore in armis certo die, qui dies futurus esset ante diem VI Kal. Nouembris, C. Manlium, audaciae satellitem atque administrum tuae?	7 Lembras-te de que, no duodécimo dia antes das Calendas de novembro, eu dizia no senado que estaria munido de armas num dia determinado, o qual seria o sexto antes das calendas de novembro, Caio Mânlio, soldado e auxiliar de tua audácia?
Num me fefellit, Catilina, non modo res tanta, tam atrox tamque incredibilis, uerum, id quod multo magis est admirandum, dies?	Por acaso me enganei, Catilina, não só em relação ao fato, tão grave, tão atroz e tão incrível, mas, o que é muito mais de se admirar, em relação ao dia?
Dixi ego idem in senatu caedem te optumatum contulisse in ante diem V Kalendas Nouembris, tum cum multi principes ciuitatis Roma non tam sui conseruandi quam tuorum consiliorum reprimendorum causa profugerunt.	Disse eu também no senado que tu marcaste para o quinto dia antes das calendas de novembro o assassinato dos nobres, quando então muitas figuras importantes da cidade fugiram de Roma não tanto para se salvar, quanto para frustrar os teus planos.
Num infitiani potes te illo ipso die méis praesidiis, mea diligentia circumclusum commouere te contra rem publicam non potuisse, cum tu discessu ceterorum nostra tamen, qui remansissemus, caede te contentum esse dicebas?	Por acaso podes negar que tu, naquele mesmo dia, cercado pelos meus guardas, pelo meu zelo, não pudeste mover-te contra a república, quando tu, com a saída dos outros, dizias, contudo, que estavas contente com o assassinato de nós, que tínhamos permanecido?

Nesse trecho, não há paixões lexicalizadas; no entanto, ao relatar fatos e planos ameaçadores, o sujeito consegue mobilizar o medo no enunciatário: aquele que é capaz de elaborar tantos ataques deve ser também temido. Além disso, deve-se observar que os fatos são revelados, ou seja, estavam se desenrolando, na surdina, dentro do próprio Senado, com o propósito de enganar os grandes homens de Roma, acusação que, por si só, já instila o ódio pelo anti-sujeito. Enquanto essas paixões minam a credibilidade do anti-sujeito, vão também favorecendo o sujeito, que se mostra consciente de todos os possíveis ataques e capacitado para combatê-los e para receber a confiança dos outros romanos.

Além disso, é importante destacar que, como se viu no Capítulo 3, p. 135, Cícero inicia a primeira Catilinária com um entimema, sobre esse recurso, Bertrand (2000, p. 35) afirma que

l'enthymème se présente comme un objet central pour la rhétorique comme pour la sémiotique discursive. Il offre d'un côté une structuration formelle (ou formalisable en termes de rhétorique tensive par exemple) à partir de la catégorisation qu'il met en jeu, et de l'autre il crée cette zone de contact entre le sujet e le discours, libérant un espace où le sujet énonciataire est invité à faire sien le sens, à se l'incorporer en associant le cognitif de l'inférence et le proprioceptif de l'assimilation sensible. C'est donc de cette manière un lieu pathémique, activant ce que ébranle, met en mouvement, émeut le destinataire, eu égard à sa disposition, à son état d'esprit ou à ses états d'âme.

Como se vê, segundo o estudioso francês, o orador, ao usar um entimema, cria discursivamente um meio de aproximação do sensível, “uma área de contato”, em outras palavras, a estrutura lógica e formal que inicia o discurso produz semioticamente condições apropriadas para que seja possível explorar as paixões, lexicalizadas ou não, como se viu anteriormente.

#### 4.2.2 Segunda *Catilinária*: jogo de ascendência e descendência

Cícero, na segunda *Catilinária*, a partir de recursos do *logos*, constrói um *ethos* negativo para Catilina, o anti-sujeito, e um positivo para ele mesmo, o sujeito; então, o discurso promove um conflito entre *ethos* que faz emergir o *pathos*.

Se, por um lado, notam-se semelhanças entre as duas *Catilinárias* (por exemplo, em ambas o enunciador almeja a confiança do enunciatário, ou seja, o enunciador aciona um *fazer-creer* ao qual responde ou não o *creer* do enunciatário), por

outro, há diferenças entre elas. Merece atenção o fato de a primeira recorrer a fatos e exemplos (percursos narrativos), os quais, num jogo de concessões, promovem uma mobilização patêmica no enunciatório. A segunda utiliza menos esses recursos, pois, com o intuito de mostrar ao povo o perigo que há, Cícero preocupa-se em descrever e detalhar paulatinamente o quão perigosos são Catilina e seus simpatizantes.

O que se percebe, na segunda Catilinária, é que as paixões evocadas pelo orador recebem uma configuração fórica, que contém marcas aspectuais relevantes. Para que seja possível analisar os traços aspectuais, faz-se necessário discorrer sobre alguns elementos teóricos.

Zilberberg (2011, p. 49) aponta que “é preciso flagrar as condições nas quais uma direção tensiva, isto é, afetante, fragmenta-se em momentos distintos, interdefinidos, e contudo dependentes no que diz respeito à direção tomada”. Tem-se, portanto, que, independentemente da abordagem temática e da lexicalização das paixões, pode-se apreciar, por meio da percepção dos fragmentos tensivos constituintes de um discurso, a direção, a qual se nomeia inicialmente como ascendência (de *menos* para *mais*) e descendência (de *mais* para *menos*), salientando-se que *mais* e *menos* funcionam como moedas<sup>7</sup> imediatas do sensível, como

morfemas por meio dos quais podem ser descritas as desigualdades vectoriais que nos agitam e nos permitem “fazer um balanço” para, em meio à corrente por vezes precipitada dos afetos, saber “em que pé estamos”. (ZILBERBERG, 2011, p. 59)

Essa abordagem reconhece os pontos iniciais e finais da ascendência e da descendência como “bolsões”, “invólucros” exclusivos e abastecidos, respectivamente, somente de *mais* e somente de *menos*, ou seja, a ascendência vai da nulidade à plenitude, enquanto a descendência descreve o percurso contrário.

Para a análise, Zilberberg (2011, p. 57) propõe ir além do registro da direção (ascendente e descendente) e observar o que, para o estudioso, há de mais precioso: as resultantes da partição.

Para exemplificar, seria possível averiguar a descendência tanto pela atenuação quanto pela minimização, ou seja, pode-se mobilizar, pelo discurso, o sensível de duas formas e ambas resultariam, como se em um jogo aspectual, em

---

<sup>7</sup> O estudioso usa a metáfora das “moedas” para explicar como as emoções podem ser, por exemplo, somadas e subtraídas, ou, como o próprio autor diz, essa metáfora permite “fazer um balanço dos afetos” (ZILBERBERG, 2011, p. 49).

descendência. Os efeitos de sentido podem ser obtidos conforme a intenção discursiva, observando-se que, “como a natureza e/ou nosso imaginário têm horror ao vazio, podemos supor que a subtração de um *mais* é compensada, imediata ou posteriormente, pelo acréscimo de um *meno*” (ZILBERBERG, 2011, p. 57). Para compreender melhor as duas organizações da descendência, segue a tabela.

direção →	descendência [mais → menos]	
partição →	atenuação [cada vez menos <i>mais</i> ]	minimização [cada vez mais <i>menos</i> ]

Essa partição pode ser repetida e concebida em diferentes direções, conforme as intenções do fazer discursivo, tornando-se, assim, “diferenciáveis”, o que, segundo Zilberberg (2011, p. 57), significa dizer “aspectualizáveis”, ou seja, esse recurso teórico torna possível analisar, segundo a semiótica, a disposição passional de que lança mão Cícero para persuadir seus ouvintes e contemplar não só a paixão manifestada, mas também as nuances intermediárias que atuam na construção das pulsões provocadas.

As partições previstas por Zilberberg (2011, pp. 55 a 61) estão descritas nas tabelas abaixo. Primeiro, quanto à descendência, tem-se que ela pode se manifestar discursivamente como atenuação e minimização; após outra partição, ter-se-ia a atenuação manifestando-se como moderação e diminuição, e a minimização, como redução e extenuação, como se vê na tabela abaixo:

	atenuação [cada vez menos <i>mais</i> ]		minimização [cada vez mais <i>menos</i> ]	
descendência	moderação ↓ retirada de pelo menos um <i>mais</i>	diminuição ↓ retirada de mais de um <i>mais</i>	redução ↓ acrécimo de pelo menos um <i>menos</i>	extenuação ↓ acrécimo de mais de um <i>menos</i>

(Zilberberg, 2011, p. 60)

Por outro lado, as intenções do discurso podem buscar efeitos de sentido que levem à ascendência, a qual poderia ocorrer como restabelecimento e recrudescimento; então, a partir de uma nova partição, ter-se-ia o restabelecimento como retomada ou progressão, e o recrudescimento, como ampliação e saturação, como mostra a tabela abaixo:

	restabelecimento [cada vez menos <i>menos</i> ]		recrudescimento [cada vez mais <i>mais</i> ]	
	ascendência	retomada ↓ retirada de pelo menos um <i>menos</i>	progressão ↓ retirada de mais de um <i>menos</i>	ampliação ↓ acrécimo de pelo menos um <i>mais</i>

(Zilberberg, 2011, p. 60)

Esse jogo de aspectualização - lembrando que *mais* e *menos* são apresentados, pelo estudioso francês, como “moedas imediatas do sensível” que permitem apreciar a disposição de afetos - viabiliza a análise de como as paixões foram mobilizadas por Cícero na segunda Catilinária.

Já no início do discurso, o enunciatório comunica ao povo que o anti-sujeito deixou a cidade, ou seja, não há mais perigo. A ausência do anti-sujeito e as referências às suas fraquezas fazem emergir a confiança. O povo é exortado a confiar em si mesmo (no poder que tem) e no cônsul que o representa. A partir daí, ocorre uma ascendência, que pode ser identificada como saturação (cada vez *mais*).

Até que, em (12), o sujeito anuncia a necessidade de cuidado porque há, entre os bons homens que o escutam, seguidores do anti-sujeito. Ocorre, com isso, uma moderação em relação à confiança (retirada de pelo menos um *mais*). Como se viu anteriormente, a ausência abre espaço para que outro elemento se manifeste num jogo simétrico, mas invertido. A diminuição da confiança abre espaço para que se manifeste o medo.

Após essa primeira manifestação do medo, percebe-se que o enunciador constrói um matiz entre confiança e medo, mobilizando essas duas paixões no

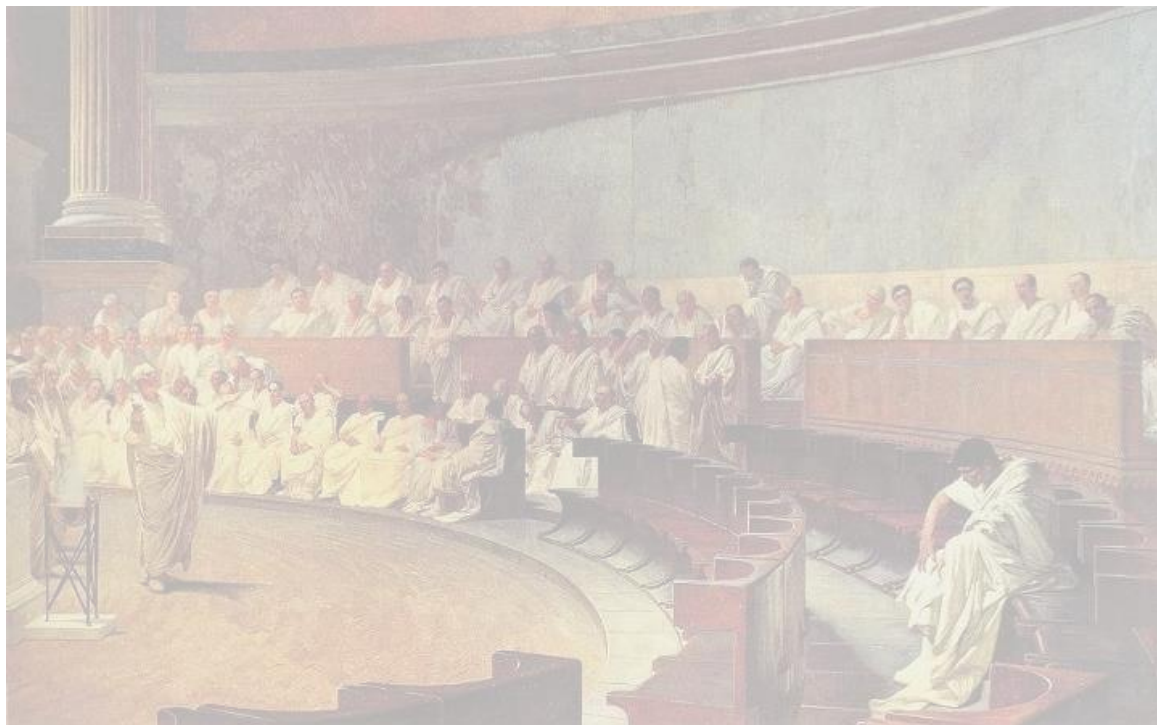
enunciatório. Para exemplificar, ao descrever, em classes, quais eram esses inimigos para uma provável guerra, o orador caracteriza-os intensificando aspectos negativos e perigosos. À medida que o medo ascende em saturação (cada vez *mais*), o enunciador lança mão de uma referência que o reduza (moderação: retirada de pelo menos um *mais*) e, ao mesmo tempo, amplie a confiança (acréscimo de pelo menos um *mais*). Por exemplo, em (19), após anunciar qual é a segunda classe de homens temíveis, o enunciador afirma que está alerta e que os deuses estão do lado dele e do povo.

Esse matiz confiança-medo prossegue até (25), momento em que o discurso apresenta, por meio de antíteses, a guerra entre sujeito e anti-sujeito e seus respectivos simpatizantes. O conflito “de um lado, confiança de outro, medo” encerra com a vitória da confiança, pois, mesmo com a falta do cuidado dos homens, os próprios deuses imortais se manifestam contra “tantos e tão graves vícios”. Oportunamente o enunciador diz que o enunciatório, por precaução, deveria tomar alguns cuidados e enfatiza que ele mesmo já está mobilizado e confiante para lidar com o perigo iminente.

#### 4.3 Breves considerações sobre as análises

A análise semiótica da primeira *Catilinária* permitiu perceber que, pelo discurso, Cícero arquitetou um jogo lógico com seus ouvintes, com o intuito de mobilizar neles algumas paixões em relação ao anti-sujeito. Já a segunda desvelou como a aspectualização do medo e da confiança culminou em um conflito, uma guerra presente tanto na enunciação quanto no enunciado.

Como se pôde ver com essas leituras, a semiótica tensiva já contribui e poderá contribuir ainda mais para a compreensão de como as paixões podem participar da construção discursiva. Isso porque não só utiliza a retórica como referência para problemas teóricos atuais, como no caso do uso das paixões como elemento argumentativo, mas também porque permite a investigação de temas abordados pela retórica, sob a ótica das questões teóricas modernas.



(Mural de Cesare Maccari, representando o primeiro discurso de Cícero contra Catilina)

## **Considerações Finais**

Apresentou-se, neste trabalho, um estudo retórico-semiótico de duas das quatro *Catilinárias* produzidas por Cícero, em 63 a.C.. O desenvolvimento desse estudo exigiu, primeiramente, uma investigação sobre a retórica clássica; depois, foi fundamental, a partir de *Do Orador*, investigar as posturas teóricas de Cícero como retor, para que, em seguida, fosse possível analisar as duas primeiras *Catilinárias*, utilizando como referência a teoria do próprio orador romano. Além disso, preparou-se uma breve história de como a semiótica organizou-se (e, de alguma maneira, inspirou-se na retórica), com o intuito de utilizar elementos da semiótica tensiva para uma outra análise das mesmas *Catilinárias* e, assim, compreender como as paixões, utilizadas como recursos argumentativos, colaboram para a construção das *verdades* produzidas por Cícero.

A abordagem teórica de Platão e de Aristóteles, mesmo que breve, permitiu entender a concepção de retórica adotada e defendida por Cícero. Inclusive, as sistematizações e descrições aristotélicas possibilitaram a percepção de recursos linguísticos presentes nos discursos sob análise. Um bom exemplo são os entimemas, mas não se pode esquecer das próprias paixões, tão enfatizadas pelo orador.

O contexto em que *As Catilinárias* foram produzidas apresenta particularidades que, se não esclarecidas, trariam prejuízos à leitura. Razão pela qual foram produzidas as notas, apresentadas no Capítulo 2, contendo elementos relativos à sociedade, à cultura, à política e até à geografia da época, as quais permitiram um melhor acesso ao que fora codificado por Cícero.

Quanto às análises propriamente ditas, foi possível observar que o Cícero teórico sistematizou, em grande parte, o que praticava.

No que se refere ao “provar ser verdadeiro o que defendemos”, percebe-se que o orador aborda os recursos pertencentes ao *logos* como se fossem pré-requisitos, tanto que faz referências a eles, anuncia que é possível aprimorá-los, por exemplo, parafrazeando (imitando) grandes oradores, mas não os descreve, não ensina tais recursos. Aliás, em mais de um momento, acusa os manuais de comprometerem-se com algo improvável: ensinar retórica. Na prática, o que se viu foi uma articulação genial dos mais diferentes recursos do universo do *logos*: dos entimemas às figuras de linguagem, Cícero não só lança mão de uma gama de recursos, como também os

articula de maneira singular, por exemplo, na segunda *Catilinária*, em que, a partir de um jogo de antíteses, materializa o conflito que previa para seus ouvintes.

Quanto ao *ethos* (“cativar os ouvintes”), o orador coloca em prática exatamente o que preconiza em sua teoria. Trata-se de uma inovação, pois, teoricamente, primeiro prevê não só o *ethos* discursivo, mas também o *ethos* pregresso; e, além disso, anuncia uma bipartição: o bom orador precisa lidar com o *ethos* discursivo que constrói para si, como emissor, e também com o *ethos* do réu. Tanto na primeira quanto na segunda *Catilinária*, constatou-se que o orador romano cultivou esses preceitos teóricos. Em ambas, usando recursos da ordem do *logos*, projeta um *ethos* positivo para o emissor e deprecia o *ethos* de Catilina, o acusado. Ademais, evoca seu *ethos* pregresso ao nomear-se côsul, que, como se viu, era um cargo de extremo prestígio na magistratura romana.

Em relação ao *pathos*, o Cícero teórico (retor) exalta o poder e o valor das paixões, o quão importante é o orador ter sensibilidade e perspicácia para lidar com os ouvintes, para “provocar em seus ânimos qualquer emoção que a causa exigir”. Há, em *Do Orador*, referências às paixões, as quais, inclusive, são listadas, como se viu no Capítulo 1; todavia, não há qualquer explicação sobre como usá-las e sobre os efeitos de sentido que se poderão obter a partir de seu uso. Na prática, o que se sente é que o orador articula habilmente *logos* e *ethos* com o intuito de fazer emergir o *pathos*. As análises apresentadas no Capítulo 3 mostraram isso, como se constata na primeira *Catilinária*, em que exemplos, na maioria das vezes, traziam medo ao discurso e as comparações, de alguma maneira, evitavam a cólera.

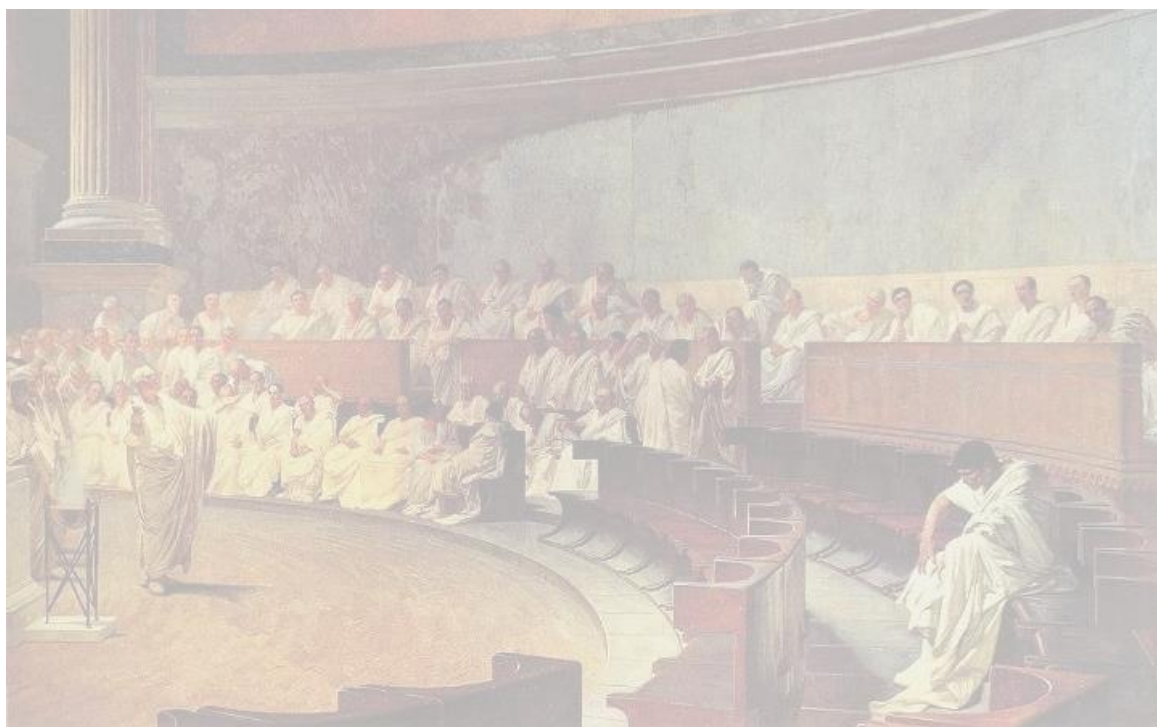
De maneira geral, o que se percebe é que o Cícero teórico e o prático estão, de fato, bastante harmonizados e afinados, tanto na primeira quanto na segunda *Catilinária*. É possível compreender que as principais críticas feitas aos manuais referiam-se ao que Cícero nomeou *eloquência*, para ele uma intuição, um dom, que se possui ou não. Após as análises, como não há acesso a outros elementos também componentes do discurso (impostação de voz, postura do orador), percebe-se que eloquência, fundamental ao bom orador, está relacionada a “como” articular os recursos descritos nos manuais, o que Cícero faz com maestria, por exemplo, na primeira *Catilinária*, ao evocar Júpiter Estátor perante os senadores, após acusá-los (e a si mesmo) de apatia diante da situação que urge: Catilina conspira contra a República. Outro excelente exemplo está na segunda *Catilinária*, quando, perante o povo, a partir do jogo de antíteses já citado, promove uma guerra no discurso: faz

emergir o temor, para, em seguida, mostrar-se como o portador da confiança necessária para enfrentar a situação que exige cautela.

Nesse sentido, a prática extrapola a teoria. Talvez pela imitação sugerida como método de estudo pelo Cícero teórico, um aprendiz pudesse repetir algo semelhante; no entanto, para o orador, a teoria seria incapaz de instrumentalizá-lo com essa percepção e genialidade. Ilude-se, segundo o arpinate, quem acredita ser possível ensinar-aprender tais recursos.

A Semiótica, teoria utilizada para analisar a articulação das paixões nos dois discursos, mostra que a retórica é constitutiva da linguagem; em outras palavras, não resulta de adornos meramente agregados como acessórios. As análises demonstraram que os dois discursos *pulsam*, ou seja, utilizam diferentes recursos discursivos com o intuito de mobilizar o pathos nos ouvintes, e esse efeito de sentido não resulta de meros ornamentos, mas de cuidadosas escolhas linguísticas, estratégias argumentativas, arranjos textuais. Na primeira *Catilinária*, o jogo entre as lógicas concessiva e implicativa conduz as paixões, que, mesmo quando não lexicalizadas, mobilizam o enunciatário a estabelecer um contrato fiduciário com o enunciador; em outros termos, os efeitos de sentido da ordem do *pathos* emergem de uma refinada articulação discursiva. Na segunda, a construção *aspectual*, que sobrepõe medo e confiança numa espécie de jogo, envolve o enunciatário e o conduz ao conflito promovido, no discurso, pelas antíteses, para que, então, o enunciador possa evocar para si os créditos do triunfo: o povo pode e deve confiar nele.

Como se pode constatar, o estudo retórico-semiótico permitiu uma melhor aproximação das estratégias discursivas, principalmente no terreno das paixões, eleitas por Cícero para a construção das *verdades* que lhe interessava construir e estabelecer na audiência da época.



(Mural de Cesare Maccari, representando o primeiro discurso de Cícero contra Catilina)

## **Referências Bibliográficas**

ADKINS, Lesley; ADKINS, Roy. **Handbook to life in ancient Rome**. New York: Fact on File, 2004, e-book disponível para Kindle.

ARISTÓTELES. **Retórica**. Revisão do texto Levi Condinho. 3ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2006.

\_\_\_\_\_. **Retórica das Paixões**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ASSIS, Machado de. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. Porto Alegre: L&PM, 2011.

BARROS, Diana Luz Pessoa. **Teoria semiótica do texto**. São Paulo: Ática, 2007.

BERTI, Enrico. Aristóteles. in: PRADEAU, Jean-François. **História da Filosofia**. trad. James Bastos Arêas e Noéli Correia de Melo Sobrinho. 2 ed. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2012.

BERTRAND, Denis. **Caminhos da Semiótica literária**. Bauru: EDUSC, 2003.

\_\_\_\_\_. Enthymème et textualisation. **Langages**. 34e année, n° 137, 2000. (disponível em: [http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/lgge\\_0458-726x\\_2000\\_num\\_34\\_137\\_1783](http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/lgge_0458-726x_2000_num_34_137_1783), acesso em 13 de março de 2014)

BORNECQUE, Henri. Le texte. CICÉRON. **Catilinaires**. Tome X. Traduit par Édouard Bailly. Paris: Les Belles Lettres, 1974.

BRISSON, Luc. Platão. in: PRADEAU, Jean-François. **História da Filosofia**. trad. James Bastos Arêas e Noéli Correia de Melo Sobrinho. 2 ed. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2012.

CARDOSO, Zelia de Almeida. **A literatura latina**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CHAUI, Marilena. **Introdução à história da filosofia**. vol I. 2 ed. revista e ampliada. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CÍCERO. Do orador. Tradução de Adriano Scatolin. IN: SCATOLIN, Adriano. **A invenção Do orador de Cícero**: um estudo à luz de *Ad Familiares* I, 9, 23. Tese apresentada para defesa de Doutorado em Letras Clássicas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

CICERÓN. **Catilinarias**. Trad. Crescente López de Juan. Madrid: Alianza Editorial, 2009.

CICERÓN. **Catilinarias**. Trad. Francisco Campos Rodriguez. 3 ed. rev. Madrid: Gredos, 1969.

CICÉRON. **Catilinaires**. Tome X. Traduit par Édouard Bailly. Paris: Les Belles Lettres, 1974.

CIRILLO, Rita de Cássia. **As Catilinárias**: estudo semio-linguístico. Dissertação apresentada para defesa de Mestrado em Estudos Literários. Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1987.

CONTE, Gian Biagio. **Letteratura latina**: manuale storico dalle origini alla fine dell'impero romano. Firenze: Le Monnier, 2011.

CRUZ, Dilson Ferreira da Cruz. **O éthos dos romances de Machado de Assis**. São Paulo: EDUSP, 2009.

EGGS, Ekkehard. Ethos aristotélico, convicção e pragmática moderna. IN: AMOSSY, Ruth (org.). **Imagens de si no discurso**: a construção do ethos. São Paulo: Contexto, 2005.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2008.

\_\_\_\_\_. "Semiótica e Retórica". **Gragoatá**. Niterói, nº 23, 2º sem 2007, pp. 9-26.

FONTANILLE, Jaques; ZILBERBERG, Claude. **Tensão e significação**. São Paulo: Discurso: Humanitas, 2001.

FUNARI, Pedro Paulo. **Grécia e Roma**. 5ª ed. São Paulo: Contexto, 2011.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Semântica estrutural**. São Paulo: Cultrix / EDUSP; 1973.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. **Dicionário de Semiótica**. São Paulo: Contexto, 2008.

GREIMAS, Algirdas Julien; FONTANILLE, Jacques. **Semiótica das paixões**. São Paulo: Ática, 1993.

GRIMAL, Pierre. **Cicéron**. Paris: Fayard, 2002.

\_\_\_\_\_. **Dicionário da mitologia grega e romana**. trad.: Victor Jabouille. 4 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

HOUAISS, Antônio. **Grande dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Edição eletrônica. Disponível em: <http://houaiss.uol.com.br/>, acesso em 4 de março de 2014.

JESUS, Carlos Renato de. **Orator e a prosa rítmica**: introdução, tradução e notas. Dissertação apresentada para defesa de Mestrado junto ao Instituto de Estudos da Linguagem. UNICAMP, Campinas, 2008.

JUAN, Crescente López de. Introducción. in: CICERÓN. **Catilinarias**. Trad. Crescente López de Juan. Madrid: Alianza Editorial, 2009.

KRAUS, Manfred. Teorie dell'entimema nell'antichità. **PAN: Rivista di Filologia Latina**. n.1, Università degli studi di Palermo. 2012. (disponível em: <http://portale.unipa.it/dipartimenti/beniculturalistudiculturali/riviste/pan/pan.-rivista-di-filologia-latina-1-n.s.-2012/>, acesso em 13 de março de 2014)

MEYER, Michel. Aristóteles ou a retórica das paixões. IN: ARISTÓTELES. **Retórica das Paixões**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

\_\_\_\_\_. **A retórica**. São Paulo: Ática, 2007.

\_\_\_\_\_. **Histoire de la rhétorique**: des grecs à nos jours. Paris: Librairie Générale Française, 1999.

PEREIRA, Maria Helena da Rocha. **Estudos de História da Cultura Clássica**. II volume – Cultura Romana. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2002.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da Argumentação**: a nova retórica. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PLATÃO. **Mênon**. Texto estabelecido e anotado por John Burnet. Trad. Maura Iglésias. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2001.

\_\_\_\_\_. **Diálogos**. Tradução, textos complementares e notas Edson Bini. Bauru: Edipro, 2007.

REBOUL, Olivier. **Introdução à Retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ROSA, João Guimarães. **Manuelzão e Miguilim**. 11ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

REZENDE, Antônio Martinez de. **Rompendo o silêncio**: a construção do discurso oratório em Quintiliano. Belo Horizonte: Crisálida, 2010.

SANTOS, José Gabriel Trindade. **Platão**: a construção do conhecimento. São Paulo: Paulus, 2012.

SARAIVA, F. R. dos Santos. **Novíssimo Dicionário latino-português**. 12 ed. Belo Horizonte: Garnier, 2006.

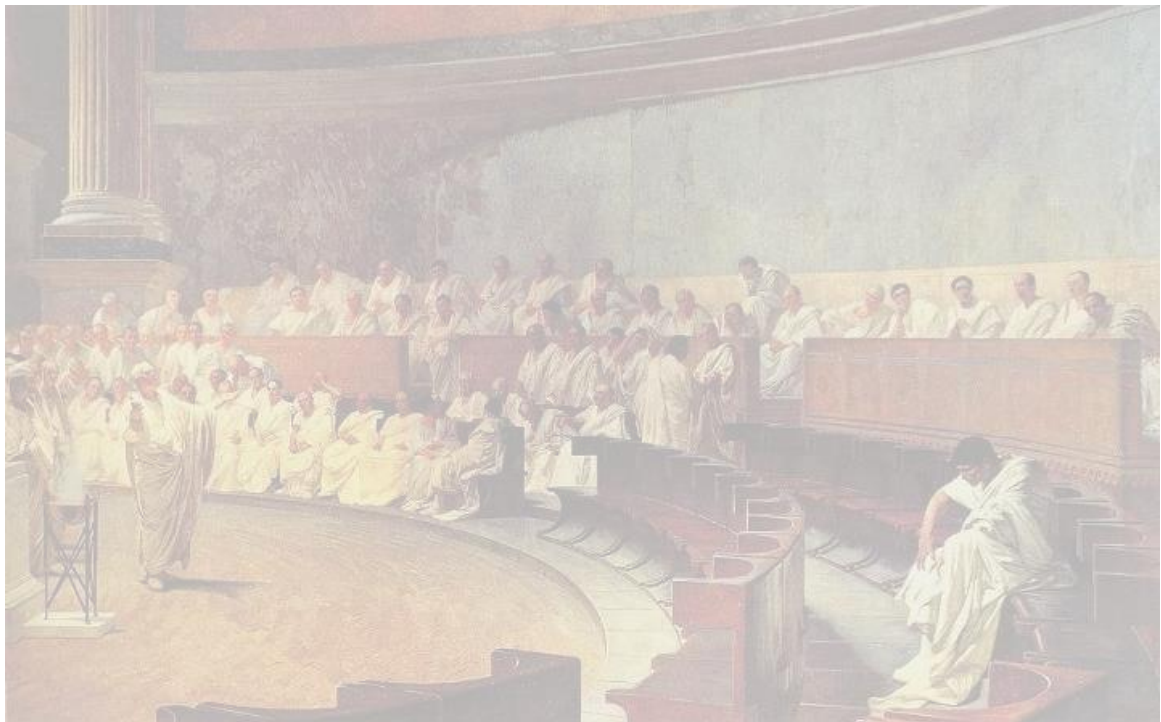
SCATOLIN, Adriano. **A invenção Do orador de Cícero**: um estudo à luz de *Ad Familiares* I, 9, 23. Tese apresentada para defesa de Doutorado em Letras Clássicas. Universidade de São Paulo, 2009.

STROH, Wilfried. **La puissance du discours**. Paris: Les Belles Lettres, 2010.

TATIT, Luiz. **Semiótica à luz de Guimarães Rosa**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2010.

\_\_\_\_\_. A abordagem do texto. IN: FIORIN, José Luiz (org.). **Introdução à Linguística**. São Paulo: Contexto, 2002.

ZILBERBERG, Claude. **Elementos de Semiótica Tensiva**. trad.: Ivã Lopes, Luiz Tatit, Waldir Bevidas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.



(Mural de Cesare Maccari, representando o primeiro discurso de Cícero contra Catilina)

**Anexos**

## I – Levantamento quantitativo

Para a análise de cada discurso, foi organizado previamente um levantamento dos recursos linguísticos utilizados por Cícero. Nessa etapa, não houve qualquer preocupação em analisar efeitos de sentido resultantes da utilização dos recursos identificados, tratou-se apenas de uma averiguação do que ocorria e com qual reincidência. Esse contato evidenciou algumas estratégias adotadas pelo orador romano e serviu como ponto de partida para a elaboração das categorias usadas, posteriormente, nas análises. Já que não se trata do foco principal da pesquisa, mas de uma etapa que apontou os caminhos para o que se desejava de fato, optou-se por registrar, como uma amostra do que foi feito, somente o levantamento da primeira *Catilinária*.

Na prática, esse levantamento trouxe à tona alguns tópicos que posteriormente estimularam ou auxiliaram (direta ou indiretamente) as análises que foram apresentadas nos Capítulos 3 e 4. Por exemplo, neste levantamento, houve a percepção de que Cícero lança mão de vocativos repetidas vezes, isso fez observar as escolhas do orador (para evocar o povo, “Quirites”; para os Senadores, “Patres Conscripti”), o que estimulou a análise apresentada na página 142 deste trabalho.

Algumas informações registradas nos levantamentos foram utilizadas (por exemplo, o uso de vocativos, as paixões lexicalizadas, as personificações), outras certamente poderão ser aproveitadas para estudos futuros.

A primeira *Catilinária*, como já se viu, é dirigida ao Senado. Cícero, como cônsul, busca convencer os senadores de que Catilina conspira contra a República; por isso, deve deixar Roma. A presença do acusado surpreende e transparece no discurso, visto que, dos 28 vocativos presentes no texto, 18 evocam Catilina e 5, os senadores. Os outros 5 referem-se aos deuses.

Exemplo de vocativo referente a Catilina:

18 Quae tecum, Catilina, sic agit et quodam modo tacita loquitur:	18 E ela, Catilina, assim trata contigo e, mesmo calada, de certo modo fala:
--	---

Exemplo de vocativo referente aos senadores:

Ego si hoc optimum factu iudicarem, patres conscripti, Catilinam morte multari, unius usuram horae gladiatori isti ad uiuendum non dedissem.	Se eu julgasse que isso é o melhor a fazer, <u>senadores</u> , que Catilina seja punido com a morte, eu não teria dado a esse gladiador o gozo de uma única hora para viver. (29)
--	---

Exemplo de vocativo referente aos deuses:

Tu, Iuppiter, qui isdem quibus haec urbs auspiciis a Romulo es constitutus, quem Statorem huius urbis atque imperii uere nominamus, hunc et huius socios a tuis ceterisque templis, a tectis urbis ac moenibus, a uita fortunisque ciuium omnium arcebis;	Tu, <u>Júpiter</u> , que foste posto por Rômulo sob os mesmos auspícios que esta cidade, a quem realmente denominamos Estátor desta cidade e de seu governo, afastarás este e os seus comparsas dos teus e dos demais templos, dos tetos e das muralhas da cidade, da vida e dos bens de todos os cidadãos; (33)
---	--

Também são usados apostos, mas em menor quantidade. Há 2 ocorrências que explicam quem é o próprio orador naquele contexto (afinal, ele é “o cônsul”), e outras 5 especificam características ou funções de outros homens de Roma, como se encontra nas duas passagens a seguir:

Hos ego uideo consul et de re publica sententiam rogo et, quos ferro trucidari oportebat, eos nondum uoce uolnero!	A estes eu, <u>cônsul</u> , vejo e peço seu parecer sobre a república e a eles, que deviam ser trucidados com a espada, eu ainda não firo com a voz! (9)
--	--

3 An uero uir amplissimus, P. Scipio, pontifex maximus, Ti. Gracchum mediocriter labefactantem statum rei publicae priuatus interfecit, Catilinam orbem terrae caede atque incendiis uastare cupientem nos consules perferemus?	3 Se, na verdade, Públio Cipião, <u>homem grandiosíssimo, pontífice máximo</u> , matou, como particular, Tibério Graco, que abalava levemente a estabilidade da república, nós, <u>cônsules</u> , suportaremos Catilina, que deseja devastar, com morticínio e incêndios, o orbe da terra?
--	---

Outro recurso que fica evidente é a utilização de perguntas, que ocorrem distribuídas por todo o texto, exceto nas 4 últimas partes (30, 31, 32 e 33). Há, no total, 59 estruturas interrogativas, dos quais 41 são sentenças que não esperam realmente uma resposta, como se vê no início da *Catilinária* sob estudo.

1 Quo usque tandem abutere, Catilina, patientia nostra?	1 Até quando afinal abusarás, Catilina, de nossa paciência?
Quam diu etiam furor iste tuus nos eludet?	Por quanto tempo ainda essa tua loucura zombará de nós?

Quem ad finem sese effrenata iactabit audacia?	Até que ponto a tua desenfreada audácia se gabará?
Nihilne te nocturnum praesidium Palati, nihil urbis uigiliae, nihil timor populi, nihil concursus bonorum omnium, nihil hic munitissimus habendi senatus locus, nihil horum ora uoltusque mouerunt?	Em nada a guarda noturna do Palatino, em nada as rondas da cidade, em nada o temor do povo, em nada a afluência de todos os cidadãos de bem, em nada este fortificadíssimo local de o senado se reunir, em nada as bocas e os rostos destes te abalaram?
Patere tua consilia non sentis?	Não percebes que teus planos estão manifestos?
Constrictam iam horum omnium scientia teneri coniurationem tuam non uides?	Não vês que a tua reprimida conjuração já é retida pelo conhecimento de todos estes?
Quid proxima, quid superiore nocte egeris, ubi fueris, quos conuocaueris, quid consilii ceperis, quem nostrum ignorare arbitraris?	O que fizeste na noite passada, o que fizeste na noite anterior, onde estiveste, quem convocaste, que decisão tomaste, julgas que alguém de nós ignora?

Há outras perguntas que trazem à tona questionamentos reais<sup>1</sup>. Em outros termos, mesmo que não haja a verbalização da resposta, trata-se de uma necessidade, uma dúvida, uma lacuna que se cria no discurso, como se observa em:

Quid est? Ecquid attendis? Ecquid animaduertis horum silentium?	E então? Por acaso estás atento? Por acaso notas o silêncio destes? (20)
---	--

Em algumas situações, percebe-se que as perguntas produzem hipóteses, e o orador apresenta habilmente, na sequência, uma resposta, que direciona o interlocutor para o que se pretende, como em:

Num negare audes? Quid taces? Conuincam, si negas.	Por acaso ousas negar? Por que te calas? Convencer-te-ei, se negas. (8)
--	---

Outras são usadas para apresentar fatos, como se vê em:

Num infitiasi potes te illo ipso die meis praesidiis, mea diligentia circumclusum commouere te contra rem publicam non potuisse, cum tu discessu ceterorum nostra tamen, qui remansissemus, caede te contentum esse dicebas?	Por acaso podes negar que tu, naquele mesmo dia, cercado pelos meus guardas, pelo meu zelo, não pudeste mover-te contra a república, quando tu, com a saída dos outros, dizias, contudo, que estavas contente com o assassinato de nós, que tínhamos permanecido? (7)
--	---

<sup>1</sup>As duas estratégias devem ser entendidas, na verdade, como estratégias discursivas que buscam envolver os ouvintes com o ponto de vista assumido pelo orador.

A propósito, Cícero relata, na primeira Catilinária, 9 fatos que envolvem, de alguma maneira, o comportamento inadequado de Catilina. Em (7), (9), (14), (15) e (24), os relatos não só denunciam o conspirador, mas também anunciam grande conhecimento do orador.

Há também a evocação de fatos que remetem a um comportamento do Senado em situações semelhantes à que acontece com Catilina. Em (3) e (4), há esse tipo de referência, que é trazida ao texto como um exemplo a ser seguido.

Dentre os fatos relatados, é importante destacar o que ocorre em (14):

14 Quid uero? Nuper cum morte superioris uxoris nouis nuptiis domum uacuefecisses, nonne etiam alio incredibili scelere hoc scelus cumulasti?	14 Mas quê? Recentemente, quando, por causa da morte de tua última esposa, tinhas esvaziado a casa para novas núpcias, por acaso a um outro crime inacreditável não acumulaste também este crime?
Quod ego praetermitto et facile patior sileri, ne in hac ciuitate tanti facinoris inmanitas aut extitisse aut non uindicata esse uideatur.	Isso eu omito e facilmente tolero que seja passado em silêncio, para não parecer que, nesta cidade, a hediondez de tamanho crime ou tenha existido ou não tenha sido punida.
Praetermitto ruinas fortunarum tuarum, quas omnis inpendere tibi proxumis Idibus senties; ad illa uenio, quae non ad priuatam ignominiam uitiorum tuorum, non ad domesticam tuam difficultatem ac turpitudinem sed ad summam rem publicam atque ad omnium nostrum uitam salutemque pertinent.	Omito as ruínas de tua fortuna, as quais perceberás, nos próximos idos, que estão todas pendentes sobre ti; venho para aquelas coisas que dizem respeito não à particular ignomínia de teus vícios, não à tua doméstica dificuldade e torpeza, mas à suprema república e à vida e salvação de todos nós.

O fato é apresentado por meio de uma pergunta. A surpresa maior fica por conta do que o orador propõe em seguida: a omissão do fato. Realmente Cícero não detalha o possível crime, mas também não o omite como, “bondosa e justamente”, anuncia no discurso. Não é feita nenhuma associação direta, mas pode-se verificar que, mais uma vez, Cícero sugere sem nomear, o que auxilia no envolvimento do público. Nesse caso, o relato acerca da vida privada de Catilina permite pensar que a mesma torpeza pode ser atestada na vida pública, numa espécie de jogo de definição de caráter.

As repetições também são uma marca no texto. Há repetições de diferentes tipos: anáforas, anadiploses, polissíndetos e, inclusive, sequências em que as estruturas oracionais são repetidas compondo elaborado paralelismo sintático.

Encontram-se 24 ocorrências de repetições em um mesmo parágrafo e 3 em parágrafos diferentes, como se nota respectivamente em:

Nihil agis, nihil moliris, nihil cogitas, quod non ego non modo audiam, sed etiam uideam planeque sentiam.	<u>Nada fazes, nada tramas, nada pensas, que eu não só ouça, mas também veja e perceba claramente. (8)</u>
--	--

2 O tempora, o mores! Senatus haec intellegit. Consul uidet; hic tamen uiuit.	2 <u>Ó tempos, ó costumes! O senado tem ciência dessas coisas. O cônsul as vê; este homem, contudo, vive.</u>
Viuit? Immo uero etiam in senatum uenit, fit publici consilii particeps, notat et designat oculis ad caedem unum quemque nostrum.	<u>Vive? Mas não, ainda vem ao senado, torna-se partícipe do conselho público, assinala e designa com olhos para a morte cada um de nós.</u>

Dessas ocorrências, 16 repetem o termo apenas uma vez, enquanto 11, mais de uma vez. Observa-se, respectivamente, em:

Fuit, fuit ista quondam in hac re publica uirtus, ut uiri fortes acrioribus suppliciiis ciuem perniciosum quam acerbissimum hostem coercerent.	<u>Houve, houve outrora, nesta república, essa virtude, em que homens corajosos puniam com suplícios mais terríveis o cidadão pernicioso do que o mais cruel inimigo. (3)</u>
--	---

Nihilne te nocturnum praesidium Palati, nihil urbis uigiliae, nihil timor populi, nihil concursus bonorum omnium, nihil hic munitissimus habendi senatus locus, nihil horum ora uoltusque mouerunt?	<u>Em nada a guarda noturna do Palatino, em nada as rondas da cidade, em nada o temor do povo, em nada a afluência de todos os cidadãos de bem, em nada este fortificadíssimo local de o senado se reunir, em nada as bocas e os rostos destes te abalaram? (1)</u>
---	---

Merece destaque, nessa *Catilinária*, a repetição de conjunções condicionais, finais, causais, consecutivas, aditivas, dentre as quais merece destaque a presença intensa das condicionais; o conectivo *se* ocorre 28 vezes no texto. Veja-se um exemplo:

Tametsi uideo, si mea uoce perterritus ire in exilium animum induxeris quanta tempestas inuidiae nobis, si minus in praesens tempus recenti memoria scelerum tuorum, at in posteritatem impendat.	<u>Embora eu já esteja vendo, se, aterrorizado pela minha voz, te decidires a ir para o exílio, a enorme tempestade de ódio que vai pairar sobre mim, se não no tempo presente devido à recente lembrança de teus crimes, ao menos na posteridade. (22)</u>
---	---

A conjunção condicional também ocorre estruturando o período com outro conectivo, produzindo um jogo de possibilidades em um paralelismo sintático extremamente articulado, como em:

Quam ob rem discede atque hunc mihi timorem eripe; si est uerus, ne opprimar, sin falsus, ut tandem aliquando timere desinam.”	Por isso, vai-te embora e arranca de mim este temor; <u>se</u> ele é real, <u>para que</u> eu não seja oprimida, <u>se</u> é falso, <u>para que</u> enfim eu deixe de uma vez de temer.” (18)
--	---

Ocorre também a repetição do vocábulo “tão” (2 vezes ou mais), presente em (7), (11) e (32) como advérbio de intensidade e em (5) e (32) como parte das relações estabelecidas com a conjunção consecutiva, como se vê respectivamente em:

11 Magna dis immortalibus habenda est atque huic ipsi Ioui Statori, antiquissimo custodi huius urbis, gratia, quod hanc tam taetram, tam horribilem tamque infestam rei publicae pestem totiens iam effugimus.	11 Uma grande graça se deve render aos deuses imortais e a este mesmo Júpiter Estátor, antiquissimo guardião desta cidade, por termos evitado já tantas vezes esta <u>tão</u> funesta, <u>tão</u> horrível e <u>tão</u> feroz peste para a república.
---	--

Tum denique interficiere, cum iam nemo tam inprobis, tam perditus, tam tui similis inueniri poterit, qui id non iure factum esse fateatur.	Serás então finalmente morto quando já não puder ser encontrado ninguém <u>tão</u> canalha, <u>tão</u> perdido, <u>tão</u> semelhante a ti, que confesse que isso foi feito sem justiça. (5)
--	--

O imperativo é usado em 20 verbos. Todas as ocorrências são direcionadas a Catilina, como esta, por exemplo:

Sin autem seruire meae laudi et gloriae mauis, egredere cum inportuna scelerorum manu, confer te ad Manlium, concita perditos ciues, secerne te a bonis, infer patriae bellum, exsulta impio latrocinio, ut a me non eiectus ad alienos, sed inuitatus ad tuos isse uidearis.	Se, porém, preferes servir ao meu louvor e glória, <u>sai</u> com teu importuno bando de criminosos, <u>dirige-te</u> para junto de Mânlio, <u>instiga</u> os perdidos cidadãos, <u>separa-te</u> dos bons, <u>traz</u> a guerra para pátria, <u>exulta</u> no ímpio latrocinio, para que passes a impressão de teres ido não expulso por mim para junto de estranhos, mas convidado para junto dos teus. (23)
---	--

O orador também lança mão de estruturas comparativas, que produzem didáticas analogias, como em:

Habemus enim huiusce modi senatus consultum, uerum inclusum in tabulis tamquam in uagina reconditum.	Temos, pois, um decreto do senado desse tipo, mas encerrado nas tabuinhas <u>tal qual uma espada escondida na bainha.</u> (4)
--	---

Vt saepe homines aegri morbo graui cum aestu febrique iactantur, si aquam gelidam biberunt, primo releuari uidentur, deinde multo grauius uehementiusque adflctantur, sic hic morbus, qui est in re publica, releuatus istius poena uehementius reliquis uiuis ingrauescet.	<u>Assim como muitas vezes homens enfermos de doença grave, quando são atormentados pelo calor e pela febre, se beberam água gelada, num primeiro momento parecem ficar aliviados, depois são afligidos com muito mais gravidade e força, assim também esta doença, que está na república, aliviada pela punição desse, agravar-se-á com mais força com os restantes vivos.</u> (31)
---	--

Logo no início da primeira Catilinária, em (2), Cícero, que se dirige aos senadores, usa um aposto para identificá-los como “homens corajosos”; no entanto, há atrelada a essa ideia uma condição: proteger a república (“evitar a loucura e as armas” de Catilina). Na sequência, em (3), resgata o comportamento, as decisões de outros senadores e qualifica-os, por causa da postura que tiveram outrora, como “homens corajosos”. Então, no final de (3), faz a conexão: se há instrumentos para agir contra Catilina e não há ação alguma, os cônsules estão “faltando” (cometendo uma falta). Tem-se aí um entimema que deixa implícita a conclusão: as premissas levam a concluir que os senadores, se não agirem, não serão homens corajosos. Um pouco mais à frente, no texto, em (4), intensifica essa ideia alegando que já há tolerância de 20 dias perante os fatos denunciadores.

Há de se observar que Cícero se inclui nesse grupo e, inclusive, chama-se de *covarde*, como consta em:

Cupio, patres conscripti, me esse clementem, cupio in tantis rei publicae periculis me non dissolutum uideri, sed iam me ipse inertiae nequitiaeque condemno.	<u>Desejo, senadores, ser clemente, desejo, em tão grandes perigos para a república, não parecer covarde, mas eu próprio já me condeno de inércia e fraqueza.</u> (31)
---	--

Em (5), diz que o único receio é a demora para agir. Na sequência, em (7), (8), (10), (12), (13) e (22), faz referência a intenções e comportamentos que mostram como ele está única e exclusivamente pensando na proteção da república, ignorando, inclusive, quaisquer prejuízos pessoais possíveis, como se tem em:

Sed est tanti, dum modo ista sit priuata calamitas et a rei publicae periculis seiungatur.	<u>Mas pouco me importa, contanto que essa calamidade se limite à minha pessoa e fique afastada de riscos para a república.</u> (22)
--	--

Outro recurso merecedor de atenção é a personificação da Pátria, que ocorre duas vezes no discurso. Em (18), ela dialoga com Catilina, desqualifica-o, acusa-o de diferentes crimes e, anunciando temor, solicita que vá embora. Já em (27), o diálogo ocorre com Cícero, que de emissor passa a receptor de seu próprio discurso; então, a Pátria anuncia os planos de Catilina e cobra do cônsul alguma atitude contra o perigo iminente, sob a forma de perguntas que trazem à tona um possível “temor do ódio da posteridade” (28).

<p>“M. Tulli, quid agis? Tune eum, quem esse hostem comperisti, quem ducem belli futurum uides, quem expectari imperatorem in castris hostium sentis, auctorem sceleris, principem coniurationis, euocatorem seruorum et ciuium perditorum, exire patiere, ut abs te non emissus ex urbe, sed immissus in urbem esse uideatur?”</p>	<p>“O que estás fazendo, Marco Túlio? Tu consentirás que esse, que descobriste ser o inimigo, que vês que será o chefe da guerra, que percebes que é esperado como general no acampamento dos inimigos, o autor do crime, o cabeça da conjuração, o aliciador de escravos e de cidadãos perdidos, saia para que pareça que ele não foi expulso da cidade por ti, mas enviado contra a cidade? (27)</p>
---	--

Também é necessário observar que o orador, em (16) e (20), usufrui do significado do silêncio dos senadores ante a acusação. O que poderia possuir diversos valores ou, até mesmo, ser desprovido de qualquer valor é utilizado habilidosamente para acuar Catilina, como em:

<p>Si hoc post hominum memoriam contigit nemini, uocis expectas contumeliam, cum sis grauissimo iudicio taciturnitatis oppressus?</p>	<p>Se, desde a memória dos homens, isso não aconteceu a ninguém, esperas o insulto da voz, quando já foste oprimido pelo gravíssimo julgamento do silêncio?</p>
<p>Quid, quod aduentu tuo ista subsellia uacuefacta sunt, quod omnes consulares, qui tibi persaepe ad caedem constituti fuerunt, simul atque adsedisti, partem istam subselliorum nudam atque inanem reliquerunt?</p>	<p>O que dizer do fato de que, com tua chegada, esses assentos foram esvaziados, de que todos os ex-cônsules, que estiveram muitíssimas vezes marcados para a morte por ti, logo depois que sentaste, deixaram nua e vazia essa parte dos assentos? (16)</p>

Para o desenvolvimento deste trabalho, é de grande importância observar que, embora o sentido se construa no âmbito do sensível e das paixões, e o enunciado as vá tecendo, em certos momentos, sua lexicalização ganha corpo e se manifesta textualmente. Merecem destaque as palavras “medo” (ocorre 7 vezes) e “ódio” (ocorre 13 vezes). Além delas, há o substantivo “temor”, 6 vezes; o verbo “temer”, 4 vezes; o

adjetivo “odioso”, 1 vez, e a forma verbal “odiar”, 1 vez. Com isso, verifica-se que as paixões lexicalizadas mais vezes são ódio e medo.

Além dessas, outras paixões como coragem, em (32), tranquilidade, em (20), e vergonha, em (22), participam da construção do sentido. No entanto, é preciso aguçar o olhar e notar que, entre perguntas, fatos, comparações e outras estratégias retóricas, o orador, de alguma maneira, consegue implantar ora medo, ora coragem, ora ódio, ora indignação, conforme lhe convém.

Por exemplo, em (3), após fazer referência às atitudes corajosas de outros cônsules e reprovar a apatia dos que ali estão perante Catilina, pode-se perceber certa indignação do orador. Em (6), ao relatar o cuidado que tem diante das possíveis empreitadas do conspirador, Cícero cria um clima de medo para Catilina; em seguida, sugere que saia de Roma. Por outro lado, em (11) e (15), quando narra as ameaças sofridas, mesmo não lexicalizando, mostra, pelas reações relatadas, que não sente medo de Catilina e de seus seguidores e que tem condição de se defender. Já em (18), sugere que Catilina provoca medo, temor entre os romanos e que ele, como “cônsul designado”, está disposto a combatê-lo. Inclusive, em (22), Cícero afirma-se consciente de que poderia amargar reações de ódio (“enorme tempestade de ódio”) decorrentes de possível incompreensão de seus atos; no entanto, tal possibilidade não o limita ou intimida, pois ele se dispõe a experimentar o que for preciso pela salvação da Pátria. Além disso, em (28) e (29), quando a Pátria, personificada, fala com o orador romano, traz-se ao discurso, como já se viu, a possibilidade de que Cícero não age porque “teme o ódio” da posteridade; ainda em (29), retomando o posto de emissor do discurso, o cônsul anuncia que ele não sucumbe à vaidade, não teme o possível ódio (daqueles que não entendem a gravidade dos planos do acusado), pois, para ele, “o ódio gerado pela virtude” é uma glória.

Tudo isso deixa, implicitamente, a impressão de que, na verdade, Catilina é que deveria temer o poderoso e intocável orador, que administra seu discurso de tal forma que, em (30), sugere estar consciente, inclusive, da existência de senadores que, traindo a Pátria, apoiam a Conjuração. Em tal cenário, restaria, ao acusado, seguir a “bondosa” orientação do cônsul e deixar a cidade.

Em (13), há outra estratégia interessante. Após afirmar que todos os homens, exceto os seguidores de Catilina, temiam-no e odiavam-no, Cícero, por meio de perguntas, sugere atitudes do acusado que justificam o temor e o ódio citados anteriormente.

Por fim, em (32) e (33), Cícero encerra o discurso evocando os senadores, Catilina e Júpiter, respectivamente. Com segurança (sem qualquer vestígio do medo que participou do discurso todo – ora ligado aos romanos, ora a Catilina, ora ao próprio orador), aos primeiros, solicita diligência; ao acusado, usando imperativo, sugere que saia da cidade com os seus aliados; ao último, pede a proteção.

Como se pode ver, esse levantamento tenta destacar recursos linguísticos e argumentativos presentes na primeira *Catilinária*. Como já foi dito, é uma amostra de como se deu o primeiro contato com as escolhas discursivas de Cícero; uma etapa que precedeu as análises e pretendeu reconhecer padrões e estabelecer relações, que serviram como ponto de partida para a elaboração das análises.